**MARIANA PINTO LEITÃO PEREIRA**

# "PESOS DE TEAR" E "ELEMENTOS DE TEAR" NA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE PORTUGUESA: CONTRIBUTOS PARA REPENSAR O PROCESSO ARQUEOLÓGICO

**Dissertação apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto**

**para a obtenção do grau de Mestre**

**Orientação da Professora Doutora Susana Oliveira Jorge**

**Porto, Setembro de 2010**

## ÍNDICE

**Página**


Agradecimentos ……..... 4

Resumo ……..... 5

Capítulo 1: Introdução …….. 7

Capítulo 2: Os "pesos de tear" na arqueologia portuguesa ……... 9

2.1. Perspectivas correntes no século XX e XXI …….. 9

2.2. Um novo olhar no início do século XXI……..... 22

Capítulo 3: Dos "pesos de tear" aos "elementos de tear": a sua presença em sítios arqueológicos no território português ……... 25

3.1. Algumas noções de tecelagem: o tear vertical de pesos e o papel das placas …….. 25

3.2. Inventário de Sítios arqueológicos com "elementos de tear" ……. 31

3.3. Balanço das perspectivas sobre os "elementos de tear" ……. 35

Capítulo 4: Três abordagens diferentes sobre sítios arqueológicos com "elementos de tear" ……..... 42

4.1. Cerro do Castelo de Santa Justa (Freguesia de Martim, Alcoutim) .. 42

4.2. Castro de Santiago (Freguesia de Figueiró da Granja, Fornos de Algodres) …… 44

4.3. Castelo Velho (Freguesia de Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) …… 50

4.3.1. Contexto fechado da "estrutura ritual com ossos humanos" .. 52

4.3.2. Conjunto de 27 "elementos de tear" encontrado numa zona escavada no substrato rochoso ……... 54

4.3.3. Outros contextos onde apareceram "elementos de tear" em Castelo Velho ……. 55

Capítulo 5: A Arqueologia Pré-Histórica e o "contexto": breves considerações.. 58

5.1. O contexto nas perspectivas do "Histórico-Culturalismo" e da "Nova Arqueologia" ……... 58

5.2. As arqueologias pós-processuais e o "contexto": breve apontamento ……... 65

5.2.1. Julian Thomas e a viragem conceptual com "Archaeology and Modernity" (2004) ……... 81

Capítulo 6: Os "elementos de tear" em Castanheiro do Vento ……. 87
6.1. Inventário geral dos "elementos de tear" ……... 88
6.1.1. Um primeiro estudo dos "elementos de tear" de Castanheiro do Vento ……. 91
6.2. A estrutura subcircular A de Castanheiro do Vento …….. 98
6.2.1. Descrição dos "momentos" arqueológicos identificados …… 99
6.2.2. A interpretação dos "elementos de tear" e a sua contribuição para o entendimento da estrutura …….. 102
6.3. A estrutura subcircular A de Castanheiro do Vento e a "estrutura ritual" de Castelo Velho: comparação de dois contextos deposicionais …….. 107
6.4. Proposta para o estudo dos "elementos de tear" da Pré-História Recente ……... 109

Capítulo 7: Considerações Finais …….. 115

Bibliografia ……... 119

Anexos

## ÍNDICE DE FIGURAS

**Pág. 32: Figura 1**: Mapa da zona Norte e Centro de Portugal com a indicação dos sítios arqueológicos onde foram identificados "pesos de tear", "placas" e/ou "crescentes" (mapa elaborado com a ajuda de Luís Sousa; alguns dados provêm do Atlas do Ambiente Digital). A legenda da numeração acompanha a outra metade do mapa (Figura 2)

**Pág. 33: Figura 2:** Mapa da zona Centro e Sul de Portugal com a indicação dos sítios arqueológicos onde foram identificados "pesos de tear", "placas" e/ou "crescentes" (mapa elaborado com a ajuda de Luís Sousa; alguns dados provêm do Atlas do Ambiente Digital)

**Pág. 43: Figura 3:** Planta do Cerro do Castelo de Santa Justa após as escavações. Delimitam-se, a vermelho, e aproximadamente, as zonas onde apareceram as concentrações de "crescentes" mencionadas por V. Gonçalves (mapa retirado de GONÇALVES, 2000-2001: 275, e modificado)

**Pág. 45: Figura 4**: Planta geral do sítio apresentada na obra de 1997, com a localização dos sectores escavados (A, C, D, E, F, e H) (mapa retirado de Valera, 1997: 31).

**Pág. 51: Figura 5:** Planta de Castelo Velho após a conclusão das escavações (retirada da dissertação de Sérgio Gomes).

**Pág. 87: Figura 6:** Planta de Castanheiro do Vento elaborada em 2009 por Barbara Carvalho, Ana Vale e André Tomás Santos. [imagem datada do dia 29 de Outubro de 2009]. Retirado do blog http://trans-ferir.blogspot.com no dia 16.12.2009, às 14:50

## AGRADECIMENTOS

*Um trabalho desta dimensão dificilmente seria possível sem a contribuição de várias pessoas. Entre estas, agradeço profundamente:*

*À minha orientadora, Professora Doutora Susana Oliveira Jorge, que sempre me acompanhou e ajudou*

*Aos meus colegas de mestrado, pelas conversas. Um agradecimento especial ao Miguel, por todo o conhecimento partilhado, e ao Luís, pela elaboração dos mapas*

*À Ana Vale e ao Sérgio Gomes por me esclarecerem e ajudarem*

*Ao Museu da Casa Grande de Freixo de Numão, em especial à Vanda, à Sandra e à Isabel pela ajuda com os "elementos de tear"*

*À equipa de Castanheiro do Vento, pela informação*

*Aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado*

*Aos meus amigos, por me terem apoiado*

## RESUMO

O trabalho realizado representa um estudo dos “elementos de tear” provenientes de Castanheiro do Vento, no período compreendido entre o final do IV e o final do III milénios a.C..

Para o enquadramento teórico, foi feito um levantamento bibliográfico relativo a materiais semelhantes mencionados por outros investigadores, bem como uma abordagem aos “elementos de tear” encontrados noutros sítios arqueológicos em Portugal. Ao longo desta investigação, argumentámos a favor de uma mudança da expressão “peso de tear” para “elemento de tear”, por considerarmos que a primeira designação nem sempre é a mais apropriada para mencionar estes materiais.

Os “elementos de tear” formam um grupo heterogéneo de objectos, que têm vindo a ser interpretados como vestígios da prática de tecelagem. Porém, confirmámos, através do estudo contextual dos “elementos” provenientes da estrutura subcircular A de Castanheiro do Vento, que eles nem sempre remetem para essa prática, já que dependem do contexto em que estão incluídos e das relações que se estabelecem entre eles e outros materiais.

Finalmente, considerámos importante criar um guia para o estudo dos “elementos de tear”, que tem como objectivo uniformizar os registos efectuados e as informações recolhidas sobre estes, uma vez que nos confrontámos com alguma ausência de dados para a elaboração deste estudo.

## ABSTRACT

In this dissertation we present a study of the “loom components” from the site of Castanheiro do Vento, in the period ranging from the end of the IV to the end of the III millennium BC.

For its theoretical frame, we conducted a bibliographic research, referring to similar materials mentioned by other researchers, as well as a study of the “loom components” found in other archaeological sites in Portugal. During this study, we argued for the change of the expression “loom weights” to the expression “loom components”, since we considered the first one to be inappropriate to signify these materials.

The “loom components” form a heterogeneous group of objects that have been interpreted as the remains of the practice of weaving. However, through a contextual study of the “components” found in the subcircular structure A of Castanheiro do Vento, we confirmed that they do not always denote that practice, since they depend on the context in which they are included, and on the relations that are established between them and other materials.

Finally, we considered important to create a guide for the study of the “loom components”, as to give uniformity to the records made and to the information gathered from them, given that we noticed the lack of some data needed for the development of our work.

## CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO




*Learning is indeed an endless course*

**Máxima Chinesa**

A presente dissertação resulta de um percurso que começou no interesse pela tecelagem e pela ideia de que os "pesos de tear" seriam evidências do tecer e do trabalhar de fibras. Uma vez que se teve acesso a uma amostra inédita destes materiais, proveniente de Castanheiro do Vento, foi estabelecido como objectivo principal o seu estudo. No seguimento disto, foram sendo colocadas questões que delinearam o caminho, muitas vezes inesperado, que culminou na investigação aqui apresentada. Nesta pequena introdução explica-se a organização e a lógica de um trabalho que, na realidade, só muito tarde é que ficou definido

Em primeiro lugar, iniciou-se uma pesquisa bibliográfica com o intuito de se descobrir o máximo sobre "pesos de tear" e confirmar o que se julgava ser a sua ligação à prática da tecelagem. Todavia, no decorrer desta pesquisa, foi ficando claro que a designação "peso de tear" abarcava materiais muito diversos, encontrados em situações igualmente diferentes, pondo em causa a ideia criada sobre os "pesos" de Castanheiro do Vento. Será que os "pesos de tear" denotam uma ligação à prática da tecelagem em todas as situações em são encontrados? E afinal o que são os "pesos de tear"? Para se esclarecerem estas questões, considerou-se essencial conhecer as interpretações que já tinham sido propostas. Assim, foi criado o **Capítulo 2**, onde se faz alusão ao que alguns investigadores portugueses referiram sobre o aparecimento destes "pesos" nos sítios que estavam a estudar, apresentando várias ideias que ajudaram a construir o que hoje se pensa destes materiais. Salienta-se que se escolheu como balizamento cronológico o período que vai desde o final do IV milénio até ao final do III, incluído no que geralmente é designado por Pré-História Recente.

A partir das referências aos "pesos", e do que foi dito acerca deles, foi decidido que se faria igualmente um levantamento a nível nacional dos sítios onde eles foram identificados, com o objectivo de se entender melhor estes materiais. No **Capítulo 3**, exploram-se os resultados do levantamento. Mas antes apresentam-se também algumas noções de tecelagem, necessárias por se focarem materiais usualmente relacionados com ela. Neste capítulo, foram ainda feitos alguns esclarecimentos terminológicos. Constatando que persistiam ainda dúvidas sobre estes materiais, escolheram-se para enformar o **Capítulo 4**, três dos sítios inventariados, onde foram apresentadas três diferentes formas de interpretar o que se mencionou por "pesos de tear" – Cerro do Castelo de Santa Justa (Alcoutim), o Castro de Santiago (Fornos de Algodres) e Castelo Velho (Vila Nova de Foz Côa). O objectivo foi partir das ideias expostas pelos investigadores e criar e/ou seguir um método de estudo considerado apropriado para os "pesos" de Castanheiro do Vento. Dos três sítios, optou-se por se dar mais atenção à investigação realizada em Castelo Velho, que seguiu um estudo contextual. Por isso, antes de se prosseguir para o estudo dos materiais de Castanheiro do Vento, tornou-se pertinente esclarecer o que é um "contexto" e o que este abarca, surgindo assim o **Capítulo 5.**

Finalmente, no **Capítulo 6**, focaram-se os vestígios que se pretendiam estudar, provenientes de Castanheiro do Vento. O objectivo foi criar um inventário geral, e posteriormente focar um espaço já estudado, a estrutura subcircular A, desenvolvendo-se um exercício interpretativo no qual se procurou entender os "pesos" numa perspectiva contextual. Deste exercício resultou a proposta para um estudo comparativo entre a estrutura subcircular A de Castanheiro do Vento e a "estrutura ritual" de Castelo Velho. Além disso, foram feitas algumas considerações no que concerne ao estudo dos "elementos de tear" da Pré-História Recente.

Infelizmente, a obrigação de nos cingirmos a um limite de aproximadamente 100 páginas imposto pelo mundo académico determinou que grande parte das figuras e quadros que deveriam estar inseridos no texto fossem colocados em anexo. No entanto, por força das circunstâncias supracitadas conseguiu-se delimitar a investigação dentro de um assunto muito vasto e que não está ainda concluído.

## CAPÍTULO 2: OS "PESOS DE TEAR" NA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA

Ao propor-se um estudo sobre os chamados "pesos de tear", afigurou-se necessário perceber como eles têm sido entendidos e integrados na construção teórica que é feita dos lugares e das comunidades do passado. Como tal, num primeiro momento, o objectivo foi pesquisar, em termos bibliográficos, alguns investigadores que, aquando dos seus estudos, se confrontaram com a identificação destes "pesos de tear" e apresentaram propostas para a sua interpretação em sítios[1] cronologicamente associados (mas não só necessariamente) ao período compreendido entre os finais do IV e os finais do III milénio a.C.[2], como se mencionou na Introdução.

### 2.1. Perspectivas correntes no século XX e XXI

A designação "peso de tear" tem vindo a abarcar diferentes materialidades associadas especialmente à prática da tecelagem, as quais formam, na realidade, três grupos gerais: os "pesos de tear" em si, as "placas" e os "crescentes". Os elementos comuns que levam a que eles sejam categorizados num grupo são principalmente as perfurações, os formatos e as matérias-primas. Nas investigações em Portugal, o termo "peso de tear" só começou a ser empregue com mais frequência a partir dos finais dos anos 50, inícios dos anos 60. Antes dessa data, verificou-se alguma indefinição terminológica, possivelmente relacionada com a própria indeterminação "funcional" dos materiais em causa. Apesar disto, foram aparecendo sugestões que possibilitaram a construção de bases interpretativas, e que culminaram na forma como os "pesos" são hoje maioritariamente entendidos.

Em 1903, António I. Marques da Costa apontou que, entre os exemplares encontrados por Carlos Ribeiro no Castro da Rotura, havia "*… um rectângulo de barro atravessado junto de cada canto por quatro pequenos canaes…*", e acrescentou que outros objectos semelhantes foram encontrados e referidos como «pesos de barro», «placas de barro» (ambos relacionados com o Castro da Rotura), «tijolos para suspensão» (relacionados com o Castro de Chibanes), e «placa perfurada», esta última interpretada como algo que "*… servia para andar suspenso por fios, que passavam por*

[1] Escolhemos esta terminologia para designar os diferentes espaços arqueológicos, sem qualquer tipo de associação em específico. Incluímos, por exemplo, os chamados "povoados", "abrigos de rocha", "monumentos funerários", entre outros.

[2] Tradicionalmente, estes milénios são designados pelas terminologias de "Neolítico Final", "Calcolítico" e "Bronze Inicial". Contudo, estas periodizações gerais deveriam ser revistas em termos mais regionais, tendo em conta os seus particularismos e realidades (comentário oral de Susana Oliveira Jorge)

*dois canaes continguos…”*. Esta observação baseou-se na leitura de marcas entendidas como *“…sulcos produzidos pelo attrito d’esses fios nas faces do prisma…”*, e foi a partir destes que o autor inferiu se as «placas» teriam sido utilizadas ou não (COSTA, 1903: 138, 140, 147, 270; Idem, 1906: 50). Estas nomenclaturas, e a interpretação que foi feita destes materiais, seguiram a sugestão de Henri e Louis Siret. Ao estudaram sítios semelhantes em Espanha, eles observaram que *“…[c]es objets servaient probablement de poids pour tendre les iîls dans les métiers à tisser…”* (SIRET, 1888: 11), opinião posteriormente partilhada por vários investigadores portugueses, incluindo Marques da Costa.

Félix Alves Pereira foi outro desses investigadores que, em 1915, apresentou, juntamente com a descrição do que foi encontrado durante as pesquisas no Outeiro da Assenta, uma fotografia do que ele refere ser um “peso de tear” com dois fios a passarem pelas perfurações. Propunha-se, assim, uma forma de como os “pesos” seriam utilizados, tendo em conta o desgaste das perfurações: *“...estes pesos para teares verticais, como os primitivos, ficavam suspensos por dois dos seus orifícios e não pelos quatro ao mesmo tempo…”* (cf. posteriormente R. Boaventura). Esta afirmação assume alguma importância ao estabelecer uma relação entre os “pesos” e um tipo de tear, o tear vertical, sendo a presença destes materiais conotada com *“…a existência do mester de (…) tecer”*. O facto de serem utilizadas só duas das quatro perfurações de cada vez evidenciaria, para o investigador, *“… previdência e método de trabalho”* (PEREIRA, 1915: 125-127, 147). Para F. A. Pereira, os “pesos” denunciavam não só a existência da prática da tecelagem, como a experiência daqueles que nela trabalharam. Paralelamente, o investigador sugeriu três categorias, nas quais se agruparam os exemplares encontrados, e indicou igualmente as medidas do comprimento, largura e espessura – tipo quadrado de quatro orifícios, de dois orifícios e tipo oblongo de quatro orifícios. Curiosamente, não apresentou o peso (g.), que seria um dado importante tendo em conta o tê-los considerado pesos num tear.

Inicialmente, nem todos os materiais em argila com perfurações foram relacionados com a prática da tecelagem: José Leite de Vasconcelos (1918: 136), ao mencionar o sítio da Mangancha, não considerou os “crescentes” como estando associados à prática da tecelagem (possivelmente devido ao seu formato), mas sim como sendo uma secção ou parte de xorca. Contudo, a sua proposta também não voltou a ser mencionada, nem propriamente justificada.

Por outro lado, em 1922, o mesmo investigador ter-se-á referido a um "*quadrângulo de barro*" decorado proveniente de Outeiro de São Mamede, designando-o, à semelhança de outros exemplares deste sítio, como "pesos de tear" ([Vasconcelos, 1915, Est. V] CARDOSO; CARREIRA, 2003: 140). Também perante os pesos romanos encontrados na Quinta de Santo António, ele observou que o sulco no orifício *"…se não é natural, resultou do atrito do cordão que a segurava"*, e sugeriu, estabelecendo uma semelhança com os "pesos" encontrados no Castro de Santa Luzia, que esta peça será um *"… pêso de pesar, ou de segurar alguma cousa junto da qual se pendurava."* (VASCONCELOS, 1938: 181, 182).

Em 1940, M. Afonso do Paço publicou uma pequena reflexão sobre as"placas de barro" descobertas nas escavações de Vila Nova de S. Pedro, e notou que não havia consenso entre os pré-historiadores relativamente à sua utilização, *"… pois uns consideram-nos pesos de tear, outros elementos de fornos de fundição ou de aplicação indeterminada…"* (PAÇO, 1940: 235), e opinou que não concordava com a proposta de que seriam elementos de fornos. Ao invés, aprofundou a sugestão de que estariam ligados à prática da tecelagem e completou a classificação proposta por F. Alves Pereira, acrescentando-lhe uma quarta categoria. A ideia de que estas materialidades foram usadas como "pesos de tear" partia, segundo Afonso do Paço, da analogia com gravuras antigas, e somente duas das perfurações seriam usadas, sendo as restantes sobressalentes (reafirma-se o que F. Alves Pereira propusera) (Idem, ibidem: 236, 237).

Posteriormente Ernani Barbosa referiu os "pesos" encontrados no Castro da Pedra do Ouro sob a denominação de «cerâmica industrial», pois segundo ele estes seriam evidências de uma produção de carácter industrial, salientando os que apresentavam decoração (BARBOSA, 1956: 82, 83). Outros investigadores, como J. Soares e C. T. da Silva (1987), e João Luís Cardoso (1994) empregaram a mesma expressão, quer em relação aos "pesos", quer em relação aos "crescentes".

Nos finais dos anos 60, H. Schubart, O. da Veiga Ferreira e José de A. Monteiro (1969: 30, 31) relataram os achados da Columbeira e fizeram alusão a "placas de barro com orifícios", consideradas *"típicas nas (…) povoações fortificadas"*. Conotada com esta afirmação estava a noção de que estas "placas" eram mais do que elementos que poderiam indicar a presença da prática da tecelagem, para se constituírem evidências que ajudavam a identificar não só o período cronológico dos espaços, como a definir o próprio sítio, por serem comuns em vários povoados considerados contemporâneos (em

termos de milénios). Simultaneamente, eles continuaram a ser vistos como uma evidência da prática da tecelagem, considerada então uma actividade doméstica.

A variedade de formas verificada não só entre os "pesos", os "crescentes" e as "placas", mas mesmo dentro de cada uma destas denominações, foi sendo comentada de várias maneiras por diversos investigadores: um deles foi Vítor S. Gonçalves (ver mais à frente Mariana Diniz, R. Boaventura, entre outros) que, ao verificar a presença de "crescentes" em diferentes estações do Sul de Portugal, afirmou que aqueles elementos são típicos da região e que poderiam corresponder a uma tradição de tecelagem específica (GONÇALVES, 1989: 146). Além disso, no estudo do Cerro do Castelo de João Marques, Vítor S. Gonçalves sugeriu que o reduzido número de "pesos" encontrados poderia significar o *"…carácter quantitativamente mínimo de esta actividade…"* (Idem, ibidem: 173), coadunando-se com a concepção de que os vestígios materiais traduziam a existência (quantitativa) das vivências naquele espaço, e que o número de "pesos" encontrados permitiria inferir acerca do carácter da tecelagem. Por outro lado, no Cerro do Castelo de Santa Justa, o número de fragmentos de "pesos" registado foi 1494, dos quais 261 apresentavam perfurações, e 1223 pertenciam a zonas mesiais, todos eles correspondendo aos "pesos" *"… em forma de linguiça…"*. É desta maneira que V. Gonçalves se referiu aos "crescentes" por considerar esta expressão inadequada, uma vez que engloba materiais de tipologias demasiado variadas. O aparecimento de uma grande concentração dos ditos "pesos" levou o investigador a debruçar-se sobre a prática da tecelagem, afirmando que ela teria surgido como uma consequência da "Revolução dos Produtos Secundários", e identificou "áreas de tecelagem", tendo sugerido que estas pudessem ser espaços funcionais devido à elevada densidade de "crescentes" encontrada.

Paralelamente a esta proposta, o investigador mostrou-se céptico relativamente à ideia de se utilizarem os "pesos" como um factor que contribui para a identificação de culturas diversificadas. Problematizou, então, o facto de se argumentar a existência de culturas diferentes somente pela diferença tipológica dos "pesos", e mencionou que a diferença material verificada entre a maioria das estações do Sul, com as da península de Lisboa e Setúbal, ou as do Norte, podia não significar grupos culturais diferentes (Idem, ibidem, 1989: 294) (cf. Mariana Diniz).

A ideia do aproveitamento de "produtos secundários", associado à denominada "Revolução dos Produtos Secundários", foi também sugerida por João Luís Cardoso, que se debruçou sobre o povoado de Leceia: os "pesos" seriam materialidades

desconhecidas no Calcolítico Inicial, mas a sua presença posterior denunciaria uma inovação e um aproveitamento mais completo e secundário das fibras vegetais e animais, indicando também uma especialização na produção (CARDOSO, 1994: 60).

Mariana Diniz, num artigo publicado em 1994, expõe as ideias que envolviam o estudo dos objectos focados no âmbito do Calcolítico em Portugal e associou os "pesos" à tecelagem, concordando que eles seriam indícios e consequência da "Revolução dos Produtos Secundários". Num estudo que focou estes materiais, a investigadora sugeriu que estabelecer paralelismos etnográficos possibilitava a compreensão das técnicas de tecelagem e a sua materialização, especialmente do tear vertical de "pesos", pois foi a este tipo de tear que se considerou estar relacionado o uso dos "pesos". Em relação a estes, M. Diniz fez uma distinção entre as suas diferentes formas morfológicas e múltiplas variantes, reafirmando que a designação "crescentes" abrange materialidades diferentes (já notada por Vítor Gonçalves), que se distinguem por partilharem a presença de duas (por vezes três) perfurações, uma em cada ponta, e por serem finos.

Inicialmente, a investigadora notou que a relação destes "crescentes" com a tecelagem não era tomada como certa, mas depois acrescentou que *"…[o] «crescente», a técnica de tecer em teares de pesos de duas perfurações…"* (DINIZ, 1994: 139), acabando por não ser contestada a sua associação à prática da tecelagem. Apesar disto, foi questionada se a diferença entre as materialidades, quer na forma, quer no peso, *"poderá (…) estar relacionada com as fibras animais e vegetais preferencialmente exploradas nas diferentes áreas…"* (Idem, ibidem: 141). Mas a questão inevitável, segundo a investigadora, era se os "crescentes" teriam funcionado como pesos, ou se teriam outro tipo de papel no tear, sendo porém certo, para ela, o seu funcionamento em conjunto como fazendo parte deste mecanismo.

Relativamente à variação do peso (g.), foi proposto que se os "pesos" com duas perfurações, quer "placas", quer "crescentes", fossem colocados na perpendicular em relação à trave do tear, haveria espaço para um maior número de "pesos", o que compensaria o pouco peso de cada um. Ou seja, desta forma os "crescentes" e as "placas" poderiam também ser utilizados como "pesos" (cf. Rui Boaventura, que lhes confere um outro papel dentro da prática da tecelagem).

No seu artigo, M. Diniz começou por tentar responder à questão de se os "pesos" teriam uma função na tecelagem, constatando que havia sítios onde o número de "pesos" encontrado *"… garantia a sua funcionalidade"* (Idem, ibidem: 137), especialmente quando eram "pesos" semelhantes que estavam em associação espacial.

Por outro lado, referem-se sítios onde a quantidade de "pesos" que apareceu era quase insignificante. Foram apontadas realidades diferentes, e nem sempre claras, especialmente porque se em alguns sítios os "pesos" apresentavam alguma coerência, noutros verificou-se uma heterogeneidade que invalidaria o funcionamento em conjunto. E isto foi visto como um problema, dado que para a suposição da existência de um tear era necessário um número mínimo de "pesos", e o aparecimento de poucos "abalava" esta teoria. Diferenciando-se de V. S. Gonçalves (que aborda a tecelagem em termos quantitativos, partindo desta mesma observação), M. Diniz propôs três possibilidades de justificar esta realidade num sítio arqueológico: ou os "pesos em falta" seriam a evidência do possível tear e estariam preservados numa área ainda não escavada; ou os "pesos" estariam dispersos e uma vez desassociados do seu espaço original, ter-se-iam perdido. O que se encontra é uma amostra de um conjunto maior, coerente e homogéneo com que alguém terá tecido (para esta hipótese a investigadora sugeriu que a funcionalidade dos "pesos" teria que ser entendida de outra forma, mas considerou-a a proposta mais provável); ou o reduzido número de "pesos" indicaria que estes não teriam um papel funcional, o que a levou a questionar se a tecelagem seria "… *realizada noutras áreas e/ou por outros processos, os tecidos obtidos noutras partes,* [como] *produtos integrados em redes de troca"* (Idem, ibidem: 138).

A nível mais geral, e no seguimento do estudo tipológico dos "pesos" em várias estações, M. Diniz sugeriu a existência de duas áreas distintas relacionadas com a tecelagem: uma englobando a área Norte, as Beiras e a Estremadura; e a outra abrangendo o Alentejo e o Algarve. O que as distinguia era a presença de "crescentes" na segunda área, e a sua ausência na primeira, uma vez que, como sugeriu, *"[o]s contactos que (…) existiram entre a Estremadura e o Sul, não tornaram estas comunidades permeáveis às distintas tradições de tecelagem."* (Idem, ibidem: 139).

A existência de vários tipos de "pesos" tinha sido anteriormente relacionada, por J. Soares e C. T. da Silva (em 1987), com a transição entre os vários períodos cronológicos: estes investigadores sugeriram que o Neolítico Final e o Início do Calcolítico foram marcados pelas "placas" paralelipipédicas, que aparecem em várias sítios arqueológicos, e que durante o Calcolítico, os "crescentes" passaram a dominar (SOARES; SILVA, 1987: 50; 53), argumentando assim uma possível antecedência das placas. Os crescentes teriam sido uma inovação técnica posterior – "*O Norte, Centro e a Estremadura a continuação. No Sul, a inovação"* (Idem, ibidem: 139).

M. Diniz contrapôs que não se poderia considerar a existência de inovação, mas sim de dois grupos culturais distintos, constatando-se desde logo a diversidade cultural e não uma unidade técnica que depois se terá dividido. Concomitantemente, acrescentou que nos povoados do Sul de Portugal, onde se assinalou uma ocupação contínua desde o Neolítico Final e que se prolongou pelo Calcolítico, se encontraram "pesos" e "crescentes", enquanto nos povoados fundados na altura do Calcolítico estavam presentes apenas "crescentes". Por sua vez, na Estremadura Portuguesa registou-se apenas um tipo de "peso", caracterizado por ter uma grande espessura e quatro perfurações.

Os "pesos" da Beira e do Norte, embora não idênticos, podiam ser equiparados com os "pesos" da Estremadura. Assim, a autora argumentou que naquelas zonas ter-se-ia mantido uma única técnica de tecelagem (Idem, ibidem: 144). A ideia aqui sustentada é que a diferentes tipos de "pesos" se associam diferentes tradições culturais ou mesmo comunidades, e/ou também diferentes técnicas de tecelagem, contrapondo-se assim à interpretação anteriormente feita por V. S. Gonçalves. Estas diferentes técnicas poderiam ser compreendidas através de paralelismos etnográficos, mas como S. Gomes (2003) viria a afirmar, seria necessário proceder à experimentação em função do registo arqueológico, e principalmente do contexto, para se poderem aceitar hipóteses derivadas da etnoarqueologia

Por seu turno, o Sul seria uma *"[á]rea privilegiada de contactos, de trocas e bens e muito provavelmente de mulheres que tecem"* (Idem, ibidem: 139): a tecelagem foi ligada, pela investigadora, às mulheres, sugerindo-se que a exogamia seria eventualmente praticada, e que se materializaria pela dispersão dos "pesos" e das mulheres que os usavam (a relação entre a tecelagem e a mulher também foi apoiada por Susana Fonseca). Isto permitiria identificar movimentos de pessoas, que trariam tradições diferentes.

Após estas sugestões, Mariana Diniz apresentou um guia para a descrição e estudo dos "pesos": entre as informações, referiu que se devia prestar atenção ao momento em que eles eram encontrados e à forma como estão dispostos, tendo em conta a sua associação com outros "pesos" e estruturas, ou possíveis evidências que indiquem a localização do tear (por exemplo, buracos de poste). Também se devia fazer uma descrição da peça em si, de modo a poder criar hierarquizações de atributos, tendo como palavras-chave o peso, o número de perfurações, a largura e a espessura (embora M. Diniz tenha reconhecido que, como os "pesos" são feitos manualmente, cada um é

único). Em relação ao peso (g.), comenta-se que apesar da sua importância, ele não é apresentado na maioria das publicações, situação que continua a verificar-se hoje. Chamou-se igualmente a atenção para o desgaste das perfurações: Afonso do Paço e F. Alves Pereira propuseram, como já foi indicado, que apenas duas perfurações seriam utilizadas. Mas M. Diniz argumentou que para tal seria necessário um exame das peças e acrescentou que se mantêm *"…dois problemas: 4 perfurações, 2 perfurações"* (Idem, ibidem: 141-143).

Sobre a decoração que aparece em alguns "pesos", a investigadora opina que ela não altera necessariamente a funcionalidade deles, mas pode modificar o seu estatuto. Se a decoração existia para ser vista, podia haver uma alteração no modo como os "pesos" estavam no tear. Por seu turno, os sinais de desgaste nas perfurações levaram à exclusão da possibilidade de se tratarem de "peças simbólicas", mesmo sendo decoradas (Idem, ibidem: 141, 142). A decoração nestes materiais foi igualmente comentada por A. Valera, que atribuiu à decoração, em especial à que era composta por linhas incisas que formavam um reticulado, um eventual carácter simbólico, uma vez que evocaria, de certa forma, a urdidura e a trama (VALERA, 2007: 377). Posteriormente, Maria G. A. Branco comentou que a decoração seria um elemento de união entre o lado prático dos "pesos" e um carácter mais "simbólico", referindo que esta união possa ter atingido o seu auge na estrutura de Castelo Velho (BRANCO, 2007: 71).[3]

Em 1996, Susana Fonseca questionou a classificação funcional dos materiais aqui abordados, em concreto dos ditos "crescentes". Se, por um lado e no caso das placas paralelepipédicas, *"… parece fortemente provável estarmos em presença de pesos de tear, como nos demonstram diversos paralelos dentro do registo etnográfico e do próprio registo arqueológico de épocas mais recentes…"*, no caso dos "crescentes" existem mais dúvidas. Também Mariana Diniz tinha reconhecido este problema, mas manteve a relação entre estes materiais e a tecelagem. Por isso a questão, como argumenta S. Fonseca, passou a ser sobre o seu papel dentro da tecelagem: a investigadora propôs que poderiam ser esticadores de fio, apesar de não saber se seriam aplicados a fibras vegetais ou animais (FONSECA, 1996: 115). Em relação à tecelagem em si, e partindo de um levantamento de vários sítios no Sul de Portugal, S. Fonseca concluiu que esta tarefa seria uma prática corrente em grande parte dos sítios, mas "…

[3] Nota-se uma certa separação entre a noção de "funcional" e "simbólico". Esta ideia e também estes termos foram depois postos em causa por algumas propostas relacionadas com o chamado "Pós-Processualismo".

*[s]e com finalidades de obtenção de bens para troca, se exclusivamente para consumo interno, é outra questão, a que de momento é impossível responder."* (Idem, ibidem: 117). Esta ideia viria a ser também mencionada por Leonor Rocha (2001) que, ao comentar o grande número de "crescentes" e de "placas" que foram encontrados no Castelo de Pavia, afirmou que a sua presença indicava a existência de uma intensa actividade de produção de tecidos, que poderia ser para consumo local mas também, e eventualmente, para "exportação". Relativamente à já referida proposta de J. Soares e C. T. da Silva de 1987, em que ambos apoiaram a relação entre a mudança de tipos de pesos com a transição para diferentes períodos, Susana Fonseca não considerou provado haver uma sucessão de "pesos de tear" – "crescentes", observando o mesmo que Mariana Diniz: foram registados vários casos em que a existência destes materiais ocorre simultaneamente com percentagens muito semelhantes (Idem, ibidem: 137).

Outro investigador que se destaca é António Valera, que estudou os "pesos" provenientes do Castro de Santiago, mencionando-os como uma novidade entre as peças cerâmicas. Referindo outros sítios datados do Calcolítico, o investigador realizou uma comparação, na qual destacou as diferenças morfológicas (através dos valores de alongamento e de espessura) entre os que foram encontrados na região do sítio em estudo e os que foram encontrados no Sul do país (VALERA, 1997: 89). Embora tenha seguido a proposta de Mariana Diniz, Valera expôs que se verificam diferenças a nível morfológico e decorativo entre os "pesos" da Beira Alta e do Norte transmontano e os "pesos" da Estremadura. Além disso, criticou a sugestão de que a cada variedade morfológica corresponde uma determinada técnica de tecelagem, e argumentou que estas diferenças poderão corresponder a diferentes tradições e também a diferentes tipos de matérias-primas trabalhadas. Assim, a escassez de vestígios notada na altura do estudo em contextos do Centro/Norte do país poderia denunciar tradições distintas relacionadas com a exploração de matérias-primas diversificadas.

Por outro lado, A. Valera constatou que no Centro/Sul de Portugal o aparecimento da prática da tecelagem teria sido anterior ao aparecimento nas regiões a Norte do Maciço Central, mas que nos inícios do III milénio ela parece generalizar-se pela fachada ocidental da Península Ibérica. Esta situação, como sugeriu, poderia evidenciar uma maior complexidade económica, social e cultural.

Num outro artigo, o mesmo autor focou a espacialidade do Castro de Santiago, ao abordar os recintos murados da Pré-História Recente, e fez menção a contextos domésticos. Estes foram identificados a partir da descoberta de várias materialidades

associadas a actividades relacionadas com a subsistência, a produção de utensílios e a tecelagem (Idem, 2003: 153). Isto significa que a presença dos "pesos" foi tomada como indicadora de uma actividade que se associou a um espaço familiar e habitacional.

À medida que mais "pesos de tear" eram descobertos, foi-se reforçando a sua ligação à prática da tecelagem, mas várias dúvidas persistiam. Após o estudo de Mariana Diniz, surgiram outros estudos e esclarecimentos importantes (ver também Sérgio Gomes, subcapítulo 2.2.): um deles partiu de Rui Boaventura que não concordou com a terminologia geralmente utilizada para identificar estes materiais. Ao debruçar-se sobre os vestígios descobertos no sítio do Pombal, afirmou que, embora a palavra "peso de tear" tenha sido a designação mais recorrente para referir vestígios que pelo nome são associados à tecelagem, ele apoiava uma outra nomenclatura – "elementos de tear". Para justificar esta decisão, argumentou que *"…poderá ter havido peças com uma função, de facto, de peso, mas outras não"* (BOAVENTURA, 2002: 45).

Na sua obra foi apresentado um pequeno, mas aprofundado, estudo acerca dos "pesos" de Pombal, em que foram referidos dados como as medidas, as formas, a existência de colagens entre si, bem como o seu peso (g.). Os "pesos" foram estudados partindo da sua utilização na tecelagem, e com base nisto, R. Boaventura reflectiu sobre as distâncias entre os orifícios, as pastas, o tratamento de superfície, as perfurações em si e o seu desgaste, fazendo duas advertências: a primeira relacionou-se com o facto de já terem sido encontradas algumas peças "diferentes" no que toca ao número de perfurações, e que perante peças fracturadas, há a hipótese de as perfurações não serem sempre semelhantes em número às existentes. A segunda relacionou-se com as interpretações geralmente feitas sobre o seu desgaste, e lembrou que *"… durante o fabrico a perfuração provoca inclinações nos bordos dos furos, o que poderá levar a enganos; as peças poderão ter sido reutilizadas por várias vezes provocando vários vestígios nos bordos dos orifícios; os processos de tratamento laboratorial dos materiais poderão ter produzido outros desgastes"* (Idem, ibidem: 50). Estes aspectos deveriam ser considerados com extremo cuidado, como posteriormente alerta, questionando a interpretação da funcionalidade dos "pesos" pela simples observação do desgaste das perfurações (que tinha sido feita, por exemplo, por Ernani Barbosa.)

Na sequência do levantamento e estudo dos mencionados "elementos de tear" encontrados em Pombal, em Cabeça de Vaiamonte e em Santo António 3, e mesmo em todo o Sudoeste Peninsular, Rui Boaventura avançou com a possibilidade de alguns não serem "pesos", com a função de permitirem a tensão dos fios, mas sim elementos que

permitiriam a torção dos fios (e que geralmente se apelidam de "placas"), apesar de ter dúvidas relativamente aos "crescentes". Ao contrário de Mariana Diniz, observou-se que as principais características das "placas" da estação de Pombal são a sua dimensão e peso reduzidos (foi notado que eles são mais pequenos que os da Beira Alta e de Trás-os-Montes). Por isso, foi considerada pertinente a hipótese de L. Cardito Rollán, que propôs, com base nos estudos de E. Barber e de C. Alfaro Giner, a aplicação destas "placas" em teares de placas, onde a sua função seria ajudar a torcer a urdidura, e não manter a sua tensão.

Por outro lado, o investigador apercebeu-se que os "crescentes" se tornam mais difíceis de interpretar, porque surgem muito fragmentados e não fornecem medições suficientes. Mesmo assim, R. Boaventura propôs que eles poderiam ter estado numa posição semelhante à das "placas", e de talvez funcionarem só num tear vertical. *"Para ambos os tipos de peças a sua utilização em teares de placas é plausível, podendo a fractura mesial ser o resultado desse uso."* (Idem, ibidem: 52). Perante a hipótese de serem utilizados como "pesos", as peças apresentavam um tamanho reduzido, implicando que teriam de ser utilizados em grandes quantidades para manter uma urdidura esticada, sendo depois difíceis de controlar. Na opinião do autor, *"[t]alvez a relutância na aceitação do uso destas peças de barro num tear de placas se deva, sobretudo, a esta ausência no registo histórico e etnográfico"* (Idem, ibidem: 52). Se se aceitar estes "elementos de tear" como fazendo parte de um tear de placas, a sua importância como pesos, que ajudam a manter a tensão, é modificada, ainda que se mantenha a relação com a prática da tecelagem

R. Boaventura comentou também o caso de Castelo Velho, onde chamou "… *a atenção para o facto de nem todas as concentrações de pesos de tear poderem ser sinónimo de um local de trabalho em tecelagem."* (Idem, ibidem: 53). Todavia, mesmo que a(s) funcionalidade(s) deles possam ser discutidas, argumentou que os "pesos" têm vindo a ser reconhecidos, de forma consensual, como evidência da prática da tecelagem, com associação à "Revolução dos Produtos Secundários". Apesar disto, a citação feita mostra que se pôs em causa a inferência que frequentemente se faz sobre as concentrações de "pesos de tear" equivalerem a uma zona de tecelagem, o que veio marcar um ponto importante na interpretação destas materialidades.

A transmissão das práticas de tecelagem por via feminina, através da exogamia (proposta por Mariana Diniz), foi questionada por R. Boaventura tendo em conta que as mulheres poderiam conhecer diferentes tradições, o que afectaria a distinção

cronológica proposta (Idem, ibidem: 53, 54). Contudo, manteve-se a ligação entre a tecelagem e a mulher.

No seguimento das propostas de R. Boaventura, J. L. Cardoso e J. Roque Carreira (2003), aquando do estudo do sítio de Outeiro de São Mamede, afirmaram que falta confirmar se as "placas" em barro seriam realmente aplicadas num tear, e como tal, concordaram com a designação "elementos de tear". Por outro lado, sugeriram, tendo em conta o que consideraram ser as marcas de uso, que "placas" seriam utilizadas na vertical e suspensas por dois orifícios. Mas, à parte disto, o que mencionaram seguiu a mesma linha dos restantes investigadores já citados: estes materiais continuaram a ser considerados como "*artefactos cerâmicos característicos dos contextos domésticos da Idade do Cobre do Baixo Tejo, que evidenciam a importância da tecelagem na economia de então…*" (CARDOSO; CARREIRA, 2003: 140), e acrescentaram que a tecelagem, uma actividade especializada, terá sofrido um crescimento do "Calcolítico Inicial" ao "Calcolítico Pleno", o que poderá corresponder à intensificação e diversificação das produções.

O facto de se terem encontrado diferentes quantidades de "elementos de tear" nas escavações de sítios distintos poderia evidenciar, segundo eles, uma especialização desigual, mais intensa nuns sítios que noutros. E em relação à decoração, torna-se difícil explicá-la, se bem que opinem que ela teria mais do que uma simples função decorativa, sendo, por exemplo, *"uma marca de posse ou função apotropaica relacionada com a própria prática da tecelagem"* (Idem, ibidem: 143). Assim, estes "elementos de tear", *"de carácter indiscutivelmente utilitário"* (Idem, ibidem), teriam, em algumas situações, uma certa carga "simbólica" difícil de avaliar, e que se pode exemplificar com o caso dos "pesos" de Castelo Velho e o dos "crescentes" encontrados por Estácio da Veiga na necrópole de Alcalar. Sobre estes últimos, foi aceite o comentário de V. Correia de que eles poderiam indicar o sexo feminino nas pessoas enterradas e que seriam *"um testemunho para a posterioridade da sua actividade artesanal preferida."* (Idem, ibidem).

Numa reedição, em 2003, da obra "Sítios, «Horizontes» e artefactos: leituras críticas de realidades perdidas (Estudos sobre o 3º milénio no Centro e Sul de Portugal)", Vítor Gonçalves abordou novamente os "pesos de tear" e reforçou a já mencionada ideia de que eles seriam evidências da exploração de novos recursos económicos (GONÇALVES, 2003: 212). Paralelamente, apontou que existiriam dois modos de tecer, um na zona do Alentejo e Andaluzia, e outro nas Penínsulas de Lisboa

e Setúbal, associando-lhes diferentes materiais: ao primeiro espaço a predominância das "placas rectangulares" e dos "crescentes", e ao segundo os "pesos" de secção rectangular espessa e faces paralelipipédicas. Estas várias tipologias ligar-se-iam, como outros autores também propuseram, a tradições diferentes na prática de tecelagem, que traduziriam momentos cronológicos distintos. Assim, os "crescentes" e as "placas" foram remetidos para a transição do IV para o III milénio, e os "pesos" (mais pesados) foram considerados o resultado de novas tecnologias. Ainda relativamente aos "crescentes", o autor comentou que *"…pouco nos resta depois da descrição morfológica e da leitura espacial da distribuição dos «crescentes». É portanto uma questão em aberto…"* (Idem, ibidem: 255).

Mais recentemente, Maria G. A. Branco (2007) conduziu um estudo dos "pesos de tear" que identificou na estação da Pedra do Ouro, referindo que *"[e]mbora se possa discutir a funcionalidade específica destes artefactos enquanto elementos ou pesos de tear (Diniz, 1994; Boaventura, 2001) é consensual a sua interpretação, como testemunhos da exploração, e transformação, de fibras animais e vegetais. Consequência da Revolução dos Produtos Secundários, que começam o seu aparecimento no registo arqueológico, no Centro/Sul peninsular, a partir do Neolítico Final."* (BRANCO, 2007: 70) (cf. Sérgio Gomes). A partir das características morfológicas, M. Branco incluiu-os no que considera ser a mesma "família técnica" dos que foram encontrados em sítios nas Beiras e no Norte de Portugal, onde há uma ausência dos ditos "crescentes", e apoiou a já referida ligação entre a heterogeneidade morfológica e diferentes tradições na prática da tecelagem.

Quando a autora se debruçou sobre o povoamento no III milénio a.C., na zona da actual Estremadura, constatou que a presença de "pesos" num espaço evidenciaria marcas indirectas de uma intensificação económica. M. Branco transpôs uma certa noção de intensificação económica do nosso tempo para uma época maioritariamente desconhecida. Todavia, a autora posteriormente reflectiu sobre a forma como a terminologia que usamos para nos referirmos às realidades do passado pode influenciar o modo como as encaramos e interpretamos, mas dirigiu-se especialmente ao conceito de "povoado fortificado" (Idem, ibidem, 111)!

Também em 2007, António Valera estudou novamente os "pesos" do Castro de Santiago e opinou que a sua variação morfológica poderia traduzir diferentes procedimentos tecnológicos dependentes do tratamento da matéria-prima ou do tipo de engenhos utilizados aquando da prática da tecelagem. Além disso, por terem sido

encontrados poucos exemplares em alguns dos sítios que estudou, o investigador pôs a hipótese de a actividade de tecelagem ser menos representativa ou a sua presença estar ligada a papéis não propriamente funcionais, baseando-se na leitura proposta para os "pesos" encontrados na "estrutura ritual com ossos" de Castelo Velho.

No relatório referente às escavações de 2001 decorridas na estação arqueológica do Zambujal, mas publicadas em 2007, Michael Kunst (2007: 107) faz menção a uma "placa" de cerâmica com quatro perfurações encontrada em associação com uma camada de pedras. O autor apresentou as suas dúvidas relativamente à interpretação destas peças como "pesos de tear" *"… devido ao reduzido peso dos mesmos e aos vestígios de utilização nas perfurações"*, chamando também a atenção para a sua matéria-prima, uma vez que estas "placas" se apresentam de barro e com uma espessura considerável. Rui Boaventura relacionou-as com a função têxtil e sugeriu que seriam empregues num tear de placas horizontal. Contudo, Kunst apontou, no seguimento do trabalho de J. L. Cardoso e J. Roque Carreira, que noutros países estas placas são feitas de outras matérias-primas, como osso, e nunca de barro, por serem muito pesadas (Idem, ibidem) Por isso, fica por confirmar a sua aplicação em teares de placas.

Apesar de serem muitos os investigadores que abordaram este assunto, as principais ideias foram sendo repetidas e reafirmadas. No geral, partiu-se da ligação à prática da tecelagem, que é tomada como praticamente a única possibilidade, e suscitaram-se dúvidas perante as diferenças morfológicas, mais concretamente a variação das formas, a utilização das perfurações, e a posição das peças num tear, bem como a sua possível relação com diferentes técnicas de tecer. Para além disto, indagou-se sobre as diferentes quantidades encontradas nos sítios arqueológicos, e o que isto representaria a nível geográfico e social.

### 2.2. Um novo olhar no início do século XXI

Destacamos a ruptura que o estudo apresentado por Sérgio Gomes causou no âmbito do que anteriormente foi sendo argumentado relativamente aos "pesos de tear" e ao sentido que geralmente lhes é atribuído.

Na sua investigação no âmbito da dissertação de Mestrado, em 2003, estudaram-se os "pesos de tear" provenientes de Castelo Velho, e atribuídos aos III$^{o}$/II$^{o}$ milénios a.C.. S. Gomes assumiu que aceitou a interpretação dos "pesos" como instrumentos da prática da tecelagem. Por isso, a sua análise (essencialmente morfológica e técnica) foi elaborada no intuito de se inferir essa prática durante o estudo da distribuição espacial.

Para tal, foi criada uma tipologia, tendo em conta que os "pesos de tear" fazem parte de dois sistemas, a olaria e a tecelagem. Contudo, ele também reconheceu que a sua abordagem poderia ter sido conduzida para suportar outras hipóteses. Porém, independentemente da materialidade estudada, a partir do momento em que ela é tratada como um indício de uma tarefa, ou tarefas, estas correspondem a graus de complexidade social e económica, podendo incorrer-se, como alertou, a uma generalização mais descomprometida da realidade que é associada aos vestígios (GOMES, 2003: 111, 112). Ou seja, o facto de já se partir de uma associação à tecelagem faz com que seja mais natural interpretar os materiais como estando ligados a ela.

Devido ao número de "pesos" encontrados em algumas zonas do povoado, suscitou-se a possibilidade de isto denotar a existência de teares. Porém, do ponto de vista material, o autor argumentou que a diferença morfológica inviabiliza a sua utilização conjunta (em alguns casos) e, por outro lado, a maior parte das associações de "pesos" não podiam ser interpretadas como vestígios de um tear vertical, tendo por base a proposta de E. Barber (de que os teares identificados em contextos etnográficos possuem pelo menos 20 pesos). Consequentemente, Sérgio Gomes sugeriu que estes "pesos" poderiam ser partes de um mecanismo, mas que estariam armazenados. Apesar disto, foi levantada a questão de estas materialidades poderem ter sido utilizadas noutros contextos, e não apenas em associação com a tecelagem. Como S. Gomes notou, qualquer acção poderá ser alterada por tradições, crenças e costumes, e por isso, mesmo que relacionemos determinado material a determinada acção, tal não significa que esta seja a única relação possível. Pode-se dizer que esta afirmação foi um ponto de partida para se questionar o que anteriormente foi dito relativamente aos "pesos" e mesmo às restantes materialidades.

Antes de mais, e como o próprio autor sublinhou, não se pretendeu pôr em causa o reconhecimento de que uma materialidade possa ser um vestígio de uma tarefa, ou actividade. Tentou-se, sim, compreender como ela podia ter sido manipulada pela comunidade, e para tal, S. Gomes decidiu caracterizar os contextos onde foram encontrados os "pesos", seleccionando-os pela sua preservação. Dos contextos estudados, o que mais se destaca é a estrutura onde foram encontrados ossos humanos, anteriormente já focada por outros investigadores, por ser um dos únicos espaços onde os "pesos" aparecem num contexto de inumação, ou identificado como tal. Este espaço já tinha sido alvo de um estudo, em 1998/99, no qual S. Gomes sugeriu que a presença dos "pesos" conferia à estrutura *"… uma forte significação simbólica relacionada com*

*a tecelagem…"* (1998-1999: 46). Os materiais que apareceram não se distinguem muito de outros contextos, exceptuando os ossos humanos – restos de fauna, material cerâmico, um fragmento de um moinho manual, uma conta de colar, um denticulado de xisto e os "pesos". O contexto, e os restantes espaços estudados, serão descritos mais aprofundadamente no Capítulo 4, embora seja importante adiantar o que S. O. Jorge (JORGE, 1998: 291) já tinha questionado: em outros contextos onde não aparecem ossos humanos, estariam os "pesos" destituídos de uma "função ritual" ?

Foram feitas várias interpretações acerca dos contextos de Castelo Velho em que os "pesos" e as outras materialidades se inserem, notando-se que eles podem remeter para diferentes desempenhos e diferentes espacialidades. A própria manipulação destes materiais afecta tanto a sua disposição espacial como o seu significado. Contudo, ficaram algumas questões por responder, como: *"quais os atributos dos pesos que levam à sua selecção para participar enquanto oferenda na fundação de uma estrutura, na condenação de uma entrada, na manipulação social de ossos humanos ou em representações da tecelagem"?* (GOMES, 2003: 139) S. Gomes desconstruiu a correlação dos "pesos" a uma única tarefa – a tecelagem – pela proposta de sentidos que emergiram da articulação de contextos e de relações, restituindo-lhes uma dinâmica que também pode ser aplicada a outros materiais. Esta desconstrução foi, até ao momento, única, e marcou sem dúvida um corte com as perspectivas anteriores. No entanto, embora esta abordagem seja inovadora, talvez não tenha sido suficientemente divulgada, já que os resultados não parecem ter tido as repercussões que se poderiam esperar. Apesar do âmbito da obra, o próprio autor reconhece que não se possibilitou avançar com significados diferentes, mas *"… se a presença dos "pesos de tear" não pode ser tomada como índice de tecelagem, é indicadora de quê?"* (Idem, ibidem: 140).

Poderemos sintetizar que, globalmente, os ditos "pesos de tear" são materiais diversos, encontrados em situações e espaços diferentes, mas frequentemente vistos como tendo um sentido semelhante, associados à prática da tecelagem. Embora esta associação comece por estar presente no próprio termo utilizado para os designar/abarcar, as interpretações/sugestões de outros investigadores servem de base, ou ponto de partida, para as nossas próprias interpretações, e associações. Com base nisto, e na tentativa de se compreender melhor que materiais são os "pesos de tear", considerou-se importante esclarecer a sua ligação à tecelagem e saber em que sítios arqueológicos de Portugal eles foram identificados, especialmente porque vários investigadores falaram em zonas de tecelagem baseando-se nos achados feitos.

# CAPÍTULO 3: DOS "PESOS DE TEAR" AOS "ELEMENTOS DE TEAR": A SUA PRESENÇA EM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NO TERRITÓRIO PORTUGUÊS

## 3.1. Algumas noções de tecelagem: o tear vertical de pesos e o papel das placas

A tecelagem, o acto de tecer e todos os processos prévios de preparação das fibras fazem parte de um vasto, variado e complexo assunto. Como a finalidade deste subcapítulo é enquadrar os "pesos de tear" e clarificar o seu papel, tendo em consideração a sua associação a um tear, excluíram-se propositadamente muitos detalhes relacionados com a tecelagem propriamente dita, que será apenas abordada superficialmente.

É ao processo de entrelaçar de diversas maneiras vários fios entre si, através de uma série de passos e gestos, que se atribui a designação de tecelagem. O que surge com o acto de tecer é algo novo, algo *tecido*. Para se fazer um tecido, são necessárias três fases principais: a preparação das fibras, a fiação e o acto de tecer em si mesmo. Embora o tema relacionado com o tratamento das fibras, a sua transformação em fios e o seu trabalhar para se criar um tecido seja vasto, não há, como já foi referido, possibilidade de desenvolver o assunto. Neste caso, o objectivo é focar o acto de tecer e, mais concretamente, os teares. As duas ideias chave associadas à generalidade dos teares são: permitir a tensão dos fios e o trabalho da urdidura. Usualmente, é à primeira que se relacionam os "pesos" e à segunda que se associam as "placas".

A tecelagem em si implica quatro operações: a preparação da urdidura, a sua montagem no tear, a preparação da trama e o fabrico do tecido. A urdidura pode ser definida como *"fios paralelos entre si, e de igual comprimento, e separados nas duas séries que, descendo ou subindo cada uma alternadamente, operam o cruzamento da trama que passa entre elas"* (OLIVEIRA, E. V., 1991 *In* MEDEIROS, LOPES, TOSTÕES, 2000: 3). Ou seja, a urdidura é um termo utilizado para designar os fios que são presos ao tear, e a trama designa os fios que passam entre os fios da urdidura, o que permite formar o tecido. Geralmente, e dependendo do tear, a preparação da urdidura requer algum domínio técnico, sendo de extrema importância, uma vez que é a base onde se tece. Num tear mais simples, a urdidura consiste em prender os fios directamente à volta das varas que constituirão o tear, e num mais complexo a urdidura poderá ser preparada à parte e só depois colocada na vara apropriada. O espaço deixado

entre os fios da urdidura irá reflectir-se na textura do tecido, mas a tensão desses fios deve ser uniforme, ou não haverá uniformidade no tecido. Os fios da urdidura terão de conseguir suportar uma certa fricção e ser suficientemente fortes para que os fios da trama passem entre eles sem os quebrar. Como as propriedades físicas das fibras variam (FORBES, 1987: 198), a preparação da urdidura dependerá não só das que são escolhidas, como do tecido que se pretende fazer e da técnica utilizada. Esse conjunto resultará num determinado padrão que constitui o tecido (as combinações possíveis para os fios e a forma como eles são entrelaçados são ilimitadas).

A flexibilidade dos fios é uma característica que pode tornar o processo de entrelaçar bastante difícil se não se recorrerem a utensílios que os segurem e estiquem, permitindo obter a tensão necessária. Foi a invenção do tear que tornou possível essa operação, facilitando a utilização de fios variados. Com o tempo, os teares diversificaram-se, assumindo variadíssimas formas e tipos, desde os maiores aos mais pequenos, por vezes especializados (um exemplo é o tear para tecer franjas), sendo uns simples e outros bastante complexos: cada tear é uma evolução técnica em si, com as suas especificidades e características individuais. No entanto, todos têm em comum o facto de cumprirem a função de segurar os fios, mantendo a sua tensão, de forma a permitir e facilitar a tecelagem. Isto é, embora diversos, os teares permitem que uma camada fixa de fios (urdidura ou teia) seja disposta e nela se entrelacem os fios da outra camada (trama), que irão passar por cima e por baixo da camada fixa, de forma a criar uma só unidade. À medida que se faz este movimento, tece-se.

Os teares podem ser agrupados de várias formas. Uma dessas formas divide-os em horizontais, verticais ou oblíquos, segundo a posição dos fios em relação ao solo. Neste trabalho, foca-se o tear vertical de pesos por ser a este tipo de tear que se relacionam os “pesos de tear” (abordamos especificamente um tipo de tear cuja presença é aceite em território português, no período de tempo considerado para esta pesquisa. Poderiam ter existido outros tipos de tear, porém a ausência de vestígios não permite sustentar esta possibilidade).

O tear vertical de pesos utilizado poderia assemelhar-se aos modelos que são descritos noutras épocas em diversas zonas da Europa (BARBER, 1991: 91-113; GINER, 1984: 94; ver Anexo 1, Figura 1): pode ser composto por uma trave horizontal, presa numa armação (constituída por duas traves verticais) fincada no solo ou encostada a uma parede, por exemplo, e à qual os fios da urdidura são presos e mantidos sob tensão por meio de pesos. Os pesos podem ter morfologias muito variadas, e apesar de

ser necessário existir uma relação entre estes, a quantidade e tipo de fibras utilizadas, e o que se pretende tecer, o número de pesos associado a cada tear depende do que se considerar suficiente para manter uma tensão regular dos fios. Marta Hoffmann (1964), por exemplo, ao estudar os teares verticais existentes no século XX em algumas regiões da Noruega, descreveu que, nalguns casos, os fios eram atados proporcionalmente aos pesos, dependendo do seu peso (g.), e que, num mesmo tear, os pesos poderiam apresentar diferentes pesos (g.). Por outro lado, a investigadora também descreveu uma situação em que os pesos eram semelhantes, à excepção dos pesos que se situavam na ponta e que eram mais pesados. Esta particularidade podia ter por finalidade fortalecer as partes laterais do tecido, por estas se danificarem mais facilmente (BARBER, 1991: 96). Assim, o peso (g.) de cada peso é importante não tanto porque pesos (g.) diferentes podem indicar usos separados (embora possível, o tema não está muito explorado para "elementos de tear" da Pré-História), mas porque o acto de tecer será mais facilitado se houver a possibilidade de se aceder a pesos semelhantes não muito díspares, embora esta não seja uma condição *sine qua non* para a prática da tecelagem.

Pela referência a estes exemplos percebe-se que é difícil saber a quantidade de pesos que poderiam estar associados a um tear, uma vez que isto dependia das situações. Uma outra questão que não está clarificada é o porquê da existência de várias perfurações nos pesos, e o que isso poderá indicar – será que pesos com números de perfurações diferentes poderiam ser aplicados em conjunto, denotariam diferentes tipos de tecelagem ou até diferentes funções dentro da tecelagem?

No tipo de teares verticais, o trabalho dos fios é iniciado de cima para baixo, e os fios são presos directamente aos pesos ou por meio de argolas em corda (e às quais os fios se prenderiam), por exemplo. O comprimento do que se pretendia tecer poderia ser maior do que a altura do tear, uma vez que se podia ir enrolando o tecido à volta da vara superior e o comprimento suplementar dos fios poderia estar em forma de novelos, perto dos pesos, que se iam desenrolando à medida que fosse necessário. Este é apenas um exemplo de uma das várias soluções possíveis para esta situação.

De forma a tecer, era necessário mover parte dos fios da urdidura para que um espaço fosse criado, no qual passaria um ou mais fios da trama. Para facilitar esta manobra, foi introduzida uma vara em alguns teares verticais (na Figura 1 do Anexo 1, ela está representada pelo número 3), à qual seriam amarrados determinados fios (dependendo do padrão que se escolhia fazer), e que ao ser movimentada permitia o cruzamento desses mesmos fios. Em cada cruzamento ia-se passando o fio da trama e

criando o tecido (para simplificar a passagem do fio foi também criado um pequeno instrumento, cujo formato podia variar, sendo hoje conhecido como lançadeira em algumas regiões de Portugal). Ao conjunto poderiam ser acrescentadas mais varas para facilitar a separação dos fios, estando esta opção ao critério de quem tecia e dependendo do que pretendia fazer.

Foram focados nesta pesquisa apenas os pontos considerados relevantes para se entender a posição dos pesos e a constituição de um tear vertical de pesos. Para um desenvolvimento mais aprofundado deste assunto remetemos para alguns autores como A. Leroi-Gourhan (1984), E. Barber (1991), R. Forbes (1987), A. Geijer (1982), C. Giner (1984), entre outros. Salienta-se que a composição destes teares incluía essencialmente materiais como madeira e fibras, e por esse motivo só sob determinadas condições é que foi possível a sua preservação do ponto de vista arqueológico. Por essa razão, não existem muitos dados que permitam esclarecer os possíveis tipos de teares e as soluções técnicas utilizadas. Um outro aspecto que importa salientar é o facto de existirem alguns tipos de tear que não requerem a presença obrigatória de pesos para fazer a tensão dos fios. Ou seja, a ausência de "elementos de tear" não significa ausência de tecelagem.

Por outro lado, os pesos não estão apenas associados aos teares verticais, podendo ser utilizados também em teares horizontais, desde que estes estejam elevados do chão o suficiente para permitir que os pesos fiquem suspensos e mantenham a tensão dos fios (Figura 2 do Anexo 1**)**.

Podem ser feitas outras classificações de teares com base em aspectos como o tipo de fibras utilizadas ou o tipo de utensílios auxiliares específicos da tecelagem (a grade ou as placas, entre outros). Neste caso, focamos os teares onde se aplicam placas, que são materiais preferencialmente leves, com pouca espessura e com perfurações (2 ou mais), através das quais passa um fio (Figura 3 do Anexo 1). Estas placas não são pesos, pois têm a função de separar os fios e não de manter a sua tensão (embora pudessem ser utilizadas como pesos dependendo da situação e da necessidade). Num tear, elas são alinhadas mais ou menos a meio da urdidura, com as faces paralelas aos fios, e ao rodá-las um determinado número de vezes, numa determinada direcção, os fios que passam pelas suas perfurações são torcidos entre si, criando um tecido por justaposição e torção dos fios (de cada vez que se rodam as placas, uma, duas ou três vezes seguidas por exemplo, passa-se o fio da trama entre o intervalo que se cria e depois voltam-se a girar as placas o número de vezes escolhido).

Existem várias particularidades neste tipo de tecelagem, que implicam determinadas características que não serão aqui desenvolvidas, embora se deva referir que estas placas não costumam ser muito espessas nem pesadas porque podem exercer demasiada pressão nos fios, levando-os a partirem-se (embora não seja impossível usar placas mais grossas). Uma outra função que elas poderão ter no tear assemelha-se à vara a que parte dos fios da urdidura são presos, e que os separa, de forma a criar o espaço para a passagem da trama. No entanto, as placas são mais associadas à torção do que à separação dos fios.

Devido à sua simplicidade, e portabilidade, esta técnica é ideal para tecer faixas estreitas, sendo, no entanto, limitada na largura pelo número de placas que se conseguem manejar. As placas podem ser associadas a vários tipos de tear, incluindo o vertical e o horizontal. O resultado é, geralmente, um tecido com decorações e padrões muito variados, que dependem do número de placas, da distribuição dos fios pelas placas e das cores dos fios. Geralmente, as placas com mais do que duas perfurações são utilizadas na criação de padrões mais complexos e quantas mais placas forem associadas, mais complicada e difícil se torna esta tecelagem. Daí que geralmente se produzam tecidos estreitos. Porém, o uso de muitas placas não é impossível, e está arqueologicamente comprovado (cf. BARBER, 1991: 119, que refere um exemplo em que se terão usado 178 placas).

Com esta breve passagem pelo mundo da tecelagem, e após o esclarecimento da posição dos "pesos" e das "placas", podem-se fazer os seguintes comentários relativamente às designações:

1. "Peso de tear" – este termo, ainda que seja utilizado para englobar todos os vestígios que se associam ao trabalho num tear vertical, é aplicado para designar especificamente certas peças. Estas podem apresentar, geralmente, uma maior espessura, e um comprimento maior do que a sua largura. São mais comummente abarcadas por esta designação as que possuem uma forma subparalelipipédica e suboval. O número de perfurações é variável, bem como o grau de arredondamento dos cantos. Relativamente ao seu peso (g.), embora possa variar, geralmente é considerável. Associa-se-lhes o ajudar a fazer a tensão dos fios num tear;

2. "Placas" – pode existir alguma dificuldade em distinguir entre o que se escolhe abarcar por desta designação e o que é e englobado no grupo de "pesos". No caso das "placas", a sua espessura, bem como o peso (g.) são geralmente menores que a dos "pesos". As formas variam, sendo as mais comuns aquelas que vão desde as

subrectangulares, às subquadrangulares, e às que se apresentam "ovais" com as extremidades mais achatadas. O número de perfurações não é sempre o mesmo, sendo o mais comum uma ou duas por lado. A sua posição num tear é um pouco mais incerta, propondo-se frequentemente que estas "placas", devido ao seu menor peso, possam ter auxiliado no torcimento dos fios, e não na sua tensão;

3. "Crescentes" – estes são os materiais cuja associação à prática da tecelagem é mais questionada. Por essa razão, não foram mencionados na breve alusão aos teares e à tecelagem. A sua forma faz com que sejam mais facilmente distinguidos dos materiais incluídos nas anteriores nomenclaturas. Apesar de poderem ter espessuras variadas, secções de diferentes formas, e ângulos distintos, a principal característica que os define é serem materiais finos em argila, com um formato em crescente e perfurações nas extremidades, que podem variar entre uma a duas (em cada extremidade). A sua posição num tear seria semelhante à das "placas", se bem que em quantidades suficientes pudessem ser usados como "pesos".

Os esclarecimentos que aqui propomos procuram auxiliar na leitura das descrições que serviram de apoio para o levantamento de sítios, ainda que tenhamos consciência que as três designações abarcam materiais demasiado diversificados para que estas nomenclaturas possam ser passivamente utilizadas. De facto, ao fazermos o estudo dos "elementos de tear" de Castanheiro do Vento, notámos, perante algumas peças, que há alguma dificuldade em decidir se devem ser designadas de "placas" ou de "pesos". Apesar de desconhecermos se isto se aplica aos materiais de outros sítios, uma vez que são poucos os investigadores que procedem à pesagem destes materiais, observámos que algumas das "placas"são tão pesadas quanto alguns dos "pesos", e por isso não se sabe se poderiam também ser pesos, no sentido literal. Por outro lado, alguns "pesos" que foram encontrados, ou pelo menos peças com o formato ao qual associamos a designação de "pesos", apresentam um tamanho e um peso relativamente pequeno, levantando dúvidas sobre se eles não seriam "placas".

Em termos funcionais, estes materiais estariam em conformidade com o que se pretendia tecer e com a matéria-prima dos fios. Cada fibra, e cada técnica, implicam maior ou menor tensão, mas como não temos conhecimento delas, nem sequer dos teares, desconhecemos, como já referimos, a quantidade de "pesos" que seriam necessários para fazer a tensão dos fios (além disso, esta quantidade não tinha que ser fixa), assim como desconhecemos o peso máximo que uma "placa" poderia ter para ser suportada pelos fios no tear.

É possível que as designações que conhecemos e as distinções que fazemos possam não conseguir abarcar, e possam mesmo não se aplicar aos materiais que são encontrados. Por esta razão, passámos a apoiar o termo proposto por Rui Boaventura (ver Capítulo 2), "elementos de tear", pois mesmo partindo de uma associação à prática da tecelagem, ele "facilita" a posterior definição dos materiais encontrados, já que não os restringe a uma única categoria material.

### 3.2. Inventário de Sítios arqueológicos com "elementos de tear"

No seguimento do capítulo anterior, considerou-se importante realizar um levantamento, no território português, dos sítios arqueológicos onde foram identificados, num determinado momento das investigações, algo a que se apelidou de "pesos de tear", "placas" ou "crescentes".

Para tal, foi efectuada uma pesquisa bibliográfica, sem nenhum contacto directo com os materiais ou os sítios, à excepção de Castanheiro do Vento, de modo a ser construído um primeiro inventário (Anexo 2, Parte I**)**. É evidente que o resultado das nossas pesquisas não foi um levantamento definitivo, nem tal seria possível.

Deve-se ter em conta que se trata de um ponto de partida que deverá ser completado e revisto e que as observações feitas serão somente remetidas ao mapa que apresentamos e aos dados que serviram de base para a sua construção.

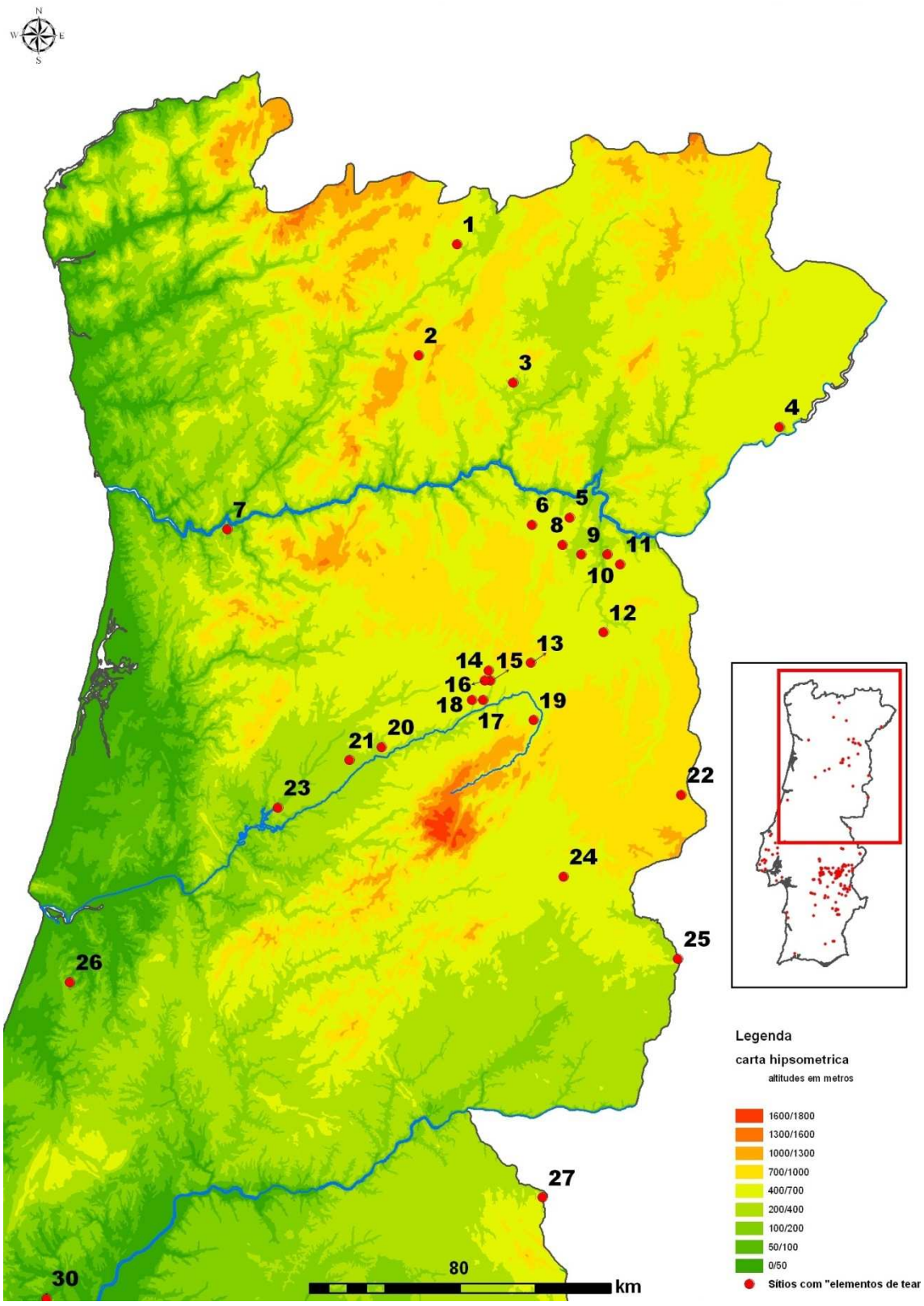



**Figura 1**: Mapa da zona Norte e Centro de Portugal com a indicação dos sítios arqueológicos onde foram identificados “pesos de tear”, “placas” e/ou “crescentes” (mapa elaborado com a ajuda de Luís Sousa; alguns dados provêm do Atlas do Ambiente Digital). A legenda da numeração acompanha a outra metade do mapa (Figura 2)

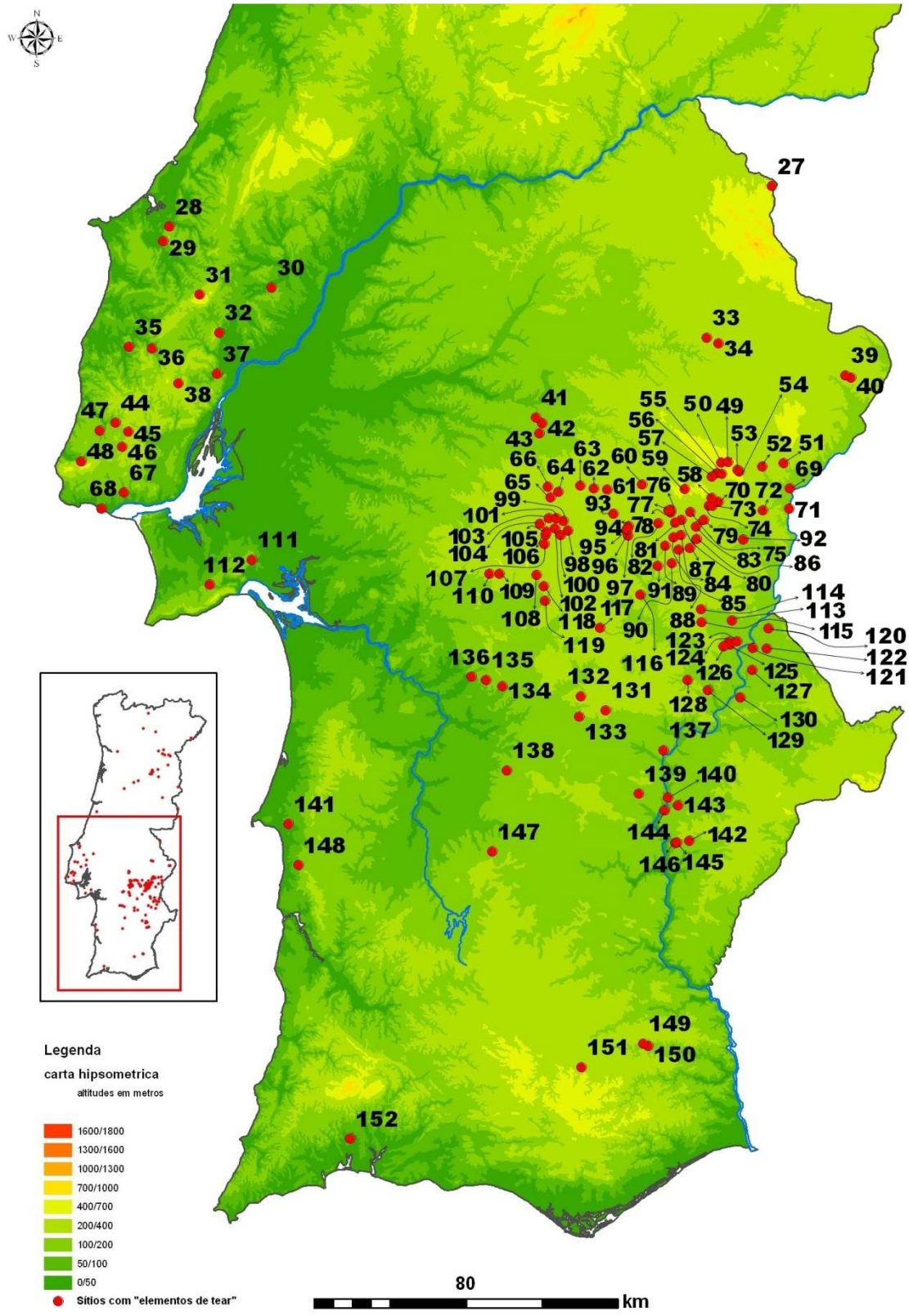



**Figura 2:** Mapa da zona Centro e Sul de Portugal com a indicação dos sítios arqueológicos onde foram identificados "pesos de tear", "placas" e/ou "crescentes" (mapa elaborado com a ajuda de Luís Sousa; alguns dados provêm do Atlas do Ambiente Digital)

## Legenda da numeração:

1. Pastoria
2. Castelo de Aguiar
3. Crasto de Palheiros
4. Cunho
5. Castelo Velho
6. Castanheiro do Vento
7. Monte Crasto
8. Montes
9. Curral da Pedra
10. Povoado do Fumo
11. Castelo de Algodres
12. Alto do Castelo
13. Quinta da Atalaia
14. Fraga da Pena
15. Malhada
16. Quinta dos Telhais
17. Castro de Santiago
18. Quinta da Assentada
19. Pedra Aguda
20. Murganho
21. Penedo da Penha
22. Alto de Santa Bárbara
23. Povoado de Linhares
24. Cabeço da Malhoeira
25. Monte do Trigo
26. Anta Grande de Antões
27. Castelo de Vidas
28. Outeiro da Assenta
29. Outeiro de São Mamede
30. Vila Nova de São Pedro
31. Castro de Pragança
32. Castro da Ota
33. Sítio do Pombal
34. Santo António 3
35. Zambujal
36. Castro do Penedo
37. Castro da Pedra do Ouro
38. Castelo de Arranhó
39. Santa Vitória
40. Cabeço do Cubo
41. Monte das Oliveiras 4
42. Castelo de Pavia
43. Monte de Henrique Soeiro
44. Penedo do Lexim
45. Negrais
46. Povoado de Olelas
47. Alto do Montijo
48. Penha Verde
49. Atalaia
50. Outeiro da Cardiga
51. Aboboreira
52. Povoado de Famão
53. Torre
54. Castelos de Afeiteira
55. Boiças 1
56. Salgada
57. Vigária
58. Fonte Ferrenha
59. Alto de São Gens
60. Pego do Sino 1
61. Vale do Pereiro
62. Comenda do Meio 1
63. Carrasqueira 1
64. Horta do Monte Novo
65. Pedra Longa 2
66. Camoeira
67. Leceia
68. Castro de Parede
69. Forte do Conde
70. Cavaleira
71. Perdigoa
72. Cubo 1
73. Argolia 1
74. Argolia 2
75. Pereiras
76. Colmeeiro 7
77. Colmeeiro 8
78. Colmeeiro
79. Caladinho 1
80. Atalhos
81. Vinha 2
82. Gainhos
83. São Pedro
84. Monte do Cabido 1
85. Monte da Craveira
86. Paredes
87. Candeeira 1
88. Monte da Ribeira
89. Monte do Bico
90. Santa Susana
91. Grou 1
92. Castelo Velho (Terena)
93. Castelo Ventoso 2
94. Herdade das Figueiras 2
95. Taful 11
96. Taful 13
97. Povoado dos Currais 1
98. Povoado da Oliveirinha 1
99. Azinheira do Campo 3
100. Oliveira 2
101. Casbarra
102. Monte de Pomar de Baixo 2
103. Valada de Almansor 2
104. Monte do Alamo do Degebe 2
105. Valeira 8
106. Godel 5
107. Valada 14
108. Castelo do Giraldo
109. Monumento de Santiago do Escoural
110. Gruta do Escoural
111. Castro de Chibanes
112. Pedrão
113. Castelo do Azinhalinho
114. Perdigões
115. Torre do Esporão
116. Carrascosa
117. Murteiras
118. Monte da Ponte 1
119. Serra 1
120. Mercador
121. Moinho de Valadares 1
122. Porto das Carretas
123. Barrisqueira 2
124. Marco dos Albardeiros
125. Monte Novo dos Albardeiros
126. Areias 15
127. Monte do Tosco 1
128. Senhora da Giesteira
129. Moncarxa
130. Monte dos Cerros Verdes
131. Mangancha
132. Outeiro do Tijolo
133. Cabeço da Azurria
134. Cabeço da Mina
135. Monte da Tumba
136. Castelo do Torrão
137. Sala nº 1
138. Porto Torrão
139. Três Moinhos
140. Canada
141. Vale Pincel 2
142. Atalaia do Peixoto
143. Monte Luís Mendes
144. Foz do Enxoé
145. São Brás 3
146. Cerro dos Castelos de São Brás
147. Castelo de Aljustrel
148. Monte Novo
149. Cerro do Castelo de Santa Justa
150. Cerro do Castelo das Mestras
151. Cerro do Castelo de João de Marques
152. Alcalar

A ordem da numeração no mapa não segue nenhum critério específico e relembra-se que só foram incluídos os sítios nos quais os "elementos de tear" foram remetidos para um período entre os finais do IV aos finais do III milénio a.C.. Esta delimitação cronológica foi estabelecida no seguimento das leituras realizadas, nas quais se verificou que o aparecimento dos materiais focados faz geralmente parte de um conjunto de vestígios que ajuda a definir a transição de um período temporal para outro. Isto foi expresso por vários investigadores, dos quais citamos A. Valera: *"… o único artefacto tecnómico que está ausente nos habitats neolíticos, mas que surge em quase todos os povoados Calcolíticos, é o peso de tear."* (VALERA, 1997: 169).

Para além desta decisão, escolhemos abranger somente os "elementos de tear" em argila cozida. Há, de facto, alusões a "pesos" líticos (de vários tipos), mas a sua identificação enquanto "elementos de tear" é incerta. Além disso, alguns investigadores mencionam-nos como pesos de pesca. Por esta razão, e como pretendemos explorar a ligação à tecelagem, escolhemos não incluir os "pesos" líticos, embora refiramos alguns no Anexo 2, Parte II, onde se incluíram também os sítios que não foram incluídos no Inventário, por falta de alguns dados.

### 3.3. Balanço das perspectivas sobre os "elementos de tear"

Apresentamos, em seguida, um pequeno balanço das perspectivas sobre os "elementos de tear", que resultam do inventário que foi realizado (ver Anexo 2), da elaboração dos mapas e das referências que têm sido feitas. Como já mencionámos, é à chamada "Revolução dos Produtos Secundários" que alguns investigadores associam o aparecimento de "elementos de tear" nos diferentes sítios. Esta expressão foi criada para designar uma mudança nos hábitos das pessoas, que seria visível a nível arqueológico pelo aparecimento de materiais diferentes. O facto de se relacionar a presença dos "elementos de tear" com um determinado período tem tido repercussões nas interpretações feitas sobre os vestígios e as temporalidades: por exemplo, António Heitor (HEITOR, 2002: 81) mencionou que no sítio da Nossa Senhora de Lurdes já se tinham localizado "*…vestígios da chamada 'Revolução dos Produtos Secundários" (um peso de tear) que poderá indiciar o uso de teares para o "fabrico" de tecidos de lã (ou de redes?) "*. Por sua vez, António Valera, quando abarca o recinto de fossos de Xancra, anota que "*entre as ausências … Cabe sublinhar a inexistência de fragmentos de pesos…*" (VALERA, 2008: 25). Manuel Calado, na sua abordagem à região de entre a Serra d'Ossa e o Guadiana, resume bem a relação que os investigadores fazem entre os

"elementos de tear" e o período designado por "Calcolítico". Ele afirmou que "*[o] crescente, habitualmente associado a espólios calcolíticos, chegou a ser considerado um bom fóssil-director para esta época; porém, a escavação do povoado TESP 3 (Reguengos de Monsaraz) (Gonçalves, 1990/91), com uma elevada percentagem de taças carenadas e a presença, muito discreta (1%) de cerâmicas decoradas, permite recuar o aparecimento destes artefactos, funcionalmente conectados com a tecelagem. O exemplar da Casbarra, bizarro pelo facto de apresentar duas perfurações numa extremidade, pode reforçar essa possível antiguidade ou, pelo contrário, denunciar um episódio tardio na ocupação do local."* (CALADO, 2001: 70).

Normalmente, a presença de certos "elementos de tear" é associada ao "Calcolítico", podendo recuar ao "Neolítico Final" (por exemplo, no Monte das Oliveiras 4 – ver Anexo 2, Parte I). Eles são mesmo considerados "*fósseis-directores*" (talvez não por esta expressão, mas pela ideia que ela transmite) que apontam para este período ou para períodos posteriores. Todavia, deparámo-nos com descrições destes materiais em sítios atribuídos ao "Neolítico Médio e Inicial" (como o da Casbarra acima citado, o de Barrocalinho, o da Valada 7, ou o da Quinta da Fidalguia, mencionados por Manuel Calado – ver Anexo 2, Parte II), época em que tradicionalmente eles não estão presentes. Como foi referido na citação, M. Calado propôs duas possíveis explicações, podendo ser também possível que a datação dos sítios não esteja correcta. Contudo, o facto de isto se registar em mais do que um local leva-nos a questionar se para todos eles houve um engano na atribuição de uma cronologia, se terão havido reocupações posteriores, ou se realmente a associação do aparecimento dos "elementos de tear" com uma determinada época não seja tão rigorosa e possa ter sido algo muito mais gradual e antigo do que se espera. Reconhecemos, porém, que este assunto deverá ser analisado tendo em conta não as terminologias gerais, mas os particularismos de cada região. Apesar da sua importância, esta questão será deixada em aberto, uma vez que não faz parte dos objectivos da presente investigação.

Observando as Figuras 1 e 2, verificamos que o maior número de sítios onde foram encontrados "elementos de tear" se localiza no actual distrito de Évora. Mesmo que a dispersão neste mapa possa meramente evidenciar a definição de "áreas de estudo" onde os investigadores mais focaram a sua atenção, há de facto sítios intervencionados, e da mesma época, onde não foram encontrados "elementos de tear".

Remetemos para a citação que fizemos de A. Valera, sobre a ausência dos "pesos" em determinados sítios onde eles seriam "esperados": antes de mais,

consideremos que os “elementos de tear” podem denotar a existência da prática da tecelagem. Sabe-se que esta envolve materiais maioritariamente orgânicos, o que significa que, por exemplo, os próprios “pesos” não tinham que ser necessariamente de argila, ou de pedra, mas que poderiam ser em madeira, que não se preserva tão facilmente quanto os outros materiais. Mesmo os “pesos” em pedra poderiam assumir formas que passariam despercebidas aos arqueólogos (simples seixos, por exemplo). Como J. Sabloff observou, os investigadores, na maior parte das vezes, inferem vivências a partir dos vestígios encontrados (SABLOFF, 2005: 162). Relativamente à tecelagem, uma vez que não se encontram indícios propriamente ditos da mesma, é através de “elementos de tear” que se supõe a sua existência.

Todavia, julgamos que a tecelagem não está dependente da presença de “elementos de tear”, pois ela pode ser realizada sem se recorrerem a esses materiais. Neste caso, a descoberta de “elementos de tear” pode ser explicada como sendo o resultado de novas técnicas de tecelagem, tal como alguns investigadores propuseram, e não significar que anteriormente não existia essa prática. A associação entre os vários tipos de “elementos de tear” e diferentes técnicas de tecelagem é, de facto, uma possibilidade. No entanto, presença/ausência desses “elementos de tear” não deve ser argumento para a existência de zonas geográficas com técnicas únicas, principalmente porque a sua utilização ainda não é bem conhecida, como já foi afirmado.

Em segundo lugar, é importante notar que os sítios apontados não foram intervencionados da mesma forma nem com a mesma profundidade/rigor: incluímos sítios identificados pela prospecção, outros parcialmente estudados através de sondagens ou escavados em área, e durante períodos de tempo mais ou menos longos (ver Anexo 2). Reconhecemos igualmente que os sítios em si foram ocupados de formas diferentes, durante períodos temporais distintos e envolviam áreas de tamanho variado. Como tal, a diferença em termos de intervenção influencia a investigação e pode determinar as quantidades de “elementos de tear” descobertas, embora não tenha que ser a única razão para as diferenças quantitativas.

Por outro lado, o facto de estes sítios terem sido estudados em momentos diferentes da história da arqueologia em Portugal, em que se procurava responder a certas questões, altera de alguma forma as interpretações dos materiais e as informações disponibilizadas, bem como os dados tidos como importantes e relevantes de serem mencionados. Por isso, não é possível saber, para certos sítios, as quantidades exactas de “elementos de tear” que foram encontrados por falta de informações mais concretas

(por exemplo, no caso da Pedra Aguda, menciona-se que a tecelagem está presente, mas não se explicita nada sobre os "elementos de tear" em si – ver Anexo 2, Parte I).

Uma outra questão com que nos deparámos esteve relacionada com a contagem dos materiais, pois na maior parte dos casos desconhecemos se a quantidade apresentada pelos investigadores resulta da contagem de todos os materiais, ou se se refere aos materiais depois de se terem procurado por colagens (ver Anexo 2). De qualquer forma, escolhemos usar os dados tal como eles foram facultados nas várias publicações. Em 39 sítios não nos confrontámos com esta situação, uma vez que foi referido apenas um 1 "elemento de tear" em cada um desses locais, dos quais treze foram mais profundamente intervencionados. Noutros casos, julgamos que os "elementos de tear" descobertos são em número superior a um exemplar por ser usado o termo no plural ("pesos"), mas cujo valor exacto não é apresentado. Verifica-se, igualmente, que foi nos sítios onde ocorreram escavações que provêm as maiores quantidades encontradas, se bem que devemos salientar o caso do sítio do Monte da Ribeira, onde se recolheram 25 "elementos de tear" à superfície (ver Anexo 2, Parte I).

Em termos quantitativos, já Mariana Diniz observara (1994) que há sítios onde a quantidade de vestígios que aparece é quase insignificante em comparação com outros. Poderemos comprovar esta situação a partir do levantamento feito (ver Anexo 2, parte I): excluindo os sítios onde não se conseguiu saber ao certo qual a quantidade exacta recolhida e as situações de prospecção, os "elementos de tear" identificados variam entre menos de cinco exemplares, até cem unidades, chegando mesmo a alcançar os milhares, como em Santa Justa. Mesmo dentro de um sítio, a quantidade de "elementos de tear" varia entre as suas diferentes zonas (como em Perdigões, por exemplo). Se a descoberta de um maior número de "elementos de tear" pode ser mais facilmente relacionada, em termos teóricos, com a existência da prática da tecelagem (como alguns investigadores fizeram), por outro lado, o aparecimento de um menor número de "pesos" (como acontece no Crasto de Palheiros) tem originado várias questões, mesmo em relação à sua identificação como "elemento de tear": quantos "elementos de tear" são necessários para se considerar a existência da prática da tecelagem? Paralelamente, e como Sérgio Gomes verificou, o aparecimento de uma maior quantidade de "elementos de tear" dentro de um sítio arqueológico não significa que estivessem todos conotados com o mesmo tipo de práticas. Além disso, é preciso ter em conta que as várias actividades não tinham que ser desempenhadas sempre no mesmo espaço, nem tinham que se restringir aos limites físicos que se identificam hoje (por exemplo, a

estruturas). Por esta razão, a identificação de "áreas de tecelagem", sugerida por alguns investigadores, deve ser feita com cautela.

Tendo em conta o inventário apresentado no Anexo 2, Parte I, verifica-se que os "elementos de tear" são mais frequentemente associados a determinados tipos de sítios arqueológicos, geralmente designados (não necessariamente em definitivo) como "*povoados*"[4]. Desconhecemos, e questionamos, quais foram os critérios que levaram os investigadores a identificar sítios somente prospectados como pertencendo ao III milénio e como sendo "povoados", embora julguemos que o facto de neles terem aparecido "elementos de tear" possa ter contribuído para tal.

Para além da descoberta de "elementos de tear" ter sido conjugada com a de "povoado", tem sido também conotada com uma esfera mais "doméstica" e prática. Ainda que a noção de "doméstico" esteja a ser questionada (pelo menos a sua aplicação a épocas como a Pré-História Recente), a ideia de que os "elementos de tear" se ligam à tecelagem, e são elementos utilitários, foi unicamente questionada e analisada por S. Gomes. O aparecimento dos "pesos", em Castelo Velho, numa estrutura conotada com uma esfera mais "*ritual*", devido ao aparecimento de ossos humanos, permitiu levantar dúvidas sobre o seu carácter e a sua aplicação.

Para reforçar esta situação, focamos que foram descobertos "elementos de tear" na Anta Grande de Antões (onde foi identificado um objecto de argila com quatro perfurações) e no Monumento de Santiago do Escoural (um tholos onde se identificou uma "placa" de barro com dois furos). Apesar de serem descobertas pouco comuns (e precisamente por o serem), permitem apoiar a ideia de S. Gomes e avançar com a possibilidade de os "elementos de tear" poderem desempenhar papéis diversos, dependendo das situações ou das vivências a que estavam associados, e de uma forma mais complexa do que aquela que por vezes é considerada. Esta ideia deve estar presente no estudo destes materiais (e talvez até de outros), independentemente do sítio onde são encontrados e da quantidade.

Por isso, não é por aparecerem muitos "elementos de tear", ou poucos, que a ligação à tecelagem é mais, ou menos, segura.

Em relação à tipologia dos materiais abarcados, alguns investigadores consideraram que a variedade morfológica poderá dever-se a especializações técnicas. Isto já tinha sido observado por Mariana Diniz, que propôs a existência de duas áreas

[4] Ainda que não exploremos o assunto, este termo conduz à questão do que é um povoado, e o que é que significa povoar um espaço, bem como a forma como identificamos e definimos esse acto de povoar.

distintas, já mencionadas no primeiro capítulo. Era nossa intenção apresentar um mapa com os diferentes tipos de "elementos de tear" identificados de forma a comentar esta situação. Contudo, enquanto uns investigadores especificaram o tipo de "elementos de tear" a que se referem, outros não o fizeram, utilizando a expressão "pesos de tear" para designar os diferentes materiais. Paralelamente, deparámo-nos, por exemplo, com a utilização do termo "placa rectangular" para mencionar o que outros investigadores designam por "pesos". Como tal, mesmo considerando a importância em perceber o tipo de materiais que foram encontrados, a imprecisão terminológica não possibilitou a elaboração do mapa pretendido. Apesar disto, poderemos confirmar que os "crescentes" aparecem mais frequentemente na zona Centro e Sul do país. O aparecimento de um fragmento na zona Norte, proveniente de Castanheiro do Vento, poderá mudar esta imagem, apesar de serem precisos mais dados. Quanto aos outros tipos de "elementos de tear", eles estão globalmente presentes nos vários sítios.

Relativamente à variedade encontrada dentro de alguns sítios, pode-se comentar que foram descobertos diferentes tipos de "elementos de tear", associados a temporalidades e zonas distintas: por exemplo, no sítio da Cavaleira, Manuel Calado comentou que não foram recolhidos crescentes, mas somente "placas", cuja relação com cerâmica com bordos espessados e carenas parece apontar para a sua anterioridade relativamente aos "crescentes" (ver nº 70 do Anexo 2, Parte I)

Esta anterioridade foi também comentada por António Valera em relação aos achados do Porto das Carretas, onde embora haja uma convivência entre "placas" e "crescentes", as primeiras predominam na fase mais antiga (ver nº 122 do Anexo 2, Parte I). António Valera e Iola Filipe também observaram que no sítio do Mercador foram encontrados em duas zonas distintas, mas coevas, "placas" e "crescentes" respectivamente, o que os levou a sugerir que, para além do verificado distanciamento cronológico entre si (as "placas" estão associadas à Fase I, e os "crescentes" grosseiros à Fase II), esta situação poderia indicar especificidades tecnológicas que foram adoptadas em momentos diferentes (ver nº 120 do Anexo 2, Parte I). Não é possível entender pelos dados recolhidos, se estas observações se aplicam somente a estes sítios, ou se houve de facto uma anterioridade das "placas", e os "crescentes" representam novas técnicas. Seria necessário um estudo mais aprofundado, onde não só seria explorada esta questão, como ainda o porquê da presença de "crescentes" escassear à medida que se avança para Norte no território português. As incertezas associadas à aplicação destes elementos não facilitam o seu estudo, mas é de notar que, entre os

vários tipos de “elementos de tear”, os “crescentes” foram encontrados em maior quantidade relativamente às “placas” e aos “pesos”.

Como nos temos vindo a aperceber, o que descobrimos são vestígios com algumas semelhanças, mas com formas e pesos (g.) diferentes, relacionados a espaços diversos. Com o intuito de entendermos melhor como os “elementos de tear” foram identificados e interpretados, e como se lidou com a sua relação à tecelagem, considerou-se essencial prosseguir para uma escala menor, tendo sido escolhidos três dos sítios onde eles foram encontrados (Cerro do Castelo de Santa Justa, Castro de Santiago e Castelo Velho) a partir da informação disponibilizada pelos seus investigadores nas publicações, mais concretamente por Vítor Gonçalves, António Valera e Sérgio Gomes.

Procura-se, desta maneira, perceber como nos poderemos debruçar, mesmo que de forma provisória, sobre materiais semelhantes encontrados em Castanheiro do Vento (provisório porque este sítio ainda está a ser escavado e estudado).

Além disso, escolhemos estes sítios por terem sido intervencionados, e por se terem publicado os seus dados, em alturas diferentes – 1989, 1997 (e 2007) e 2003, permitindo assim obter uma imagem mais abrangente de como se foram interpretando os “elementos de tear” e da forma como estes foram inseridos nas narrativas feitas.

## CAPÍTULO 4: TRÊS ABORDAGENS DIFERENTES SOBRE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS COM "ELEMENTOS DE TEAR"

Antes de mais, cada sítio arqueológico apresentado numa publicação é uma representação do espaço que foi escavado e um trabalhar das várias (re)interpretações e observações que foram surgindo do seu estudo. Reconhecemos que cada um deles tem a sua história de investigação, envolveu (e envolve) muitas pessoas, e foi abordado em alturas diferentes, sob perspectivas que, em alguns casos, foram mudando. Juntamo-los aqui por neles terem sido descobertos e identificados "elementos de tear", que foram posteriormente estudados e incluídos em trabalhos de investigação publicados.

### 4.1. Cerro do Castelo de Santa Justa (Freguesia de Martim, Alcoutim)

Coordenadas (GONÇALVES, 1989):

- Hectométricas Gauss – X: 50,6; Y: 238,1
- Altitude – 243 m. Carta militar nº 574 (ano de 1951)

O Cerro do Castelo de Santa Justa (Alcoutim, no distrito de Faro) foi abordado por Vítor Gonçalves na sua publicação *"Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental: Uma aproximação integrada"*, em 1989. Para ela remetemos para uma abordagem mais aprofundada do sítio arqueológico, dado que somente referiremos o que consideramos de maior relevância para o presente estudo.

O sítio localiza-se numa elevação alongada, junto a um dos afluentes da Foupana (afluente do Guadiana) (Gonçalves, 1989: 177). A primeira prospecção realizou-se em 1978, quando se identificaram alguns vestígios materiais, e posteriormente procedeu-se a uma intervenção no sítio seguindo o método de *open area*, o que permitiu a escavação da maior parte de Santa Justa (Figura 3). Foram realizadas sete campanhas de escavação, e foi proposto um estudo das estruturas e dos materiais encontrados (pp. 30, 178). No subcapítulo intitulado "Artefactos", o autor descreve que desde a primeira campanha, em 1979, foram identificados "crescentes" dispersos por todo o "povoado" (ver Anexo 3). Porém, a maior concentração, cerca de 813 fragmentos (66% do total dos "crescentes" recolhidos no sítio), foi encontrada perto da designada Porta 1, em duas quadrículas contínuas (cada uma com 2x2 metros): na L.11 (cerca de 218 exemplares) e na M.11 (cerca de 595 exemplares) (ver Figura 3, mais concretamente a maior das

delimitações a vermelho). Assim, e perante esta amostra, o espaço foi interpretado como sendo uma área de tecelagem, e denominada *área do tear*.

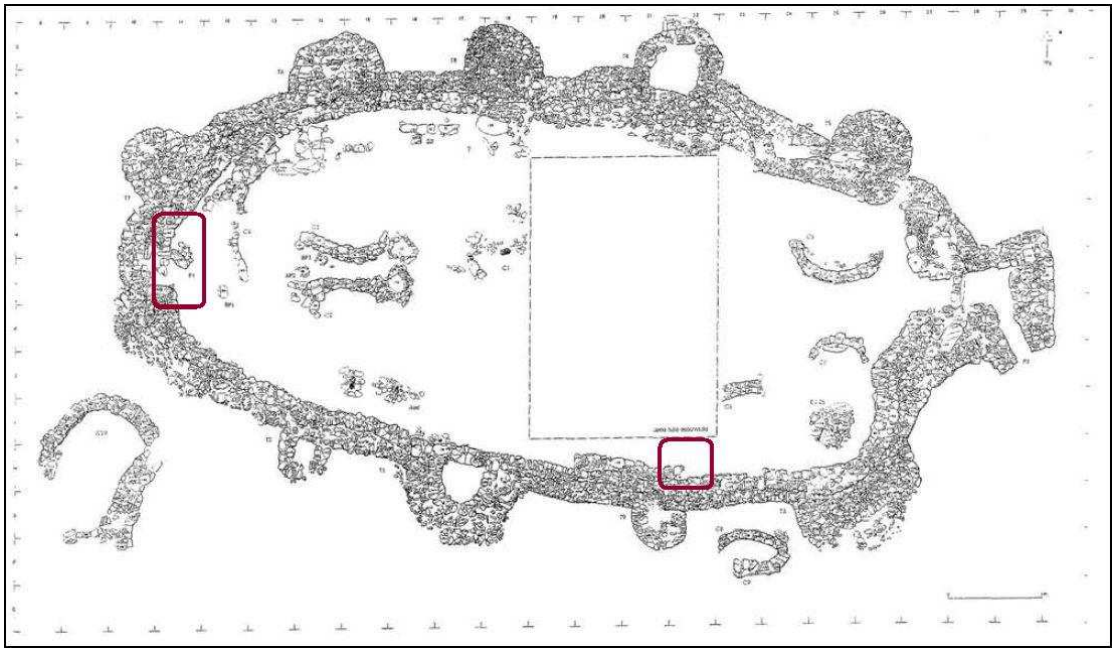


**Figura 3:** Planta do Cerro do Castelo de Santa Justa após as escavações. Delimitam-se, a vermelho, e aproximadamente, as zonas onde apareceram as concentrações de "crescentes" mencionadas por V. Gonçalves (mapa retirado de GONÇALVES, 2000-2001: 275, e modificado)

Foi reconhecida uma outra concentração de cerca de 112 fragmentos, no outro lado do sítio (H. 22), que, juntamente com o espaço envolvente, poderia corresponder a uma segunda área de tecelagem (ver Figura 3) (Idem, ibidem: 250), sendo mencionado que o tear em si seria indeterminado devido à perenidade dos materiais que o constituíam.

Na leitura destas descrições, o investigador utiliza o termo "pesos" para mencionar "crescentes", na maioria de secção subcircular e variante fina, recolhidos durante as escavações no Cerro do Castelo de Santa Justa. A pouca variedade morfológica (somente se encontraram "crescentes") que contrasta com a quantidade descoberta (são mencionados 1494 "crescentes"), não se assemelha a nenhuma situação até agora documentada. Ela foi mesmo comentada como tendo *"…características «espectaculares» pela densidade dos achados de crescentes (centenas de fragmentos), alguns de tal maneira sobrepostos que dir-se-ia haver mais crescentes que terra…"* (Idem, ibidem: 496, 497).

Tendo em conta o descrito, apercebemo-nos que embora os "crescentes" tenham um papel incerto dentro da tecelagem (cf. BARBER, 1992: 100), a associação a esta

actividade é apresentada como a única considerada, assumindo um carácter essencialmente funcional. A partir destes materiais, do terem sido maioritariamente encontrados num certo espaço e da associação à prática da tecelagem, foram designadas duas possíveis áreas de actividades, considerando-se o espaço onde os materiais foram encontrados como o espaço onde eles seriam empregues. E apesar de se ter mencionado que apareceram "crescentes" por todo o sítio, é nas duas áreas em que eles se concentram que o estudo incide.

Notamos, porém, que não se considerou importante fornecer informações mais específicas sobre a distribuição dos materiais dentro da concentração, nem sobre os "crescentes" (o peso, os diferentes ângulos, as perfurações e o seu tamanho, por exemplo). Ou seja, V. Gonçalves procurou responder a certas questões relacionadas com a funcionalidade dos materiais e a organização do espaço, mas partindo *a priori* do raciocínio "crescente/tear/área de tecelagem" e aplicando-o ao que foi encontrado. Salienta-se, novamente, que a ligação dos "crescentes" à tecelagem é incerta.

### 4.2. Castro de Santiago (Freguesia de Figueiró da Granja, Fornos de Algodres)

Coordenadas (VALERA, 1997):

- Latitude 40º 38' 50'' N
- Longitude 7º 28' 52'' O
- Carta Militar de Portugal, folha 191

O Castro de Santiago, situado em Fornos de Algodres (Guarda), foi alvo de um estudo aprofundado, que resultou numa publicação, em 1997, por António Carlos Valera, tendo sido novamente integrado numa segunda publicação pelo mesmo autor, em 2007. O considerado "povoado em altura" localiza-se no *"… topo Norte de uma elevação entre dois acidentes tectónicos parcialmente aproveitados pelos leitos das ribeiras de Vila Chã, a Oeste, e Muxagata, a Este"* (VALERA, 1997: 29). As intervenções no Castro de Santiago reflectiram e resultaram de várias problemáticas e metodologias diferentes, que culminaram numa intervenção em área baseada nas propostas metodológicas de P. Barker e de E. Harris (Idem, ibidem: 10, 11). As escavações iniciaram-se em 1988 e prolongaram-se por sete anos (no total de oito campanhas de escavação), sendo feita uma última intervenção em 2004 (foram

definidos outros sectores para serem intervencionados, mas não serão incluídos neste estudo).

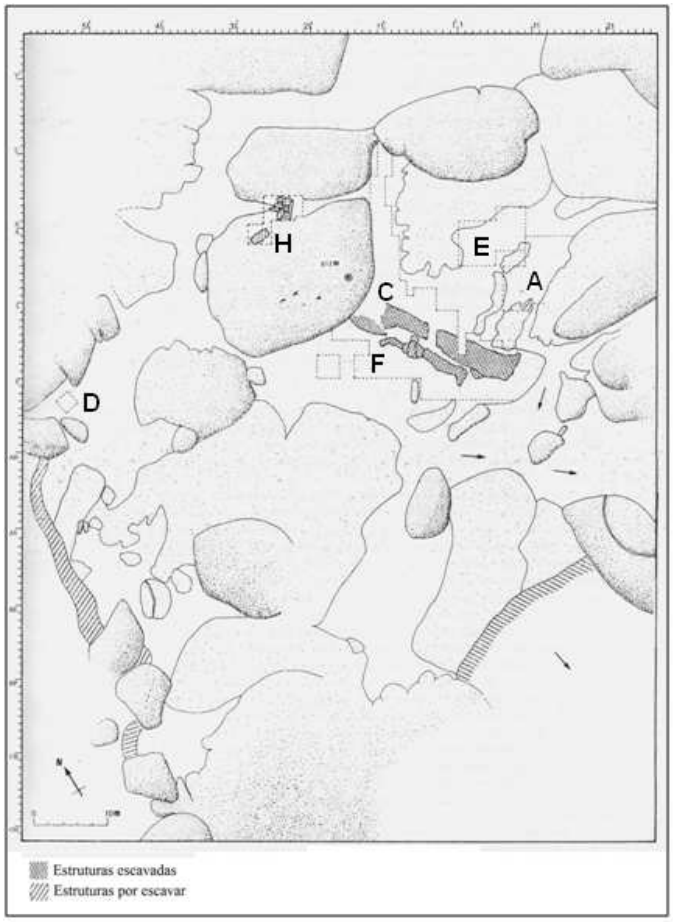



**Figura 4**: Planta geral do sítio apresentada na obra de 1997, com a localização dos sectores escavados (A, C, D, E, F, e H) (mapa retirado de Valera, 1997: 31).

As intervenções realizaram-se através da escolha de sectores e incidiram sobretudo no chamado recinto norte (ver Figura 4) (visto como um recinto interior), bem como no espaço exterior imediato às estruturas "amuralhadas" que delimitam este recinto. Iremos focar os Sectores A, C e E por ter sido neles que o investigador apontou a presença de "elementos de tear" (identificados como "pesos"). Também é dito que estes foram encontrados no recinto exterior, mas não há mais nenhuma informação sobre isso.

O Sector A (VALERA, 1997: 34, 35) localiza-se na extremidade leste do recinto norte (ver Figura 4) e é delimitado por afloramentos do granito de base. Nele foram identificadas quatro fases, apesar de só descrevermos duas delas: sobre uma fina camada "*arqueologicamente estéril…*" depositou-se uma outra, representada por dois níveis: um primeiro, composto por uma camada (UE18), que assentava noutra (UE14),

envolvia um pequeno alinhamento pétreo (UE19), bastante destruído, bem como cerâmica manual e elementos líticos. Estes vestígios foram associados a uma primeira fase de ocupação (fase I).

Depois deste nível, foi reconhecido um segundo (que corresponde à segunda fase de ocupação: fase II – ver Anexo 4, Figura 1), consubstanciado num solo de ocupação que abrangia quase toda a área escavada do sector, e que era composto por uma camada (UE5). Na metade Sul, esta camada integrava o que se identificou como uma estrutura de cabana (cabana 1), e também o derrube (UE4) de uma das estruturas de reforço das paredes. No "exterior" da cabana verificou-se que o solo de ocupação assentava directamente sobre os vestígios da fase I, e parcialmente sobre a camada UE14. No "interior" da mesma foi identificado um nível de ocupação que assentava sobre uma camada com um elevado grau de compactação (UE8), e sobre a qual estavam algumas das estruturas que compunham a cabana 1. Identificou-se esta camada como tendo origem humana, *"… com o objectivo de criar um piso de terra habitável…"*.

Na camada UE5, relacionada com a fase II de ocupação, foram descobertos vários materiais cerâmicos, tanto no espaço "interno" como "externo" da cabana 1, entre os quais destacamos um "peso" sem decoração, com forma paralelepipédica e com vestígios de duas perfurações (Idem, ibidem:34, 35; VALERA; ESTEVINHA, 1993: 24, 25) (ver Anexo 4, Figuras 2, 3, 5, 6 e 7). Na interpretação que se fez dos vestígios encontrados em associação com a cabana 1 sugere-se que eles são o resultado de sucessivas acumulações e que representam *"…actividades de carácter doméstico"* (VALERA,1997:131). Juntamente com os "pesos", foram descobertos vários recipientes cerâmicos e materiais líticos, tais como núcleos, bigornas, lâminas, pontas de seta, moventes, entre outros (segundo a terminologia usada pelo investigador na obra).

Por sua vez, o Sector E (Idem, ibidem: 35) localiza-se no centro do recinto interior (ver Figura 4 e Anexo 4, Figuras 2 e 8), e porque a sua potência estratigráfica diminuía na direcção Sul, identificou-se uma diáclase no substrato rochoso. A fase mais antiga (UE108) corresponde a uma camada de terras compactas, sem vestígios arqueológicos, que preenche a diáclase, e a transborda, formando uma camada mais espessa na direcção NE. No interface entre esta e a segunda camada foram recolhidos carvões. A segunda camada terá sido um solo de ocupação (UE105), pois foram recolhidos materiais arqueológicos, sobretudo cerâmica. Foi igualmente identificada uma estrutura pétrea (UE110), que seria, segundo o investigador, uma eventual cabana. Sob a UE105 estaria um segundo solo de ocupação (UE103), o qual incorporava

abundantes pedras de pequenas dimensões, e onde foi visível uma estrutura de tipo empedrado (UE104) que parecia aproveitar parcialmente a estrutura UE110. Neste segundo solo de ocupação foram recolhidos abundantes materiais, entre eles "pesos" (ver Figura 3 do Anexo 4), "…*exclusivamente atribuíve*[is] *ao Calcolítico*…" (Idem, ibidem), o que levou A. Valera a corresponder este solo à II fase de ocupação (ver Figura 1 do Anexo 4).

O Sector C (Idem, ibidem: 41, 42) corresponde a um espaço interior (ver Figura 4, e Anexo 4, Figuras 2 e 9), localizado perto do que foi identificado como uma muralha (em 1997) e perto de uma depressão de sedimentação, delimitada por grandes penedos, que se situa no extremo oeste do recinto norte. Este foi o sector com maior área escavada, no qual se reconheceram quatro fases. Destas, descreveremos as que são de interesse para este trabalho (a fase I e a fase II): sobre um primeiro nível seguiu-se um solo de ocupação (que seria a fase I) do primeiro momento de ocupação do sítio. O solo (UE54) era constituído por uma camada de terra relativamente compacta, que a Sul assenta sobre uma camada estéril, e que a Norte se sobrepunha ao substrato rochoso. Por isso, é a Sul que as camadas eram mais espessas, tendo sido a Sudoeste que se recolheu uma grande quantidade de materiais. Nesta área foram identificadas várias estruturas: *"…um lajeado (UE61) anexo à muralha, um aglomerado de pedras pequenas, algumas fracturadas pelo calor (UE53) e, como que limitando este espaço a Norte, um pequeno alinhamento pétreo (UE55)."* Perto deste alinhamento encontrou-se uma grande concentração de casca de árvore carbonizada.

Sob um dos grandes penedos havia uma acumulação confusa de pedras de dimensões pequenas, seixos, pequenos carvões e muitos fragmentos cerâmicos. Esta realidade foi interpretada como uma possível pequena lixeira (UE47). Sobre este nível, e sobre a rocha de base na parte Norte do sector, definiu-se um segundo solo de ocupação (UE40), que foi correlacionado com a fase II de ocupação (ver Figura 1 do Anexo 4). Este solo, de compactação média, apresentava vestígios de derrubes (UE48) a Sul e ao longo da "muralha", que pertenceriam a esta estrutura, e entre os quais se recolheu um elevado número de materiais que, segundo o autor, confirmam uma ocupação sobre os derrubes. Para Norte, o solo integrava algumas estruturas, identificadas como os vestígios de uma cabana (denominada cabana 3) e de um alinhamento pétreo, em cujo prolongamento surgiram uma série de fossas e buracos (UE 49 a – 1), que aparentavam formarem uma estrutura no seu conjunto (estrutura indeterminada 3).

A fase I de ocupação foi correlacionada com um solo e com uma grande concentração de materiais diversos: *"… foi ali que foi recolhida a quase totalidade dos pesos de tear, sugerindo uma área de tecelagem; foi ali que surgiu a maioria das pontas de seta; foi ali que se verificou uma grande concentração de elementos de moagem, sugerindo uma área de moagem; foi ali que surgiram os fragmentos do grande vaso de armazenagem, sugerindo uma área de armazenamento; era ali que se concentravam as lamelas, as lâminas, os núcleos e as bigornas, os utensílios de pedra polida, assim como os lingotes e polidores, sugerindo uma área de fabrico de instrumentos"* (Idem, ibidem:129; cf.135-140) (ver Figura 3 do Anexo 4). De facto, e como A. Valera argumenta, isto equivaleria a um espaço multifuncional, onde seria demonstrada a *"… ausência de uma segregação espacial de actividades no interior do recinto,* [o que] *não implica a inexistência de especialização nas actividades que aí decorreram de forma sequencial ou alternada"* (Idem, ibidem: 129).

O investigador manifestou, em 1997, um interesse em definir zonas onde seriam exercidas determinadas actividades especializadas (entre elas a tecelagem), perceptíveis pelos vestígios materiais. O estudo da distribuição espacial assumiu, pois, uma grande importância para o esclarecimento e identificação das zonas onde essas actividades decorreriam: *"Não tendo sido possível identificar qualquer estrutura passível de ser relacionada com a actividade de tecelagem, a distribuição espacial dos fragmentos recolhidos poderá igualmente permitir algumas inferências. Na primeira fase de ocupação, 7 dos 11 fragmentos recolhidos concentravam-se numa área de 4m$^2$ no lado oeste do recinto, com diferenças altimétricas entre si pouco significativas, o que sugere a possibilidade de ter existido, em determinado momento, uma área de tecelagem naquela zona do povoado."* (Idem, ibidem: 131) (ver Figura 3 do Anexo 4). Na segunda fase, foi também identificada uma outra concentração que poderia corresponder a uma área de tecelagem, ou que poderia resultar de perturbações tafonómicas durante a vida no sítio (Idem, 2007: 414). Ao comparar a Figura 3 do Anexo 4 com esta descrição verifica-se, porém, que somente 10 "pesos de tear" são assinalados para a fase I, enquanto que para a fase II se assinalam 12 (cf. Idem, 1997: 136).

A. Valera considerou estar perante um espaço onde as várias actividades se "misturariam" de tal forma que não seria possível, pelos vestígios, definir com alguma exactidão quais as "zonas próprias para cada actividade". E acrescenta que, apesar de se reconhecerem actividades, *"… a existência de áreas especializadas e a existência de especialistas …"* (Idem, ibidem: 129) não estão necessariamente implicadas. Isto é,

esclarece-se que podem ser identificadas zonas onde uma determinada acção se desenrolaria com mais frequência, mas isto não significa que houvesse especialistas a desempenhá-la. Embora não se fale em teares (ao contrário de V. Gonçalves), a tecelagem, denotada pelos "pesos", foi considerada como um indício da crescente complexificação económica, social e cultural das pessoas que ali viveram.

A (con)fusão material, indicadora de uma sucessão de actividades, é demonstrada pelo investigador num gráfico de relações altimétricas (cujas observações têm um carácter essencialmente prospectivo, como adverte A. Valera), onde são mencionados cinco "pesos de tear", juntamente com dormentes, moventes, pontas de seta e núcleos (ver Figura 4 do Anexo 4). Com este gráfico, tentou-se demonstrar uma relação espacial e temporal entre os materiais. Como afirma o investigador, não foram identificados pisos de ocupação, mas somente solos, e por isso, os materiais neles recolhidos deverão ser considerados como globalmente contemporâneos, mas não simultâneos. Foram definidos dois planos de deposição, um por moventes e dormentes, e um outro, que seria anterior, definido pelos núcleos e bigornas. Três dos "elementos de tear" estariam relacionados com este momento, e os outros dois com um momento posterior ao segundo plano de deposição (Idem, ibidem: 130).

Paralelamente a este espaço em particular, a descoberta de mais "pesos" noutros sectores do Castro de Santiago é indicada e logo associada à existência de outras áreas de tecelagem. Todavia, não se refere mais nada acerca disto. Na totalidade dos sectores abarcados foram encontrados 31 fragmentos, *"… distribuídos pelas duas fases de ocupação e níveis superficiais, possibilitando a identificação de um número mínimo de 18 artefactos"*. Para além disto, notou-se que *"…os fragmentos de maiores dimensões apontam para uma morfologia paralelepipédica, por vezes com ângulos arredondados, de secções rectangulares, relativamente espessas e plano rectangular alongado, apresentando, com grande probabilidade, quatro perfurações, não sendo de excluir a hipótese de alguns terem apenas duas"*. Foi ainda observado que um dos fragmentos apresenta decoração, constituída por um motivo reticulado, feito por traços incisos. Do total, 11 fragmentos foram encontrados naquela que se denominou de fase I de ocupação, tendo outros 14 sido associados com a fase II, e 5 foram descobertos em níveis superficiais. Um outro fragmento de "peso" proveio da recolha efectuada em 1926 por Monsenhor Pinheiro Marques (Idem, ibidem: 88).

É interessante verificar que se manteve o raciocínio "concentração de pesos/área de tecelagem", e que este foi aplicado aos vestígios encontrados. Todavia, António

Valera reflecte novas preocupações e considerações, por exemplo ao acrescentar que, quando estudou os materiais dos vários sectores, se apercebeu que a sua distribuição espacial nem sempre pode ser considerada um reflexo directo das ocupações humanas, e que se deve ter em conta a possibilidade de alguns materiais, sobretudo os mais resistentes, poderem ter sido reaproveitados em fases posteriores (tal não deve ser impeditivo de se realizarem estudos sobre a distribuição espacial). Partindo desta ideia, pode-se atribuir aos materiais um carácter mais dinâmico, quer nas vivências do passado, quer mesmo nas do presente.

### 4.3. Castelo Velho (Freguesia de Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa)

Coordenadas (JORGE, 2005):

- Latitude: 41º 11’ 33’’ Norte
- Longitude: 7º 11’ 24’’ Oeste (Meridiano Internacional)
- Carta Militar de Portugal, escala 1:25000, folha 140

Em Castelo Velho de Freixo de Numão (situado em Vila Nova de Foz Côa, no distrito da Guarda), as intervenções arqueológicas tiveram início em 1989, sob a forma de curtas campanhas anuais, e continuaram assim até 2001. Neste ano, iniciou-se a escavação total do sítio (que iria durar três anos, de 2001 a 2003), já no âmbito de um projecto de estudo e valorização patrimonial (JORGE, 2005: 228). Este sítio (Figura 5) foi abordado em vários projectos de investigação, e mencionado em muitas publicações.

Contudo, iremos apenas aprofundar a abordagem que Sérgio Gomes fez aos designados “pesos de tear”. Remetemos, porém, para os vários modelos relativos às fases gerais de construção de Castelo Velho, apresentadas na obra de Susana Oliveira Jorge, por possibilitarem um breve enquadramento do sítio (ver Anexo 5, Figuras 1,2,3,4,5 e 6).

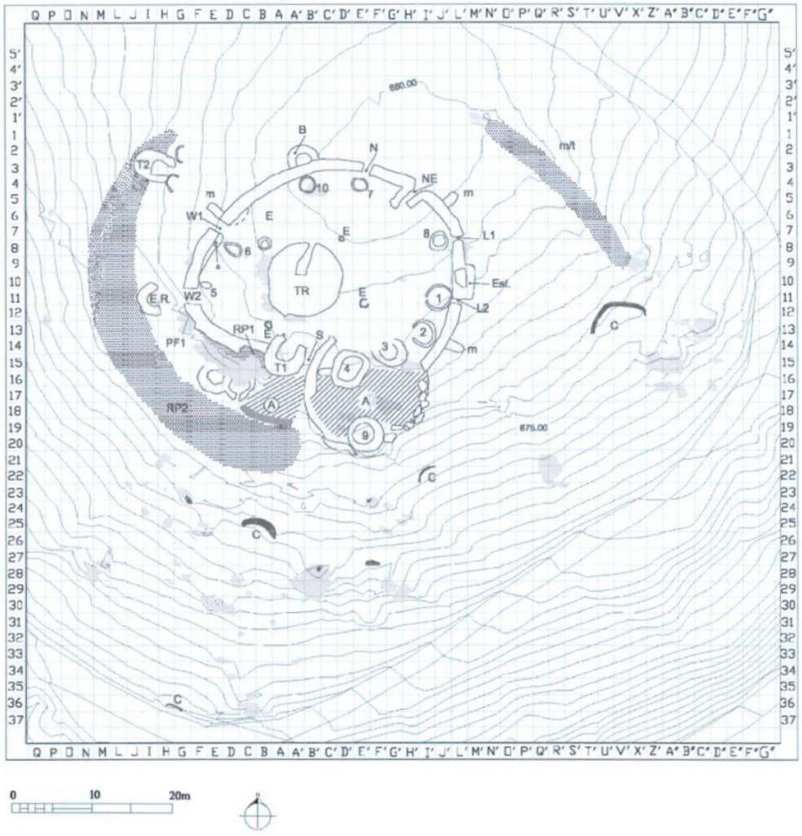



**Figura 5:** Planta de Castelo Velho após a conclusão das escavações (retirada da dissertação de Sérgio Gomes).

Sérgio Gomes estudou, no âmbito da sua dissertação de Mestrado (2003), os "pesos de tear" recolhidos nas escavações de Castelo Velho. Neste estudo, o investigador partiu da relação "pesos de tear – tecelagem". Mas, ao confrontar-se com os vestígios, e por ter considerado seguir uma abordagem diferente dos autores anteriores, verificou que esta relação não parecia evidente em todas as situações. Gerou-se uma problemática que abriu caminho para uma interpretação diferente destes materiais, sendo este um dos estudos fundamentais para o próprio trabalho de investigação aqui apresentado. O investigador pretendeu inferir acerca da prática da tecelagem a partir da identificação e caracterização de correlações entre alguns materiais (relacionados com possíveis papéis na tecelagem) e os espaços onde tinham sido encontrados. Para conseguir atingir os seus propósitos, foi escolhido como método a definição de contextos, tendo em conta a relação entre a distribuição espacial destes materiais, uma tipologia criada a partir deles, e o espaço onde se inseriam. Como se considerou que a imagem resultante desta distribuição podia não traduzir nenhuma intencionalidade ou nenhum padrão especial, atribuiu-se igualmente importância ao número de "elementos de tear" por camada e à sua categoria (apesar de haver a

possibilidade da imagem vertical criada poder estar distorcida devido a fenómenos pós-deposicionais) (GOMES, 2003: 93).

Foram seguidos três parâmetros, que se relacionaram com: a localização e a composição dos "pesos"; as questões técnicas que surgiram quando se procedeu à análise tipológica e aquando da inferência de actividades; e finalmente a associação entre os contextos e o sítio em geral. Para a presente investigação, iremos dividir em três grupos os contextos identificados por Sérgio Gomes, focando-se dois em específico: o contexto fechado da "estrutura com ossos"/ "estrutura ritual" e o conjunto de 27 "elementos de tear" encontrado numa zona escavada no substrato rochoso. No terceiro grupo mencionaremos alguns dos restantes contextos por ele estudados.

### 4.3.1. Contexto fechado da "estrutura ritual com ossos humanos"

Esta estrutura localiza-se na segunda «rampa», a Oeste (Quadrícula I11), e foi datada da segunda fase construtiva, durante a qual se construiu todo o dispositivo arquitectónico. Nela foram identificados cinco níveis (três momentos) de deposição de várias materialidades: o primeiro (ver Anexo 5, Figura 7) corresponde a um momento fundacional, identificado pela deposição no lado Norte da estrutura (e sobre um piso em argila) de fragmentos cerâmicos, fragmentos de ossos humanos (axial e apendicular), fauna (*ovis* ou *capra*) e três "pesos" (dos quais dois são tidos como unidades, e o terceiro como um fragmento). Num segundo momento (ver Anexo 5, Figura 8) criou-se um "nicho" no interior da estrutura com pedras de dimensões médias e um fragmento de um moinho manual. No seu interior, identificou-se uma inumação de um indivíduo, acompanhado pelos mesmos materiais já referidos (entre eles, dois "pesos"). No espaço exterior ao "nicho" voltam a ser encontrados materiais cerâmicos, um pequeno vaso inteiro, fauna, e sete "elementos de tear". O terceiro momento (ver Anexo 5, Figura 9) é associado à colocação de lajes alongadas de xisto azulado, que ocultaram a delimitação do "nicho" mas que não se sobrepuseram à área nuclear de deposição dos ossos humanos. Foram identificados vários tipos de materiais semelhantes aos já mencionados, entre eles dois "elementos de tear". No mesmo nível, e sobre as lajes, foram descobertos os últimos quatro "elementos de tear" que apareceram em associação com esta estrutura. No momento seguinte (momento IV), a estrutura foi "fechada" através da colocação de grandes pedras de xisto, alinhadas de sul para norte, tendo sido posteriormente ocultada (momento V) pela colocação, à superfície, de pedras de médias e pequenas dimensões (JORGE, 2005: 97-101).

No estudo deste contexto, S. Gomes identificou vários tipos de "elementos de tear", salientando a sua integridade física num universo composto maioritariamente por "fragmentos". Afirmou-se que todas as materialidades se assumem como unidades autónomas e "*… devem ser encarados como elementos que participam numa manipulação simbólica de ossos humanos."* (Idem, ibidem: 124). Tradicionalmente, os materiais aqui identificados mais depressa assumiriam o estatuto de "deposições" com carácter "simbólico" do que noutros contextos, pela presença específica dos ossos humanos. Mas destaca-se uma ideia importante apresentada: S. Gomes reflectiu sobre o carácter que os "elementos de tear" encontrados noutros contextos e noutras situações poderão ter assumido, sugerindo que, neste caso, eles poderiam, de facto, ter sido depositados e ser-lhes atribuído um "carácter simbólico". Alarga-se, assim, o conceito de "deposição" para materiais usualmente não associados a tal, e verificou-se que estes "elementos de tear" participaram na manipulação dos ossos humanos.

Ao mesmo tempo, questionou-se a sua "função", que deixa então de ser a que geralmente lhes é conferida na sua associação à prática da tecelagem. Esta reflexão do investigador segue uma dúvida levantada por S. O. Jorge (1998) na sequência do estudo da "estrutura com ossos humanos", que consideramos fundamental: "*… fora desta estrutura ritual mais evidente, em todos os contextos do sítio onde ocorrem pesos de tear ou fragmentos de vasos cerâmicos, eventualmente associados a fauna, mas onde não surjam ossos humanos, tais materiais estarão sempre destituídos de uma «função ritual»? Como identificar, num contexto arqueológico, uma «função ritual» quando ela não é obviamente sugerida pelas materialidades em estudo?*" (JORGE, [1998] 2005: 103).

Pôs-se em causa o facto de identificarmos determinadas situações pela presença de certos elementos e pela conotação que lhes atribuímos, o que permitiu igualmente questionar a interpretação dos "elementos de tear" enquanto vestígios de uma única vivência.

### 4.3.2. Conjunto de 27 "elementos de tear" encontrado numa zona escavada no substrato rochoso

Foi identificado um grupo de 27 "elementos de tear" e um disco de xisto (Quadrícula E10), distribuídos sem aparente organização numa zona escavada no substrato rochoso, e em associação com um buraco de poste (ver Anexo 5, Figuras 10 e 11). Susana O. Jorge (1993) levantou a hipótese de estes serem, talvez, restos de um tear vertical. Assim, S. Gomes partiu desta hipótese e analiso-a: primeiro, refere que, pelos dados disponíveis, seria muito difícil referir a organização da urdidura. Por outro lado, do ponto de vista da mecânica, seria um tear onde poderiam ser utilizados em simultâneo "placas" e "pesos" (foram os "elementos de tear" identificados neste espaço), alargando a possibilidade de organizações da urdidura. Poder-se-ia estar perante uma situação de abandono, desconhecendo-se se seria um caso de tear caído *in situ* (fazendo com que os "elementos de tear" que caíram aí ficassem) ou estar perante uma zona de armazenamento (estas são as hipóteses apresentadas por E. Barber, e seguidas por S. Gomes) (GOMES, 2003: 126).

Apesar de se ter considerado a existência de um tear, o autor refere que, pelo registo arqueológico, não é possível perceber se o conjunto encontrado corresponde a "elementos de tear" que foram utilizados num tear. Somente se pode pressupor a eventual utilização neste mecanismo, porque o que se vê decorreu do seu abandono: "*O registo arqueológico supõe por indução o primeiro cenário, mas regista apenas o segundo, desconhecendo os processos que lhe subjazem …"* (Idem, ibidem:127). Além disto, realçou-se que, apesar de se considerar a existência de um tear, não se conseguirá saber se os "elementos de tear" apresentados terão sido usados todos juntos no mesmo tear. A ligação a um tear é feita, em parte, pela associação do conjunto de materiais com o buraco de poste, pois *"…caso essa associação não for considerada, a localização do conjunto no interior de uma fossa remete para um contexto de armazenamento."* Ou seja, está-se perante algo que estrutura o espaço e que, por isso, pode ser considerado como um condicionador de comportamentos. A presença do buraco de poste, e a associação feita com ele, dita a significância atribuída ao conjunto (Idem, ibidem: 128).

A hipótese desta realidade remeter para a existência de um tear partiu da associação entre os "elementos de tear" e a tecelagem. Por isso, foi proposto um outro exercício: partir dos "elementos de tear" enquanto marcadores e modeladores do espaço, sem os ligar a uma determinada actividade. A presença física deste conjunto perto da Estrutura S, interpretada como um espaço que remete para uma *"representação*

*simbólica do armazenamento de cereais"* (Idem, ibidem: 125), leva o autor a considerar se a presença dos "elementos de tear" pode indicar uma conexão com a representação da tecelagem, ou pode mesmo denotar uma transfiguração de sentidos.

Dada a impossibilidade de se chegar aos seus significados, o autor sugeriu que lhes fosse atribuído um sentido através da análise das suas conexões espaciais, focando-se, então, o estudo da distribuição espacial e das relações entre as estruturas e os materiais encontrados. Na sequência disto, foi notado que a esta concentração particular estão contíguas quadrículas onde a frequência de "elementos de tear" e de materiais líticos é elevada. Tradicionalmente, esta realidade seria associada a actividades e tarefas inseridas em domínios socioeconómicos. Mas Sérgio G. realçou que nem sempre o modo como os materiais são encontrados denota alguma semelhança com o modo como eles se relacionavam com a(s) actividade(s) em que participavam. Ou seja, a presença dos "elementos de tear" pode nem sempre mimetizar as actividades à qual eles estariam associados.

### 4.3.3. Outros contextos onde apareceram "elementos de tear" em Castelo Velho

No estudo dos restantes contextos onde apareceram "elementos de tear", Sérgio Gomes seguiu a ideia de que os "elementos de tear" adquirem os seus sentidos consoante os cenários onde estão presentes. Por exemplo, a concentração da Quadrícula C8 também pode ser entendida como um condicionador de comportamentos, na qual os elementos estão conectados entre si e podem ser manipulados como parte de um tear ou como realidades independentes. Foi também sugerido que este conjunto se pode inserir numa "representação" do armazenamento, diferindo então do armazenamento propriamente dito.

Por outro lado, na concentração da Quadrícula E'16, a descoberta de quatro "elementos de tear" (entre outros materiais) em associação com o início da construção de uma estrutura levou o investigador a considerá-los como materialidades ligadas a processos de organização e/ou marcação do espaço, o que significa que não devem ser tomados como indício da prática de tecelagem. Esta leitura também se aplica aos "elementos de tear" na Quadrícula C6, encontrados (juntamente com outros materiais) num nível ligado à condenação de uma entrada. Por isso, nem sempre a ocorrência destes materiais indica uma conotação com a prática da tecelagem, como se verificou similarmente na situação dos "elementos de tear" das Quadrículas L'8 e L'9, e da

Quadrícula C'27. Aquando do estudo da sua distribuição espacial, S. Gomes identificou outros contextos: por exemplo, identificou-se um conjunto de "elementos de tear" que se distribuía por várias quadrículas que englobam a estrutura do Recinto (em redor do seu limite Norte). Perto desta área foi descoberta uma zona de violação na qual também se descobriram "elementos de tear". Perante isto, o autor questionou se este cenário podia ter sido o resultado de sucessivas deposições associadas ao Recinto.

Constataram-se, então, situações muito diversas que, como refere S. Gomes, o levam a sugerir diferentes papéis desempenhados pelos "elementos de tear". E como foi dito, a sua manipulação afecta tanto a disposição espacial como o sentido, pois *"… os pesos são sujeitos a esquemas de significações que podem alterar o significado atribuído por uma visão mecanicista"* (GOMES, 2003: p. 136).

Em comparação com os anteriores autores e estudos, esta investigação focou de forma diferente os materiais e os contextos a eles atribuídos, concluindo-se que os "elementos de tear" podem ser vistos como:

- elementos relacionados com aspectos da tecelagem, ou melhor, da *representação* da tecelagem;
- elementos depositados em associação com acções fundacionais, acções de construção/manutenção e/ou de "condenação" de estruturas;
- elementos ligados a formas de marcação e organização do espaço e presentes no interior e em redor de estruturas;
- elementos depositados em associação com acções de manipulação de ossos humanos e de outros materiais (Idem, ibidem:134-137).

Analisando os três estudos mencionados, notamos que a atitude dos investigadores perante materiais semelhantes foi mudando: nas duas primeiras obras, os "elementos de tear" eram conectados com a prática da tecelagem, independentemente da sua posição e da relação com outros materiais. O mesmo se notou para a maior parte das propostas feitas na arqueologia portuguesa, que associaram os "elementos de tear" à prática da tecelagem, e procuraram espaços relacionados com esta pelo aparecimento dos "pesos", "placas" e crescentes". A. Valera, mesmo com a apresentação de mais dados em comparação com Santa Justa, não questionou a atribuição de um único sentido. Sem dúvida que os objectivos e os métodos de estudo eram diferentes. Mas há de facto uma mudança com a investigação de Sérgio Gomes, que assumiu ter

desenvolvido um estudo contextual. Apercebemo-nos que os sentidos atribuídos aos "elementos de tear" passaram a surgir das relações que foram estabelecidas com os outros vestígios materiais, e não de uma ideia construída *a priori* e posteriormente aplicada durante a escavação. É durante esta prática que se salientam realidades que permitiram a *construção* de vários contextos por parte dos investigadores. Além disso, dada a sua particularidade, o desempenho dos "elementos de tear" passa a estar vinculado a certos espaços, e não pode facilmente ser aplicado a outras situações.

Decidimos então proceder a um estudo contextual dos "elementos de tear" de Castanheiro do Vento. Contudo, antes disso, consideramos necessário entender como se definem os contextos, e o que eles são. Como se sabe que materiais associar aos mesmos contextos e que conjuntos formar, por exemplo? Se, de facto, o sentido dos materiais pode variar consoante os contextos, a definição do que estes são torna-se fundamental para o processo de escavação e interpretação.

# CAPÍTULO 5: A ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA E O "CONTEXTO": BREVES CONSIDERAÇÕES

Com o intuito de se criarem algumas ideias sobre o que são os contextos e do que trata um estudo contextual, considerámos necessário focar algumas perspectivas que marcaram, do nosso ponto de vista, o estudo dos materiais e dos espaços aos quais foram associados. O nosso objectivo não é aprofundar o assunto (especialmente numa investigação condicionada por um limite de páginas), mas sim criar uma base de apoio para o estudo dos "elementos de tear" de Castanheiro do Vento.

## 5.1. O contexto nas perspectivas do "Histórico-Culturalismo" e da "Nova Arqueologia"

Anteriormente aos anos 80, a noção de "contexto" não era fundamental no estudo dos vestígios materiais. Nas primeiras décadas do século XX, o interesse pelo passado advinha dos crescentes nacionalismos, que fomentavam a pesquisa pelas "origens" de cada estado, uma vez que a mudança social, cultural e política era acompanhada de uma certa nostalgia, e mesmo melancolismo, por tradições em rápido desaparecimento (BUCHLI, 2002: 8). Procurava-se produzir narrativas sobre o passado (mais concretamente em relação à Pré-História europeia), apresentado como se fosse um complexo mosaico de culturas, cujas mudanças artefactuais/culturais se explicavam pela difusão e pela movimentação das populações (TRIGGER, [1989] 1992: 163, 164).

Os vestígios materiais eram enfatizados como se reflectissem directa e passivamente tradições concretas e organizações sociais, e a sua presença expressava a existência, no passado, de grupos étnicos definidos e uniformes, com limites geográficos e temporais delimitados, que falariam a mesma língua e teriam um sentido de identidade comum, com filiações sociais e políticas (Idem, 1968: 529; VALERA, 2007: 542). Considerava-se que uma "cultura", enformada por certos tipos de materiais, correspondia a um povo. Por isso, os investigadores procuravam construir cronologias (relativas), enquadrar os vestígios e agrupá-los em "pacotes artefactuais", através de tipologias, para depois serem associados a grupos culturais. Perceber o significado dos materiais não era o objectivo (HODDER; HUTSON, 2003: 95). Por sua vez, o "registo arqueológico" era entendido como um fóssil, e a partir dele identificavam-se fósseis directores que contribuíam para a construção das chamadas indústrias, complexos e

horizontes, o que permitiria o estudo estratigráfico e espacial dos materiais (VALERA, 2007: 407).

Foi Gordon Childe quem revelou a importância do significado funcional dos diferentes tipos de "artefactos" para se entenderem as sociedades passadas e para se tentar perceber a vida das pessoas e a sua distribuição geográfica: ele considerava que as acções humanas significativas ficavam materializadas e que, através dos materiais, se poderiam construir as culturas arqueológicas (LUCAS, 2001: 171). As perspectivas funcionalistas que cresceram à volta desta ideia foram-se associando aos estudos que focavam as relações entre as culturas e os seus ambientes naturais, bem como com a criação e uso dos "artefactos" (TRIGGER, [1989] 1992: 269).

Nos E.U.A., a visão funcionalista já era aplicada desde o século XIX, e os materiais eram descritos e analisados segundo categorias funcionais. Durante os anos da Grande Depressão, as escavações em área ajudaram a reactivar o interesse pela análise funcional, mas desta vez os arqueólogos focaram mais os modelos arquitectónicos e as plantas dos povoados, e com estes a distribuição artefactual ganhou um novo significado (Idem, ibidem: 255). Assim, um conjunto artefactual era visto como uma mensagem do passado, que somente conseguiríamos entender se reconstruíssemos a ordem ou a estrutura da acção humana que permitiu a criação dos materiais. Pensava-se que a ordenação no presente constituía um eco da ordenação no passado, onde as pessoas criavam objectos de formas diferentes de modo a reflectir a sua identidade colectiva. Sem a classificação e ordenação feita pelos arqueólogos, os "artefactos" eram somente matéria e não evidência. Por isso, só agrupando as características morfológicas dos materiais em indústrias e culturas, e tendo em conta a sua distribuição é que se conseguia ultrapassar a desordem do passado e reconstruir identidades (que se expressariam através dos conjuntos "artefactuais") (Idem, ibidem: 250; THOMAS, 2004: 211; VALERA, 2007: 543). A proveniência dos materiais era importante para se entenderem as divisões geográficas, mas não para a interpretação dos materiais em si.

Entretanto, foram surgindo algumas críticas a estas visões: Donald Thomson (1939), questionou a associação feita entre diferentes tipos materiais e grupos culturais distintos, ao fazer um estudo etnográfico sobre um grupo de Aborígenes australiano que utilizava conjuntos diferentes de materiais quando exploravam áreas diferentes (TRIGGER, [1989] 1992: 250). Com base nisto, pôs em causa a etnicidade como um dos conceitos centrais no estudo do passado. Por sua vez, W. Taylor alertou para o facto da maior parte dos arqueólogos tentar unicamente averiguar as distribuições temporais e

geográficas dos materiais, explicando as mudanças culturais através de factores externos ainda em associação com ideias de difusão e migração. Os materiais que não eram considerados importantes não eram descritos ou examinados tão detalhadamente como a cerâmica ou os materiais líticos, e os vestígios de fauna e flora não eram recolhidos ou identificados convenientemente. Mesmo as listas de materiais que deveriam ser elaboradas para se fazerem comparações culturais não eram sempre exaustivas, sendo a comparação feita por presença/ausência de materiais.

Ao notar criticamente estas acções, W. Taylor propôs sob uma perspectiva conjuntivista que, por exemplo, se deveriam fazer não só os estudos inter-sítios mas também intra-sítios, prestando-se atenção às características dos "artefactos" e à forma como estes se relacionavam entre si. A arqueologia seria o método pelo qual se conseguiriam recolher informações culturais (THOMAS, 2004: 67). Além disso, e seguindo Kroeber, Taylor fez uma distinção entre a cultura, como um sistema de ideias, e os "artefactos", como um produto dessas ideias, e não como sendo a cultura em si (TRIGGER, 1968: 532; Idem, [1989] 1992: 258, 259). Isto significava que uma cultura não seria visível no "registo arqueológico", mas somente aspectos dela, materializações que deveriam ser todas recolhidas, bem como informações sobre o seu contexto paleoambiental (Idem, ibidem: 260, 261). O que estava a ser proposto era a necessidade em se usarem os "artefactos" para descobrir funcionalidades, o que não era possível apenas com uma simples localização no tempo e no espaço (SABLOFF, 2005: 160).

Após a Segunda Guerra Mundial, a prosperidade e o optimismo que se sentiram nos EUA estimularam o aparecimento de uma perspectiva materialista e a crença de que o progresso tecnológico tinha um papel central para o desenvolvimento do homem. Renasce assim o interesse por um evolucionismo cultural. Desde os anos 50 que os etnólogos L. White e J. Steward materializavam nos seus escritos algumas ideias neo-evolucionistas, e enquanto o primeiro atribuía um determinismo tecnológico à cultura, Steward seguiu uma abordagem mais ecológica e empírica no que se refere ao estudo da evolução cultural. Se um arqueólogo conseguisse reconstruir a tecnologia e o meio ambiente de uma determinada cultura conseguiria determinar as características chave dessa mesma cultura (TRIGGER, [1989] 1992: 271-275).

Nos anos 60, as teorias neo-evolucionistas continuaram a ser exploradas, e uma delas argumentava que as mudanças nas sociedades se deviam a factores fora do seu controlo, que as forçavam a mudar. O homem começava a ser tomado como um ser

passivo e eficiente que tinha que responder a determinadas leis gerais, às quais não podia fugir, nem conseguia controlar (HODDER, 1992: p. 114).

No seu artigo intitulado "The New American Archaeology" (1959), Joseph Caldwell, fez uma reflexão sobre as principais tendências na arqueologia e apontou um crescente interesse por modelos ecológicos. Ao mesmo tempo, definia as "culturas arqueológicas" como sistemas integrados, à semelhança da proposta de W. Taylor, e não somente como uma soma dos tipos artefactuais, admitindo a existência de processos históricos gerais e a diferente importância dos feitos culturais para o desencadeamento das mudanças verificadas. Estas ideias tornaram-se populares, e foi L. Binford quem ficou associado à sua difusão inicial, a partir dos anos 60, identificando-as sob a denominação de "Nova Arqueologia". Esta abarcava um conjunto de perspectivas relacionadas com um pensamento processualista (demonstrado pela ideia de que a cultura era vista como um processo adaptativo) e desenvolvidas num ambiente de crescente optimismo e crença científica. Na tentativa de cortar com a arqueologia "histórico-cultural", Binford pretendeu comprovar as vantagens da nova abordagem, dando a ideia de uma grande ruptura epistemológica com o passado (apesar de terem sido aproveitadas e continuadas algumas ideias que se foram criando desde os anos 30 e que tentavam descobrir uma forma de ir para além da simples recolha de vestígios) (WYLIE, 2002: 31, 34; HODDER; HUTSON, 2003: 21). Apesar disto, a sua rápida difusão traduziu a vontade de mudança da comunidade arqueológica.

Binford propôs que a cultura seria um sistema constituído por subsistemas que se reflectiam na variedade artefactual, e que deveria ser vista através de um estudo sistemático (BINFORD, 1965: 203). Como resultado desta proposta, a cultura foi redefinida como um meio de adaptação extra somático, seguindo as ideias de L. White, na qual o homem participava de formas diferentes no seu mundo (Idem, 1962: 218). A tarefa do investigador passou a ser identificar relações estáveis, regulares e predizíveis nos sistemas que compõem a cultura com o objectivo de expressar as leis gerais dos processos culturais, e compreender o comportamento do homem e a relação entre o ambiente e a cultura (Idem, 1965: 205). Por ser atribuído ao comportamento uma certa regularidade, era possível estudá-lo através de generalizações que envolviam o método hipotético-dedutivo; por sua vez, as leis gerais e os esquemas universais poderiam ser testados porque se consideravam os dados parcialmente objectivos (HODDER, 1991: 12). Era importante que esta objectividade fosse mantida, e por isso as várias teorias dos investigadores, mesmo que tivessem diferentes proveniências, não podiam contaminar

os dados recolhidos, pois tal inviabilizaria a possibilidade de se testarem hipóteses (Idem, 2003: 207).

Paralelamente, estabeleceu-se uma relação entre o comportamento e a "cultura material", que passou a ser vista como um reflexo/produto passivo do sistema sociocultural em que se inseria, e considerada um interface que ajudava o homem a adaptar-se ao seu ambiente social e aos recursos ecológicos envolventes. Por ser um meio de adaptação, ela tinha sempre uma função, quer fosse utilitária, quer fosse social, e representava a estrutura do sistema cultural a que pertencia. Em relação aos vestígios, Binford considerava que, por poderem ter funções distintas, deveriam ser tratados de formas diferentes (BINFORD, 1962: 217, 218). Mais concretamente, o investigador propôs que a "cultura material" estaria associada a três contextos ou subsistemas funcionais primários, o social, o tecnológico e o ideológico, estando as características estilísticas presentes em todos eles. A relação desses sistemas com a estrutura formal dos conjuntos artefactuais possibilitava obter uma imagem do sistema cultural total, prestando-se atenção às funcionalidades dos materiais e não tanto aos significados culturais a eles atribuídos (ver Idem, ibidem: 219, 220).

Ao contrário da sugestão que associava a variabilidade material a diferenças étnicas, Binford argumentava que essa variabilidade poderia ser reconhecida e dividida, sob um ponto de vista funcional, entre variedade funcional primária e funcional secundária, relacionadas com a função específica do artefacto e com a função estilística, respectivamente (esta última considerada como um produto do contexto social) (BINFORD, 1965: 206). Geralmente, o significado dos materiais era estudado através de considerações técnicas ou utilitárias (SHANKS; TILLEY, 1987: 88), e a sua variedade formal, vista como o resultado de adaptações ao ambiente, sinais de intensificação económica e de complexidade social, não teria apenas um único significado no seu contexto funcional (BINFORD, 1965: 206; HODDER, 1999: 153). Como tal, considerava-se possível saber o que a "cultura material" significava e o que reflectia em qualquer situação (HODDER; HUTSON, 2003: 4).

Os objectivos da arqueologia passaram a ser identificados com os da antropologia, e o importante era explicar, e não somente descrever, as diferenças e semelhanças visíveis no comportamento cultural, pressupondo-se uma preocupação com os processos e causas de modificação dos sistemas (BINFORD, 1962: 217) e a explicação das suas estruturas e dinâmicas (WYLIE, 2002: 10). Apesar de se reconhecer a possibilidade de invenção e inovação humana, julgava-se que estas não teriam força

suficiente para desencadearem mudanças importantes, e que seriam impulsionadas por factores externos. À semelhança de Clark e Taylor, insistiu-se que as mudanças ocorridas deveriam ser entendidas em referência aos sistemas culturais em si (TRIGGER, [1989] 1992: 277) e tidas como adaptações. Se não ocorressem mudanças, as culturas ficariam estáticas.

Por sua vez, o "registo arqueológico" não tinha significado, e a única forma de o estudar era dar-lhe significado e entendê-lo, dado que ele estava selado e sem contacto com o presente, nem com o passado (THOMAS, 2004: 72). As evidências arqueológicas seriam compostas simplesmente por padrões e arranjos de materiais, e que uma vez separados do seu contexto original, também perderiam o seu significado. Com a Nova Arqueologia surgiram menções aos contextos, mas somente como algo que permitia aos investigadores responderem a questões sobre problemáticas sociais e funcionais dos materiais. Como a explicação passou a ser menos centrada nos objectos em si e mais num contexto de componentes inter-reagentes, o espaço passou a ser fundamental (JORGE, 2003: 859), o que foi, de certa forma, demonstrado pelas descrições e intenções apresentadas por V. Gonçalves e também por A. Valera.

A Nova Arqueologia não constituiu uma perspectiva estável: nos primeiros anos, Binford reconheceu que um dos maiores erros terá sido tentar formular ideias do passado testando-as nas evidências encontradas no presente (THOMAS, 2004: 70) À medida que o investigador se apercebeu disto, tentou ultrapassar a barreira que considerava existir entre os processos dinâmicos do passado e os vestígios estáticos do presente (Idem, ibidem: 72), partindo da consideração de que os vestígios materiais deixavam de ter significado após a separação do seu contexto cultural original. Assim, para conseguir interpretar realidades observadas no "registo arqueológico", e com o intuito de restituir significado aos materiais, Binford propôs a aplicação da chamada "Middle Range Theory". Esta focava precisamente a relação entre o passado dinâmico e as condições estáticas dos vestígios no presente. Partindo de dados etnográficos, ela possibilitaria estabelecer relações entre o que era observado e o comportamento humano colectivo que poderia corresponder a essa situação mas que não é arqueologicamente perceptível, diminuindo um pouco a ambiguidade pressentida (TRIGGER, [1989] 1992: 31; THOMAS, 2004: 72, 73). Este método complementava-se com o estudo dos processos de formação que levavam à criação do registo tal como é encontrado pelos arqueólogos (SABLOFF, 2005: 162). Mas a influência dos processos pós-deposicionais implicava pensar no registo como algo distorcido e como uma representação estática de

realidades dinâmicas. Além disso, a ideia de que os processos do passado teriam resultados semelhantes em acções modernas era, de certa forma, metafísica, e estabelecer uma ligação entre o presente e o passado foi um dos maiores problemas que a "Middle Range Theory" e também que a arqueologia processual enfrentaram (LUCAS, 2001: 148, 149; THOMAS, 2004:73), especialmente porque mesmo reconhecendo que o passado não é directamente observável, procurava-se alcançar a verdade sobre ele.

Na Europa Oriental, e na mesma altura que a Nova Arqueologia se desenvolvia, a arqueologia soviética propôs uma forma de estudar os vestígios do passado, sendo a primeira a interpretar a história de um ponto de vista do materialismo histórico marxista. Apesar de não ter sido muito conhecida na época, ela exerceu influências importantes nos países com os quais contactou e mesmo não havendo muita troca de informação, verificam-se algumas semelhanças entre certas ideias da arqueologia da União Soviética do início dos anos 30 e outras ideias desenvolvidas pela Nova Arqueologia: por exemplo, ambas partilhavam uma visão evolucionista das mudanças culturais e tentavam perceber as suas regularidades, acreditando que a difusão e a migração eram factores de explicação de menor importância em comparação com os processos internos que provocariam as mudanças. As interpretações funcionais dos "artefactos" foram consideradas de maior relevo para o estudo do passado do que os estudos tipológicos, associados à delineação de cronologias, de limites e de distribuições geográficas (a arqueologia soviética considerava os estudos tipológicos uma forma de ignorar a significância política e social dos dados arqueológicos). Por outro lado, um dos principais pontos de diferença é a situação atribuída ao Homem, como sendo vítima de forças maiores (Nova Arqueologia) ou como tendo o papel central nas mudanças (materialismo dialéctico) (TRIGGER, [1989] 1992: 304, 305).

Uma das noções da arqueologia soviética que salientamos no âmbito deste trabalho é a de que os "artefactos" tinham uma relação com o seu contexto social e eram activos no sentido de participarem no funcionamento do sistema, embora, no geral, esta actividade fosse considerada o resultado passivo de necessidades funcionais. Ao dirigirem a sua atenção para a maneira como viviam as pessoas, os arqueólogos marxistas começaram a desenvolver escavações a grande escala, com base em planos horizontais, e prestaram atenção às zonas de habitação e aos diferentes tipos de materiais associados às estruturas (TRIGGER, [1989] 1992: 192-228; HODDER; HUTSON, 2003: 80).

### 5.2. As arqueologias pós-processuais e o "contexto": breve apontamento

Quando começaram a ser apontadas críticas às ideias da Nova Arqueologia, por se sentir que havia muitas questões que não estavam a ser abordadas, começaram a surgir várias alternativas, cada qual à procura do melhor modo de estudar o passado e umas vezes complementando, noutras criticando, o que ia sendo proposto. Para as designar, usou-se o termo arqueologias pós-processuais, embora esta expressão não transmita a diversidade (por vezes confusa) de perspectivas que são abarcadas. Como não é possível aprofundar o assunto neste subcapítulo, serão referidas algumas das ideias que podem ter contribuído para a formação da noção de "contexto".

Por exemplo, com base nas ideias de Ferdinand Saussure (que argumentou que qualquer palavra podia ser usada para significar o conceito de um objecto, e qualquer objecto ou espaço podia ser usado para significar outras coisas. Cf. HODDER; HUTSON 2003: 63) foram desenvolvidas perspectivas que, no global, procuravam fazer um estudo objectivo das subjectividades sociais /colectivas, porque se considerava que o sujeito analisado era socialmente determinado. A ideia de que o significado era algo que se atribuía ao objecto, e não algo intrínseco a este (THOMAS, 2007: 13), levou C. Lévi-Strauss e outros investigadores a tentar descobrir os códigos que possibilitavam o entendimento da percepção da realidade por parte do grupo observado. Mais concretamente, argumentou-se que os objectos poderiam ser vistos como se estivessem organizados em sistemas de sinais, a partir dos quais adquiriam o seu significado (HODDER, 2005: 190), aceitando-se a existência de estruturas ou modelos de funcionamento inconscientes que regiam esta organização e os fenómenos humanos (ARRIZABALAGA, 2004: 5, 6). Por este motivo, os estudos que procuravam analisar os vestígios materiais desta forma foram apelidados de estruturalistas.

Rivera Arrizabalaga (idem-ibidem) menciona que alguns autores consideram o estruturalismo como uma posição intermédia entre a Nova Arqueologia e algumas das muitas perspectivas abarcadas pela "abordagem pós-processual". Apesar de isto não ser assim tão linear, o que se realça no estruturalismo (para este trabalho) é a sua contribuição para a noção de que a cultura é constituída por significados, entendidos por alguns como uma estruturação de ideias e símbolos (HODDER; HUTSON, 2003: 156; 164), e a constatação de que um significado surgia através do conhecimento de como as coisas funcionavam em conjunto, e não conhecendo as coisas isoladamente (BARNARD, 2004: 120).

A noção de que se conseguiria saber mais ao estudar conjuntos de vestígios foi sendo enformada por vários investigadores em alturas diferentes, e com o propósito de se estudarem assuntos diversos. Entre eles, Flannery defendeu, em 1973, que se deveria prestar mais atenção às relações particulares e à interligação das coisas inseridas na sua particularidade histórica, propondo em 1976 uma metodologia que apelidou de contextual, na qual formulava uma abordagem rigorosa e sistemática à interpretação dos materiais escavados (DEMARRAIS, 2005: 107; HODDER; HUTSON, 2003: 170).

Também em 1973, H. Case tentou criar uma ponte entre o estudo dos dados e a formulação de teorias gerais, que seria concretizada através da arqueologia contextual. E como Case comentou, esta deveria ser considerada, em si, uma nova arqueologia. Entretanto, J. Ericson e T. Earle escreviam um livro, em 1982, onde focaram os contextos de produção e consumo nos quais as trocas ocorriam e, no mesmo ano, Butzer tentou aliar o método contextual às abordagens ecológicas ("processuais") do passado (HODDER; HUTSON, 2003: 193).

Karl Butzer afirmava que os ingredientes básicos da arqueologia eram os artefactos e os seus contextos, e que estes podem ter múltiplos significados dependendo de quem os analisa. A palavra em si deriva do latim, do verbo "*contextere*" (BUTZER, 1980: 418), que pode significar entrelaçar, tecer, juntar, ligar, "formar por reunião". Existem outras palavras que derivam desta, como "*contextus*", que pode significar conjunto, reunião, e "*contextio*" que também pode significar acção de formar por reunião. Mas, segundo Butzer, e para a arqueologia, o contexto implicava criar-se uma matriz espácio-temporal que englobasse o ambiente cultural e não cultural, e que podia ser aplicada tanto a um objecto individual como a um conjunto de sítios. Assim, o que ele procurou foi relacionar o crescente interesse pelos contextos com o interesse pelos sítios arqueológicos como parte de um ecossistema do homem, no qual as comunidades interagem e têm estratégias de sobrevivência baseadas na sua adaptação ao meio.

Ao terminar o seu artigo, Butzer argumentou a favor de uma arqueologia contextual que substituiria a antropológica, e que iria complementar as abordagens já existentes, inter-relacionando as interpretações socioeconómicas dos conjuntos artefactuais, os seus padrões e as transformações culturais. Com ela seria possível fazer uma exploração consciente e desenvolver uma abordagem que ultrapassasse as preocupações tradicionais com os artefactos e os sítios isolados e que permitisse construir uma apreciação da matriz ambiental e das interacções por esta potencializadas (Idem, ibidem: 419, 421).

O que se pretendeu trazer com a ideia de contexto não era novidade, pois já Childe, Clark e outros investigadores tinham visto os materiais como estruturados por mais do que necessidades funcionais e como expressões culturais de ideias específicas de cada contexto histórico-cultural. O que se começava a defender era que as acções do homem e a sua adaptação deveriam ser vistas e entendidas como contextuais e historicamente específicas, e que a singularidade das formas culturais devia ser também explicada (HODDER, 1992: 97, 101).

Jonathan Culler, por seu turno, explorou a desconstrução e o estruturalismo, e ao fazer uma análise às palavras e aos textos, abordou os contextos. Ele mencionou que *"…meaning is context-bound but context is boundless"* (CULLER, [1982] 2006: 123). Na sua opinião, o significado dos objectos estaria ligado aos seus contextos e seria por estes definido, mas um contexto em si não tem fronteiras porque, por um lado, pode não haver limites para o que pode ser nele incluído (e é esta abertura que permite reinterpretações) e, por outro lado, porque qualquer tentativa de o fechar, de o codificar, é somente aplicada ao contexto que se procura tratar, ou descrever, havendo sempre um novo contexto que escapa às formulações anteriores. Existe, assim, uma combinação entre significados contextualmente determinados e contextos sem delimitações definidas (Idem, ibidem: 124).

Em contrapartida, Ian Hodder considerou essencial, no seu livro *Symbols in Action* (1982), definir contextos. Inspirando-se também no estruturalismo, a sua preferência por uma abordagem contextual era enformada pela consideração de que a "cultura material" seria composta por significados e que estes, segundo ele, não derivavam apenas da sua produção, mas também do seu uso e percepção, das ideias e conceitos tidos sobre a vida social, bem como da existência de materiais semelhantes dentro de um contexto histórico particular. Mais concretamente, foi reafirmado que os significados não são totalmente arbitrários porque estão ligados a contextos dentro dos quais os objectos formam associações que contribuem para esses significados. Ao opor-se a uma visão mecanicista da sociedade e ao chamar a atenção para a relevância dos factores simbólicos, Hodder tentou criticar as ideias "processuais", mostrando que uma abordagem científica universalizante era inadequada porque tratava os objectos como meros produtos. Assim, ele explicou que a "cultura material" não seria exclusivamente o reflexo da adaptação ecológica, do comportamento ou da organização sociopolítica, mas seria também um elemento activo nas relações entre os grupos e na constituição das

práticas sociais (HODDER, 1992: 11-13; 73; TRIGGER, [1989] 1992: 323; SHANKS, TILLEY, 1987: 85, 107; GUARINELLO, 2005: 20).

O ênfase no contexto levou a que se pudesse dizer que os artefactos podiam ter significados diferentes em contextos variados, porém I. Hodder sugeriu que os significados associados a um contexto poderiam estar ligados, talvez de forma distorcida, aos significados de outros contextos, possibilitando assim uma forma de se interpretar a "cultura material" (HODDER; HUTSON, 2003: 5). Apesar disto, estava consciente dos problemas que envolvem definir as dimensões relevantes das relações contextuais entre os materiais: *"There seems to be no easy answer to this problem, except that it is important to know all the data as thoroughly as possible, and gradually to accommodate theory to data by trial-and-error searching for relevant dimensions of variation, cross checking with contextual information and so on"* (HODDER, 1986:141 IN JOHNSEN; OLSEN, 1992: 425).

Metodologicamente, supôs-se que para se conhecerem os significados dos objectos se deviam conhecer os seus contextos o melhor possível. Por isso, ao contrário dos arqueólogos processuais, que argumentavam ser suficiente analisarem-se algumas variáveis seleccionadas, Hodder defendeu uma arqueologia de carácter interpretativo que visava conhecer a totalidade das dimensões variáveis relevantes à volta de um objecto e de todos os aspectos possíveis de uma cultura, para assim poder compreender o significado de cada parte que a constitui. Além da preocupação pelos factores externos passaram a ser tidos em conta também os factores internos. E um dos impactos imediatos da importância do contexto levou a que deixasse de ser aceite o estudo arbitrário de um só aspecto definido dos dados (TRIGGER, [1989] 1992: 325, 326; HODDER; HUTSON 2003: 188). O autor chega mesmo a dizer que em algumas áreas da investigação, a arqueologia contextual não poderá ser iniciada sem se recolher mais informação (JOHNSEN, OLSEN, 1992: 426).

John Barrett, em 1987, questionou parte da proposta de Hodder, argumentando que o fulcral não estava em ler os significados mas sim em perceber como eles foram produzidos e mantidos (BARRETT, 1987: 472). Posteriormente, também Yates (1990) criticou a proposta de Hodder, apontando que apesar de este referir que os termos e os materiais deviam ser entendidos contextualmente, o contexto vai para além do sistema de diferenças e semelhanças, reforçando o que Culler já tinha apontado: o contexto não é contextualmente definido em si.

Em 1991, Hodder retorquiu que por contextual ele entendia uma análise na qual se tentava "ler" ou interpretar as evidências mais em termos de relações internas do que de conhecimentos externos (JOHNSEN, OLSEN, 1992: 425). Mais concretamente, um contexto foi definido como todo o ambiente relevante no qual se encontram entidades como "artefactos", atributos e conjuntos artefactuais, o que reflectia uma das formas de se pensar em arqueologia durante os anos 80 e 90 (CARDOSO, 2007: 264). O investigador reforçou a ideia de que o contexto era como um conjunto das associações relevantes para o significado de um objecto (todo o ambiente), e que têm uma relação com ele (esta ideia será também apresentada em obras suas posteriores, como em 2003). Para melhor exemplificar isto, foi comparada a "cultura material" a um texto que deve ser descodificado, e por isso o contexto poderia significar "com texto". Os arqueólogos, tal como leitores de um livro, têm o texto, ou parte dele, disponível para ser lido (HODDER, 1992: 73). O objectivo passava a ser ler o registo, interpretar e recuperar os significados dos materiais a partir do seu contexto, bem como descobrir a sua relação com os outros vestígios e aspectos da "cultura material". Assim, o contexto podia equiparar-se às partes de um documento escrito que vêm imediatamente antes e depois de uma passagem, tão conectados com o seu significado que o seu sentido deixa de ser separável.

Mais tarde, em 1995, Buchli viria a apontar que o primeiro grande obstáculo desta ideia era o desentendimento sobre o que significava o "texto" (CHAPMAN, 2003: 30). Apesar disso, e por outro lado, Yates notou que o principal objectivo da analogia textual era mover para lá das noções de uma identidade absoluta e passiva do passado, e mudar a ideia de que os dados são um registo passivo com um único significado. Em vez disto, sugeria-se uma leitura activa e uma análise cuidadosa dos vestígios materiais, cujo significado seria construído e interpretado (e não somente explicado) colocando-os dentro de uma rede de relações, de diferenças/semelhanças e de significantes, que seriam os contextos (YENTSCH; BEAUDRY, 2001: 226; HODDER, 1992: 13, 73, 140; Idem, 2003: 172). Procurava-se, assim, ter em consideração o contexto ambiental e comportamental da acção, colocando os objectos em relação a um todo funcional, e analisar as redes de associações onde eles participavam (DARVILL, 2003: 98). Sobre a importância da funcionalidade dos materiais, Hodder referiu que o seu valor funcional, possivelmente interligado ao seu significado, seria sempre relativo a um dado esquema cultural (HODDER, 1992: 85; Idem, 1994: 50).

É importante mencionar que, nesta altura, Hodder via o significado dos materiais do passado como o que foi escolhido pelo produtor/utilizador. Ele referia que havia dois lados nas relações contextuais: de um lado estava o significado "original", o que se pretendia alcançar, e do outro estava o contexto contemporâneo dos investigadores, para o qual I. Hodder advertiu a necessidade de sermos críticos. Atribuiu-se prioridade ao contexto original e não se considerou tão relevante o contexto e as experiências presentes. Por isso, o seu objectivo com a arqueologia contextual não era tanto "traduzir" o texto mas mais entender as pessoas da Pré-História e desenvolver ferramentas para voltar a capturar a sua concepção do mundo. E a única forma de conseguir chegar a esses significados era conhecer os contextos relevantes e relacionar as várias partes com todo o círculo hermenêutico, dentro do qual os argumentos são construídos pela ida e vinda entre os dados e a teoria. Isto implicava uma forte descrição, mas também generalizações e construções, que tinham de ser interpretadas e acomodadas ao contexto do "outro" (JOHNSEN, OLSEN, 1992: 425, 426; HODDER, 1992: 10, 13; Idem, 2005: 157).

Na mesma época, C. Tilley e M. Shanks, concordaram com a ideia de que a "cultura material" só poderia ser entendida através do conhecimento da sua relação com outras entidades e acrescentaram que os materiais não são representantes do passado, mas sim de significados. Os padrões de distribuição deveriam ser estudados, e construídos, no processo de uma análise interpretativa em que a característica mais importante dos materiais seria serem polissémico. Sugeriram, além disso, que se devia apreciar a *materialidade* do objecto arqueológico, num sentido substancialista, e que estes objectos se assumiam também como uma forma de comunicação, uma espécie de diálogo silencioso e, por isso, um sistema de signos estruturado que devia ser situado e entendido em relação a uma estrutura social (SHANKS; TILLEY, 1987: 60, 97, 98, 101, 102). Porém, estes investigadores não concordaram com a procura pelo significado original defendida por Hodder ao afirmarem que da análise feita ao "registo arqueológico" resulta uma das várias perspectivas possíveis, e como os materiais são interpretados por várias pessoas, não se pode ficar preso na procura de um único significado original. A "cultura material" era vista como um conjunto de conjunções e repetições cujo significado variava entre os diferentes níveis e contextos, e por isso não havia nenhum significado original que tivesse de ser recuperado, uma vez que ele dependia, segundo os autores, da situação social e da posição do indivíduo dentro da estrutura social. Ou seja, nenhuma interpretação sobre o passado pode ser completa. O

artefacto é tanto o ponto de partida como o ponto de chegada, entendido no acto de tradução do "registo arqueológico" (Idem, ibidem: 115-117).

Por seu turno, Harald Johnsen e Bjørnar Olsen observaram que nos textos de Hodder o "contexto" fora usado de forma determinista, reduzindo o possível significado de um objecto à sua condição imediata de origem e ignorando as relações entre o presente e o passado. Além disso, a ideia de que o contexto original era prioritário continuou a ser criticada (por Barrett, Trigger, entre outros) por ser idealista (embora fosse também vista como objectiva, no sentido em que implica que o arqueólogo consiga transcender a sua localização histórica e cultural, libertando-se dos constrangimentos que estes causam, e ter uma mente objectiva).

Segundo Johnsen e Olsen, Ian Hodder acabou por fazer uma conclusão contraditória ao procurar pelo significado original: por um lado, afirmou haver uma relação dialéctica entre o presente e o passado, pois este é interpretado em termos do presente, mas, por outro lado, ele considerou que a subjectividade dos outros objectos podia ser entendida sem influência da nossa própria subjectividade. Mas já Gadamer (1975) tinha referido que as pessoas têm que interpretar o "texto" de acordo com a sua historicidade, e somente assim é que ele será perceptível. Ao desenvolver o pensamento de Heidegger, Gadamer mencionou mesmo que o contexto daquele que interpreta pode afectar a interpretação de uma forma negativa ao ser uma fonte de distorções e preconceitos, e por isso, conseguir uma interpretação correcta depende da habilidade do interpretador em ser capaz de se libertar de preconceitos. Gadamer considerou, então, a localização histórica e a distância entre o que se estuda como pré-condicionantes para o entendimento. Neste sentido, foi na prioridade dada ao contexto do passado que residiu, segundo Johnsen e Olsen, o "erro" da teoria de Hodder nos anos 80 e inícios dos anos 90, pois consideravam que os significados emergem de um jogo contínuo entre o passado e o presente (JOHNSEN, OLSEN, 1992: 425, 426, 429, 430, 432).

O resultado destas propostas e das críticas feitas foi visível em 1992 (no livro Theory and Practice in Archaeology), quando Hodder explorou a noção de que pessoas diferentes no passado e no presente dão significados diferentes ao mesmo objecto, colocando ênfase na leitura dos (con)textos. Indirectamente, deixou de ser apoiada a existência de um único significado original, e defendeu-se que o(s) significado(s) estaria na leitura e interpretação de um contexto, num processo contínuo de mudança e renegociação.

Com o amadurecimento e a junção de sugestões e hipótese provenientes de diversos autores, foram tomando forma perspectivas de cariz contextual que reflectiam mais a relação entre o presente e o passado, o papel das interpretações feitas e a forma como um arqueólogo consegue interpretar. Hodder apontou, em 1992, que *"[o]ur context frames our definition of the archaeological context."* (HODDER, 1992: 184). Em 1990, também Bapty chamara a atenção para o facto da noção de contexto ser constituída por duas componentes: o contexto do presente e o do passado, sendo que há padrões no contexto que pertencem ao passado, mas que depois também são resultado de produções específicas no presente (Idem, ibidem: 141).

Na prática, os estudos contextuais suscitaram várias questões. Por exemplo, Hodder indagou: *"How can we plausibly overcome the opposition and contradiction between past and present, whereby the past is (objectively) separate from but yet is constructed in the (subjective) present?"* (Idem, ibidem: 148). Para solucionar a questão da historicidade e alcançar os significados, ele sugeriu que o investigador teria que adoptar uma mente objectiva que ultrapassasse a distância entre os significados no passado e o entendimento no presente, seguindo a ideia de Dilthey, de Gadamer, mas principalmente de Collingwood.

Collingwood considerava possível existirem indícios que ajudassem no entendimento de um contexto cultural diferente do nosso. E apesar de cada contexto ser único, derivado de uma circunstância histórica particular, poderia haver identidades ou sentimentos em comum com ele. Foi argumentado que cada evento, embora singular, tem uma universalidade na medida em que possuí uma significância que pode, até certo ponto, ser compreendida por todas as pessoas, em todos os tempos. Paralelamente o que um arqueólogo pode fazer é identificar uma reconstrução que faça sentido para ele em termos de coerência interna do argumento e esta estratégia permite pôr em hipótese outras subjectividades e permite-nos diferenciar as teorias. Só que a coerência também se vê na concordância com a evidência, e quaisquer que sejam as convicções dos arqueólogos, estes são constrangidos por ela, dado que deve haver uma correspondência entre ambas. Não se pode impor ideias à evidência material, e mesmo que a interpretação possa mudar ao longo do tempo, os materiais encontrados influenciá-la-ão sempre. Para Collingwood, o passado tem, por isso, alguma autonomia relativamente ao presente (JOHNSEN, OLSEN, 1992: 428).

Dez anos antes, em 1982, Hodder afirmara que era essencial definir os contextos. Contudo, em 1992, ele afirma que os seus limites não são dados. Pelo

contrário, eles devem ser interpretados pelos arqueólogos, e uma vez que muitos autores participam na construção do registo (texto), os diferentes leitores também poderão retirar significados diferentes dele, ou seja, haveria uma infinidade de contextos possíveis. Mais uma vez, reforçou-se uma relação dialéctica entre o presente e o passado, uma relação em constante mudança e movimento, que faz com que cada um dependa do outro para existir, e que implica que as diferentes leituras feitas em diversos contextos possam não ser necessariamente aceites. Ou seja, apesar da multivocalidade, as diversas vozes dos arqueólogos só terão autoridade em relação aos dados que são encontrados (seguindo o que Collingwood já tinha afirmado), mesmo que à partida já se tenham formado algumas ideias, escolhido os critérios para se identificar o que se considera significativo, seleccionado as questões que se colocam e os métodos usados (HODDER, 1992: 73, 144, 145; Idem, 1999: 43, 58; Idem, 2003: 148, 242).

C. Tilley, em 1994, definiu o contexto, e os próprios vestígios que o constituem, como um conjunto de relações a partir das quais são atribuídos significados, sendo esta a sua base para se entenderem os vestígios (TILLEY, 1994: 70). De facto, e noutro tipo de estudo diferente, também António Valera considerou que todos os materiais pertencem a um contexto que lhes confere um determinado significado e que se torna parte integrante deles, a ponto de noutro contexto se tornarem *noutros objectos*. Por isso, e como o autor salientou, a identificação dos dados assume-se como um processo de interpretação, que é, em si, um problema de contextualização derivado de um reorganizar actual do passado (VALERA, 1997: 159).

Mas apesar da advogada importância em se definirem contextos, e se entenderem as relações entre os vestígios, só gradualmente é que eles apareceram nos estudos que procuravam definir zonas de actividades e perceber as funcionalidades dos materiais. Entretanto, Hodder, em 1992, redefinia que *"An archaeology in which an emphasis is placed on the particular way that general symbolic and structural principles are assembled into coherent sets and integrated into social and ecological strategies can be called a 'contextual' archaeology. The advantage of the term 'context' is that it can be used to refer both to the framework of concepts and to the articulation of that framework in social and ecological adaptation."* (HODDER, 1992: 26).

À medida que mais investigadores ponderavam definir contextos para estudarem o passado, surgiram várias definições do que se considerava ser o "contexto", o que causou uma certa dispersão e mesmo imprecisão na sua aplicação prática. Para alguns, ele foi associado a uma acção, ou mesmo a uma unidade de registo estratigráfica,

negativa ou positiva. Ou seja, no processo de escavar, um contexto geralmente é usado para mencionar unidades fisicamente definidas, frequentemente associadas a momentos homogéneos que podem estar cronologicamente associados a outros, mas que são, em si, atemporais. O mesmo termo também foi aplicado para designar a posição de um objecto arqueológico no espaço e no tempo, descoberta através da identificação e medição das associações, da matriz e da proveniência. Gradualmente, ele foi igualmente empregue para referir as circunstâncias que rodeiam a formação dos depósitos arqueológicos e foi mesmo entendido como sendo o próprio "registo arqueológico" (WESTMAN, 1994: 5; LUCAS, 2001: 158; DARVILL, 2003: 98; RENFREW, BAHN, 2004: 580; JIMÉNEZ JÁIMEZ, 2008: 127).

Assim, as descrições feitas e as várias aplicações do termo encaminharam não para uma perspectiva contextual definida e delimitada, mas para a existência de *perspectivas contextuais*, cada qual resultante da adaptação ao que os investigadores consideram ser o seu objectivo de estudo e as dúvidas que procuram esclarecer.

É importante mencionar que se foram questionando e reformulando várias das ideias que constituíam a base para o estudo dos vestígios do passado, influenciando igualmente a noção de contexto. Por exemplo, em 2001, Joanna Brück, no decurso do estudo sobre os monumentos Neolíticos em Inglaterra, argumentou que muitas das investigações anteriores sobre este assunto partiam de uma concepção de "*personhood*" específica do pensamento Ocidental, enformada após o Iluminismo, e presente na nossa modernidade (BRÜCK, 2001: 649).

A investigadora observou que a separação aceite entre sujeito-objecto poderia ser posta em causa tendo por base um entendimento fenomenológico da experiência humana. A partir deste, e com o intuito de estudar a espacialidade dos monumentos, sugeriu que seria através de um encontro físico com um espaço culturalmente definido que os seres sociais se constituiriam. Na sua abordagem, Brück seguiu um raciocínio que a levou à ideia de que as pessoas possuem os recursos para criar interpretações alternativas de um contexto porque a sua "*personhood*" não se cria unicamente dentro desse contexto. Pelo contrário, as pessoas trazem consigo diferentes pré-entendimentos do mundo, que afectam a forma como interpretam os espaços em que estão. As pessoas não são atemporais, mas inserem-se numa teia caleidoscópica de relações sociais, na qual redefinem constantemente a sua relação com os outros (Idem, ibidem:653-655).

Da mesma forma que há uma fluidez e contingência na formação do "eu" ("*self*"), também os espaços podem ser constituídos de maneiras diferentes dependendo

do seu contexto. Isto é, Brück argumentou que um único monumento poderia, numa mesma altura, possibilitar a produção de diferentes ideias sobre a realidade social, dependendo das pessoas, dos objectos e das práticas que nesse momento se mobilizariam nesse espaço. Isto significa que um espaço poderia ser alterado e reinterpretado com o tempo, mas também poderiam existir, paralelamente, diferentes interpretações para ele. Como tal, mesmo que a arquitectura de um monumento se mantenha estática, não será possível circunscrever nenhum significado, pois os significados de um espaço são negociáveis, contextuais, mutáveis e múltiplos (embora tenham origem dentro de uma sociedade que os torna aceitáveis e compreensíveis) (Idem, ibidem: 656-658).

O artigo de Joanna Brück suscitou uma reacção de Julian Thomas, que iria posteriormente desenvolver algumas das ideias apresentadas numa importante obra, em 2004 (mais à frente abordada). Salienta-se, então, que se começava a questionar a interpretação de um passado pré-histórico com base em noções típicas da contemporaneidade dos arqueólogos, que poderia assim deturpar a imagem do que seria um mundo diferente.

Entretanto, e numa situação diferente, Ian Hodder (2003) observava que a arqueologia passara a ser definida pela sua preocupação com o contexto, e que reafirmar a sua importância era como reafirmar a importância da arqueologia enquanto tal (HODDER; HUTSON 2003: 171). Nesta altura, ele explorou novamente a forma como os contextos são definidos, comentando que a identificação de diferentes espaços e materiais, por parte dos arqueólogos, resulta numa imposição de significado, que muitas vezes é atribuído partindo de semelhanças/diferenças que se observam: o primeiro tipo referido, e que os arqueólogos enfrentam, é a temporalidade. Se dois objectos estão próximos temporalmente, mais depressa são agrupados nos mesmos contextos e são lhes dados significados relacionados (todavia, deve-se ter em conta que o entendimento contemporâneo do Tempo poderia ser diferente do entendimento feito no passado). A dimensão temporal está ligada a espacial, o segundo tipo de semelhança/diferença apontado. Ambos são qualitativamente experienciados, mas normalmente a análise espacial assume o controlo da dimensão temporal. A preocupação está em obter significados dos objectos porque eles estão incluídos em relações espaciais semelhantes.

Paralelamente, a escala de análise escolhida (quer temporal quer espacial) irá depender do atributo e dos materiais seleccionados, e por isso não há uma escala de análise correcta. Como comenta Hodder, esta ideia torna-se mais problemática quando

se definem regiões de análise, uma vez que esta irá variar com os atributos discutidos. Por isso não pode haver uma escala estabelecida *a priori* do contexto espacial, dado que este depende do que se encontra a ligar os objectos e da identificação das dimensões relevantes, ao longo das quais as semelhanças e as diferenças podem ser medidas. O terceiro tipo de semelhança/diferença é a unidade deposicional, ou melhor, a combinação do tempo e do espaço. O quarto tipo identificado pelo autor é a tipologia, considerada central para a definição de contextos espaço-temporais e para o desenvolvimento de uma abordagem contextual em arqueologia, sendo este o aspecto que liga a arqueologia contextual às suas preocupações e métodos tradicionais (Idem, ibidem: 177, 178, 179, 188).

Um contexto será então, segundo Hodder, constituído pela escolha de vestígios que são temporal, espacial, deposicional e tipologicamente relacionáveis (cf. Idem, ibidem: 167). Contudo, enquanto as diferenças/semelhanças temporais, espaciais e deposicionais podem ser consideradas válidas, questionamos em que medida é que é importante a relação tipológica entre os materiais para uma definição contextual, uma vez que, em teoria, podem-se verificar diferenças/semelhanças tipológicas sem que tal condicione ou altere a relação contextual. Mas mais do que isto, Foucault notou que a semelhança/diferença entre as coisas é algo que nunca permanece estável em si mesmo dado que é fixo em relação a outra similitude/diferença (FOUCAULT, 2000: 44), o que contribui sempre para uma certa relatividade. Isto significa que um contexto não é estático, dado que resulta da inclusão de diferentes objectos, acções e sentidos, e como tal ele nunca poderá ser totalmente definido.

Em Portugal, e na mesma altura, Sérgio Gomes assumiu o contexto como uma das convenções que compõe a arqueologia, e mais concretamente, como uma unidade básica que poderá permitir aceder a um sentido e compreender a presença dos vestígios. Segundo ele, um contexto define-se como as relações ou articulações estabelecidas entre os vários elementos do "registo arqueológico". Só que a leitura dessas associações materiais varia conforme o contexto. O próprio desempenho das materialidades é contextual, no sentido em que cada investigador lhes reconhece um ou vários papéis consoante a investigação e as questões que coloca, bem como as associações que cria e estuda (GOMES, 2003: 140).

Em relação a isto, Hodder afirmara em 1986 que um objecto fora do seu contexto não poderia ser "lido" e que a própria leitura deste contexto era feita através das associações que o criam. Posteriormente, em 2003, o autor faz referência a esta

situação como sendo um problema de circularidade, que tem a ver com o facto de cada parte do registo material ser interpretada em relação a, e dependendo de outras partes dele, as quais, por sua vez, também dependem daquilo que pretendemos interpretar (HODDER; HUTSON, 2003: 189; cf. também DARK, 1995: 39). Hodder explorou esta questão dizendo que mesmo que não seja possível entender sem delinear um contexto, este acto de delinear antevê certos tipos de entendimento, por exemplo, na escolha do que se consideram ser as dimensões relevantes. E neste sentido, os investigadores é que escolherão quando parar a cadeia contextual, apesar de isto não ter respondido à questão da circularidade em si. Ou seja, e mais uma vez, um contexto acaba por ser algo mais subjectivo do que propriamente fixo e objectivo. Contudo, para ser perceptível por mais do que um sujeito ele tem que ser identificado e aceite a nível social e prático.

C. Gamble afirmara que um contexto é hoje enformado pelas questões que o investigador coloca aos dados que encontra (GAMBLE, 2001: 126), uma vez que a sua experiência e os seus objectivos irão influenciar a identificação de relações que depois compõem os ditos contextos. A criação destes foi e continua a ser um acto intencional, uma vez que depende dos investigadores, contudo é também influenciado pelas escolhas e vivências dos actores sociais do passado (HODDER, HUTSON, 2003: 188, 190).

Por seu turno, Vítor O. Jorge apontou, no seguimento de uma ideia semelhante, que nunca entenderemos completamente um contexto, pois ele parte de observações que não são repetíveis, mas que são circunstanciais e escolhidas (JORGE, V., 2003: 846). Ele torna-se uma "realidade" presente, lida por alguém que não pode fugir às condicionantes do seu tempo nem ao alcance dos seus conhecimentos e conceitos (VALERA, 2007: 25, 26).

Em 2004, Julian Thomas publicou o livro "Archaeology and Modernity", no qual posicionou a arqueologia no interior do pensamento filosófico (ocidental) moderno e contemporâneo, abrindo caminho para uma perspectivação diferente da própria disciplina. Ao longo da obra, o investigador argumentou a favor da ideia de que a arqueologia se tornou concebível no advento da Modernidade, explorando a formação das concepções por trás do modo como se perspectiva o passado, o porquê dessa perspectiva, e como o estudamos. Dado o papel desta obra na arqueologia, foi decidido fazer um pequeno levantamento das suas ideias, consideradas mais relevantes para o presente trabalho, no subcapítulo 5.2.1. Como resultado desta obra, surgiram novas noções que partiram da inter-relação entre a concepção que o arqueólogo tem da sua sociedade e do seu mundo, e a concepção que se procura criar do passado.

A importância que se atribui aos contextos parte da sua consideração como um microcosmos que congrega um conjunto de encenações que se reportam à vida das comunidades passadas (VALERA, 2007: 460), permitindo, de alguma forma, que nos aproximemos do que pretendemos conhecer. O conceito de contexto, e do que ele implica e envolve, pressupõe, necessariamente, aceitar que há uma relação entre o passado e o presente em termos da realidade que encontramos (LUCAS, 2007: 31) e a forma como concebemos a relação entre a nossa e essa "outra", inapropriadamente apelidada de "registo arqueológico" como alguns consideram (JORGE, et al, 2006: 212), afecta a natureza da intervenção que fazemos.

Como opinou G. Lucas, essa realidade não tem que ser vista como um resíduo empobrecido de algo completo, mas sim "*… as perfect a representation of what really mattered in prehistory as one could hope for"* (LUCAS, 2007: 36). Pode ser que o que encontramos represente até de forma fiel as vivências do passado. Todavia, nunca se conseguirá aceder ao elemento humano das relações, e neste sentido pode ser concebível a dita imagem representativa, porém sempre incompleta, pois a nossa interpretação apenas se poderá aplicar ao que encontramos, no presente. Ao considerar-se o registo incompleto, reforça-se a ideia de que nunca se poderá definir nem conhecer a totalidade dos contextos e das relações que os podem enformar.

G. Velho menciona que se deve perceber o *"… registo arqueológico por aquilo que ele é, um palimpsesto, uma mistura e agregação de acontecimentos dos quais muita informação foi perdida."* E considerá-lo um palimpsesto é um passo para o entender e aceitar o seu carácter multi-temporal (VELHO, 2009: p. 145), bem como o facto de ele ser composto por traços de eventos que podem ter ocorrido ao mesmo tempo, mas não necessariamente à mesma velocidade. Já foi mencionado que o "registo" fora entendido como um fóssil, algo estático, que depois foi considerado como estando selado, e mesmo distorcido (perspectivas do "histórico-culturalismo" e da "Nova Arqueologia"). Contudo, ele não é algo que ficou selado, é algo que ainda está a ser formado e modificado (LUCAS, 2001: 179; Idem, 2006: 34). Como tal, ao aceitar a sua multi-temporalidade, aceita-se que os contextos que tentamos criar partem de uma realidade dinâmica, plural e enformada por relações que englobam objectos que podem ter temporalidades diferentes. Os objectos arqueológicos evocam não uma sucessão de eventos, mas mais uma coexistência de diferentes temporalidades (HAMILAKIS; LABANYI, 2008: 6).

Quando se diz que um objecto pode ter tido vários significados dependendo do contexto, podemos estar a falar de diferentes temporalidades, como o facto de um objecto poder significar coisas diferentes/semelhantes em contextos distintos mas contemporâneos, e o serem-lhe associados significados, ou papéis, que se mantêm estáveis, ou mudam, ao longo de períodos temporais mais abrangentes. Deve-se aceitar a capacidade que os materiais têm para enformar processos multi-temporais, o que torna os contextos e as relações em que eles participam mais complexas do que muitas vezes se admite. Como tem sido apontado por vários autores, e ao contrário do que se advogava na altura da "Nova Arqueologia", tem sido cada vez mais considerada a ideia de que os materiais assumem um papel importante na construção das relações sociais e das vivências quotidianas. O mundo material não é simplesmente ditado por circunstâncias ecológicas ou códigos culturais inatos (THOMAS, 2004: 121), mas faz parte de um jogo constante que ajuda as pessoas a negociar os seus papéis e identidades, e por isso assume, em vários casos, um carácter dinâmico em termos temporais e espaciais.

Bjørnar Olsen (2003: 90) alertou que é frequente os materiais serem ainda estudados para revelarem outras vivências e serem vistos como representações incompletas, mas estáveis, do passado, e vestígios de presenças ausentes, o que também determina o seu estudo e a sua integração nas relações contextuais que são criadas.

Identicamente, Chris Capel, e já antes G. Lucas, entre outros, aperceberam-se que embora o contexto seja articulado com variabilidade, os arqueólogos comportam-se como se os objectos não estivessem num contexto dinâmico, ou não fossem por si dinâmicos, tomando a sua posição final como a que ajudará a esclarecer o seu significado e atribuindo-lhe um carácter fixo e estável. Ambos os investigadores advertiram que geralmente só se tem em conta um contexto, o que se considera ser o último ponto do ciclo de vida do objecto (na chamada biografia dos objectos), e não se pensa na possibilidade dos materiais se moverem pelos contextos e de estes poderem ser enformados por elementos com ciclos de vida diferentes (LUCAS, 2001: 105; CAPLE, 2006: 60). E embora se tenha vindo a reconhecer a ideia da biografia dos materiais, na realidade só em situações específicas é que dispomos de meios para responder a questões relacionadas com este assunto. Devido a isto, aceita-se a sua existência, mas "*…to trace it is in most cases not only difficult, impossible, mythical, utopian, but ultimately useless and absurd*" (JORGE, 2009: 102).

A maioria dos elementos que enformam as relações e os contextos são capazes de os transcender: Barrett (2001: 159) alertara que não é só das relações físicas que os significados surgem, mas também das referências evocadas pelos objectos em si, e às quais não conseguiremos tão facilmente aceder (por exemplo, os objectos poderiam evocar determinados eventos ou transformações, lugares, paisagens, histórias, momentos passados, memórias, sentimentos, experiências, pessoas e outras entidades…).

Da mesma forma, mas numa investigação de carácter diferente, Lesley McFadyen[5] (2009) notou que os vestígios não têm que estar somente condicionados por espaços físicos, mas que também o poderiam estar por espaços mentais. E isto aplica-se igualmente aos contextos que procuramos definir, e que podem ser enformados por mais do que os vestígios que temos disponíveis. Paralelamente, a investigadora apontou que embora os estudos contextuais reconheçam que os significados variam, partem do princípio que as qualidades do objecto permanecem constantes ao longo de toda a sua vida enquanto objecto físico. O próprio objecto que encontramos, muitas vezes desgastado, partido e sem cor, terá sido diferente, e as mudanças físicas que ele foi sofrendo poderão ter estado associadas a significados e a papéis diferentes.

Por outro lado, A. Jones (JONES, 2002: 75) refere o termo "boundary objects", isto é, objectos que mantêm a sua consistência material, mas que podem também estar presentes em diferentes contextos e relações, e associados a diversos sentidos. A fisicalidade dos materiais ocupa, por isso, um lugar importante, mas em termos de sentido não é fácil, nem muitas vezes possível, ter conhecimento das transformações pelas quais os materiais foram passando, muito menos o sentido que poderiam ter em cada uma dessas transformações, ou na sua associação a contextos diferentes. Apesar de ter que haver uma certa estabilidade dos significados de modo a que os objectos conseguissem pertencer a um meio social, e ajudar a estabelecer relações neste, o significado em si não é inerente aos vestígios arqueológicos. Ele surgiu no seio de uma sociedade ligado aos objectos e às vivências de um grupo social, mas também surge na relação do arqueólogo com os materiais que interpreta.

[5] Aula dada pela investigadora na FLUP, no dia 27.11.2009

### 5.2.1. Julian Thomas e a viragem conceptual com "Archaeology and Modernity" (2004)[6]

O enquadramento contemporâneo em que ocorre o processo de interpretação, e mesmo a formação desse enquadramento, foi focado na obra já referida de Julian Thomas, na qual se explorou a maneira como se entende a arqueologia e como ela se foi desenvolvendo. Ao estabelecer a conexão entre a tradição filosófica Ocidental e a formação e desenvolvimento da arqueologia, Thomas procurou sustentar a ideia de que o desejo de investigar o passado, através de vestígios materiais, é algo distintamente moderno, e que resulta do aparecimento da modernidade e da constituição dos estados-nação. Ou seja, a modernidade apresenta as condições que possibilitam a arqueologia, e as razões porque vemos o passado da forma como o vemos derivam de mudanças e reformulações na forma de pensar o próprio mundo em que nos inserimos e o nosso lugar nele (THOMAS, 2004: 4, 111).

No estudo que este investigador apresentou foram abordados, entre vários assuntos, a formação das principais noções que regem a disciplina da arqueologia, as mudanças que foram ocorrendo na forma como entendemos os vestígios materiais do passado e o que foi sendo considerado possível e importante conhecer. A arqueologia, como hoje a concebemos, resulta da incorporação de um vasto número de formas de pensar o mundo e de interagir com ele, baseando-se igualmente numa série de ideias centrais que enformam o que Julian Thomas considera ser a modernidade, e sem as quais a noção de arqueologia não seria concebível. Uma destas ideias é que a humanidade é o sujeito da história, e embora a arqueologia seja o estudo dos homens do passado, ela implica que se considere o que é estudado como sendo significativo por ter contribuído de alguma forma para o estado actual das coisas. A própria existência quer da arqueologia, quer da história, poderá ser justificada pelo interesse que as sociedades modernas mostram nas suas origens e no que as possa legitimar (Idem, ibidem: 41, 52).

Uma outra razão para se considerar a arqueologia como possível pela modernidade é a constatação de a observação de coisas materiais pode dar origem a novos conhecimentos. Além disso, tem havido sempre a tentativa de se criar um método definitivo que garanta, através de procedimentos definidos, a verdade objectiva de qualquer conhecimento (Idem, ibidem: 53, 55). Como resultado de uma ideia cartesiana,

[6] Apesar de focarmos somente a obra de 2004, quer Julian Thomas, quer também Joanna Brück, têm continuado a desenvolver estas ideias, apesar de elas não serem mencionadas neste trabalho.

os materiais e as realidades tornam-se significativos porque se conseguem registar as suas coordenadas geográficas (de facto, a ideia de que um material sem registo não contribui tão significativamente para o entendimento do sitio como os outros materiais registados pode derivar desta noção). A convicção de que uma metodologia coerente e uniforme deve ser definida antes de nos debruçarmos sobre o mundo material é uma assumpção que deriva do surgimento da modernidade, e considera-se que somente aplicando um certo método é que se consegue dar sentido às nossas observações (Idem, ibidem: 40, 61).

Hoje grande parte das práticas que constituem a arqueologia depende do desenvolvimento de uma noção abstracta de metodologia, na qual o mundo é fragmentado em entidades discretas de forma a poder ser manipulável (por exemplo, as tipologias de materiais, o estabelecimento de sequências cronológicas, a definição de grupos culturais, entre outros). Mais uma vez, esta forma de estudarmos o que não se conhece só faz sentido num enquadramento moderno, no qual a arqueologia procura organizar as coisas do passado de forma a nos ser perceptível, embora (e talvez ironicamente) tal ordem pudesse ser estranha às pessoas do passado que procuramos estudar (Idem, ibidem: 63). Na sequência disto, e à semelhança do que Sérgio Gomes considerou (e já foi referido), um contexto acaba por ser uma criação metodológica que permite responder a determinadas questões e, ao mesmo tempo, enformar um quadro de conhecimentos que nos seja compreensível e útil. Uma vez que o passado foi ficando conhecido como algo categoricamente diferente do presente, mas ligado a este por uma trajectória temporal, ele passou a ser constituído como um objecto de estudo possível, e esta objectivação do passado também foi identificada, por Lyotard, como uma característica da modernidade. Por outro lado, é a objectivação da realidade passada, consubstanciada pela evidência material, que possibilita a existência de instituições e relações sociais que seriam, de outra forma, arbitrárias, para além de que o seu estudo é considerado uma fonte de legitimação (Idem, ibidem: 79, 80).

Apesar de tudo, e como Thomas argumenta, dificilmente se conseguirá construir um entendimento do passado com base numa visão objectiva e analítica de estruturas e materiais (criticando assim uma das ideias de Hodder de 1992) e esperar que estas abram um mundo de significados (Idem, ibidem: 217). É verdade que a objectividade que se procura alcançar é motivada por uma série de assumpções e opiniões que orientam a identificação e selecção que se faz do que se estuda. E ainda que estas pré-concepções possam delinear a nossa investigação, são também elas que permitem que se

comece a investigação. Mas apesar de se tentar alcançar uma certa objectividade, e de se tentar apresentar o passado de maneira a ser visto por um sujeito transcendental, a prática arqueológica é desempenhada por seres mortais cuja experiência dos vestígios do passado é contingente (Idem, ibidem: 27, 74, 248). Há aqui duas ideias importantes: o arqueólogo é um ser contingente, que (como já foi aludido) não consegue fugir às condicionantes do seu tempo nem dos seus conhecimentos; e há uma tentativa de se alcançarem os significados de materiais e eventos do passado.

Quando se começou a entender a mente como algo separado do mundo material, o acto de entender começou a ser visto como uma operação consciente através da qual o homem lida com os materiais e o mundo que o rodeia. Neste processo, presumiu-se que as pessoas dão significado às coisas físicas que são, por sua vez, entidades sem significado (Idem, ibidem: 56) (foi na tentativa de se ultrapassar a divisão criada entre sujeito e objecto que surgiu a epistemologia). Como já foi citado, Hodder aceitou os vestígios materiais como presenças dinâmicas na sociedade, e sugeriu que a sua eficácia estaria no seu papel como símbolos materiais. Mas J. Thomas criticou esta posição porque partiu da consideração de que o significado seria atribuído pelo homem, mantendo-se uma separação entre a mente (como fonte de significados) e a matéria (como receptora de significados), dicotomia igualmente criticada por Brück. Pelo contrário, Thomas argumentou que é no decorrer da transformação e manipulação dos materiais pelo homem que eles se tornam significativos. Uma realidade é reconhecida como significativa porque ela tem algum significado para nós e, como tal, não se acrescentam significados a objectos como se estes fossem "meras coisas constituídas por matéria", dado que a sua identificação como sendo significativos resulta da nossa interacção com eles (Idem, ibidem: 42, 214). Os vestígios já nos aparecem significantes porque ocupam um lugar dentro de uma totalidade de relações, e o entendimento deles é possível porque ocupam um lugar no nexo cultural em que participamos.

Como Heidegger observara, as coisas são apenas em referência às outras coisas (VATTIMO, 1996: 138) e somente podemos fazer referência ao que conhecemos e ao que encontramos. Thomas acrescenta que o conhecimento que se cria é mais uma forma de nos envolvermos com o mundo do que uma reflexão abstracta – "*our grasp of the world is not to be distinguished from what it is a grasp of, which resides inside us, over and against the world*" (TAYLOR, 2000: 118 IN THOMAS, 2004: 186). As pessoas existem no mundo não como sujeitos entre objectos, mas num estado de "being-in-the-world", no sentido em que nos relacionamos com os objectos e vivemos com eles, o que

possibilita que estes se tornem compreensíveis. Assim, e salienta-se, o contexto que é criado e lido resulta de um entendimento que se faz do que se incluí nele (THOMAS, 2004: 59, 188, 200).

J. Thomas alertou, reforçando o que Brück tinha notado, que a separação entre mente e corpo influenciou a abordagem aos sítios arqueológicos, na medida em que parece que o sujeito se debruça sobre um conjunto de objectos, como se o mundo material fosse estudado separadamente pelos órgãos sensoriais e depois representado na mente. Esta ideia é insatisfatória para o investigador, uma vez que os materiais têm significado porque são uma parte integrante do passado humano, e são inteligíveis através das nossas acções no presente. Há, de facto, um processo em que descontextualizamos as coisas que se pretendem estudar, e mesmo que, como Thomas refere, as coisas encontradas já sejam entendidas como algo, há uma transformação em que o sujeito que investiga isola os objectos e atribui-lhes propriedades que o definam e o insiram no estudo pretendido (Idem, ibidem: 66, 77). Podem-se considerar as coisas como objectos destacados e independentes, mas é argumentado que identificá-las assim envolve retirar-lhes o significado que possuem e vê-las como substâncias puramente objectivas de forma a poderem ser estudadas pela ciência. E esta noção de se separar os vestígios dos seus contextos, muitas vezes devido ao processo de escavação, e usá-los como evidências das acções de pessoas no passado resulta também de uma sensibilidade moderna, que possibilita a existência da arqueologia tal como ela é presentemente constituída (Idem, ibidem: 42, 218, 202).

A relação entre o presente e o passado surge da ideia de que o arqueólogo é um ser contingente que procura estudar realidades, localizadas fora da sua contingência. Esta relação foi apontada por vários investigadores (Hodder, Bapty, Johnsen e Olsen, Tilley e Shanks, entre outros), mas Julian Thomas vai para além dessa relação e acrescenta que a interpretação envolve não dois, mas três contextos: o contexto em que os arqueólogos trabalham, o contexto temporal do passado e o contexto espacial do outro que habita o mundo contemporâneo, mas noutra região e sociedade. Ambos estes últimos contextos evidenciam a existência de aspectos distintos do primeiro contexto, e permitem criar uma não-familiariedade que impulsiona a procura pela compreensão. Neste sentido, as analogias que se fazem entre diferentes contextos permitem verificar que existem diferentes possibilidades, e que o que estamos a estudar pode assumir formas que não conhecíamos. A descrição das evidências materiais não envolve simplesmente um elemento subjectivo, como Hodder argumentou, mas depende

também de um pré-entendimento que serve de fundo, algo particular, que já se torna em si interpretativo. Assim, as interpretações que são feitas a partir de relatórios resultam de relações que se criam durante as escavações, através de um processo de negociação e contestação. E a partir daqui, o que surge não é um diálogo entre mentes abstractas, mas sim um diálogo material e espacialmente localizado (Idem, ibidem: 241, 244-246) do qual resulta a definição de estratégias de intervenção e de conceitos considerados essenciais para um enquadramento dos vestígios na nossa contemporaneidade.

Embora o "contexto" tenha sido superficialmente abordado, há algumas ideias que poderão ser consideradas relevantes: em primeiro lugar, o contexto resulta do entendimento que se faz daquilo que se inclui nele. A sua definição é um acto intencional e, no fundo, ele compõe-se de um conjunto de relações e associações entre certos elementos que se definem em referência a outros elementos e situações e que partilham algumas características (como ligarem-se a um mesmo espaço, estrutura, situação deposicional e temporal, vivência, entre outras).

Em segundo lugar, o contexto faz parte de uma metodologia definida, seguida no estudo de um sítio, e as relações que inclui dependem das intenções/propósitos dos sujeitos que nelas participam e que as definem, sendo moldadas pela sociedade em que ocorrem, e é dentro desta que ganham os seus sentidos. Como tal, fazer um estudo contextual implica aceitar-se que haverá sempre algo mais que pode ser incluído, dito e interpretado. Não será possível definir nem compreender um contexto na sua totalidade, e os significados nele envolvidos dificilmente se atingirão. Julian Thomas opina, relativamente a isto, que "*Once a thing has been severed from the relational context that enables it to present itself meaningfully, its meaning cannot be reconstituted*." (Idem, ibidem: 217). Poder-se-á tentar entender o sentido dos materiais pelas relações que são identificadas (por exemplo, se seria possível considerar uma relação entre os "elementos de tear" e a prática da tecelagem num determinado contexto), mas deve-se ter em conta que para além de ele ter sido criado na interacção entre as pessoas e o seu mundo, não permanece sempre o mesmo.

Em terceiro lugar, apesar do contexto ser o que definimos como tal, uma associação entre vários elementos, há a tendência em mantê-lo como algo parado e inerte, como se os vestígios estivessem estado unicamente na situação em que são encontrados (cf. os desenhos e o registo que fazemos dos contextos). Porém, os elementos que compõem as relações não têm necessariamente que se restringir a um único contexto, podendo ajudar a definir e enformar muitos outros contextos, ao mesmo

tempo, e num mesmo espaço, ou em momentos e espaços diferentes. O que define um contexto é a presença de determinados elementos que permitem que este se distinga de outras realidades.

Por isso, no estudo do que se considera ser um contexto devem-se referir os vestígios e as realidades que se procuram relacionar. Não é possível falar em contextos sem mencionar as relações que o compõe, embora se possa falar das relações mais particulares em si sem haver conhecimento do contexto total. Isto ocorre, por exemplo, nas situações com que nos deparámos no levantamento dos "elementos de tear": o facto de faltarem elementos nos contextos que procuramos definir (como o elemento humano, social, cultural, mnemónico, materiais mais perecíveis, entre outros) faz com que mais do que falar em abordagens contextuais se deva falar em abordagens "relacionais". De qualquer forma, não estamos a pôr os termos nem o estudo contextual em causa. O que procuramos perceber é como poderemos interpretar os "elementos de tear" de Castanheiro do Vento: não há vestígios que directamente os liguem à prática da tecelagem, mas há uma relação entre esta e os materiais focados. Contudo, o que vários autores têm vindo a demonstrar é que os materiais fazem parte de relações que podiam variar com as situações e com os participantes envolvidos nessas situações.

Assim, as questões que se tornam mais importantes neste caso são: que elementos são necessários para atribuir a uma relação, e a contextos, um determinado carácter? Como escolhê-los? E na ausência desses elementos, poderá esse carácter manter-se? Até que ponto é que a presença de "elementos de tear" permite evocar a actividade de tecelagem quando se encontra ligada a situações que não parecem estabelecer esta relação? Por outro lado, se essa relação não for evidente, até que ponto é que a poderemos excluir? É provável que não se consigam obter as respostas para estas questões. Mas aos poucos, analisando vários contextos, considerando diferentes relações e conjugando diferentes perspectivas poderá ser possível ir contribuindo para o esclarecimento de dúvidas e questões que ainda persistem.

## CAPÍTULO 6: OS "ELEMENTOS DE TEAR" EM CASTANHEIRO DO VENTO

Como se tem vindo a mencionar, os "elementos de tear" têm sido geralmente associados à prática da tecelagem. Mas a investigação conduzida por Sérgio Gomes, com base num estudo contextual, veio desafiar esta ligação como sendo a única possível (embora isto não signifique que ela não deva continuar a ser considerada). Perante as observações que ele apresentou, e face ao que foi desenvolvido no seguimento do capítulo anterior, determinou-se que se seguiria uma perspectiva contextual (e a definição de contextos como método) para estudo dos "elementos de tear" de Castanheiro do Vento. Será que o que foi verificado em Castelo Velho se manifesta noutros sítios associados ao mesmo período temporal, mais concretamente em Castanheiro do Vento?

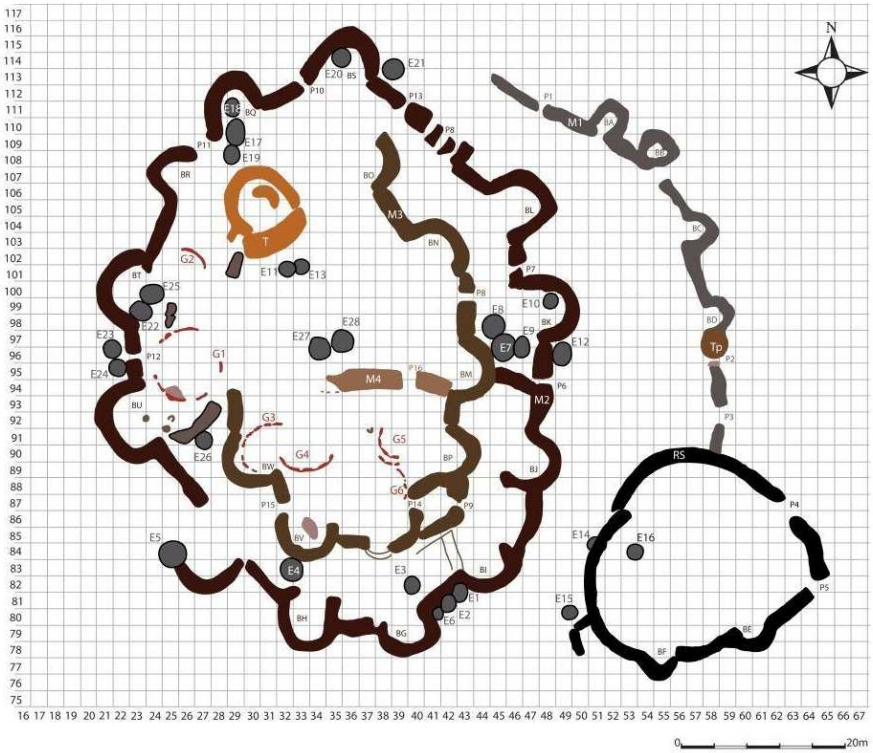



**Figura 6:** Planta de Castanheiro do Vento elaborada em 2009 por Barbara Carvalho, Ana Vale e André Tomás Santos. [imagem datada do dia 29 de Outubro de 2009]. Retirado do blog http://trans-ferir.blogspot.com no dia 16.12.2009, às 14:50

O sítio do Castanheiro do Vento (Figura 6) localiza-se na Horta do Douro, uma freguesia de Vila Nova de Foz Côa (Guarda), e situa-se no topo de um morro de planta sub-circular, a cerca de 730 metros (altitude absoluta).

Coordenadas (JORGE, et alii, 2005; MURALHA, 2007):

- Latitude: 41º 03’ 49’’ N
- Longitude: 07º 19’ 18’’ O (Meridiano Internacional)
- Altitude: 730
- Carta Militar de Portugal, escala 1: 25000, folha 140

Embora tenha sido identificado por António Sá Coixão em 1983 (MURALHA; 2007: 75, 83), as escavações só foram iniciadas em 1998, e ainda não se deram por concluídas. Por esta razão, alguns dos dados apresentados poderão não ser definitivos. Tem-se seguido o método de escavação em área, com aprofundamentos em algumas zonas, e privilegiou-se a definição de contextos como base do estudo e a recolha conjunta de todos os elementos materiais associados a esses contextos. A estes tem sido atribuído um carácter provisório, uma vez que há sempre a possibilidade de serem redefinidos e de serem constituídos contextos diferentes, mais amplos ou não, dependendo do que vai sendo encontrado e do que se pretende estudar. No caso da presente investigação, vão ser focados os materiais encontrados até ao ano de 2009 (inclusive) que foram identificados como “elementos de tear” (mais concretamente, etiquetados como “pesos de tear”).

### 6.1. Inventário geral dos “elementos de tear”

Neste subcapítulo vai-se proceder à análise técnica, morfológica e decorativa dos “elementos de tear” que seguiu contributos retirados do guia proposto pela Mariana Diniz e dos estudos de Rui Boaventura e de Sérgio Gomes. O inventário apresentado (Ver Anexo 6, Parte I) resultou da tentativa de se entenderem os “elementos de tear” descobertos desde o início das escavações até ao ano de 2009, e face ao que se procura explorar nesta investigação, não se nega que foram focadas algumas características em detrimento de outras (os campos que constituem o inventário não são fechados, nem únicos, porém foram considerados adequados para o presente trabalho).

Até ao ano de 2009 foram descobertos 110 “elementos de tear” (contabilizados antes das colagens). Destes, somente 96 fizeram parte do inventário, três dos quais resultam de colagens (os “elementos de tear” nº 30, nº 53 e nº 84). Foram registados os restantes exemplares mas por motivos logísticos inerentes a qualquer investigação não

foi possível analisá-los com mais pormenor, e por isso foram excluídos (as quadrículas estão assinaladas nos mapas de dispersão) (Ver Anexo 6, Parte II, Quadro 1).

Para a realização do inventário não houve a possibilidade de se estudarem os contextos a que todos os materiais se associam, especialmente porque não estão ainda disponíveis todos os dados necessários. A excepção, como já referimos, é o contexto que envolve a estrutura subcircular A. Apesar disto, considerou-se útil apresentar os dados que resultaram do estudo dos "elementos de tear", e que poderão contribuir para um futuro estudo mais aprofundado.

Assim, o inventário é composto por um primeiro campo que corresponde a um número, a partir do qual nos referiremos a cada um dos materiais, respectivamente pelo ano em que foi descoberto o "elemento de tear", pela quadrícula e pela camada a que foi associado; pelas coordenadas (x, y, z) mencionadas nas etiquetas que os acompanham; por uma, ou mais, fotografias (dependendo se foi desenhado ou não) e pelo seu desenho, no qual se optou por desenhar a mesma face mostrada na fotografia e dois cortes, um longitudinal e outro transversal (na maior parte dos exemplares, estes cortes correspondem à zona das perfurações e à zona de maior "comprimento"). Em alguns casos, foi assinalada a inclinação das perfurações no corte lateral por meio de quatro traços. Não foram desenhados os "elementos de tear" n$^{os}$ 42, 77 e 63: o primeiro, devido às características das perfurações, o segundo, por apresentar decoração em ambas as faces maiores, e o último, por apresentar decoração numa das faces menores, não tendo sido feito nenhum corte lateral. Não foram também desenhados os n$^{os}$ 8, 65, 75 porque não fornecem a informação considerada essencial (espessura, "comprimento", "largura" totais e/ou perfurações), nem os "elementos de tear" recolhidos à superfície (que não estão associados a nenhuma camada), ou na abertura da quadrícula.

Um outro campo que se considerou essencial para um futuro enquadramento dos "elementos de tear" teve como propósito fornecer informação sobre os vestígios materiais (excluindo estruturas) que foram encontrados juntamente com os "elementos de tear" (mencionados na mesma camada e quadrículas). Por sua vez, grande parte da informação inserida no campo das observações resume-se à cópia do que está escrito nas etiquetas que acompanham os "elementos de tear".

O campo seguinte relacionou-se com o estado de cada peça: classificou-se como estando completa quando foi possível saber as medidas totais de espessura, comprimento e largura; nos restantes casos, considerou-se que um fragmento de 3/4 corresponde a mais do que metade de uma peça, um de 2/4 corresponde até metade

quando nele são visíveis uma ou mais perfurações, e no caso de fragmentos com um 1/4 do tamanho total, consideraram-se todos aqueles em que é visível uma perfuração, ou menos. Contudo, apesar de todo este cuidado e rigor, estas divisões poderão não ser exactas, especialmente porque os "elementos de tear" não são todos iguais, dificultando a previsão do que poderá ser 2/4 ou 1/4 da peça total. Relacionado com o estado da peça está o peso aproximado em g. (uma vez que este campo pode variar conforme a balança que é utilizada, alguns dos pesos apresentados equivalem a valores aproximados); as medidas do "comprimento", "largura", e espessura (a identificação do que é o comprimento e do que é a largura depende do posicionamento da peça. Uma vez que desconhecemos como os "elementos de tear" desempenhariam os seus papéis, a escolha do que se considerou o comprimento e a largura baseou-se principalmente na localização das perfurações e geralmente tomou-se o comprimento como sendo o lado maior); e a morfologia (a forma aproximada, a secção transversal e a secção longitudinal).

Foram também tidas em conta as perfurações (as que são visíveis e o seu tamanho) e outros aspectos como os elementos não plásticos perceptíveis por fora e por dentro da peça; se esta se apresenta enegrecida (e caso se apresente, que faces envolve e se é na parte externa e/ou interna); e a coloração da superfície e da pasta. Os últimos dois campos relacionaram-se com o tratamento da superfície e com a presença ou ausência de decoração (considerada, neste caso, como a marcação deliberada do material para determinados propósitos), acompanhada por uma fotografia ou desenho mais pormenorizado.

Quando se elaborou o inventário geral dos "elementos de tear" procurou-se fazer uma primeira abordagem a estes materiais e contribuir para o estudo global de Castanheiro do Vento, mesmo que de forma incipiente. Também se procurou analisar a ligação feita entre estes materiais e a prática da tecelagem pois como já se mencionou todos eles foram etiquetados como "pesos de tear". Para o presente estudo, consideraram-se alguns campos prioritários relativamente a outros, e serão esses que iremos abordar. Por esse motivo, excluíram-se os dados apresentados no campo dos elementos não plásticos, os dados relacionados com a coloração da pasta e da superfície, e os dados referentes ao enegrecimento, ou não, do material. Queremos salientar, contudo, que ao focarmos, apenas, os "elementos de tear" não descurámos a existência de outros vestígios materiais. Todavia, considerámos que este tipo de informação seria mais útil no estudo de uma situação específica e definida, isto é, no estudo de um

contexto. Além disso, uma vez que as escavações ainda decorrem, a informação apresentada no inventário relativamente aos outros materiais encontrados é temporária.

### 6.1.1. Um primeiro estudo dos "elementos de tear" de Castanheiro do Vento

A organização do inventário baseou-se na quadrícula em que cada material foi encontrado e, partindo destas, com as camadas a que foram relacionados e a informação fornecida pelas etiquetas. Desta forma, os "elementos de tear" foram divididos em dois grupos (Anexo 6, Parte II, Figuras 1 e 2): um grupo que inclui os que não foram encontrados em relação com estruturas, e um segundo grupo que abarca todos os materiais que se relacionaram com estruturas e/ou que foram localizados na "camada 3".

Pela informação (oral) fornecida por Ana Vale, e pela leitura das etiquetas[7] que acompanham cada material, parece haver uma maior relação entre os "elementos de tear" enquadrados na "camada 3" e as estruturas visíveis. Porém, esta situação pode não ser aplicada a todos os materiais, atribuindo um carácter provisório e incerto aos mapas de dispersão que foram realizados. Ao mesmo tempo, algumas estruturas poderão também estar ligadas à "camada 2", como é o caso da estrutura de combustão no Murete 1, bem como a Torre Principal. Embora todos os elementos incluídos no inventário estejam relacionados com uma camada (1, 2 e/ou 3), em termos práticos, por exemplo, a camada 2 de uma determinada área pode não corresponder à camada 2 de uma outra área. Isto é, as camadas não são estanques nem seladas e não são necessariamente as mesmas por todo o sítio, podendo tanto corresponder a uma ocupação como a um período cronológico. O facto de um material aparecer numa determinada camada não significa que não possa estar relacionado com vivências anteriores, associadas a temporalidades mais antigas.

Ou seja, a identificação das camadas faz parte de um método de trabalho que visa contextualizar os vestígios e organizá-los. Por si só, estas camadas podem não transmitir um tempo específico ou momentos definidos, e nesta investigação elas são consideradas como uma extensão espacial onde se dá importância ao seu início e fim físico como delimitador de outras camadas e espaços (LUCAS, 2001: 157, 158). As

[7] Algumas etiquetas estavam pouco legíveis e foram descobertas algumas incongruências em termos informativos. Por exemplo, só se percebe parte da etiqueta do nº 51 e o "elemento de tear" nº 12 tem escrito 82.31 mas na etiqueta que o acompanha está 83.31, pelo que optámos seguir a etiqueta.

próprias estruturas encontradas não são facilmente relacionáveis às camadas, por serem o resultado de transformações e reformulações que ocorreram durante vários períodos de tempo, e a ritmos, diferentes. Contudo, uma vez que este é um estudo inicial em que não existem ainda muitos dados, as camadas permitem definir a proveniência dos vestígios.

Podemos, todavia, fazer uma breve e genérica descrição das camadas: a camada 1 corresponde globalmente a um sedimento humoso superficial e revolvido, que abrange todo o sítio arqueológico. Nesta situação está também a camada 2, igualmente revolvida (embora em menor grau). Faz-se menção à transição da camada 2-3 não por ser um estrato individualizado mas por ser difícil de percepcionar. Por sua vez, a camada 3, à qual se associam todas as estruturas, é a que possui uma maior amplitude cronológica (desde os inícios do III milénio a.C. a meados do II milénio a.C.) (CARDOSO, 2007: 99).[8]

Relativamente aos mapas elaborados, eles constituem uma representação das estruturas e da dispersão material definida pela intervenção arqueológica. Mais uma vez se optou por assinalar as quadrículas de onde os materiais provieram sem se assinalarem as diferentes camadas a que pertencem. No mapa dos "elementos de tear" sem relação com estruturas assinalaram-se as quadrículas onde eles foram encontrados, privilegiando-se a dispersão espacial (não se transmitem as diferentes camadas/temporalidades a que eles se associam). No mapa dos "elementos de tear" encontrados em associação com estruturas é importante referir que se plasma a imagem do sítio tal como ele foi visto até 2009. Mais concretamente, há conhecimento de mais estruturas descobertas no ano de 2010, mas como o estudo engloba os "elementos de tear" encontrados até ao ano de 2009, foi decidido que o mapa corresponderia também a esse ano.

A imagem que hoje se tem do sítio não indica que as estruturas possam ter sido contemporâneas ou apresentar as mesmas temporalidades, e o mesmo se aplica aos materiais. Um mapa deste género é um auxiliar no estudo do sítio, mas caracteriza-se como algo estático que representa realidades multi-temporais através de pontos e linhas fixos. Como tal, também não sabemos se a imagem transmitida poderá corresponder a algum momento da ocupação daquele espaço (Idem, ibidem: 95, 98). Ao serem apontados os locais onde os materiais foram encontrados não se pode deixar de

[8] Para além destas foram identificadas outras camadas em zonas específicas, e que não se aplicam ao sítio em geral (cf. Dissertação de Doutoramento de J. Muralha Cardoso)

mencionar que a sua posição pode dever-se, em alguns casos, a processos de formação de um sítio, que influenciam a localização e estado dos materiais, e não necessariamente a intenções humanas. João Muralha C. mencionou alguns factores que poderão ter influenciado a dispersão e o estado dos vestígios em Castanheiro do Vento: entre eles, a localização topográfica e a situação geomorfológica do sítio, ocupações posteriores do espaço, a actividade agrícola, e a plantação de espécies florestais (para uma melhor descrição dos fenómenos pós-deposicionais detectados em Castanheiro do Vento, ver Idem, ibidem: 96-98).

Por outro lado, nem sempre existem indícios suficientes que permitam estabelecer uma relação entre os materiais que encontramos e sítios/posições diferentes, e é por isso que a sua posição actual assume tamanha importância. Por exemplo, no caso de um material ser "deslocado" pelas raízes de uma planta considera-se que ele poderá ter sido retirado do que se define ser o seu contexto e que isto poderá interferir no estudo do sítio, diminuindo a possibilidade de se interpretarem as realidades. Mas mesmo considerando que os materiais possam ter sido movidos, não se diminui o papel que o registo da dispersão dos materiais assume para a compreensão do sítio estudado (tendo em conta que haja consciência do seu carácter).

Relativamente a Castanheiro do Vento, verifica-se uma dispersão geral dos "elementos de tear", com algumas concentrações mais evidentes. Há que referir que nos mapas as colagens foram indicadas pelo número do "elemento de tear" no inventário: o fragmento de "elemento de tear" da quadrícula 91.39 ("camada 3") cola com o fragmento descoberto na quadrícula 92.41 na primeira decapagem após a sua abertura ("elemento de tear" nº 30 no inventário). É possível que esta situação seja fruto de revolvimentos no terreno, e poder-se-á aplicar também à colagem entre o fragmento da quadrícula 100.23 (não é referida a camada) com o fragmento da quadrícula 100.25 (proveniente da "camada 3") ("elemento de tear" nº 53). Quanto à colagem entre o "elemento de tear" da quadrícula 111.52 e o fragmento da quadrícula 110.52, salienta-se que ambos estão assinalados como provenientes da "camada 3" (nº 84).

Perante o estado dos "elementos de tear" somos confrontados com uma variedade de situações que podem derivar de uma ou várias acções humanas intencionais ou não (possível queda, por exemplo), ou outras, como posteriores revolvimentos de terra derivados da agricultura. Contudo, dificilmente poderemos conhecer as razões concretas que conduziram à presente condição de cada material. O que se pode observar é que do total dos materiais inventariados, 23 encontram-se

completos, cinco apresentam 3/4 do que se julga ser o tamanho total, 39 apresentam 2/4 e 29 apresentam 1/4. É interessante notar que a maioria dos "elementos de tear" que apresentam 2/4 do que seria o tamanho total (especialmente os que apresentam uma forma subparalelipipédica com duas perfurações visíveis) se quebrou alguns centímetros abaixo das perfurações, ou ao lado destas, e não de forma recta. Isto é, as fracturas não são direitas, mas sim inclinadas quase todas para o mesmo lado. Somente seis de um total de 39 abarcados neste grupo apresentam fracturas que passam pelo meio das perfurações. Por outro lado, a maioria dos materiais com 1/4 do tamanho total fragmentou pela(s) perfuração(ões), e/ou mostra pelo menos uma das perfurações (23 exemplares), e os restantes materiais são partes mesiais ou outras partes dos "elementos de tear" sem vestígios de perfurações. Dos cinco materiais quase completos (3/4), em dois falta parte de uma perfuração, noutros dois faltam parte de duas perfurações e no quinto falta a parte interna.

A fragmentação resulta numa diminuição do peso e numa alteração da morfologia. Caso se considere a possibilidade destes elementos se aplicarem num tear, a sua fragmentação poderia (em alguns casos) ter como consequência ter-lhes sido atribuído um lugar no tear onde o seu peso e morfologia fossem apropriados ao trabalho que se desenrolava. Neste caso, a maior parte dos "elementos de tear" com 2/4 do tamanho ou maior, com as perfurações inteiras, poderia ser reaproveitada. Caso não o fossem, estes elementos poderiam ter passado a ser associados a outro tipo de práticas e significados, ou serem considerados inutilizáveis.

Já foi referido que é possível usar "elementos de tear" com pesos diferentes num mesmo tear. Mas perante os vestígios encontrados, aparentemente não haveria razões práticas para "alguém se dar ao trabalho" de precisar de equilibrar as tensões entre os fios quando se poderiam ter "elementos de tear" com pesos e morfologias semelhantes. Paralelamente, mesmo os que estão completos poderão ser considerados partes incompletas se fizermos esta observação partindo do conjunto de um tear. Dado que neste momento não há dados que permitam desenvolver estas ideias, nem perceber porque razão os materiais se encontram fragmentados da forma descrita, este estudo incidirá especialmente sobre os 23 elementos completos. E uma vez que o estado da peça se relaciona com o seu peso (aproximado), as suas medidas e a morfologia, estes foram os campos que em seguida foram tratados no inventário.

Do ponto de vista morfológico, e analisando todos os "elementos de tear", destacou-se o fragmento de "crescente" (nº58 no inventário, proveniente da quadrícula

102.26, com uma perfuração, uma espessura de 4 a 4,5 cm e secção suboval), dado que a maior parte apresenta uma forma subparalelipipédica (60 exemplares), de secções variadas, ou uma forma suboval (seis exemplares), ou indefinida (vinte e nove exemplares). Salienta-se a importância da descoberta deste fragmento de "crescente", mas será necessária uma análise mais direccionada a esta questão, e o aparecimento de mais vestígios, para compreender se este poderá ser um caso de excepção, ou não.

Apesar do estado fragmentado da maioria dos "elementos de tear", percebe-se que há grandes diferenças em termos de espessura entre alguns deles (cf. inventário), e mesmo que sejam necessários mais dados (provenientes de possíveis ensaios de arqueologia experimental, por exemplo), sugere-se que estes valores possam ter a ver com diferentes posições e papéis que cada um assumiria na tecelagem (caso estivessem ligados a ela).

Focando os exemplares completos, a maioria (dezanove) apresenta uma forma subparalelipipédica, com cantos que vão desde os quase rectos aos mais arredondados, e cujas secções transversais e longitudinais são subrectangulares.

Dos restantes quatro, dois têm uma forma suboval, com secções subrectangulares, e os outros dois uma forma subparalelipipédica com secções subovais. Estes mesmos exemplares fazem parte do conjunto de sete "elementos de tear" cujo peso aproximado é inferior a 350 g. e superior a 240 g., e cujas medidas maiores (comprimento) se situam entre os 10 e os 12 cm. Em termos de espessura, todos apresentam valores superiores a 2,5 cm, com excepção dos dois exemplares com secções transversais subovais. E devido ao seu peso (258 e 245 g.) e morfologia, tanto poderemos estar perante dois "pesos" como perante duas "placas", embora fosse necessário um estudo do foro da arqueologia experimental que permitisse comprovar se isto poderia ser considerado uma hipótese. Um outro "elemento de tear" que poderá ser uma "placa" é o nº 29 do inventário, cujo peso (g.) é o mais pequeno de todos os exemplares completos (97 g.), e o mesmo se aplica ao comprimento (7-7,5 cm) (nesta situação poderão estar também os fragmentos nº 17 e o nº 32 do inventário, mas o seu estado físico não permite sustentar esta possibilidade). Dos outros quinze "elementos de tear", catorze têm o seu peso entre os 396 g. e os 527 g., e o lado maior (comprimento) mede entre os 12 cm e os 13,5 cm. Só um exemplar é que apresenta valores superiores a estes (nº 11), com um peso de 639 g. e medidas do lado maior (comprimento) entre os 14 e os 14,5 cm.

Sobre o peso dos "elementos de tear" fragmentados, não se pode acrescentar muito devido ao seu estado. Todavia, destacam-se alguns fragmentos (principalmente os que apresentam 2/4 do que seria a forma total) que apresentam um peso relativamente grande para o seu estado em comparação com outros fragmentos e mesmo com os que se apresentam completos (por exemplo, os n$^{os}$ 18, 31 e 52).

Para além da importância do peso (g.), é a existência de perfurações que leva, na grande maioria dos casos, à identificação destes materiais como partes usadas no acto de tecer. Do total de 96 "elementos de tear", 23 apresentam quatro perfurações, ou vestígios delas, e três (completos) apresentam duas perfurações. Uma vez que os restantes materiais estão fragmentados, não se sabe quantas perfurações apresentariam no total, mas a maior parte dos fragmentos medindo 2/4 ou mais apresenta vestígios de duas ou três perfurações. São excepções os fragmentos n$^{os}$ 19, 21, 27 e 41, que apresentam somente uma perfuração (possivelmente completos apresentariam duas no total). Além da variedade em termos numéricos, existe uma grande variedade nas perfurações em termos de tamanho e forma, não só entre os diferentes materiais, como numa mesma peça (por exemplo, nos "elementos de tear" n$^{os}$ 29, 39, 42, 48, 52, 53, entre outros), e também na sua localização no "elemento de tear" (cf. os n$^{os}$ 10 e 50, cuja diferença é assinalada na secção longitudinal; n$^{o}$ 81 e n$^{o}$ 96, entre outros).

Por um lado, algumas destas diferenças podem ficar a dever-se ao material que foi utilizado para se fazerem as perfurações antes da cozedura. E mesmo que os fios causassem alguma abrasão, o seu estado poderá indicar que o tamanho e o alinhamento das perfurações não era um factor importante, e que os fios se poderiam ligar a argolas (feitas em corda, por exemplo) que passavam pelas perfurações, permitindo um maior controlo das tensões e do equilíbrio necessário (cf. exercício de arqueologia experimental levado a cabo por Linda Mårtensson, Eva Andersson, Marie-Louise Nosch e Anne Batzer – Universidade de Copenhaga, 2005-2006 – utilizando cópias de "elementos de tear" com uma perfuração da época do "Bronze", provenientes do Mediterrâneo Oriental). Contudo, não se consegue saber se estas hipóteses serão válidas, pois é necessária mais informação (poderíamos igualmente considerar a possibilidade de os fios serem directamente presos às perfurações e terem causado a sua abrasão, ou, no caso desta variação das perfurações ser intencional, se as tornariam mais adequadas ao trabalho com diferentes tipos de fibras, ou a outro tipo de práticas).

Os últimos campos do inventário que se consideraram importantes são o tratamento de superfície e a presença de vestígios de decoração. Do conjunto total, 52

exemplares são alisados, três dos quais apresentam vestígios de decoração, e 44 aparentam estar polidos, de entre os quais cinco apresentam vestígios de decoração. Não parece existir neste grupo uma relação entre o tratamento de superfície e a existência de decoração.

Em relação aos oito elementos decorados (metade dos quais estão completos), a decoração encontra-se na face maior, ou em ambas as faces maiores num dos casos, com excepção de um dos exemplares completos, cuja decoração está na face menor (face lateral). A única técnica registada é a incisão (sob forma de arrastamento), embora para um dos "elementos de tear" a incisão seja sob forma de punção oblíqua com algo triangular (nº 3 no inventário). Os motivos feitos pela técnica da incisão por arrastamento variam: no Nº 1 verifica-se uma combinação entre incisões horizontais e em zigue-zague; no Nº 11, as incisões parecem formar uma espécie de rectângulo dividido; no Nº 15 há uma incisão horizontal e vestígios de cinco incisões verticais, perpendiculares à horizontal; no Nº 34, há vestígios de uma incisão vertical; no Nº 43, há vestígios de uma incisão oblíqua por cima das perfurações; no Nº 63, as incisões formam dois padrões serpentiformes, compostos por duas linhas incisas cada; e no Nº 77, há vestígios de incisões horizontais paralelas em ambos os lados do "elemento de tear".

Os "elementos de tear" decorados foram encontrados dispersos por todo o sítio de Castanheiro do Vento, e não aparenta haver, de momento, nenhuma relação significativa entre eles e certos espaços.

Assim, no geral, o inventário permitiu apresentar vestígios inéditos, que ainda não tinham sido estudados, e da informação apresentada, essencialmente descritiva, salienta-se novamente que os mapas de dispersão se basearam em dados ainda pouco trabalhados, e como tal sobressai o seu carácter provisório. Mesmo assim, não se verificaram grandes concentrações, à excepção dos que foram encontrados na estrutura subcircular A; mais de metade dos "elementos de tear" estão fragmentados e alguns deles apresentam-se quebrados de forma semelhante. As causas são, porém, desconhecidas. Dos que se apresentam completos, a maioria tem uma forma subparalelipipédica e secções subrectangulares, mas no geral os seus pesos variam, assim como os comprimentos e as espessuras. Esta variação também é notada a nível das perfurações, quer no seu tamanho, quer no seu número.

Ainda não é possível aprofundar o estudo de grande parte dos "elementos de tear", uma vez que o espaço ainda está a ser escavado, e muita informação não foi ainda

tratada. Os dados relacionados com a morfologia ou o peso são importantes, mas pelo estudo geral feito não é possível perceber se vários desses materiais, ou mesmo o seu conjunto, poderiam ter sido usados em práticas semelhantes (por exemplo, num tear). Em termos teóricos existe esta possibilidade, mas tem que se atender ao facto de estes materiais se poderem associar a temporalidades e momentos diferentes, que poderão invalidar o seu uso conjunto, e/ou poderem estar associados a diferentes tipos de práticas que são somente perceptíveis numa escala de análise mais pequena. Isto é, seria necessário efectuar um estudo contextual mais focado nos locais e materiais a que os vários "elementos de tear" se relacionam, mas uma vez que as escavações no sítio prosseguem, este estudo será adiado.

São excepção os "elementos de tear" que fazem parte de um contexto já definido pela investigação no sítio, o da estrutura subcircular ou "Bastião" A, anteriormente estudado por Ana Vale. Por isso, tendo em conta os conhecimentos adquiridos ao longo desta investigação, e dado que o contexto já foi estudado, iremos novamente abordá-lo, atendendo à presença dos "elementos de tear" e à sua interpretação.

### 6.2. A estrutura subcircular A de Castanheiro do Vento

A estrutura subcircular A, ou "Bastião" A foi alvo de um estudo mais aprofundado na dissertação de mestrado de A. Vale, tendo sido igualmente referido na dissertação de doutoramento de J. Muralha Cardoso. Por ter sido escavada em 1999 e 2000, o registo relacionado com essa intervenção (e mesmo o estudo posterior) foi elaborado no seguimento de determinadas problematizações e objectivos definidos na altura. Apesar disso, foram os dados fornecidos por ambos os autores que possibilitaram este exercício interpretativo, no qual irão ser focados os "elementos de tear". Para tal, será primeiro feita uma descrição dos momentos identificados aquando do estudo da estrutura, bem como dos materiais a eles associados (cf. dissertação de VALE, 2003).

Deve-se referir, antes da descrição dos momentos identificados, que A. Vale considerou o interior da estrutura pouco alterado por processos pós-deposicionais, e mesmo que os materiais tenham sido sujeitos a alguns destes factores (especialmente os que se encontram mais próximos da superfície), na sua maioria a sua posição não foi muito modificada, com excepção de alguns fragmentos cerâmicos que possam ter sido movidos vertical e horizontalmente.

Sobre os “elementos de tear” descobertos, apesar de terem sido apontados por Ana Vale nos mapas de distribuição material que apresentou, tentar-se-á localizá-los novamente, seguindo a informação fornecida pelas suas etiquetas. Serão focados somente os que foram encontrados no interior da estrutura, embora tivessem sido identificados outros em redor dessa estrutura e/ou associados ao Murete 1 (foram todos ilustrados na Figura 3, no Anexo 6, Parte II e referidos no Quadro 2, no Anexo 6, Parte II). Os restantes materiais indicados nos mapas foram localizados por Ana Vale. Tendo como base a investigação de Sérgio Gomes, procura-se atribuir um sentido aos “elementos de tear”, partindo das suas conexões com o espaço e com os outros materiais, dada a impossibilidade de se chegar aos seus significados, (esta ideia foi mencionada no subcapítulo 4.3.2)

### 6.2.1. Descrição dos “momentos” arqueológicos identificados

A estrutura referida apresenta uma área de 6,38 $m^2$ (CARDOSO, 2007: 269) e uma planta subcircular a cujo interior se acede, hoje em dia, por uma passagem virada a Sul. Na estrutura foram identificados quatro momentos arqueológicos diferentes (desconhece-se se coincidentes com acontecimentos reais), que no conjunto enformaram uma realidade micro-espacial complexa e identificada como um contexto (VALE, 2003: 33). A sua descrição seguirá uma ordem cronológica, que começa pela fase mais antiga (último momento escavado) até ao que se considerou ser o último enchimento pétreo (primeira parte da estrutura a ser escavada).

A estrutura subcircular foi assente num sedimento argiloso, com uma potência estratigráfica de 5 a 20cm, e no qual foram detectados poucos fragmentos cerâmicos, na maioria de pequenas dimensões. Não se revelou qualquer nível de ocupação anterior a esta camada, que podia corresponder a um nivelamento do solo e à sua preparação para o assentamento da estrutura. No local deste nivelamento, há uma acentuada inclinação na morfologia do terreno, e por isso o estrato poderia ter sido feito com o objectivo de colmatar esta inclinação (Idem ibidem: 33, 138, 140).

O segundo momento estratigráfico foi associado a uma microestrutura pétrea (ver Figura 4, no Anexo 6, Parte II**)**, constituída por um agrupamento de moinhos manuais em granito, mais especificamente um movente e quatro dormentes (estes fincados verticalmente tendo em conta o eixo maior), e por duas lajes de xisto azul. Em conjunto, estes elementos enformaram um espaço delimitado, definido então como um momento (Idem, ibidem: 33), dentro do qual foram descobertos 32 fragmentos

cerâmicos (dos quais dois estavam decorados com uma técnica de impressão rectilínea) (Idem, ibidem: 137, 138; CARDOSO, 2007: 271).

No restante espaço, e fora da microestrutura, foram identificados 105 fragmentos cerâmicos (entre os quais quatro bordos, e os restantes bojos), 28 dos quais apresentavam decoração, dois percutores, duas lascas, uma enxó (localizada praticamente no centro do interior da estrutura subcircular), uma placa em xisto subcircular afeiçoada, um movente e quatro "elementos de tear" inteiros, que não apresentam um carácter concentrado. Estes materiais dispersavam-se pela parte direita do espaço interno (ver Figura 5, no Anexo 6, Parte II**)**, e predominavam do centro para cima: os grupos de fragmentos não são tão concentrados como no interior do micro-espaço, e as colagens efectuadas são entre fragmentos da mesma concentração, enquanto os percutores se localizam na área central, mas próximos da face interna da estrutura.

A microestrutura pétrea assim como o restante espaço poderão estar associados, como propôs Ana Vale, à ocupação/utilização/fecho da estrutura, e estão praticamente ao mesmo nível que a sua linha de base (VALE, 2003: 138).

Numa fase posterior, identificada como o terceiro momento cronológico, ocorreu um enchimento pétreo do espaço, com lajes de xisto acinzentadas (material comum em Castanheiro do Vento) colocadas próximas entre si, com alguns espaços vazios entre elas (ver Figura 6, no Anexo 6, Parte II**).** Denotou-se uma organização espacial perceptível, na qual os elementos de moinho que enformavam a microestrutura continuaram perceptíveis no extremo sudeste do espaço.

Entre este momento pétreo e o momento posterior foram encontrados diversos materiais (mais concretamente no desmonte do primeiro enchimento pétreo encontrado, em termos de escavação): um conjunto de 487 fragmentos cerâmicos (dezassete são bordos), dos quais 90 estão decorados (a maioria com a técnica de impressão – 83 – mas também com a de espatulamento, incisão e/ou puncionamento), dez percutores, três dormentes, um seixo rolado, duas lascas, doze fragmentos de talhe inclassificável e dois "elementos de tear". Estes diferentes materiais predominam na zona sul do espaço interno da estrutura (ver Figura 7, no Anexo 6, Parte II**)**, e as maiores concentrações verificam-se no extremo sudoeste, às quais pertencem fragmentos de grandes recipientes, na maioria lisos. Foram realizadas algumas colagens entre fragmentos de grandes dimensões encontrados em concentrações diferentes, e quase todos à mesma profundidade (só uma colagem foi efectuada entre fragmentos de profundidades

diferentes). Relativamente aos percutores e aos dormentes, a maior parte foi encontrada na área central do espaço (Idem, ibidem: 136-138; CARDOSO, 2007: 271).

No quarto e último momento (ver Figura 8, no Anexo 6, Parte II), terá havido um segundo enchimento pétreo, no qual a estrutura foi toda coberta por grandes lajes de xisto azul (não existente no local nem na concepção do murete), dispostas, aparentemente, de forma circular, mas deixando espaços abertos, onde não se encontraram pedras de média nem de grande dimensão. Uma vez que também se verificou uma organização espacial do enchimento, A. Vale avançou com a proposta de que se trataria de uma "condenação", ou fechamento, da estrutura, e não de pedras deitadas ou acaso, ou da sua ruína (VALE, 2003: 33, 136; CARDOSO, 2007: 271). Neste nível ainda eram visíveis partes dos moinhos manuais que enformaram a microestrutura do primeiro momento.

Foram reconhecidas duas microestruturas associadas ao terceiro momento, constituídas por lajes de xisto azulado de grandes dimensões, e intencionalmente formadas e embebidas no acto de petrificação. Uma dessas microestruturas é bem delimitada, de planta subcircular, e localiza-se à frente da entrada da estrutura, o que torna difícil a circulação mas não a impede. A outra microestrutura não está tão bem definida, e as lajes que a compõem apresentam uma maior diversidade morfométrica.

A interpretação da estrutura foi dificultada por não se identificarem fases de ocupação. Foi possível percepcionar os dois momentos de petrificação/utilização e um outro momento já mencionados. Por sua vez, as amostras de carvão recolhidas forneceram algumas datas que, indirectamente (uma vez que cada carvão se data a si mesmo), permitiram sugerir uma "constante" ocupação do espaço (CARDOSO, 2007: 272), embora cada momento apresente abrangências temporais que podem variar, mas que são desconhecidas.

Tanto Ana Vale como J. Muralha Cardoso reconheceram estar perante um espaço que fora (re)utilizado e (re)ordenado constantemente e a partir do estudo do conjunto material registado e da sua relação com os momentos perceptíveis, foram apresentadas as interpretações mais "plausívies/aceitáveis". Do estudo realizado, salienta-se, por exemplo, que no segundo momento referido, Ana Vale tentou inicialmente seguir uma abordagem funcionalista. Mas, notou (VALE, 2003: 140) que a posição vertical dos dormentes, e a existência de um só movente, não se coadunam com a utilização que geralmente lhes é atribuída. Ao mesmo tempo, a possibilidade de ter sido um sítio de armazenamento também foi questionada. Este mesmo raciocínio foi

aplicado na leitura do outro mapa de dispersão apresentado, referente à transição entre o terceiro e o quarto momentos, mas não foi possível chegar a nenhuma explicação que se adequasse a todos os materiais.

Assim, procurou-se entender os materiais sob outros pontos de vista: exemplificando com os materiais cerâmicos, tanto a investigadora como posteriormente J. Muralha (CARDOSO, 2007: 273) notaram que os fragmentos remetem para recipientes diferentes, e nenhum possibilitou uma reconstituição da forma, podendo assumir-se não como partes de um vaso mas como peças com o seu estatuto próprio (acrescentamos que, assim, a noção de "fragmento" deixa de poder aplicar-se a estes materiais). Tendo em conta que esta estrutura poderá ser um contexto praticamente selado, a proposta considerada mais apropriada por Ana Vale (de entre as que foram colocadas) para se explicar a situação cerâmica foi a de que se poderia tratar de um processo social em que houve uma manipulação intencional dos fragmentos, com vista a pelo menos transmitir uma ou mais mensagens determinadas (VALE, 2003: 144).

### 6.2.2. A interpretação dos "elementos de tear" e a sua contribuição para o entendimento da estrutura

Perante a descrição dos momentos, como se poderão interpretar os "elementos de tear" e qual a contribuição que esta interpretação poderá trazer para o estudo do contexto em si? A análise feita por Ana Vale dos "elementos de tear" encontrados na estrutura subcircular A segue os parâmetros de estudo estabelecidos por Sérgio Gomes e, com base neste autor, verifica-se que, na secção dedicada ao seu estudo, a investigadora advertiu também para a funcionalidade destes materiais e para a necessidade de serem estudados contextualmente (Idem, ibidem: 98). Todavia, denota-se que, apesar disto, se manteve uma interpretação destes materiais como partes de um tear. Será esta uma possibilidade no contexto da estrutura subcircular A ou derivará esta interpretação do sentido que geralmente lhes é outorgado? No total de onze "elementos de tear"[9] encontrados no interior da estrutura, somente seis foram abarcados na descrição e interpretação feitas por Ana Vale, que justificou esta decisão pela falta de informação que impossibilitou uma localização mais precisa dos restantes. Como já foi mencionado, procurou-se localizar novamente estes materiais a partir da informação

[9] Chama-se a atenção para alguns dos valores do peso de cada "elemento de tear", que diferem dos que foram apresentados por Ana Vale para as mesmas peças. Desconhecem-se os motivos para tal diferença, e acrescenta-se que não serão utilizados os valores apresentados pela investigadora mencionada, ao contrário dos restantes dados fornecidos na sua dissertação.

presente nas suas etiquetas (dos que foram encontrados nesta estrutura, três não possuem as coordenadas geográficas, e foram excluídos). Contudo, isto foi dificultado por não haver uma correlação entre os momentos identificados e as camadas às quais os "elementos de tear" foram associados. Por isso, as localizações são aproximadas, e podem não ser precisas relativamente aos momentos. Assim, admite-se que o exercício interpretativo que se propõe desenvolver estará condicionado, porém permite apresentar algumas ideias que poderão ser úteis para a investigação que ainda decorre em Castanheiro do Vento, e para o próprio estudo dos "elementos de tear".

Aquando da interpretação destes materiais, Ana Vale relata que os quatro "elementos de tear" inteiros encontrados no segundo momento (ver Figura 5, no Anexo 6, Parte II) apresentavam um carácter homogéneo e robusto e que se tratavam de "placas" pertencentes a um "tear de placas". Por outro lado, a sua presença também poderia indiciar um espaço ligado ao seu armazenamento, e não só à prática da tecelagem. No seguimento do que foi sendo dito acerca da tecelagem, poder-se-á comentar que, considerando a possível ligação destes materiais com esta, e atendendo à sua morfologia e peso, será mais provável eles serem "pesos de tear" do que "placas". E mesmo que pudessem estar associados a um tear onde se empregassem igualmente placas, o seu papel seria mais o de fazer a tensão dos fios. Esta ideia baseia-se no peso destes "elementos de tear", que oscila entre os 401g. e os 490 g., sendo bastante homogéneo, tendo em conta a amostra total que foi estudada.

O que a presença destes materiais poderá apontar torna-se mais complexo de entender. Pode-se constatar que, de entre todos os materiais mencionados, os "elementos de tear" são os que se encontram completos em maior número, situação que difere da dos materiais cerâmicos (que apesar de serem em maior quantidade, se apresentam todos fragmentados). Relativamente à sua localização, eles de facto não apresentam um carácter concentrado, como Ana Vale notara: dois deles estão mais próximos de concentrações cerâmicas e os outros dois estão mais "isolados". Porém, nenhum deles está muito afastado do murete que enforma a estrutura subcircular. A constatação deste ser um espaço que aparenta uma certa organização, e o facto de os materiais se concentrarem todos na metade direita do interior da estrutura, poderá indicar que houve uma intencionalidade na distribuição desses materiais, especialmente tendo em consideração que já deveria existir a microestrutura, que de certo condicionaria o usufruto do espaço e os comportamentos a ele ligados.

Face à hipótese de se tratar de uma situação de armazenamento, não há propriamente vestígios que o confirmem ou neguem. A presença dos fragmentos cerâmicos põe em causa esta hipótese, embora seja possível armazenarem-se materiais num espaço ocupado com mais objectos que estivessem aí por outros motivos. Ou seja, o espaço não tinha que estar somente relacionado a uma única prática. A ideia de que se poderia tratar de um espaço de armazenamento advém, como Ana Vale mencionou, do facto de se fazer uma abordagem funcionalista à situação. Tendo em atenção a situação dos "elementos de tear", e partindo desta perspectiva, geralmente armazena-se o que se considera útil ou importante, em termos práticos, socioculturais e pessoais, para uma posterior "utilização". Mas, e em termos puramente funcionais, se estes materiais eram importantes, e se este era de facto um espaço de armazenagem, porque foram quatro "elementos de tear" inteiros deixados na base de uma estrutura, dois deles afastados e outros dois próximos de materiais fragmentados e diversos? A situação destes "elementos de tear" não parece indiciar uma prática generalizada de armazenamento no interior da estrutura. Por outro lado, os "elementos de tear" que se encontram perto das pequenas concentrações de fragmentos cerâmicos poderão ter estado envolvidos na mesma vivência que originou essa concentração, sobressaindo o facto de eles estarem inteiros ao lado de fragmentos de diversas proveniências (em termos de recipientes).

Relativamente à ligação entre os "elementos de tear" e a tecelagem, ela é uma possibilidade, assim como a aplicação dos materiais num mesmo tear (todos apresentam quatro perfurações, uma morfologia semelhante, e a diferença de pesos não é muito grande). Deste ponto de vista, os "elementos de tear" podem remeter para a prática da tecelagem, contudo, não existem dados suficientes para se inferir se ela se desenrolaria no interior desta estrutura. Por outro lado, há a hipótese destes materiais terem sido usados na prática da tecelagem, mas ao serem colocados no interior desta estrutura, na sua base pétrea, passarem a denotar, e a conotar-se com, outro tipo de práticas ligadas a este espaço. Embora se desconheça a abrangência temporal deste segundo momento (e dos restantes), consideramos que os mesmos materiais podiam ter sido incluídos em práticas diferentes que decorriam no mesmo espaço, mas em alturas distintas e específicas.

O outro momento arqueológico em que foram encontrados dois "elementos de tear" inteiros foi no desmonte do que depois se identificou como o segundo enchimento pétreo (ver Figura 7, no Anexo 6, Parte II**)**. O facto de se referir que apenas dois estavam inteiros significa que os restantes quatro estariam fragmentados (estes foram

deduzidos pelos materiais associados a esta estrutura, e porque no outro momento referido só há alusão a quatro "elementos de tear" completos. Não se possuem as coordenadas para dois dos fragmentos). Pelos materiais associados a este momento, denota-se um aumento geral da quantidade de cada tipo de material encontrado em comparação com a distribuição já analisada, se bem que o aumento do número de "elementos de tear" não tenha sido significativo.

O que se verifica nesta dispersão é que aparecem materiais, entre os quais dois dos "elementos de tear", na zona sudoeste do interior da estrutura, o que difere da situação anteriormente analisada. Os outros dois "elementos de tear" referenciados agrupam-se no lado nordeste, onde no outro mapa de dispersão este tipo de materiais já tinha sido identificado.

As colagens feitas entre alguns fragmentos de grande dimensão, juntamente com a presença de dormentes, poderiam suscitar a hipótese de se estar perante um espaço de armazenamento. Mas só um de todos os fragmentos permitiu alcançar a forma do recipiente, e os dois "elementos de tear" estão também fragmentados (um deles dificilmente seria reutilizável como "peso de tear", dado o tipo de fragmentação, e considerando que o seu estado não resultou de processos pós-deposicionais). Reportando-nos ao que já foi referido nas duas páginas anteriores sobre a situação de armazenamento, põe-se em causa, uma vez mais, se este momento corresponderá a essa situação.

Uma outra sugestão feita por Ana Vale relaciona-se com a consideração deste espaço como um possível depósito detrítico (também foi feita esta sugestão para o momento anterior). Todavia, o estado completo de ambos os "elementos de tear" não apoia esta hipótese, pelo menos não em termos funcionais/práticos.

Embora não se tenha a certeza se os "elementos de tear" fragmentados pertencem a este momento, é de salientar que ambos os que foram referenciados se localizam em associação com a estrutura em si, e não no espaço interno. Poderá isto indicar a sua participação em processos de construção/manutenção/organização/ marcação da própria estrutura? Paralelamente, os outros dois "elementos de tear" foram encontrados durante o desmonte de um enchimento pétreo intencional: eles poderão ter estado envolvidos em acções que ocorreram antes ou durante esse acto de petrificação, ou poderão mesmo ter feito parte desse mesmo enchimento intencional. Nos dois casos, os "elementos de tear" parecem ter estado associados a práticas que, directamente, não se relacionam com a manutenção da tensão dos fios, mas sim com a manipulação do

espaço e com intervenções na estrutura. Salienta-se que o único exemplar decorado[10] se localiza perto da entrada da estrutura e das três maiores concentrações de fragmentos cerâmicos, contribuindo para a sugestão de que estaria envolvido noutro tipo de práticas que não a tecelagem.

Não se ignorou que foram encontrados mais dois "elementos de tear" completos, porém o não terem sido referidos na descrição dos momentos e a ausência de coordenadas coloca algumas dificuldades em termos interpretativos, especialmente porque as camadas indicadas não se relacionam com os momentos identificados. Um destes "elementos de tear" resultou de uma colagem (nº 84 no Inventário), sendo a parte principal proveniente da quadrícula 111.52, e um fragmento seu proveniente da quadrícula 110.52 (ambos atribuídos à mesma camada). O terem sido descobertos em diferentes quadrículas num espaço em que se considerou não haver grande influência de processos pós-deposicionais poderá indicar a sua colocação intencional no espaço, ou a sua quebra nesse sítio, por exemplo (embora ainda não se deva excluir a possibilidade de ser uma consequência de processos pós-deposicionais). A forma como o "elemento de tear" se fragmentou foi única em todos os materiais semelhantes estudados: a parte superior de um dos lados maiores "lascou" pela zona das perfurações, e esse pequeno fragmento foi encontrado na quadrícula 110.52. Dos exemplares completos encontrados nesta estrutura, este "elemento de tear" é o que se apresenta em "piores condições", pois faltam-lhe partes da pasta interna, ainda que esta não se apresente desfeita.

Exceptuando os dois "elementos de tear" excluídos, pode-se resumir que na primeira dispersão material registada foram identificados quatro "elementos de tear" inteiros e na dispersão posterior somente dois inteiros e os restantes fragmentados. Estes, ao contrário dos inteiros, foram encontrados no murete da estrutura, e não no espaço interno. Há também uma homogeneidade geral em termos morfológicos, mas a pouca diferença de peso (menos de 100 g.) que existe entre os primeiros quatro "elementos de tear" inteiros não se verifica entre os dois últimos "elementos de tear" inteiros (cuja diferença entre os pesos é maior que 100 g.).

No geral, a estrutura é composta por muitos tipos de materiais que denotam práticas variadas. As relações nas quais eles se inserem podem ser entendidas e interpretadas de várias formas, e enquanto alguns dos "elementos de tear" possivelmente estariam associados à prática da tecelagem, outros transparecem mais

[10] É o único "elemento de tear" completo e decorado em ambas as faces dentro do grupo recolhido até ao ano de 2009

uma ligação à estrutura em si e a outro tipo de vivências que ocorreram no seu interior. Assim, estes "elementos de tear" contribuem para o carácter pouco preciso, mas fluído e multi-temporal, deste espaço. Este, mais do que ser um palimpsesto de diferentes acções, deixa transparecer vários actos que, com os seus próprios ritmos, se complementam, nem que seja por partilharem o mesmo espaço e por se relacionarem com ele.

As hipóteses aqui apresentadas resultam de um estudo, de certa forma, incompleto, mas permitem demonstrar que nem sempre os "elementos de tear" parecem remeter para a prática da tecelagem, reforçando a hipótese apresentada por Sérgio Gomes para os "elementos de tear" de Castelo Velho.

### 6.3. A estrutura subcircular A de Castanheiro do Vento e a "estrutura ritual com ossos" de Castelo Velho: comparação de dois contextos deposicionais

Ao serem descritos os momentos identificados na estrutura subcircular A de Castanheiro do Vento foram verificadas algumas similitudes com uma outra estrutura onde também se distinguiram vários momentos e vários materiais, inclusive os "elementos de tear": a chamada "estrutura ritual com ossos" de Castelo Velho (também mencionada, por Sérgio Gomes, como "estrutura com ossos humanos) (ver Figuras 1 a 6, no Anexo 6, Parte III).

Procura-se, assim, estabelecer uma comparação, não em termos de semelhanças materiais ou estruturais, nem em termos de sentido (pois são espaços diferentes inseridos em sítios distintos), mas em termos de sequências deposicionais. A única comparação feita em termos de materiais relacionou-se com os "elementos de tear": contrasta-se a variedade morfológica apontada por Sérgio Gomes para a "estrutura ritual com ossos" de Castelo Velho com a homogeneidade morfológica na estrutura subcircular A de Castanheiro do Vento. Além disso, verificou-se uma integridade física geral destes materiais, em ambas as estruturas, em contraste com os restantes "fragmentos".

Relativamente a semelhanças em termos de sequências deposicionais, notou-se, por exemplo, que em ambas as estruturas foram identificadas microestruturas ou nichos (ver Figuras 1 e 2, no Anexo 6, Parte III**)**: nos dois casos, a primeira destas pequenas delimitações foi identificada no momento que se seguiu ao nível fundacional, ou de nivelamento do solo, e no mesmo lado do espaço interno (lado direito e perto da

entrada, do ponto de vista de quem está de frente para a entrada). Estas primeiras delimitações continuaram a ser perceptíveis mesmo após a petrificação/colmatação do espaço que se seguiu. Houve, então, uma intenção de se prolongar a presença das microestruturas pela sua visibilidade parcial nos momentos posteriores. Salienta-se, igualmente, que as duas microestruturas mencionadas tinham em comum o serem enformadas por (pelo menos) elementos de moinhos manuais (no caso do "nicho" da "estrutura ritual com ossos" de Castelo Velho, ele era também enformado por pedras de dimensões médias).

Para além destas, em ambas as estruturas foram detectadas outras delimitações nos momentos que se seguiram, mas não em todos.

Um outro ponto semelhante foi que se identificaram níveis em que foram encontrados vários materiais (com diversas integridades físicas, que aparecem dispostos dentro e fora das microestruturas) e outros níveis em que se criaram separações/petrificações por vezes totais do espaço, ou por zonas. Em ambas as estruturas há uma conjugação de acções que parecem restringir-se a uma certa zona (nichos/microestruturas) com acções que envolvem uma manipulação quase total do espaço (colmatações/petrificações), e esta "organização" é acompanhada pelo aparecimento/desaparecimento de materiais que ajudam a enformar esses mesmos espaços. Ou seja, há uma alternância entre o que se pretende "mostrar" e o que se pretende "ocultar", e os materiais participam nesta alternância (JORGE, 2005: 103).

O último momento identificado quer na "estrutura subcircular A" de Castanheiro do Vento, quer na "estrutura ritual com ossos" de Castelo Velho, materializou-se na ocultação intencional do espaço através da colocação de pedras (no primeiro dos referidos foram pedras de maiores dimensões, e no outro foram pedras de pequena e média dimensão). Houve assim uma transformação de um espaço que estava acessível e que o deixou de ser.

Haverá, na descrição das sequências, algo que indicie deposições encadeadas equiparáveis? Ir para além da evidência apresentada é, neste momento, abusivo, por isso, fica em aberto a questão, que poderá vir a proporcionar uma forma de se entenderem melhor estas estruturas e as vivências a elas associadas.

### 6.4. Proposta para o estudo dos "elementos de tear" da Pré-História Recente

No decorrer da presente investigação foi notado que a maior parte dos investigadores assumiu a ligação entre os "elementos de tear" e a tecelagem (mesmo estando conscientes de que os papéis desempenhados pelos materiais poderiam variar em função das situações). A ligação em si não está aqui a ser propriamente questionada. Mas, partir desta ligação como um dado adquirido leva a que determinados aspectos relacionados com estes materiais não sejam mencionados em publicações, ou não entrem no estudo dos sítios. Realça-se que já Mariana Diniz propusera um guia para o estudo destes materiais, direccionando-o para a possibilidade de se encontrarem vestígios de tecelagem, tendo focado alguns pontos que coincidem com os que serão agora incluídos. Contudo, por alguma razão (pouca divulgação?), não se verificaram os resultados que seriam de esperar. Entretanto, foram realizados alguns estudos (cf. Rui Boaventura, Sérgio Gomes) que realçaram a falta de alguma clareza nas designações usadas e também a possibilidade de, a um nível mais contextual, estes elementos estarem ligados a outras vivências para além da prática da tecelagem.

Partindo destas novas observações, considerou-se útil voltar a sugerir alguns pontos que poderão servir de guia para o estudo destes materiais após e especialmente durante a escavação. A noção que se cria dos materiais antes de se iniciar uma intervenção arqueológica, quer ela seja baseada em descobertas prévias e/ou aprendizagens pessoais/profissionais, influencia a atitude posterior que se assume aquando das intervenções. A ideia de que os "elementos de tear" se relacionam com a tecelagem pode fazer com que outras associações possam ser desvalorizadas, não de uma forma intencional, mas porque não são procuradas.

Ao propor estes pontos pretendemos criar um guia, e não regras. Este guia não estará, de todo, completo nem finalizado, porque só se baseia nos estudos até agora realizados e nas descobertas feitas. O que foi notado no subcapítulo anterior referente à estrutura subcircular A, por exemplo, é que faltavam dados mais específicos sobre a localização dos "elementos de tear" e que estes foram necessários para a abordagem que se pretendeu desenvolver. Esta ausência de informação decorre muitas vezes de lapsos que ocorrem durante a escavação, que são compreensíveis dada a diversidade de pessoas que nela participam e o desafio que representa gerir a escavação em si e a informação desta derivada. Noutros casos, a informação até poderá existir, mas se não

for publicada pelos investigadores não se cria a possibilidade a quem não tem acesso aos dados de fazer estudos sobre/com os materiais encontrados.

Uma vez que os "elementos de tear" suscitaram e suscitam várias questões, quer em termos funcionais relacionados com a prática da tecelagem (o porquê das diferenças morfológicas, a razão para o diferente número de perfurações, a relação dos "crescentes" com a tecelagem, entre outras), quer em termos interpretativos (se a sua presença nem sempre é indicadora da prática da tecelagem, a que outras vivências poderão estar associados?), pode ser que a criação destes pontos-chave ajude no esclarecimento de algumas das incertezas.

Em primeiro lugar, reforça-se **o emprego do termo "elemento de tear" em substituição ao mais comummente usado "peso de tear"**. Com um estudo posterior da peça, o tipo de "elemento de tear" poderá ser esclarecido, mas num primeiro momento, durante a escavação, as terminologias empregues podem moldar decisões e assim evita-se a confusão (e dificuldade) na distinção entre "placas" e "pesos", especialmente porque alguns "elementos de tear" poderão ser ambas as coisas. Este termo auxilia igualmente nos casos de prospecção (superfície), em que a primeira identificação dos materiais não tem que ser precisa mas tem que dar uma noção do que poderá ser encontrado.

Em segundo lugar, para facilitar a explicação, e possível memorização, dos pontos que consideramos, neste momento, essenciais, foi criada uma sigla – **O.S.E.P**. A ordem das siglas indica a ordem dos pontos, não em termos de importância, mas em termos de estudo. Ou seja, indica o que o investigador poderá ter que fazer primeiro. Além disso, estes pontos não são os únicos, como já se mencionou, mas são os que, num estudo que tenha que ser feito rapidamente, possibilitam a uniformização da metodologia na colheita de dados que contribuem para uma primeira interpretação. Assim, os pontos-chave são:

**Origem**: independentemente do método de registo seguido, especificar de onde provém o "elemento de tear" encontrado (Quadrícula, camada…) Por exemplo, alguns dos materiais de Castanheiro do Vento não tinham informação sobre a camada ou a quadrícula. Mesmo que estes dados sejam maioritariamente tidos como um método de trabalho, eles permitem localizar a peça não só numa fase inicial do estudo, como numa investigação mais aprofundada. No caso dos "elementos de tear" que não vinham acompanhados dessa informação, eles tiveram que ser excluídos do estudo. Isto resultou numa perda de informação para a investigação.

Se for possível, devem ser tiradas as coordenadas de cada "elemento de tear" e deve ser feito um pequeno esboço do espaço onde ele foi encontrado (como a quadrícula ou a sondagem…), marcando o sítio aproximado onde ele apareceu – basta fazer-se um quadrado, indicar o Norte, e marcar um ponto. Esta informação pode estar anexa à indicação da quadrícula e da camada, por exemplo. Nem sempre é possível desenhar a localização dos materiais juntamente com as estruturas, especialmente numa intervenção em grande escala, onde podem estar poucas pessoas a desenhar e onde nem todos os momentos são desenhados (o que poderá ser difícil). Nestes casos, a indicação da localização é uma mais-valia fácil de concretizar (a única desvantagem é a possibilidade do material ser mal localizado no desenho, o que não invalida, em nossa opinião, a importância dessa referência).

Apesar de algumas intervenções arqueológicas estarem marcadas por limites temporais, que aumentam a pressão sobre os investigadores e diminuem o tempo de reflexão sobre o sítio, a localização dos materiais dentro do espaço é um auxiliar para estudos posteriores, e muitas vezes só poderá ser feita durante a escavação. Realçamos, no entanto, que relativamente a situações de prospecção, esta localização pode ser desnecessária, salientando-se mais a terminologia usada aquando da menção do que foi encontrado (em casos de publicação, por exemplo).

**Situação**: depois de se mencionar a origem, a situação dos "elementos de tear" é um dado importante para se realizarem abordagens mais aprofundadas (se esta situação não for apontada, não torna impossível o seu estudo, mas são perdidos dados que se podem revelar úteis e importantes). A situação refere-se à relação com outros materiais e/ou estruturas que estejam a ser encontrados no momento, ou que já tenham sido encontrados, e que se relacionem com o espaço/camada/ em que o "elemento de tear" está. Este ponto foi criado porque poderá (num futuro em que existam mais dados) ajudar a esclarecer se a estes materiais poderão ser relacionados outros papéis para além dos que se ligam à tecelagem. Mais concretamente, o "elemento de tear" pode ser encontrado entre as pedras de um possível derrube, entre as pedras de uma estrutura, ao lado da estrutura, ao lado de uma lareira, ou de uma concentração de fragmentos cerâmicos, entre muitas outras situações. Não se considera que todas as observações possam responder à questão do que estes materiais poderão ter sido nos vários sítios. Além disso, nem todas as relações são fáceis ou mesmo passíveis de serem entendidas pelos investigadores. Contudo, é um dado que, se perceptível, poderá ser apontado também na etiqueta das peças. Por exemplo, os "elementos de tear" nº 6 e 7 têm

indicado que foram encontrados sobre as pedras do murete da estrutura H (ambos associados à "camada 3"). Isto poderá indicar que estes elementos foram lá colocados depois da estrutura ter ruído ou que fizeram parte da construção da própria estrutura. Neste caso, a ligação à tecelagem pode ter ocorrido, mas há uma associação à estrutura que indica outras possibilidades que não a sua prática naquele espaço (uma vez que a estrutura não foi analisada com mais pormenor, estas observações são temporárias).

Nalguns casos, as observações feitas podem não esclarecer totalmente quem *a posteriori* vai estudar os materiais, pelo facto de nem sempre a percepção do investigador no campo, a nível da localização do espaço que escava, ser tão exacta como perante um mapa do sítio. Porém, os lapsos não ocorrem sempre, e muitas vezes as observações feitas durante as escavações podem ser relevantes.

**Estado**: este ponto já é abarcado pelo estudo feito depois dos materiais serem encontrados nas escavações e relaciona-se com o estado do "elemento de tear" identificado. Mais concretamente, deve-se prestar atenção a:

- Se a peça está completa ou incompleta – podem ser criadas divisões como as que foram usadas no inventário que acompanha este trabalho, ou outras que o investigador considere adequadas aos materiais que encontrou. Ou seja, são os materiais que dão origem às divisões, e não as divisões criadas *a priori* que organizam os materiais. O estado de fragmentação do "elemento de tear" não significa que, em termos da prática da tecelagem, eles ficassem inutilizáveis (como já foi referido). Pode apenas significar que eles adquiriram uma utilização diferente. Verificar o estado dos materiais, e efectuar nessa altura o seu registo, contribui para um primeiro estudo. Por exemplo, o "elemento de tear" nº 33 foi encontrado entre pedras no "interior da estrutura tipo caixa" (informação na etiqueta), e está fragmentado – foi incluído na categoria 2/4 do que seria o tamanho total. Também na mesma quadrícula (e na mesma "camada 3") foi identificado um outro "elemento de tear" (Nº 34), fora dessa estrutura, mas também fragmentado (2/4) e encontrado entre pedras. Que interpretação poderá ser dada a esta situação em que aparecem dois fragmentos entre pedras, que não colam entre si, e que se encontram associados a uma pequena estrutura, estando um deles no seu interior? Para além destes dois fragmentos, foi identificada na quadrícula subjacente (92.24) um fragmento de meia peça com um formato tipo donut, com uma perfuração (que seria central) (desconhece-se, neste momento, o que poderia ser), e um outro fragmento (quadrícula 92.22, "camada 3") de um "elemento de tear" (Nº 32). Dada a falta de

outros dados não se conseguirá aprofundar esta situação, mas a fragmentação de todos estes materiais é uma particularidade que deverá ser estudada.

- Morfologia – desconhecem-se (para o período temporal que se abarcou) os motivos para a grande diversidade morfológica verificada (obedeceriam, ou não, a especificidades funcionais, ou serão escolhas mais de carácter estético?). Dado que este assunto não está explorado, toda a informação que se obtenha sobre a morfologia dos "elementos de tear" é considerada proveitosa para o seu estudo.

- Medidas de comprimento, largura e espessura – no caso do inventário realizado, criaram-se intervalos de medidas por se ter verificado que um mesmo "elemento de tear" apresenta valores diferentes dependendo da forma como se mede. Sérgio Gomes, por outro lado, atendeu aos índices de espessura (E/C x 100) e de alongamento (C/L x 100) para a elaboração da sua tipologia (GOMES, 2003: 49), e estes índices implicam medidas certas. Independentemente da forma como se mede, devem ser referidas as medidas, quer sejam gerais, quer sejam por intervalos. Pode haver algumas incertezas no que se considera comprimento ou largura, dado que estes dependem da forma como vemos estes materiais no momento da medição. Caso se queira evitar isto, pode-se escolher medir o lado maior e o lado menor (e não os designar por comprimento ou largura), ou podem-se escolher os critérios que se consideram apropriados, desde que devidamente explicados. No caso dos "crescentes", o ângulo de abertura é crucial: como existem dúvidas sobre o que estes materiais são, pode tentar-se testar a sua possível aplicação num tear. Se forem usados como pesos, os diferentes ângulos poderão indicar diferentes posições num tear ou revelar que não seria prático usarem-se "crescentes" com ângulos muito diferentes. E como este é um assunto que ainda não foi devidamente estudado, este tipo de informação pode revelar-se necessária.

**Peso**: Este é um dado útil, especialmente porque a maioria destes materiais é vista como um peso num tear. Mas só em relação com as informações do ponto anteriormente designado como "**Estado**" é que se poderão distinguir "pesos" de "placas", por exemplo, ou se poderão considerar possibilidades de aplicação em conjunto (se bem que não é por haver pesos diferentes que estas possibilidades ficam inviabilizadas). Porém, numa primeira abordagem, esta situação não tem necessariamente que ser considerada.

São estes os pontos que consideramos importantes para uma primeira abordagem em campo (após o material ser retirado da escavação) e que facilitam um primeiro

enquadramento genérico. Posteriormente, dependendo dos objectivos definidos pelos investigadores, estes considerarão outros dados necessários e desenvolverão os seus próprios pontos-chave (por exemplo, o tamanho das perfurações, o tratamento de superfície, a composição da pasta …). Contudo, em nossa opinião, o que foi aqui indicado como O.S.E.P são dados básicos e inseparáveis entre si porque é o seu conjunto que nos dá a informação necessária para se entenderem alguns aspectos da utilização destes materiais, o que, por sua vez, permite a criação e a análise de contextos.

Finalmente, no caso dos "elementos de tear" serem incluídos num estudo a publicar, aconselha-se a que **se apresentem ou disponibilizem os dados que possibilitaram esse estudo** (em forma de anexo, inventário, online …). As investigações não têm como único objectivo transmitir o tratamento de dados dos sítios arqueológicos e chegar a considerações finais, mas também partilhar informação e dúvidas que poderão levar outros investigadores a desenvolver as suas abordagens. Espera-se, assim, que com esses dados estes investigadores possam contribuir para acrescentar informações ao estudo em que se basearam.

## CAPÍTULO 7: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante tudo o que foi dito, e analisando o percurso feito, consideramos que esta não é uma investigação concluída. O que se apresenta é o início de uma pesquisa que partiu do estudo dos "elementos de tear" encontrados em sítios relacionados com a Pré-História Recente em Portugal. Verificou-se que existe um consenso geral de que estes materiais são vestígios de teares e da prática da tecelagem, e esta ideia tem-se reflectido na interpretação das realidades e na construção de narrativas sobre os sítios e sobre o passado. Porém, o estudo feito por Sérgio Gomes abriu caminho para se questionar se em todas as situações estes materiais poderiam ser vistos como evidências da prática da tecelagem, ou se poderiam estar conotados com outro tipo de práticas.

De facto, o que averiguámos no estudo dos "elementos de tear" da estrutura subcircular A foi que enquanto alguns deles poderiam remeter para uma ligação à tecelagem, outros remeteriam para diferentes tipos de práticas, como as que estão relacionadas com a construção/ manutenção/organização/marcação do espaço interno da estrutura e/ou da estrutura em si. Ou seja, apoiamos a sugestão de Sérgio Gomes, e confirmamos que **a ligação à tecelagem não é evidente em todas as situações onde estão os "elementos de tear".** Não se nega esta possível relação, mas nota-se que, e à semelhança do que foi sugerido para Castelo Velho, eles parecem remeter para práticas diferentes relacionadas, neste caso, com a própria estrutura e a com a manipulação do espaço. Os que podiam ser empregues na prática da tecelagem, não denotam nesse espaço, o que torna mais difícil explicar a sua presença.

O estudo da estrutura subcircular A levou à criação de uma proposta de comparação das sequências deposicionais nela definidas com as que foram identificadas na "estrutura ritual com ossos" de Castelo Velho. Desta comparação a questão que se levantou foi: haverá, na descrição das sequências, algo que indicie deposições encadeadas equiparáveis? Fica em aberto o seu desenvolvimento.

O estudo dos "elementos de tear" de Castanheiro do Vento, mais concretamente da estrutura subcircular A, apoiou-se na definição de contextos e de relações entre os vários materiais, que derivam de objectivos propostos e da tentativa de se verificar se, de facto, os "elementos de tear" evidenciariam outro tipo de práticas que não só a de tecelagem. Isto não significa que não existam outras formas de abordar o assunto, mas esta foi a que considerámos mais apropriada. O "contexto" foi usado como um método de estudo, mas também resultou da nossa definição e delimitação intencional. O estudo

contextual foi orientado por, mas também orientou, dúvidas e questões consideradas pertinentes para o estudo dos "elementos de tear". Apesar de se ter chegado à ideia de que os estes materiais possam não remeter para a prática concreta da tecelagem em todas as situações em que são encontrados, não foi possível esclarecer muitas das dúvidas que foram apresentadas ao longo do trabalho. Porém, estamos confiantes de que futuras investigações possam contribuir para as esclarecer.

O que geralmente se menciona por "elementos de tear" são objectos com vários pesos e dimensões, que têm como principal característica identificativa as perfurações, os formatos e as matérias-primas. As interpretações que foram feitas destes materiais reflectiram a visão que se criava do passado e do que se considerava ser mais importante estudar. Paralelamente, e dentro da ligação à prática da tecelagem, têm sido levantadas várias dúvidas por parte dos investigadores que abordaram estes objectos. As dúvidas mais levantadas por quem estuda os "elementos de tear" relacionam-se com:

– A grande variedade morfológica englobada pelo termo "pesos de tear", sendo que não é clara a razão para existirem diferenças não só entre tipos distintos, como dentro de uma mesma categoria. Se o papel dos "pesos" é aceite como sendo o de manter a tensão dos fios, o papel das "placas" e, especialmente, o dos "crescentes" é mais incerto. O que verificámos foi que há uma certa confusão na natureza destas designações, o que pode reflectir-se no resultado do estudo efectuado. Esta confusão foi notada especialmente no que respeita aos materiais que são identificados como "placas", por uns investigadores, e como "pesos" por outros. Por isso, e tendo em conta o esclarecimento proposto por Rui Boaventura, sugeriu-se uma mudança terminológica como forma de facilitar o estudo destes materiais: substituiu-se a expressão "pesos de tear", designação usada não só para mencionar uma categoria de materiais, como um tipo inserido nessa categoria, pela expressão "elementos de tear", por se considerar mais apropriado, e abrangente. Porém, das dúvidas que permanecem, e que consideramos importantes, questionamos: será que "elementos de tear" com morfologias diferentes poderão ter sido aplicados num mesmo mecanismo? Ou denotarão técnicas diferentes?

– A heterogeneidade observada relativamente ao peso (g.) dos "elementos de tear" e o que isto implica na tecelagem. Embora o peso (g.) seja a base para a distinção entre as "placas" e os "pesos", algumas placas poderiam desempenhar o papel de pesos num tear (manter a tensão da urdidura), ou de placas (torção da urdidura), dependendo das fibras. Por sua vez, os "pesos" não parecem poder ser usados como "placas". A diferença em termos de peso (g.) não impede uma aplicação conjunta destes

materiais, uma vez que o mais importante será manter uma tensão equilibrada dos fios. A própria distinção entre "placas" e "pesos" não tinha necessariamente que existir para todos os casos. Ou seja, esta questão continua também em aberto.

– A variação (em número) das perfurações e a consequente posição que estes materiais teriam num tear

– O aparecimento de diferentes quantidades de "elementos de tear" nos vários sítios arqueológicos. Reconhece-se que as diferenças em termos de intervenção não permitem explicar todas as situações (embora as possam influenciar), nas quais se recolheram diversas quantidades destes materiais, e até ao momento, esta questão continua em aberto. A descoberta de diferentes quantidades de "elementos de tear" dentro de um mesmo sítio arqueológico deve ser estudada de um ponto de vista mais contextual, tendo em conta os espaços onde aparecem e os materiais com os quais estão ligados. Mesmo assim, consideramos uma pergunta pertinente: quantos "elementos de tear" são necessários para sugerir a existência da prática da tecelagem, mesmo seguindo uma abordagem contextual?

– O que pode significar a sua distribuição a nível nacional (tendo como base as descobertas arqueológicas, e reconhecendo que esta distribuição deriva essencialmente das áreas de intervenção que são escolhidas), bem como o seu aparecimento em termos cronológicos (a associação à chamada "Revolução dos Produtos Secundários" e à transição entre o "Neolítico Final" para o "Calcolítico", por exemplo). O aparecimento de "elementos de tear" tem sido associado a um certo tipo de sítios, identificados como "povoados". Por outro lado, o seu aparecimento em espaços como a "estrutura ritual" de Castelo Velho, ou na Anta Grande de Antões não se coaduna com o carácter supostamente "doméstico"[11] que lhes é atribuído.

Talvez tenham sido apresentadas mais dúvidas do que certezas, mas foram também esclarecidas algumas ideias, conceitos, terminologias e abordagens. No geral, ficou a ideia que os "elementos de tear" nem sempre são o que parecem ser. A ligação à tecelagem não foi negada, mas foi questionada a ligação à sua prática em todas as situações em que os "elementos de tear" são encontrados. Na realidade, eles permanecem sob escrutínio, e foi por isso que se criou um **guia de estudo**, que permita aos investigadores recolherem, num primeiro momento, alguma informação considerada

[11] Ritual/Doméstico é uma dicotomia muito usada pela arqueologia, a carecer duma reflexão profunda

relevante. Para facilitar isto, criámos a sigla **O.S.E.P** (origem, situação, estado e peso), que poderá ser utilizada como orientação.

Sentimos que é necessária mais informação teoricamente orientada. Seria uma mais-valia para esta problemática se outros investigadores estivessem envolvidos nessa busca, por forma a que, a pouco e pouco, a ambiguidade deste tema vá sendo progressivamente reduzida.

## BIBLIOGRAFIA

### CARTOGRAFIA:

Atlas do Ambiente Digital – Instituto do Ambiente. Shapefile da Rede Hidrográfica, do Limite do Continente, dos Concelhos, da Toponímia de Concelhos, da Altimetria [Consultado no dia 13 de Setembro de 2010]. Disponível em: http://www.iambiente.pt/atlas/dl/download.jsp . Programa utilizado: ArcGIS, versão 9.2

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:


ARRIZABALAGA, Ángel Rivera (2004) – *Arqueología cognitiva: una orientación psicobiológica*. Arqueoweb [online]. UNED, Dpto. Prehistoria e Hª Antígua. Publicado a 6 de Maio de 2004 [Consultado no dia 12 de Setembro de 2010]. ISSN: 1139-9201. Disponível em: http://www.ucm.es/info/arqueoweb

BARBER, E. J. W. (1991) – *Prehistoric textiles: the development of cloth in the Neolithic and Bronze Ages with special reference to the Aegean.* United Kingdom: Princeton University Press. ISBN 0-691-00224-X

BARBOSA, Ernani (1956) – *O castro da Pedra do Ouro (Alenquer)*. **IN** O Arqueólogo Português. Lisboa: Museu Ethnographico Português – S.1, vol. 3. Pp. 75-85

BARNARD, Alan (2004) – *History and theory in anthropology*. United Kingdom: Cambridge University Press. ISBN 0-511-01616-6 (e-book)

BARRETT, John C. (1987) – *Contextual archaeology*. **IN** Antiquity [online]. Nº 61. [Consultado no dia 15 de Agosto de 2010] Pp. 468-473. Disponível em: http://antiquity.ac.uk/Ant/061/0468/Ant0610468.pdf

(2001) – *Agency, the duality of structure, and the problem of the archaeological record* **IN** HODDER, Ian (edt) – Archaeological Theory Today. England: Polity Press. ISBN 0-7456-2268-2. Pp. 141-164

BINFORD, Lewis R. (1962) – *Archaeology as anthropology* **IN** American Antiquity [online]. Society for American Archaeology, Vol. 28, Nº 2 (Outubro). [Consultado no dia 7 de Janeiro de 2010]. Pp. 217-225. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/278380

(1965) – *Archaeological systematics and the study of culture process* **IN** American Antiquity [online]. Society for American Archaeology, Vol. 31, Nº 2, Parte 1 (Outubro). [Consultado no dia 7 de Janeiro de 2010]. Pp. 203-210. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/2693985

BOAVENTURA, Rui (2002) – *O sítio Calcolítico do Pombal (Monforte): uma recuperação possível de velhos e novos dados* [online]. [Consultado no dia 5 de Novembro de 2009]. Disponível em: http://www.ipa.min-cultura.pt/pubs/TA

BRANCO, Maria Gertrudes Azinheira (2007) – *A Pedra do Ouro (Alenquer): uma leitura actual da colecção Hipólito Cabaço* [online]. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, Trabalhos de Arqueologia, Nº 49. ISBN 978-972-8662-31-8. [Consultado no dia 5 de Novembro de 2009]. Disponível em: http://www.ipa.min-cultura.pt/pubs/TA

BRÜCK, Joanna (2001) – *Monuments, power and personhood in the British Neolithic.* **IN** The Journal of the Royal Anthropological Institute [online]. Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland. Vol. 7, Nº 4. [Consultado no dia 21 de Setembro de 2010]. Pp. 649-667. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/pdfplus/3134810.pdf

BUCHLI, Victor (edt.) (2002) – *The Material Culure Reader*. [online]. New York:Berg. ISBN 1-85973-554-1. Disponível em: http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=102289933

BUTZER, Karl W (1980) – *Context in archaeology: an alternative perspective* **IN** Journal of Field Archaeology [online]. Universidade de Boston, Vol. 7, Nº 4 [Consultado no dia 28 de Março de 2010]. Pp. 417-422. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/529520

CALADO, Manuel (2001) – *Da Serra d'Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional* [online]. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Trabalhos de Arqueologia 19. ISBN: 972-8662-02-5. Disponível em: http://www.igespar.pt/media/uploads/trabalhosdearqueologia

CAPLE, Chris (2006) – *Objects: Reluctant witnesses to the past.* Routledge. ISBN 0-203-40906-X (e-book)

CARDOSO, João C. Muralha (2007) – *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) – Um Recinto Monumental do IIIº e IIº milénio a.C.: problemática do sítio e das suas estruturas à escala regional.* Porto: FLUP. Dissertação apresentada no âmbito do Doutoramento

CARDOSO, João Luís (1994) – *Leceia 1983-1993: Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. ISSN: 0872-6086

CARDOSO, João Luís; CARREIRA, Júlio Roque (2003) – *O povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): Estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905).* **IN** Estudos Arqueológicos de Oeiras, 11. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. Pp. 97-228

CHAPMAN, Robert (2003) – *Archaeologies of complexity*. Routledge. ISBN 0-203-415177-5 (e-book)

COSTA, António I. Marques da (1903) – *Estações prehistóricas dos arredores de Setúbal: Objectos prehistóricos encontrados no Castro da Rotura*. **IN** O Arqueólogo Português. Lisboa: Museu Ethnographico Português – S. 1, vol. 8, nº 5-6 (Maio-Junho). Pp. 137-148

(1903) – *Estações prehistóricas dos arredores de Setúbal: Objectos prehistóricos encontrados no Castro da Rotura*. **IN** O Arqueólogo Português. Lisboa: Museu Ethnographico Português – S. 1, vol. 8, nº 10-12 (Outubro-Dezembro). Pp. 266-274

(1906) – *Estações prehistóricas dos arredores de Setúbal: Castro de Chibannes.* **IN** O Arqueólogo Português. Lisboa: Museu Ethnographico Português – S. 1, vol. 11, nº 1-4 (Janeiro-Abril). Pp. 40-50

CULLER, Jonathan (2006) – *On deconstruction: theory and criticism after structuralism*. (1ª edição 1983) Cornell University: Routledge. ISBN 0-415-04555-X.

DARK, K. R. (1995) – *Theoretical archaeology*. New York: Cornell University Press. ISBN 0-8014-8252-6.

DARVILL, Timothy (2003) – *The concise Oxford dictionary of archaeology*. Oxford University Press, 2003. ISBN 0-19-280005-1

DEMARRAIS, Elizabeth (2005) – *Holistic/contextual archaeology*. **IN** RENFREW, Colin; BAHN, Paul – Archaeology: The Key Concepts. Routledge. ISBN 0-203-49109-2 (e-book). Pp. 106-109.

DINIZ, Mariana (1994) – *Pesos de Tear e Tecelagem no Calcolítico em Portugal*. **IN** Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 1º Congresso de Arqueologia Peninsular. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, (vol. 3-4). Actas IV. ISSN: 0304-243X. Pp. 133-149

FORBES, R. J. (1987) – *Studies in Ancient Technology*. Leiden/New York: E. J. BRILL. Vol. IV. 2.ª edição. ISBN 90 04 08307 3

FOUCAULT, Michel (2000) – *A palavra e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.* Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes. ISBN 85-336-0997-31

GAMBLE, Clive (2001) – *Archaeology the Basics.* Routledge. ISBN 0-203-15804-0 (e-book)

GEIJER, Agnes (1982) – *A History of Textile Art: A Selective Account*. London: Pasold Researche Found in association with Sotheby Park Bernet. ISBN 0856670553

GINER, Carmen Alfaro (1984) – *Tejido y cestería en la Península Ibérica: historia de su técnica e industrias desde la prehistoria hasta la romanización.* Madrid: Instituto Español de Prehistoria. ISBN 84-00-05710-4

GOMES, Sérgio (2003) – "*Contributos para o Estudo dos "Pesos de Tear" de Castelo Velho de Freixo de Numão (V.N. Foz Côa): Exercícios de Interpretação do Registo Arqueológico*." Porto: FLUP Dissertação apresentada no âmbito do Mestrado

GONÇALVES, Vítor S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental: Uma aproximação integrada*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. Vol. 1. ISBN 972-667-109-4

(2000-2001) – *O Trigo, o cobre, a lã e o leite: um guia bibliográfico e uma curta introdução às sociedades camponesas da primeira metade do 3º milénio no centro e sul de Portugal.* IN Zephyrus, nº 53-54. ISSN 0514-7336. Pp. 273-292

GUARINELLO, Norberto Luiz (2005) – *Archaeology and the meanings of material culture* **IN** FUNARI, Pedro Paulo; ZARANKIN, Andrés; STOVEL, Emily (eds.) – Global Archaeological Theory: Contextual Voices and Contemporary thoughts. Kluwer Academic/Plenum Publishers. ISBN 0-306-48652-0 (e-book). Pp. 19- 28

HAMILAKIS, Yannis; LABANYI, Jo (2008) – *Time, Materiality and the Work of Memory*. **IN** History and Memory [online]. Vol. 20, Nº 2. [Consultado no dia 26 de Agosto de 2010]. Disponível em: http://soton.academia.edu/documents/0097/0415/HamilakisLabanyiHistoryMemoryIntorduction.pdf

HEITOR, António José Fernandes (2002) – *A pré-história recente no Douro Sul (Concelhos de S. João da Pesqueira e Tabuaço): um ensaio de arqueologia espacial.* Porto: FLUP. Dissertação apresentada no âmbito do Mestrado

HODDER, Ian (1991) – *Interpretative Archaeology and its Role*. **IN** American Antiquity [online]. Society for American Archaeology, Vol. 56, nº 1. [Consultado no dia 28 de Março de 2010]. Pp. 7-18. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/280968

(1992) – *Theory and Practice in Archaeology*. Routledge. ISBN 0-203-67382-4 (e-book)

(1999) – *The archaeological process: An introduction*. United Kingdom: Blackwell publishers. ISBN: 0-631-19885-7

HODDER, Ian; HUTSON, Scott (2003) – *Reading the Past: Current Approaches to interpretation in archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press. 3ª edição. ISBN 978-0-511-07694-7 (e-book)

HODGES, Henry (1989) – *Artifacts: An Introduction to Early Materials and Technology*. London: Duckworth. 3ª edição

JIMÉNEZ JÁIMEZ, Víctor (2008) – *EL ciclo formativo del registro arqueológico. Una alternativa a la dicotomia deposicional/posdeposicional.* **IN** Zephyrus [online]. Universidade de Salamanca, Vol. LXII. ISSN: 0514-7336. Pp. 125-137. Disponível em: http://campus.usal.es/~revistas_trabajo/index.php/0514-7336/issue/view/134

JOHNSEN, Harald; OLSEN, Bjørnar (1992) – *Hermeneutics and Archaeology: On the philosophy of contextual archaeology*. **IN** American Antiquity [online]. Society for American Archaeology. Vol. 57, Nº 3. [Consultado no dia 28 de Março de 2010]. Pp. 419-436. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/280931

JONES, Andrew (2002) – *Archaeological theory and scientific practice*. United Kingdom: Cambridge University Press. ISBN 0 521 79393 9

JORGE, Susana Oliveira (1986) – *Povoados da Pré-História recente da região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental): Bases para o Conhecimento do IIIº e princípios do IIº milénios a.C. no Norte de Portugal.* Porto: FLUP. Dissertação apresentada no âmbito do Doutoramento

(2005) – *O Passado é redondo: Dialogando com os sentidos dos primeiros recintos monumentais.* Porto: Edições Afrontamento. ISBN 972-36-0780-8

JORGE, Susana Oliveira; OLIVEIRA, Maria de Lurdes; NUNES, Susana Andreia; GOMES, Sérgio (1998-1999) – *Uma Estrutura Ritual com Ossos Humanos no Sítio Pré-Histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vª Nª de Foz Côa)*. **IN** Portugália. Nova Série, Vol. XIX-XX

JORGE, Vítor Oliveira (2003) – *Das sete vidas dos objectos*. **IN** Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Ciências e Técnicas do Património. Porto: FLUP. I Série, vol. 2. ISSN 1645-4936. Pp. 843-864

(2009) – Archaeology's Achilles heel: some notes for a work aiming at overcoming the misleading concept of "material culture". **IN** JORGE, Vítor (edt.) – Journal of Iberian Archaeology. Porto: ADECAP. Vol. 9. ISSN 0874-2677. Pp. 99-104

JORGE, Vítor Oliveira; CARDOSO, João Muralha; VALE, Ana; VELHO, Gonçalo; PEREIRA, Leonor (2006) – Copper Age "monumentalized hills" of Iberia: the shift from positivistic ideias to interpretive ones. **IN** JORGE, Vítor; et al (edts) – Approaching "Prehistoric and protohistoric architectures" of Europe from a "dwelling perspective". Porto: ADECAP. Vo.8. ISSN 0874-2677. Pp. 203-264

(2005) – Sítio Pré-Histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): principais conclusões das escavações de 2005. **IN** Portugalia. Nova Série. Vol. XXVI. Pp. 41-52

KUNST, Michael (2007) – *Zambujal (Torres Vedras, Lisboa): relatório das escavações de 2001*. [online] Revista Portuguesa de Arqueologia. Nº 1, Vol. 10. Pp. 95-118. ISSN: 0874-2782. Disponível em: http://dialnet.unirioja.es/servlet/revista?tipo_busqueda=CODIGO&clave_revista=3782

LEROI-GOURHAN, André (1984): *Evolução e Técnicas*. Lisboa: Edições 70. Vol. I e Vol. II: "O Homem e a Matéria" e "O Meio e as Técnicas"

LUCAS, Gavin (2001) – *Critical approaches to fieldwork: Contemporary and historical archaeological practice*. United Kingdom: Routledge. ISBN 0-415-23534-0

(2007) – *The unbearable lightness of prehistory. Archaeological reflections on material culture and time.* **In** JORGE, Vítor Oliveira; THOMAS, Julian (eds) – Overcoming the modern invention of material culture. Porto: ADECAP. ISSN 0874-2677. Pp. 25-38

MÅRTENSSON, Linda; ANDERSSON, Eva; NOSCH, Marie-Louise; BATZER, Anne (2005-2007) – *Technical report: experimental archaeology* (Part 1; Part 2; Part 3; Part 4). [online] Tools and Textiles – Texts and Contexts Research Programme. The Danish National Research Foundation's Centre for Textile Research. Universidade de Copenhagen. Disponível em: http://ctr.hum.ku.dk/research/tools_and_textiles_/experimental_reports/

MEDEIROS, Carlos Laranjo; LOPES, Filomena; TOSTÕES, Ana (2000) – *Tecelagem tradicional: Motivos e Padrões*. Lisboa: Livros e Leituras. ISBN: 972-8483-22-8

OLSEN, Bjørnar (2003) – *Material culture after text: re-membering things.* **IN** Norwegian Archaeological Review [online]. Taylor & Francis. Vol. 36, Nº 2. Disponível em: http://www.staff.amu.edu.pl/~ewa/Olsen,%20Material%20Culture%20After%20Text.pdf

PAÇO, Manuel Afonso do (1940) – *Placas de barro de Vila Nova de S. Pedro*. **IN** Vários – Congresso do Mundo Português: Memórias e comunicações apresentadas ao Congresso de Pré e Proto-história. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários. Vol.I. Pp. 235-249

PEREIRA, Félix Alves (1915) – *Estação Arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos).* **IN** O Arqueólogo Português. Lisboa: Museu Ethnographico Português – S.1, vol. 20, nº 1-12 (Janeiro-Dezembro). Pp. 107-155

RENFREW, Colin; BAHN, Paul (2004) – *Archaeology: Theories, Methods and Practice*. London: Thames & Hudson. 4ª edição. ISBN 0-500-28441-5

SABLOFF, Jeremy (2005) – *Processual archaeology*. **IN** RENFREW, Colin; BAHN, Paul – Archaeology: The Key Concepts. Routledge. ISBN 0-203-49109-2 (e-book). Pp. 159-164

SCHUBART, H.; FERREIRA, Octávio Veiga; MONTEIRO, José de A. (1969) – *A Fortificação Eneolítica da Columbeira – Bombarral*. **IN** O Arqueólogo Português. Lisboa: Museu Ethnographico Português – S. 3, vol.3. Pp. 17-35

SHANKS, Michael; TILLEY, Christopher (1987) – *Social Theory and Archaeology*. Great Britain: Polity Press. lSBN 0 7456 0184 7

SILVA, Carlos Tavares; SOARES, Joaquina (escrito em 1987) (1992) – *Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos*. **IN** Setúbal Arqueológica. Vol. IX-X. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, Assembleia Distrital de Setúbal. Pp. 37-88. ISSN 0872-3451

SIRET, Henri; SIRET, Louis (1888) – *Les Premiers Ages du Métal dans le Sud-Est de L'Espagne*. Bruxelles : Imprimierie Polleunis. [online]. [Consultado no dia 12 de Novembro de 2009]. Disponível em : http://www.archive.org/stream/lespremiersagesd00sireuoft/lespremiersagesd00sireuoft_djvu.txt

TILLEY, Christopher (1994) – *Interpreting Material Culture*. **IN** PEARCE, Susan M. (edt.) – Interpreting objects and collections. London: Routledge. ISBN 0-203-42827-2. Pp. 67-75

THOMAS, Julian (2004) – *Archaeology and Modernity*. London: Routledge. ISBN 0-203-49111-4 (e-book)

THOMAS, Julian (2007) – *The trouble with material culture*. **IN** JORGE, Vítor; THOMAS, Julian (edts.) – Overcoming the modern invention of material culture. Porto: ADECAP. Vol. 9/10. ISSN: 0874-2677. Pp.11-24

TRIGGER, Bruce (1992) – *Historia del pensamiento arqueológico*. Barcelona: Editorial Crítica. (Edição original de 1989) ISBN 84-7423-530-8

VALE, Ana (2003) – *Castanheiro do Vento: Contributo para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalhos (1998-2000).* Porto: FLUP. Dissertação apresentada no âmbito do Mestrado

VALERA, António Carlos; ESTEVINHA, Isabel (1993) – Castro de Santiago, Fornos de Algodres: uma abordagem preliminar da campanha 1 (1989) **IN** Trabalhos de Arqueologia da EAM, 1. Lisboa, Colibri.nPp. 23-28

VALERA, António Carlos (1997) – *O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda): Aspectos da calcolitização do Alto Mondego* Lisboa: Câmara Municipal de Fornos de Algodres

(2003) – *A Propósito de Recintos Murados do 4º e 3º Milénios A.C.: dinâmica e fixação do discurso arqueológico*. **IN** JORGE, Susana Oliveira (coord.) – Recintos Murados da Pré-história Recente: Técnicas construtivas e organização do espaço. Conservação, restauro e valorização patrimonial de arquitecturas pré-históricas. Porto-Coimbra, FLUP e CEAUCP. ISBN 972-9350-82-5

(2007) – *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio a.C. (Fornos de Algodres, Guarda)*. Portugal: Município de Fornos de Algodres /Terra de Algodres

(2008) – *O novo recinto de fossos calcolítico de Xancra (Cuba, Beja).* **IN** Revista Apontamentos de Arqueologia e Património 2. ERA Arqueologia, Núcleo de Investigação Arqueológica (Maio). Pp. 23-26

VASCONCELOS, José Leite (1918) – *Pelo Sul de Portugal: Baixo Alentejo e Algarve*. **IN** O Arqueólogo Português. Lisboa: Museu Ethnographico Português – S.1, vol. 23, nº 1-12 (Janeiro-Dezembro). Pp. 104-138

(1938) – *Miscelânea*. **IN** O Arqueólogo Português. Lisboa: Museu Ethnographico Português – S.1, vol. 30. Pp. 181-186

VATTIMO, Gianni (1996) – *Introdução a Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget. ISBN 972-771-049-2

VELHO, Gonçalo Cardoso Leite (2009) – *"Castelo Velho, a Natureza e o Tempo: questões relativas à Re-construção de um lugar"*. Porto: FLUP. Dissertação apresentada no âmbito do Doutoramento

WESTMAN, Andrew (1994) – *Archaeological site manual*. London: Museum of London. ISBN 0 904848 40 3

WYLIE, Alison (2002) – *Thinking from Things: Essays in the Philosophy of Archaeology*. [online] Berkeley: University of California Press. Disponível em: http://ark.cdlib.org/ark:/13030/kt087016q0/

YENTSCH, Anne; BEAUDRY, Mary C. (2001) – *American Material Culture in Mind, Thought, and Deed* **IN** HODDER, Ian (edt) – Archaeological Theory Today. England: Polity Press. ISBN 0-7456-2268-2. Pp. 214 – 240

# ANEXO 1

## O TEAR VERTICAL DE PESOS E O PAPEL DAS PLACAS

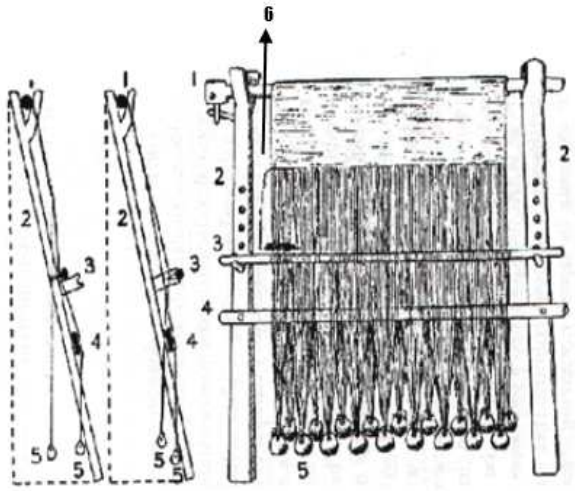



**Figura 1:** Exemplo de um tear vertical de pesos. Legenda: 1 – vara horizontal onde se prende a urdidura; 2 – varas verticais que sustentam a horizontal. 3 – vara à qual se ligam certos fios da urdidura, e que facilita o seu cruzamento. Isto pode ser visível nas ilustrações à esquerda, em que se mostra o seu movimento, e o pequeno espaço que se cria por cima da vara é onde se mete o fio da trama, indicado pelo nº 6; 4 – vara de separação: podem ser inseridas outras varas que facilitem o separar dos fios; 5 – os pesos situar-se-iam nesta posição (figura retirada de FORBES, 1987: p. 209, e modificada).

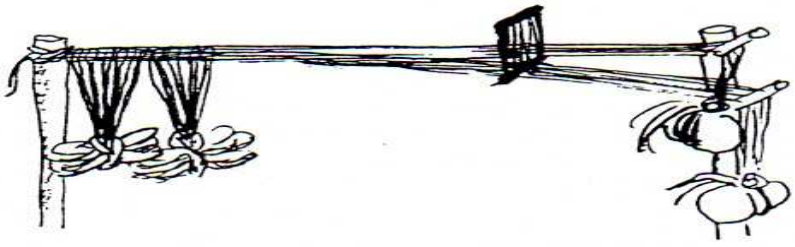


**Figura 2:** Exemplo de um tear horizontal de grade (cuja função é semelhante à da vara no tear vertical de pesos. Isto é, separar a urdidura). O que se salienta é a presença de pesos para manterem a tensão dos fios, no lado direito da ilustração (figura retirada de GINER, 1984: p. 91).

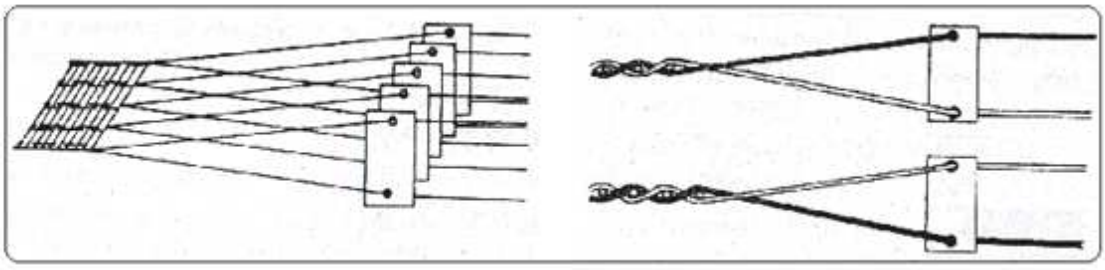


**Figura 3:** Exemplo da aplicação das placas, neste caso com duas perfurações, e ilustração da sua rotação (figura retirada de HODGES, 1989: p. 136).

# ANEXO 2 – PARTE I

## INVENTÁRIO DE SÍTIOS EM PORTUGAL ONDE FORAM IDENTIFICADOS “ELEMENTOS DE TEAR”

# ANEXO 2 – PARTE II

## SÍTIOS QUE NÃO FORAM INCLUÍDOS NO INVENTÁRIO

| Nº | Sítio | Tipologia (mencionada pelos autores) | Localização | | | "Elementos de tear" | | | | Descrição e comentários | Referências (e referências feitas pelos autores) |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | Freguesia | Concelho | Distrito | Pesos | Crescentes | Placas | Total | | |
| 1 | Pastoria | "povoado" | Redondelo | Chaves | Vila Real | 1 | | | 1 de argila | "…um objecto sub-oval em rocha xistenta esteatisada, com perfuração central, decorado em uma das faces com sulcos raiados; - um objecto sub-circular, de xisto mosqueado, com perfuração central, decorado nas duas faces com sulcos raiados." (p. 418). Foi identificado um peso em argila, na camada 3 (base-nível de pedras), de contorno e secção sub-rectangulares, e com quatro perfurações, uma em cada canto do objecto, de ângulos arredondados; um outro peso em pedra é referido. Associado à camada 2 (nível superior) está um objecto que é descrito como sendo um "…pequeno disco de ardósia de contorno sub-quadrangular, de faces | 1. JORGE, Susana. – Povoados da Pré-História recente da região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental): Bases para o Conhecimento do IIIº e princípios do IIº milénios a.C. no Norte de Portugal. FLUP: dissertação de doutoramento, 1986. Pp. 409 – 573; 573 – 635 |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | planas, secção rectangular e perfuração central bitronco-cônica." (p. 507), de uma matéria-prima xistenta esteatisada, que poderá ser mencionado como peso.<br>Obs. Escavações | |
| 2 | Castelo de Aguiar | Povoado | Telões | Vila pouca de Aguiar | Vila Real | 1 | | | 1 (outro de xisto) | Jorge – Foi encontrado um objecto, fragmentado, que apresentava quatro perfurações equidistantes, separadas por sulcos raiados, com contornos possivelmente sub-circulares, e feito em granito (p. 581). Nos níveis associados a uma segunda ocupação, na camada 4, foi encontrada uma placa em argila, de forma sub-circular, com três perfurações sub-cilíndricas (conteria uma quarta), duas em cada extremidade, que apresenta uma secção sub-rectangular espessa, e ângulos muito arredondados (pp. 611, 612).<br>Obs. Escavações | 1. JORGE, S. – Povoados da Pré-História recente da região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental): Bases para o Conhecimento do IIIº e princípios do IIº milénios a.C. no Norte de Portugal. FLUP: dissertação de doutoramento, 1986. Pp. 409 – 573; 573 – 635<br><br>2. DINIZ, Mariana: Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. IN Trabalhos de Antropologia e Etnologia: 1º congresso de arqueologia peninsular. Vol. 34 (3-4). Actas IV. Porto: 1994. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. ISSN: 0304-243X |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 3 | Crasto de Palheiros | “povoado” | Palheiros | Murça | Vila Real | 1 | | | 1 | P. 122: “o único “peso de tear”, ou seja, placa de barro rectangular, perfurada, exumada nesta estação”<br><br>Há um outro mencionado nos desenhos, como peso de tear ou de rede em quarzito<br><br>Obs. Escavações | 1. SANCHES, Maria de Jesus (coord) – O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto, Murça).Maria de Jesus Sanches, 2008. ISBN 978-972-97337-3-4 |
| 4 | Cunho | “povoado” | Peredo da Bemposta | Mogadouro | Bragança | 5? (12 ?) | | | 5 de argila | Sanches – “…dois fragmentos de objectos cerâmicos de forma sub-rectangular vulgarmente denominados de «pesos de tear» …”, sendo um deles composto por duas perfurações alinhadas horizontalmente; juntamente com um outro peso de talco-xisto, polido. Este último está fragmentado, e apresenta duas perfurações alinhadas, mas incompletas . Há referência a dois pesos em talco-xisto no sector II + no sector V: um «peso de tear» em argila (pasta grosseira, superfície “rugosa” de cor castanha clara com | 1. SANCHES, Maria de J. – Pré-história recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes). Porto: GEAP, 1992. “Monografias Arqueológicas” 3. Pp. 86 – 118<br><br>2. DINIZ, Mariana – Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. IN Trabalhos de Antropologia e Etnologia: 1º congresso de arqueologia peninsular. Vol. 34 (3-4). Actas IV. Porto: 1994. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. ISSN: 0304-243X |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | manchas negras), fragmentado, com contorno e secções rectangulares, e duas perfurações alinhadas horizontalmente; e outro é referido no Quadro I, em talco-xisto; e no sector VI são mencionados dois pesos, também em argila, um deles de forma e secção sub-rectangulares, com duas perfurações, uma em cada extremidade, e o outro semelhante, com a diferença de ter quatro perfurações; e outros três são referidos no Quadro I, estes em talco-xisto: um deles tem parte de uma perfuração e uma secção provavelmente sub-rectangular; foi registada também uma camada de ocupação neste sector.<br>Obs. Escavações | |
| 5 | Castelo Velho | "recinto monumental"<br>"povoado ou habitat" (coixão) | Freixo de Numão | Vila Nova de Foz Côa | Guarda | ? | | ? | 202 | Gomes – "No universo de 202 elementos analisados foi possível efectuar colagens entre 22 fragmentos, apontando deste modo para um número | 1. GOMES, Sérgio – "Contributos para o Estudo dos "Pesos de Tear" de Castelo Velho de Freixo de Numão (V.N. Foz Côa): Exercícios de Interpretação do Registo Arqueológico." |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | máximo de 180 unidades. Todavia, é de referir que 35 destes elementos correspondem a fragmentos que, apesar de não apresentarem uma associação entre si, devido ao seu carácter fragmentado não permitem assegurar que se tratem de diferentes unidades. Este aspecto permite a apresentação de um número mínimo de 155 unidades"<br><br>"… Castelo Velho de Freixo de Numão (Gomes, 1998-1999, p. 38) há placas com 2 + 3 furos"<br><br>Obs. Escavações | Dissertação para a obtenção do grau de Mestre. Porto: FLUP.<br><br>2. BOAVENTURA, Rui – O sítio Calcolítico do Pombal (Monforte): uma recuperação possível de velhos e novos dados. 2001. Tese de Mestrado na FLUL<br><br>3. JORGE, Susana O. – Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular", Revista da Faculdade de Letras, II. Série, vol. XI, 1994, pp.447-546. |
| 6 | Castanheiro do Vento | "recinto monumental" | Horta do Douro | Vila Nova de Foz Côa | Guarda | | 1 | | ≥ 111 | Obs. Escavações<br>(contagem inclui fragmentos)<br>Os exemplares incluem um fragmento de crescente, possíveis "pesos" e "placas" | Mariana Pereira |
| 7 | Monte Crasto | Indeterminado | São Martinho de Sardoura | Castelo de Paiva | Aveiro | 1 | | | 1 | Um peso de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1.SILVA, Eduardo; ROCHA, Manuel; LOUREIRO, Olímpia; MONTEIRO, Carla – Carta Arqueológica do concelho de Castelo de |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | Paiva. Universidade portucalense, 1996. ISBN 972-9354-15-4 |
| 8 | Montes | “povoado ou habitat” | Fonte Longa | Mêda | Guarda | 3 | | | 3 | 3 Pesos de tear em cerâmica, paralelepipédicos, um decorado?<br>Obs. Prospecções | 1. COIXÃO, António N. Sá – A ocupação humana na pré-história recente na região de entre Côa e Távora. Dissertação de Mestrado. 1999. FLUP |
| 9 | Curral da Pedra | Povoado ou habitat | Chãs | Vila Nova de Foz Côa | Guarda | ? | | | 1 (>1?) | Perestelo – Um fragmento de peso de tear em cerâmica. Teria duas perfurações<br>Coixão – menciona pesos de tear<br>Obs. Prospecções (mencionado por Coixão) | 1. COIXÃO, António N. Sá – A ocupação humana na pré-história recente na região de entre Côa e Távora. Dissertação de Mestrado. 1999. FLUP<br>2. PERESTRELO, Manuel Sabino G.; OSÓRIO, Marcos – Pré-História Recente na região da Guarda – Alguns subsídios. C*ôavisão – Cultura e Ciência* (Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior), Foz Côa, 7. 2005. Pp. 207-231. 2005<br>3. CARVALHO, António Faustino – O final do Neolítico e o Calcolítico no baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 1992-2000) IN Revista Portuguesa de Arqueologia. Vol. 6, nº 2. 2003 p. 229-273. |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 10 | Povoado do Fumo<br>(Foi mencionado como sendo do início da idade do Bronze) | "Povoado" | Almendra | Vila Nova de Foz Côa | Guarda | 5? | | | 5 | Carvalho – "cinco exemplares, todos fragmentados, um à superfície, junto à Sondagem Poente, e dois na escavação desta sondagem; os restantes dois foram recolhidos no quadrado K37. Tipologicamente, estes pesos de tear são paralelepipédicos, deduzindo-se que teriam duas perfurações em cada topo. Dadas as boas condições de conservação do sítio e o afastamento entre os dois locais onde se efectuaram os achados, é possível que a sua localização corresponda a áreas de tecelagem."<br><br>Obs. Sondagens – campanhas de escavação | 1. CARVALHO, António Faustino – O Povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa). IN Revista portuguesa de Arqueologia. Vol.7, Nº 1, 2004. Pp. 185-219. ISSN 0874-2782.<br><br>2. DINIZ, Mariana – Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. IN Trabalhos de Antropologia e Etnologia: 1º congresso de arqueologia peninsular. Vol. 34 (3-4). Actas IV. Porto: 1994. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. ISSN: 0304-243X |
| 11 | Castelo de Algodres | "povoado" | Algodres | Figueira de Castelo Rodrigo | Guarda | 1 | | | 1 | Carvalho - "Além dos fragmentos de vasos, recolheu-se ainda, à superfície, um fragmento de peso de tear que originalmente deveria apresentar morfologia subparalelipipédica com quatro perfurações para | 1. PERESTRELO, Manuel Sabino G.; OSÓRIO, Marcos – Pré-História Recente na região da Guarda – Alguns subsídios. C*ôavisão – Cultura e Ciência* (Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior), Foz Côa, 7. |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | suspensão.”<br><br>Obs. Escavações | 2005. Pp. 207-231. 2005<br><br>2. CARVALHO, António Faustino – O final do Neolítico e o Calcolítico no baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 1992-2000) IN Revista Portuguesa de Arqueologia. Vol. 6, nº 2. 2003 p. 229-273. |
| 12 | Alto do Castelo | “povoado” | Bogalhal | Pinhel | Guarda | 1 | | | 1 | Um fragmento de peso de tear<br><br>Obs: prospecções | 1. PERESTRELO, Manuel Sabino G.; OSÓRIO, Marcos – Pré-História Recente na região da Guarda – Alguns subsídios. C*ôavisão - Cultura e Ciência* (Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior), Foz Côa, 7, 2005. Pp. 207-231. |
| 13 | Quinta da Atalaia | “sítio” | Carnicães | Trancoso | Guarda | 1 | | | 1 | Um peso de tear em argila<br><br>Obs: prospecção | 1. PERESTRELO, Manuel Sabino G.; OSÓRIO, Marcos – Pré-História Recente na região da Guarda – Alguns subsídios. C*ôavisão – Cultura e Ciência* (Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior), Foz Côa, 7. 2005. Pp. 207-231. 2005 |
| 14 | Fraga da Pena | “recinto” | Sobral Pichorro | Fornos de Algodres | Guarda | 1 | | | 1 | Um só peso inteiro bastante erodido: “Totalmente ausentes dos dois recintos (Sectores 1 e 2), os | 1. VALERA, António Carlos – Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio A.C. (Fornos de |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | elementos de tear apenas aparecem representados por um peso inteiro registado no Sector 3. Trata-se de um peso paralelepipédico de quatro perfurações, uma em cada canto, os quais são arredondados”<br><br>Obs. Escavações (sondagens) | Algodres, Guarda). Portugal: Município de Fornos de Algodres, 2007 |
| 15 | Malhada | “sítio aberto”; habitat | Sobral Pichorro | Fornos de Algodres | Guarda | 53 | | | 53 | “A tecelagem está atestada pela presença de pesos de tear.” 53 registos (embora possam ser menos). Percebeu-se a morfologia de 18 peças = a maioria corresponde a placas paralelipipédicas rectangulares (cantos e arestas mais angulosos), e sub-rectangulares (cantos e arestas mais esbatidos) com uma morfologia mais elipsoidal. Os que se apresentam mais inteiros revelam quatro perfurações – na totalidade poderiam corresponder a peças com quatro perfurações. Apenas uma excepção foi reconhecida – uma | 1. VALERA, António Carlos – Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio A.C. (Fornos de Algodres, Guarda). Portugal: Município de Fornos de Algodres, 2007 |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | metade de um peso sub-rectangular, com secção transversal de ângulos arredondados e com apenas uma perfuração na extremidade, no centro. Teria talvez duas perfurações, uma em cada canto, ou somente uma. Pelos índices de alongamento e de espessura = peças relativamente espessas e alongadas, atributos que caracterizam estes artefactos na região. Somente num fragmento foi registada decoração = motivo reticulado inciso semelhante aos de Castro de Santiago."<br>"… no interior deste espaço, 7 fragmentos de pesos de tear, todos concentrados em torno à lareira (quadrados B3-2 frag.; A2-1frag.; A'2-3 frag.; A'3-1 frag.)"<br><br>Obs. Escavações | |
| 16 | Quinta dos Telhais | "Sítio de habitat aberto" | Maceira | Fornos de Algodres | Guarda | 1 | | | 2 | Um peso inteiro paralelepipédico com 4 perfurações; um fragmento | 1. VALERA, António Carlos – O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda): Aspectos da Calcolitização da Bacia do |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | Obs. Prospecções | Alto Mondego. Lisboa: câmara Municipal de Fornos de Algodres, 1997.<br>2. VALERA, 1994 – Trabalhos de Arqueologia EAM 2. Pp. 145-172 |
| 17 | Castro de Santiago | "povoado"; "sítio fortificado"<br>"habitat" (valera 1997) | Figueiró da Granja | Fornos de Algodres | Guarda | 31 | | | 31 | Valera – "Quanto aos pesos de tear registaram-se 31 fragmentos, correspondendo a um número mínimo de 18 artefactos. Apesar de se apresentarem muito fragmentados, corresponderão quase que exclusivamente a morfologias paralelepipédicas, por vezes com ângulos arredondados, de secções rectangulares relativamente espessas e plano rectangular alongado, com quatro perfurações. Somente um exemplar apresenta decoração, constituída por traços incisos formando um motivo reticulado."<br>Obs. Escavações | 1. VALERA, António Carlos – O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda): Aspectos da Calcolitização da Bacia do Alto Mondego. Lisboa: câmara Municipal de Fornos de Algodres, 1997.<br>2.VALERA, António Carlos – Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio A.C. (Fornos de Algodres, Guarda). Portugal: Município de Fornos de Algodres, 2007<br>3. JORGE, Susana O – Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular", Revista da Faculdade de Letras, II. Série, vol. XI, 1994, pp.447-546.<br>4. DINIZ, Mariana: Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. IN |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | Trabalhos de Antropologia e Etnologia: 1º congresso de arqueologia peninsular. Vol. 34 (3-4). Actas IV. Porto: 1994. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. ISSN: 0304-243X<br><br>5. VALERA, António Carlos; ESTEVINHA, Isabel Alves – Castro de Santiago, Fornos de Algodres: uma abordagem preliminar da campanha 1(989) IN Trabalhos de Arqueologia da EAM, 1. Lisboa, Colibri, 1993. Pp. 23-28. |
| 18 | Quinta da Assentada | "sítio aberto" | Algodres | Fornos de Algodres | Guarda | 1? | | | 1 | "A presença de pesos de tear é vestigial, tendo sido recolhido apenas um fragmento, correspondendo a um canto de ângulo bem marcado, onde se observa uma perfuração. Poderá corresponder a um peso paralelepipédico com 4 perfurações."<br><br>Obs. Escavações/ sondagens em área | 1. VALERA, António Carlos – Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio A.C. (Fornos de Algodres, Guarda). Portugal: Município de Fornos de Algodres, 2007 |
| 19 | Pedra Aguda | "sítio amuralhado de altura" | Aldeia Viçosa | Guarda | Guarda | | | | 1 (>1?) | "A tecelagem está apenas presente nos sítios do (…) Pedra Aguda" – tipo e | 1. PERESTRELO, Manuel Sabino G.; OSÓRIO, Marcos – Pré-História Recente na região da Guarda – Alguns subsídios. C*ôavisão* – |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | quantidade indeterminados<br>Obs. Prospecções | *Cultura e Ciência* (Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior), Foz Côa, 7. 2005. Pp. 207-231. 2005 |
| 20 | Murganho | habitat | Senhorim | Nelas | Viseu | | | | 1 | Um fragmento (cerca de metade) subrectangular ou ovalado com cantos arredondados e vestígios de decoração à base de traços incisos<br>Obs. Sondagens (intervenção de emergência) | 1. VALERA, António Carlos – O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda): Aspectos da Calcolitização da Bacia do Alto Mondego. Lisboa: câmara Municipal de Fornos de Algodres, 1997.<br>2. VALERA, António; HENRIQUES; Ana Paula; BARROSO, Margarida Silva – Murganho I. Intervenção de emergência numa área de eucaliptal. IN VÀRIOS: Actas das V jornadas Arqueológicas. Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1994. Vol. 1. ISBN 972/9451-39-7. P. 105-115 |
| 21 | Penedo da Penha | Abrigo; habitat (valera 1997) | Canas de Senhorim | Nelas | Viseu | 3 | | | 3 (+?) | Valera – "… presença de pesos de tear (Penedo da Penha)" " Daqui resulta que no Penedo da Penha as evidências conservadas de ocupação do 3º milénio se resumem a cerâmicas e pesos de tear recuperados no Abrigo | 1. VALERA, António Carlos – Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio A.C. (Fornos de Algodres, Guarda). FLUP, 2007 – Volume II<br>2. PERESTRELO, Manuel Sabino G.; Osório, Marcos – Pré-História Recente na |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | exterior… ”<br><br>3 pesos quebrados *in situ*, dois do quais decorados com motivos à base de traços incisos<br><br>Obs. Escavações | região da Guarda – Alguns subsídios. C*ôavisão – Cultura e Ciência* (Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior), Foz Côa, 7. 2005. Pp. 207-231. 2005<br><br>3. VALERA, António Carlos – O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda): Aspectos da Calcolitização da Bacia do Alto Mondego. Lisboa: câmara Municipal de Fornos de Algodres, 1997.<br><br>4. DINIZ, Mariana: Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. IN Trabalhos de Antropologia e Etnologia: 1º congresso de arqueologia peninsular. Vol. 34 (3-4). Actas IV. Porto: 1994. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. ISSN: 0304-243X<br><br>5. ESTEVINHA, I. M; SENNA-MARTINEZ, J. C; VALERA, A.C – O complexo 1 do Penedo da Penha, vale Medeiros (Canas de Senhorim): alguns resultados preliminares da campanha (1987). Separata das Actas do I colóquio |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | Arqueológico de Viseu. 1989. P. 125-142<br><br>6. GOMES, Sérgio – Estudo dos artefactos associados às actividades têxteis – Plano de minimização de impactes sobre o património arqueológico na área do regolfo de Alqueva. Pré-História da margem esquerda – bloco 5. |
| 22 | Alto de Santa Bárbara | "povoado" | Aldeia da Ponte | Sabugal | Guarda | ? | | | ≥2 | Pesos de tear de barro<br><br>Obs. escavações | Email da archport – dia 30. Junho. 2010 – enviado por Paulo Alexandre Monteiro – publicado pela LUSA |
| 23 | Linhares | "habitat" | Vimieiro | Santa Comba Dão | Viseu | 1 | | | 1 | Provável fragmento de peso de tear<br><br>Obs. Sondagem de emergência | 1.VALERA, António Carlos – O *Habitat* Pré-Histórico de Linhares (Santa Comba Dão – Viseu). IN Trabalhos de arqueologia da EAM, 5. Lisboa, Colibri, 1999. Pp. 51-62 |
| 24 | Cabeço da Malhoeira | "povoado" | Benquerença | Penamacor | Castelo Branco | ? | | | ≥2 | Oliveira - "… quantidade considerável de placas paralelipipédicas perfuradas interpretadas como pesos de tear" (p. 251) em argila<br><br>Pesos em seixo – 23<br><br>Vilaça - "placas paralelepipédicas com quatro perfurações utilizadas como pesos de | 1. OLIVEIRA, Ana Cristina – O povoado pré-histórico do Cabeço da Malhoeira (Benquerença, Penamacor) IN CRUZ, Domingos J. (coord) – Actas do Colóquio: A Pré-História na Beira Interior. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, nº 6, 1998. P. 243-259<br><br>2. VILAÇA, Raquel – Através das Beiras: Pré- |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | tear, sendo de sublinhar a ausência de elementos de tear em forma de crescente”<br>Obs: Sondagens | História e Proto-História – Coimbra: Palimage, 2008. ISBN 978-972-8999-63-6 |
| 25 | Monte do Trigo | “povoado” | Penha Garcia | Idanha-a-Nova | Castelo Branco | 2 | 7 | | 9 (+?) | “as afinidades culturais daquela ocupação com o Calcolítico do Sul peninsular são óbvias (…). Estas mesmas afinidades repetem-se nos elementos de tear em forma de “crescente”, que ocorrem conjuntamente com alguns outros paralelipipédicos”<br><br>Obs. Escavações | 1.VILAÇA, Raquel – Através das Beiras: Pré-História e Proto-História – Coimbra: Palimage, 2008. ISBN 978-972-8999-63-6<br><br>2. VILAÇA, Raquel; CRISTÓVÃO, Elisabete: Povoado pré-histórico de Monte do Trigo (Idanha-a-Nova). IN Estudos Pré-Históricos, Vol. III. 1995. ISBN 972-95952-2-5. Pp. 201-211. |
| 26 | Anta Grande de Antões | Anta | Louriçal | Pombal | Leiria | | | 1 | 1 | Descoberto um objecto de argila com quatro perfurações – placa de tear (peso?)<br><br>Jorge - P. 534: “tais objectos rareiam em contextos tumulares. São excepções a Anta Grande de Antões e a Anta Grande da Comenda da Igreja.”<br><br>Obs. Escavações | 1. CARDITO ROLLÁN, Luz Mª – Las manufacturas textiles en la prehistoria: las placas de telar en el calcolítico peninsular. IN Zephyrus, nº 49. Universidad de Salamanca. 1996. P. 125-145<br><br>2. JORGE, Susana Oliveira – povoados da pré-história recente da região de chaves – vila pouca de Aguiar (trás os montes ocidental): bases para o conhecimento do IIIº. E princípios do II milénio a.C. |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | no norte dePortugal. Porto, FLUP. 1986. Dissertação de doutoramento. Volume 1.<br><br>3. ROCHA, Leonor – Aspectos do Megalitismo da área de Pavia, Mora. IN Revista Portuguesa de Arqueologia. Portugal: 1999. Volume 2, Nº 1. Pp. 71-94<br><br>(LEISNER V. (1965), Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel. Der Westen. Madrider Forschungen, Band 1,3. Lieferung, Berlim. P. 104) |
| 27 | Castelo de Vidais | (cardito róllan) "povoado" com uma "necrópole" referenciada pela autora | Beirã | Marvão | Portalegre | | 1 | 76 | 77 | Pesos lisos e com motivos geométricos<br><br>Grupo de 76 placas rectangulares. Uma delas está decorada com motivos em linha zig-zague verticais.<br><br>Apareceu também um crescente<br><br>Obs. Escavações | 1. CARDITO ROLLÁN, Luz Mª – Las manufacturas textiles en la prehistoria: las placas de telar en el calcolítico peninsular. IN Zephyrus, nº 49. Universidad de Salamanca. 1996. P. 125-145<br><br>(Leisner 1956: 25) |
| 28 | Outeiro da Assenta | "povoado" | S. Pedro | Óbidos | Leiria | ? | | ? | 9? | Barbosa – " um peso de barro, de tear preistórico, com quatro orifícios"<br><br>Alves Pereira – "… tear preistórico está representado por três | 1.BARBOSA, Ernani – O Castro da Pedra do Ouro (Alenquer). IN O Archeologo Português. Lisboa: Museu Etnográfico Português, 1956. N.s, Vol. 3. Pp. 78-85 |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | exemplares de barro grosseiro, mas fortemente cozido. São do mesmo tipo de paralelepípedos rectos e deprimidos, mas com variantes.<br><br>1º tipo quadrado de quatro orifícios. È um paralelepípedo em que as faces maiores são aproximadamente quadradas e nos seus ângulos existem quatro perfurações transversais, das quais as duas do mesmo lado maior estão gastas e alargadas, enquanto estão novas as outras duas. Comprimento: 0, 105 m; largura: 0, 081 metros e espessura: 0, 029 metros. – pasta vermelha e consistente<br><br>2º tipo quadrado de dois orifícios. A diferença do anterior é apenas na quantidade de perfurações e desde já deixo notado que tem alguma importância este distintivo.” C. 9,3 cm; larg. 8,9 cm; espe: 2,7 cm – barro negro sem | 2. PEREIRA, Félix Alves – Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos) – In O archeologo Português. Lisboa. Vol.20. 1915. P.107-155<br><br>3.CHAVES, Luís – Segunda exploração arqueológica do Outeiro da Assenta. IN O Archeologo Português. 1915 Vol. 20. Pp. 258-271 |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | aspecto consistente nem partículas de micas<br><br>3º tipo oblongo de quatro orifícios.” – c. 10, 5cm; larg. 6,4 cm; esp. 3,8 cm.”<br><br>Chaves – descreve três pesos de tear completos de quatro orifícios nos cantos, faces placas, regulares, de secção rectangular + descreve um “fragmento de peso da forma de tronco de cone, secção irregular de fabrico muito grosseiro com um furo na parte superior; um peso de secção rectangular, com as faces laterais arredondadas, três dos quatro orifícios aos cantos (…) as faces maiores são rugosas e grosseiras” + “um fragmento de peso de secção rectangular, mostrando três dos quatro orifícios cantonais do seu topo; mede 0, 123 m de comprimento, 0,09 m de largura; fora fabricado com a compressão de dois pedaços de barro | |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | unidos por compressão, como se nota pela fractura.” + um pedaço de um peso paralelepipédico de quatro orifícios (encontrado no mesmo sítio que uma fíbula romana…)<br><br>Obs. Escavações | |
| 29 | Outeiro de São Mamede | povoado | Roliça | Bombarral | Leiria | ? | | ? | 45 | Pereira – “Da estação de S. Mamede recolheram-se numerosos…”<br><br>Cardoso – serão 45: 3 placas com duas perfurações (uma delas é espessa); a maioria tem 4 perfurações. Poderão, alguns, ser pesos e outros placas, mas é difícil saber… tamanho das perfurações varia; e as formas vão desde as mais ovaladas às rectangulares e quadrangulares.<br><br>14 são decorados<br><br>30 exemplares lisos<br><br>Obs. Prospecções ou sondagens? | 1. VALERA, António Carlos – Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio A.C. (Fornos de Algodres, Guarda). FLUP, 2007 – Volume II<br><br>2. PEREIRA, Félix Alves – Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos) – In O archeologo Português. Lisboa. Vol.20. 1915. P.107-155<br><br>3. CARDOSO, João Luís; CARREIRA, Júlio Roque – O povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): Estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905). IN Estudos Arqueológicos de Oeiras, 11. Oeiras, Câmara Municipal, 2003. Pp. 97-228 |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | 4. **J**ORGE, Susana Oliveira – povoados da pré-história recente da região de chaves – vila pouca de Aguiar (trás os montes ocidental): bases para o conhecimento do IIIº. E princípios do II milénio a.C. no norte dePortugal. Porto, FLUP. 1986. Dissertação de doutoramento. |
| 30 | Vila Nova de São Pedro | "povoado" (Cardito Róllan) | Vila Nova de S. Pedro | Azambuja | Lisboa | ? | | ? | >20 | Barbosa – "Ascende a algumas dezenas o número destes objectos recolhidos na Pedra de Ouro. São porém poucos aqueles que apresentam decorações e estas mesmo com uma pobreza de motivos em nada comparáveis, por exemplo, às de Vila Nova de S. Pedro, onde a par de desenhos geométricos, surgem representações astrais e figuras zoomórficas esquematizadas."<br>Cardito Róllan – placas lisas e decoradas com motivos geométricos e figurativos<br>Jorge – pesos de tear (curiosamente não refere a tecelagem nas | 1. VALERA, António Carlos – O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda): Aspectos da Calcolitização da Bacia do Alto Mondego. Lisboa: câmara Municipal de Fornos de Algodres, 1997.<br>2. BARBOSA, Ernani – O Castro da Pedra do Ouro (Alenquer). IN O Archeologo Português. Lisboa: Museu Etnográfico Português, 1956. N.s, Vol. 3. Pp. 78-85<br>3. PAÇO, Afonso do – Placas de barro de Vila Nova de S. Pedro. IN VÁRIOS– Congresso do Mundo português: Memórias e comunicações apresentadas ao Congresso de Pré e Proto-história. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários. Vol.I. Pp. 235-249 |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | actividades…)<br>Cardoso – cerca de um milhar de exemplares!<br>Obs. escavações | 4. CARDITO ROLLÁN, Luz Mª – Las manufacturas textiles en la prehistoria: las placas de telar en el calcolítico peninsular. IN Zephyrus, nº 49. Universidad de Salamanca. 1996. P. 125-145<br>5. JORGE, Susana O – Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular", Revista da Faculdade de Letras, II. série, vol. XI, 1994, pp.447-546.<br>6. DINIZ, Mariana: Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. IN Trabalhos de Antropologia e Etnologia: 1º congresso de arqueologia peninsular. Vol. 34 (3-4). Actas IV. Porto: 1994. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. ISSN: 0304-243X<br>7. CARDOSO, João Luís; CARREIRA, Júlio Roque – O povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): Estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905). |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | IN Estudos Arqueológicos de Oeiras, 11. Oeiras, Câmara Municipal, 2003. Pp. 97-228 |
| 31 | Castro de Pragança | “castro”– Povoado | Lamas | Cadaval | Lisboa | 2? | | | 2 | Gonçalves – “Dois pesos de barro, quadrangulares (de tear)”<br><br>Obs. Escavações | 1. GONÇALVES, João Ludgero Marques – Olelas e Pragança. Duas fortificações calcolíticas da Estremadura IN O arqueólogo português. Série IV, 8/10. 1990-1992. Pp. 31-40<br><br>2. BARBOSA, Ernani – O Castro da Pedra do Ouro (Alenquer). IN O Archeologo Português. Lisboa: Museu Etnográfico Português, 1956. N.s, Vol. 3. Pp. 78-853. VASCONCELOS, J. Leite – Pelo Sul de Portugal. O Archeologo Português. P. 104-138 |
| 32 | Castro da Ota | “povoado” (cardito róllan) | Ota | Alenquer | Lisboa | ? | | ? | < 20 | Cardito Rollán – pesos lisos<br><br>Barbosa– “As placas de barro são aqui menos numerosas que na Pedra de Ouro, não atingindo duas dezenas, de quatro orifícios, rectangulares e lisas.”<br><br>Obs. Pouco explorado – prospecções e sondagens | 1.BARBOSA, Ernani – O Castro da Ota (Alenquer). In O Archeologo Português. Lisboa: Museu Ethnographico Portugês, Vol.3. 1956. Pp. 77, 124.<br><br>2. CARDITO ROLLÁN, Luz Mª – Las manufacturas textiles en la prehistoria: las placas de telar en el calcolítico peninsular. IN Zephyrus, nº 49. Universidad de Salamanca. 1996. P. 125-145 |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | 3. GOMES, João; Domingos, José – Sítios arqueológicos representados no museu municipal de Hipólito Cabaço (Alenquer): Complexo Arqueológico de Ota. IN Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1994. ISBN 972/9451-39-7. Pp. 7-16 |
| 33 | Santo António 3 | "habitat" | Vaiamonte | Monforte | Portalegre | | | 3 | 3 | 3 placas – serão pesos ou placas? "Os elementos de tear de Outros apresentam uma maioria de crescentes (21/68%) contra apenas 10 (32%) placas. De salientar que em Santo António 3 apenas se recolheram 3 placas, pelo que a maioria dos elementos de tear da Cabeça de Vaiamonte são crescentes."<br><br>Obs. Prospecções | 1. BOAVENTURA, Rui – O sítio Calcolítico do Pombal (Monforte): uma recuperação possível de velhos e novos dados. 2001. Tese de Mestrado na FLUL |
| 34 | Sítio do Pombal | "povoado" | Vaiamonte | Monforte | Portalegre | | Pelo menos 15 | Maior-ia são "pla-cas" | 309 | "Os elementos de tear do Pombal totalizam 314 peças, 30 delas provenientes da prospecção efectuada por mim (incluindo-se algumas doações de | 1. BOAVENTURA, Rui – O sítio Calcolítico do Pombal (Monforte): uma recuperação possível de velhos e novos dados. 2001. Tese de Mestrado na FLUL |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | Elias Peixe) e as restantes recolhidas nas campanhas da “Era Heleno”. Todavia, J. Arnaud indicava no seu apontamento cerca de 200 + 200 peças, propriamente placas e crescentes” – mas 5 colagens de pares de fragmentos reduziram-nos a 309. “As placas e os crescentes do Pombal apresentam quantidades próximas, respectivamente 162 (52%) e 147 (48%).” “No Pombal, a secção transversal dos crescentes tende a ser maioritariamente ovalada (92/63%), seguida pela circular (34/23%) e, finalmente, a poligonal (20/14%).” 3 exemplares decorados: “peça 997.29.23 (Fig. 12: 5; 38: 3): impressa em ambas as faces; 997.80.49 (Fig. 13: 9; 40: 1); 997.79.17 (Fig. 16: 6): incisões com ou sem punção rombo.”<br><br>Obs. Escavações | |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 35 | Zambujal | “povoado fortificado” (M. Kunst) | Santa Maria do Castelo e S. Miguel (Torres Vedras) | Torres Vedras | Lisboa | 1 | | >1 | >2 | Pesos decorados – “Foi também encontrada uma placa de cerâmica com quatro perfurações nos cantos (Figs. 17 e 18). A peça tem o número Z-E-378-1, e as coordenadas x = 50373,56, y = 34728,91 e z = 102,92.”<br><br>Rollán – placas de tendência rectangular com quatro perfurações e ângulos arredondados –segundo E. Sangmeister e H. Schubart, algumas estão inteiras e há muitos fragmentos, a maioria sem decoração. Aponta-se a presença de um possível peso – (1981)<br><br>Jorge – pesos de tear<br><br>Obs. escavações | 1.BRANCO, Maria Gertrudes Azinheira – A Pedra do Ouro (Alenquer): uma leitura actual da colecção Hipólito Cabaço. Trabalhos de arqueologia 49. Instituto Português de Arqueologia, 2007. ISBN 978-972-8662-31-8.<br><br>2. KUNST, Michael – Zambujal (Torres Vedras, Lisboa): relatório das escavações de 2001<br><br>3. CARDITO ROLLÁN, Luz Mª – Las manufacturas textiles en la prehistoria: las placas de telar en el calcolítico peninsular. IN Zephyrus, nº 49. Universidad de Salamanca. 1996. P. 125-145<br><br>4. JORGE, Susana O – Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular", Revista da Faculdade de Letras, II. série, vol. XI, 1994, pp.447-546.<br><br>5. DINIZ, Mariana: Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. IN Trabalhos de Antropologia e Etnologia: 1º congresso de |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | arqueologia peninsular. Vol. 34 (3-4). Actas IV. Porto: 1994. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. ISSN: 0304-243X |
| 36 | Castro do Penedo | “povoado” | Runa | Torres Vedras | Lisboa | 12 (+) | ? | | 12 | Branco - Pesos decorados<br>Cardito Rollán – o número de placas não é determinado. As publicadas são lisas e decoradas com temas geométricos, em alguns casos em ambos os lados.<br>Obs. Escavação | 1. VALERA, António Carlos – Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio A.C. (Fornos de Algodres, Guarda). FLUP, 2007 – Volume II<br>2.BRANCO, Maria Gertrudes Azinheira – A Pedra do Ouro (Alenquer): uma leitura actual da colecção Hipólito Cabaço. Trabalhos de arqueologia 49. Instituto Português de Arqueologia, 2007. ISBN 978-972-8662-31-8.<br>3. CARDITO ROLLÁN, Luz Mª – Las manufacturas textiles en la prehistoria: las placas de telar en el calcolítico peninsular. IN Zephyrus, nº 49. Universidad de Salamanca. 1996. P. 125-145<br>4. JORGE, Susana O – Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular”, Revista da |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | Faculdade de Letras, II. Série, vol. XI, 1994, pp.447-546.<br>(Spindler 1969 – 103-105; Spindler, K., L. Trindade 1970) |
| 37 | Castro da Pedra do Ouro | "povoado" (?) | Cadafais | Alenquer | Lisboa | 24? | | ? | 42 | Barbosa – "Ascende a algumas dezenas o número destes objectos recolhidos na Pedra do Ouro. São porém poucos aqueles que apresentam decorações e estas mesmo com uma pobreza de motivos em nada comparáveis, por exemplo, às de Vila Nova de S. Pedro, onde a par de desenhos geométricos, surgem representações astrais e figuras zoomórficas esquematizadas.<br>Predominam as placas rectangulares<br>Branco - " Classificaram-se em matriz, 24 pesos de tear (3 inteiros; 13 formas reconstituiveis e 8 fragmentos decorados). Para além destes, foram contabilizados 18 fragmentos sem | 1.VALERA, António Carlos – Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio A.C. (Fornos de Algodres, Guarda). FLUP, 2007 – Volume II<br>2. BARBOSA, Ernani – O Castro da Pedra do Ouro (Alenquer). IN O Archeologo Português. Lisboa: Museu Etnográfico Português, 1956. N.s, Vol. 3. Pp. 78-85<br>3. BRANCO, Maria Gertrudes Azinheira – A Pedra do Ouro (Alenquer): uma leitura actual da colecção Hipólito Cabaço. Trabalhos de arqueologia 49. Instituto Português de Arqueologia, 2007. ISBN 978-972-8662-31-8.<br>4. CARDITO ROLLÁN, Luz Mª – Las manufacturas textiles en la prehistoria: las placas de telar en el calcolítico peninsular. IN |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | qualquer tipo de decoração ou reconstituição possível."<br>9 foram classificados como pesos de tear de forma rectangular (IA 70-85)<br>7 foram definidos como quadrangulares (IA 85-105)<br><br>Obs. Escavações | Zephyrus, nº 49. Universidad de Salamanca. 1996. P. 125-145 |
| 38 | Castelo de Arranhó | "povoado fortificado" | Arranhó | Arruda dos Vinhos | Lisboa | 3 (+?) | | | 3 | Cardoso – Pesos de tear "um peso de tear de quatro furos, decorado, em muito mau estado de conservação"<br>Um fragmento mencionado no texto (será o desenhado?); são apresentados dois fragmentos desenhados – um com duas perfurações paralelepipédico e outro com uma perfuração também paralelepipédico<br><br>Obs. Escavações | 1. CARDOSO, Guilherme – O sítio arqueológico do Castelo (Arranhó, Arruda dos Vinhos.). IN Arqueologia no Distrito de Lisboa: Arruda dos Vinhos, Azambuja, Sobral de Monte Agraço e Torres Vedras. Lisboa: 2001. PP. 3-5 (Joaquim Gonçalves, 1987, identifica-os)<br>(João Ludgero Gonçalves trabalha desde 1898-1993 no sítio – ver nº 3 da revista de Arqueologia da Assembleia Distrital) |
| 39 | Santa Vitória | "povoado" | S. João Baptista | Campo Maior | Portalegre | 2 | | | ≥2 | Recolheram-se fragmentos de pequenas placas rectangulares ou trapezoidais, com dois orifícios numa das | 1.DIAS, Ana M. M Carvalho – Elementos para o estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado calcolítico de Stª Vitória. Tese de Mestrado em |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | extremidades, designados por «pesos de tear»<br><br>Obs. Escavações | Arqueologia. FLUP, 1996. |
| 40 | Cabeço do Cubo | “povoado” | Nossa Senhora da Expectação | Campo Maior | Portalegre | | 3 | 1 | 4 | Parte do que parece ser uma placa fina paralelepipédica, só com uma perfuração no topo-centro; três partes finais de crescentes, dois de secção subcircular, e um de secção subrectangular<br><br>Obs. Prospecção – Achados de superfície | 1. SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares – Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos IN Setúbal Arqueológica. Vol. IX-X. 1992. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. ISSN 0872-3451. PP. 37-88<br><br>2. CALADO, Manuel - Da Serra d'Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional. 2001. Trabalhos de Arqueologia. ISBN: 972-8662-02-5. http://www.ippar.pt/pt/shop/asset/1484/<br><br>3. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 41 | Monte das Oliveiras 4 | “povoado aberto” | Pavia | Mora | Évora | | | 1 | 1 | Prospecção – um peso de tear tipo placa<br><br>(neolítico final) | 1. ROCHA, Leonor – O povoamento pré-histórico na área de Pavia. IN Revista Portuguesa de Arqueologia. 2001. Volume 4. Nº 1. ISSN |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | 0874-2782. Pp. 17 – 43<br><br>2. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 42 | Castelo de Pavia | "povoado" | Pavia | Mora | Évora | | ? | ? | >100 | Pesos rectangulares ou quadrangulares ?<br><br>Rocha – "recolheram-se centenas de pesos de tear tipo placa e crescentes, nas escavações efectuadas por V. Correia, o que indica, para este local, a existência de uma intensa actividade de produção de tecidos, para consumo local ou mesmo, eventualmente, tendo em vista a sua «exportação» para outras áreas."<br><br>Obs. Escavações | 1. DINIZ, Mariana: Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. IN Trabalhos de Antropologia e Etnologia: 1º congresso de arqueologia peninsular. Vol. 34 (3-4). Actas IV. Porto: 1994. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. ISSN: 0304-243X<br><br>2. ROCHA, Leonor – O povoamento pré-histórico na área de Pavia. IN Revista Portuguesa de Arqueologia. 2001. Volume 4. Nº 1. ISSN 0874-2782. Pp. 17 – 43<br><br>3. GOMES, Sérgio – Estudo dos artefactos associados às actividades têxteis – Plano de minimização de impactes sobre o património arqueológico na área do regolfo de Alqueva. Pré-História da margem esquerda – bloco 5. |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | 4. CARDOSO, João Luís; CARREIRA, Júlio Roque – O povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): Estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905). IN Estudos Arqueológicos de Oeiras, 11. Oeiras, Câmara Municipal, 2003. Pp. 97-228 |
| 43 | Monte de Henrique Soeiro | "povoado aberto" | Pavia | Mora | Évora | | | 4 | 4 | Prospecção – quatro pesos de tear tipo placa, um deles com decoração de linhas paralelas, em zig-zag, organizadas obliquamente em função do eixo maior da placa | 1. ROCHA, Leonor – O povoamento pré-histórico na área de Pavia. IN Revista Portuguesa de Arqueologia. 2001. Volume 4. Nº 1. ISSN 0874-2782. Pp. 17 – 43<br><br>2. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 44 | Penedo do Lexim | "Povoado" | Igreja Nova | Mafra | Lisboa | 2 (+?) | | | 2 | Branco – Pesos decorados<br>"a existência de um fragmento no Museu Municipal de Mafra e ainda um outro recolhido nas escavações de J. Arnaud e que se encontrava "decorado em ambas as faces com finas incisões obliquas e paralelas" | 1. BRANCO, Maria Gertrudes Azinheira – A Pedra do Ouro (Alenquer): uma leitura actual da colecção Hipólito Cabaço. Trabalhos de arqueologia 49. Instituto Português de Arqueologia, 2007. ISBN 978-972-8662-31-8.<br><br>2. SOUSA, Ana Catarina – O Neolítico Final e o Calcolítico na área da Ribeira |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | Obs. Escavações | de Cheleiros. Trabalhos de Arqueologia 11. 1998. ISBN 972-97903-1-0<br><br>3. CARDITO ROLLÁN, Luz Mª – Las manufacturas textiles en la prehistoria: las placas de telar en el calcolítico peninsular. IN Zephyrus, nº 49. Universidad de Salamanca. 1996. P. 125-145<br><br>(Serrão, 1979)<br>(Arnaud, Salgado e Jorge, 1971) |
| 45 | Negrais | "povoado" | Almargem do Bispo | Sintra | Lisboa | ? | | | 1 | "os pesos de tear quadrangulares (provavelmente com quatro perfurações) característicos dos povoados estremenhos surgem circunstancialmente em Negrais"<br><br>Obs. Escavações | 1.SOUSA, Ana Catarina – O Neolítico Final e o Calcolítico na área da Ribeira de Cheleiros. Trabalhos de Arqueologia 11. 1998. ISBN 972-97903-1-0 |
| 46 | Povoado de Olelas | "povoado" | Almargem do Bispo | Sintra | Lisboa | ? | | | ≥2 | Fragmentos de pesos de tear rectangulares e furados nos cantos<br><br>Obs. Escavações | 1. GONÇALVES, João L. Marques – O Povoado de Olelas (Sintra). Breve notícia sobre materiais e datações IN SILVA, C. Tavares; SOARES, J. (dir.) – I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste: Homenagem a Georges Zbyszewski. |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | Setúbal Arqueológica. Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal e Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, 1997. Vol. 11-12. ISSN 0872-3451. Pp. 221-223<br><br>2. GONÇALVES, João Ludgero Marques – Olelas e Pragança. Duas fortificações calcolíticas da Estremadura IN O arqueólogo português. Série IV, 8/10. 1990-1992. Pp. 31-40 |
| 47 | Alto do Montijo | "povoado" | Terrugem | Sintra | Lisboa | 1 | | | ≥1 (?) | "os pesos de tear quadrangulares (provavelmente com quatro perfurações) característicos dos povoados estremenhos surgem circunstancialmente em Alto do Montijo"<br><br>Obs. Prospecções de superfície e sondagens restritas | 1. SOUSA, Ana Catarina - O Neolítico Final e o Calcolítico na área da Ribeira de Cheleiros. Trabalhos de Arqueologia 11. 1998. ISBN 972-97903-1-0 |
| 48 | Penha Verde | "povoado" (cardito róllan) | São Martinho (Sintra) | Sintra | Lisboa | | | 1 | 1 | uma placa inteira sem decoração com quatro orifícios<br>Obs. Escavações | 1. CARDITO ROLLÁN, Luz Mª – Las manufacturas textiles en la prehistoria: las placas de telar en el calcolítico peninsular. IN Zephyrus, nº 49. Universidad de Salamanca. 1996. P. 125- |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | 145 |
| 49 | Atalaia | “povoado de altura” | Borba (matriz) | Borba | Évora | 1 | | | 1 | Peso de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html) |
| 50 | Outeiro da Cardiga | “povoado de altura” | Bora (Matriz) | Borba | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecção | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 51 | Aboboreira | “povoado” | Ciladas | Vila Viçosa | Évora | ? | ? | ? | ≥2 | Diniz: Placas com duas ou quatro perfurações<br><br>Jorge: pesos de tear rectangulares, com uma ou duas perfurações e crescentes<br><br>Obs. Escavações | 1. DINIZ, Mariana: Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. IN Trabalhos de Antropologia e Etnologia: 1º congresso de arqueologia peninsular. Vol. 34 (3-4). Actas IV. Porto: 1994. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. ISSN: 0304-243X<br><br>2. JORGE, Susana Oliveira – A consolidação do Sistema Agro-Pastoril. IN Serrão, Joel; Oliveira Marques, A. H. (dirc.) - Nova História de Portugal. Editorial Presença, Lisboa, 1990. Vol I. Portugal das origens à romanização. Pp. 102-144 |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 52 | Povoado de Famão | “Povoado de altura” | Ciladas | Vila Viçosa | Évora | ? | ? | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Jorge – pesos de tear rectangulares, com uma ou duas perfurações e crescentes<br><br>Obs. Escavações | 1. CALADO, Manuel – Da Serra d’Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional. 2001. Trabalhos de Arqueologia. ISBN: 972-8662-02-5. http://www.ippar.pt/pt/shop/asset/1484/<br><br>2. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html<br><br>3. JORGE, Susana Oliveira – A consolidação do Sistema Agro-Pastoril. IN Serrão, Joel; Oliveira Marques, A. H. (dirc.) – Nova História de Portugal. Editorial Presença, Lisboa, 1990. Vol I. Portugal das origens à romanização. Pp. 102-144<br><br>(J. Arnaud 1971) |
| 53 | Torre | “povoado de altura” | Conceição (Vila Viçosa) | Vila Viçosa | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 54 | Castelos de Afeiteira | “povoado de altura” | S. Bartolomeu | Vila Viçosa | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 55 | Boiças 1 | “povoado aberto” | Rio de Moinhos | Borba | Évora | 1 | | | 1 | Peso de tear<br><br>Obs. Prospecção | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html) |
| 56 | Salgada | “povoado aberto” | Rio de Moinhos | Borba | Évora | 7 | 10 | | 17 (+?) | Achados de superfície: 9 partes terminais de crescentes – secções subrectangulares, subovais + um crescente inteiro, de secção subcircular (mais ou menos 12 cm!)<br><br>6 partes de pesos subparalelipipédicos de secção subrectangular, 5 com duas perfurações, e um com uma perfuração no canto centro; um peso subparalelipipédico inteiro de secção subrectangular com 4 perfurações | 1. CALADO, Manuel – Da Serra d’Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional. 2001. Trabalhos de Arqueologia. ISBN: 972-8662-02-5. http://www.ippar.pt/pt/shop/asset/1484/<br><br>2. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 57 | Vigária | “povoado de altura” | Rio de Moinhos | Borba | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 58 | Fonte Ferrenha | “povoado de altura” | Rio de Moinhos | Borba/ Redondo | Évora | ? | | | ≥2 | Proporção de pesos que atinge somente o 1% dentro do total das peças recolhidas<br>Obs. Recolha de superfície ou sondagens?<br>Em 2004 ele menciona pesos de tear | 1. CALADO, Manuel – Da Serra d’Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional. 2001. Trabalhos de Arqueologia. ISBN: 972-8662-02-5. http://www.ippar.pt/pt/shop/asset/1484/<br>2. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 59 | Alto de São Gens | “povoado” | Redondo/Gloria | Redondo /Estremoz | Évora | | 4 | | 4 (+?) | Quatro partes de crescentes achados à superfície – todos de secção subcircular, finos<br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Da Serra d’Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional. 2001. Trabalhos de Arqueologia. ISBN: 972-8662-02-5. http://www.ippar.pt/pt/shop/asset/1484/ |
| 60 | Pego do Sino 1 | “povoado de altura” | Évora Monte (Santa Maria) | Estremoz | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 61 | Vale do | “povoado de | Santa Justa | Arraiolos | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Pereiro | altura” | | | | | | | | Obs. Prospecções | Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 62 | Comenda do Meio 1 | “povoado de altura/rocha” | S. Justa | Arraiolos | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecção | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 63 | Carrasqueira 1 | “povoado de altura” | Santa Justa | Arraiolos | Évora | ? | ? | | ≥2 | “os fragmentos de pesos de tear, maioritariamente crescentes, atingem valores da ordem dos 25%,dentro do total de peças recolhidas.”<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Da Serra d’Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional. 2001. Trabalhos de Arqueologia. ISBN: 972-8662-02-5. http://www.ippar.pt/pt/shop/asset/1484/<br><br>2. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 64 | Horta do Monte Novo | “povoado de altura” | Arraiolos | Arraiolos | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecção | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 65 | Pedra Longa 2 | Povoado aberto | Arraiolos | Arraiolos | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecção | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 66 | Camoeira | "povoado de altura" | Arraiolos | Arraiolos | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 67 | Leceia | "povoado" | Barcarena | Oeiras | Lisboa | 6 ? | | | ≥6 | Cardoso – mostra o desenho de um peso – placa? – com quatro perfurações – "as duas perfurações, do lado direito, ostentam vestígios de uso, devido à suspensão"<br><br>Jorge – fala em pesos de tear<br><br>Obs. Escavações | 1. VALERA, António Carlos – Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio A.C. (Fornos de Algodres, Guarda). FLUP, 2007 – Volume II<br><br>2. JORGE, Susana O – Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular", Revista da Faculdade de Letras, II. Série, vol. XI, 1994, pp.447-546.<br><br>3. CARDOSO, João Luís – Leceia 1983-1993: Escavações do povoado fortificado pré-histórico. Estudos arqueológicos de |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | Oeiras. Número especial. Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, 1994. ISSN 0872-6086<br><br>4. DINIZ, Mariana: Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. IN Trabalhos de Antropologia e Etnologia: 1º congresso de arqueologia peninsular. Vol. 34 (3-4). Actas IV. Porto: 1994. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. ISSN: 0304-243X |
| 68 | Castro de Parede | "povoado" (C Róllan) | Parede | Cascais | Lisboa | ? | ? | | ≥2 | Pesos lisos e com motivos geométricos – um fragmento de placa de tear com duas perfurações e secções rectangulares<br><br>Obs. Escavações | 1. CARDITO ROLLÁN, Luz Mª – Las manufacturas textiles en la prehistoria: las placas de telar en el calcolítico peninsular. IN Zephyrus, nº 49. Universidad de Salamanca. 1996. P. 125-145<br><br>2. DINIZ, Mariana: Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. IN Trabalhos de Antropologia e Etnologia: 1º congresso de arqueologia peninsular. Vol. 34 (3-4). Actas IV. Porto: 1994. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. ISSN: 0304-243X<br><br>(Paço et all. 1957) |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 69 | Forte do Conde | “povoado de altura” | Juromenha (Nossa Senhora do Loreto) | Alandroal | Évora | 1? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecção | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 70 | Cavaleira | “povoado de altura” | Bencatel | Vila Viçosa | Évora | | | ? | ≥2 | “Na região da serra d’Ossa, pode afirmar-se que os crescentes estão claramente em maioria; apenas 12 povoados apresentam exclusivamente placas rectangulares, todos eles com base em amostras muito limitadas e com contextos artefactuais díspares; por exemplo, no povoado da Cavaleira, com bordos espessados e carenas, como Vale Pincel II, não se recolheram crescentes, o que pode sugerir, mais uma vez, uma certa anterioridade para as placas.”<br>- Só foram recolhidas placas rectangulares<br><br>Obs. Escavações | 1. CALADO, Manuel – Da Serra d’Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional. 2001. Trabalhos de Arqueologia. ISBN: 972-8662-02-5. http://www.ippar.pt/pt/shop/asset/1484/<br><br>2. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 71 | Perdigoa | “povoado aberto” | S. Brás dos Matos (Mina do Bugalho) | Alandroal | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1.CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html<br><br>(Calado, 1993ª: 44, 46; Calado,<br>2001ª: 255; Silva, 1996: 10; Silva, 1999: 144) |
| 72 | Cubo 1 | "povoado de altura" | São Brás dos Matos (Mina do Bugalho) | Alandroal | Évora | ? | | | 1 | Peso de tear<br><br>Obs. Prospecção | 1. CALADO, Manuel - Da Serra d'Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional. 2001. Trabalhos de Arqueologia. ISBN: 972-8662-02-5. http://www.ippar.pt/pt/shop/asset/1484/<br><br>2. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 73 | Argolia 1 | "povoado de altura" | Redondo | Redondo | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html) |
| 74 | Argolia 2 | "povoado de altura" | Redondo | Redondo | Évora | | | 1 | 1 | Peso de tear – placa<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/te |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | semc/tese.html) |
| 75 | Pereiras | “povoado aberto” | Redondo | Redondo | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1.CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html<br><br>(CALADO e Bairinhas, 1994: 178; Calado, 2001ª: 254; Calado e Mataloto, 2001: 65) |
| 76 | Colmeeiro 7 | “povoado de altura” | Redondo | Redondo | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecção | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 77 | Colmeeiro 8 | “povoado de altura” | Redondo | Redondo | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecção | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 78 | Colmeeiro | “povoado aberto” | Redondo | Redondo | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecção | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 79 | Caladinho 1 | “povoado de altura” | Redondo | Redondo | Évora | 2 | | | 2 | Dois pesos de tear achados à superfície – parte de um peso paralelepipédico com duas perfurações; parte de um peso paralelepipédico com uma perfuração num canto.<br><br>Em 2004, o mesmo autor só refere um peso de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel - Da Serra d'Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional. 2001. Trabalhos de Arqueologia. ISBN: 972-8662-02-5. http://www.ippar.pt/pt/shop/asset/1484/<br><br>2. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 80 | Atalhos | “povoado “megalítico” aberto” | Redondo | Redondo | Évora | 1 | | | 1 | Peso de tear espesso<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html) |
| 81 | Vinha 2 | “povoado de altura” | Redondo | Redondo | Évora | 1 | | | 1 | Peso de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 82 | Gainhos | “povoado “megalítico” aberto” | Redondo | Redondo | Évora | 1 | | | 1 | Peso de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/te |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | semc/tese.html |
| 83 | São Pedro | “povoado de altura com muralhas” | Redondo | Redondo | Évora | | 2 | | 2 (+?) | Dois crescentes achados à superfície – secção subrectangular e subcircular<br>2004 – fala em pesos de tear | 1. CALADO, Manuel – Da Serra d’Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional. 2001. Trabalhos de Arqueologia. ISBN: 972-8662-02-5. http://www.ippar.pt/pt/shop/asset/1484/<br><br>2. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 84 | Monte do Cabido 1 | “povoado” | Redondo | Redondo | Évora | 1 | | | 1 | Parte de peso paralelepipédico com duas perfurações<br>Obs: prospecções – achado à superfície<br>Em 2004 ele fala em pesos | 1. CALADO, Manuel - Da Serra d'Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional. 2001. Trabalhos de Arqueologia. ISBN: 972-8662-02-5. http://www.ippar.pt/pt/shop/asset/1484/<br><br>2. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 85 | Monte da Craveira | “povoado aberto” | Redondo | Redondo | Évora | 1 | | | 1 | Peso de tear | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | Obs. Prospecção | Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 86 | Paredes | "povoado "megalítico" aberto | Redondo | Redondo | Évora | 1 | | | 1 | Peso de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 87 | Candeeira 1 | "povoado aberto" | Redondo | Redondo | Évora | 1 | | | 1 | Peso de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 88 | Monte da Ribeira | "povoado aberto" | Redondo | Redondo | Évora | 6 (+?) | 18 (+?) | | 25 (+?) | Calado – "os fragmentos de pesos de tear, maioritariamente crescentes, atingem valores da ordem dos 24% … dentro do total de peças recolhidas"<br><br>Gonçalves – 25 foram achados à superfície: crescentes de secção subcircular; crescentes de secção subrectangular + placas paralelepipédicas, com uma perfuração no topo – centro; e 4 com duas | 1. CALADO, Manuel – Da Serra d'Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional. 2001. Trabalhos de Arqueologia. ISBN: 972-8662-02-5. http://www.ippar.pt/pt/shop/asset/1484/<br><br>2. GONÇALVES, Victor S; CALADO, Manuel; ROCHA, Leonor – Reguengos de Monsaraz: O Antigo Povoamento da Herdade do Esporão IN Setúbal Arqueológica. Vol. IX-X. 1992. Setúbal: Museu |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | perfurações no topo<br><br>Calado – recolheu-se um exemplar de placa perfurada em forma de crescente, se bem que de dimensões muito distintas dos habituais crescentes calcolíticos – grandes dimensões! (será "elemento de tear" ou não?) | de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. ISSN 0872-3451. Pp. 391-412<br><br>3. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 89 | Monte do Bico | "povoado "megalítico" aberto" | Redondo | Redondo | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 90 | Santa Susana | "povoado de altura" | Redondo | Redondo | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 91 | Grou 1 | "povoado de altura" | Redondo | Redondo | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 92 | Castelo Velho (de Terena) | "povoado de altura" | S. Pedro Terena | Alandroal | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 93 | Castelo Ventoso 2 | "povoado de altura" | S. Bento do Mato | Évora | Évora | 1 | | | 1 | Peso de tear<br><br>Obs. Prospecção | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 94 | Herdade das Figueiras 2 | "povoado aberto" | S. Miguel de Machede | Évora | Évora | + de 2? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 95 | Taful 11 | "povoado aberto" | S. Miguel de Machede | Évora | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 96 | Taful 13 | "povoado de altura" | S. Miguel da Machede | Évora | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 97 | Povoado dos Currais 1 | "Povoado aberto" | São Miguel de Machede | Évora | Évora | | | ? | ≥2 | Apenas se recolheram placas de barro associadas a materiais que parecem | 1.CALADO, Manuel – Da Serra d'Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional. 2001. Trabalhos de |

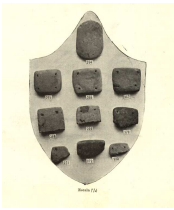
| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | corresponder à Idade do Bronze – mas ele depois em 2004 refere Calcolítico e Pesos de tear placa<br><br>Obs. Prospecções | Arqueologia. ISBN: 972-8662-02-5. http://www.ippar.pt/pt/shop/asset/1484/<br><br>2. Plano Director Municipal do concelho de Évora – 2005 |
| 98 | Povoado da Oliveirinha 1 | "povoado "megalítico" aberto" | Nossa Senhora da Graça do Divor | Évora | Évora | ? | ? | | ≥2 | "apresenta pesos de tear em forma de crescentes, mas também materiais de feição arcaizante …"<br><br>Obs: prospecções | 1. CALADO, Manuel – Da Serra d'Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional. 2001. Trabalhos de Arqueologia. ISBN: 972-8662-02-5. http://www.ippar.pt/pt/shop/asset/1484/<br><br>2. Plano Director Municipal do Município de Évora – 2005. |
| 99 | Azinheira do Campo 3 | "povoado "megalítico" aberto" | Nossa Senhora da Graça do Divor | Évora | Évora | | ? | | ≥2 | Pesos de tear crescentes<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html) |
| 110 | Oliveira 2 | "povoado "megalítico" aberto" | Nossa Senhora da Graça do Divor | Évora | Évora | | | 1 | 1 | Peso de tear placa<br><br>Obs. Prospecções | 1.CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html<br><br>2. Plano director municipal de Évora: http://www2.cm- |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | evora.pt/pdme/01_ANEXO_IV/Anexo_IV.pdf - |
| 102 | Casbarra | “povoado «megalítico» de altura” (Calado) | Nossa Senhora da Graça do Divor | Évora | Évora | 1 | 1 | | 2 | Crescente com duas perfurações numa extremidade<br><br>Calado: um fragmento de peso de tear em forma de crescente e um fragmento de outro, de forma possivelmente rectangular, excepcionalmente espesso.<br><br>Obs. Prospecções<br><br>(associa-se o crescente ao Neolítico) | 1. BOAVENTURA, Rui – O sítio Calcolítico do Pombal (Monforte): uma recuperação possível de velhos e novos dados. 2001. Tese de Mestrado na FLUL<br><br>2. CALADO, Manuel - Da Serra d'Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional. 2001. Trabalhos de Arqueologia. ISBN: 972-8662-02-5. http://www.ippar.pt/pt/shop/asset/1484/<br><br>3. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html<br><br>(Calado, 1995) |
| 102 | Monte do Pomar de Baixo 2 | “povoado “megalítico” aberto” | Nossa Senhora da Graça do Divor | Évora | Évora | 1 | | | 1 | Peso de tear espesso<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 103 | Valada de Almansor 2 | “povoado de altura” | Nossa Senhora da Graça de | Évora | Évora | 1 | | | 1 | Peso de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | Divor | | | | | | | | (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 104 | Monte do Alamo do Degebe 2 | "povoado aberto" | Nossa Senhora da Graça do Divor | Évora | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 105 | Valeira 8 | "povoado aberto" | Nossa Senhora da Graça de Divor | Évora | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1.CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html<br><br>(Burgess, 1987) |
| 106 | Godel 5 | indeterminado | Nossa Senhora da Graça do Divor | Évora | Évora | | ? | | ≥2 | Pesos de tear crescentes<br><br>Obs. Prospecções | 1. Plano Director Municipal do Concelho de Évora. 2005 |
| 107 | Valada 14 | "povoado «megalítico» aberto" | Nossa Senhora de Guadalupe | Évora | Évora | 1 | | | 1 | Peso de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 108 | Castelo do Giraldo | "povoado de altura" | Nossa Senhora de Guadalupe | Évora | Évora | | ? | ? | >100 | Calado – "elevadíssimo número de pesos de tear em forma de crescente, junto com escassas placas rectangulares" | 1. CALADO, Manuel – Da Serra d'Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional. 2001. Trabalhos de Arqueologia. ISBN: 972-8662-02-5. |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | Mataloto - “Especial destaque merece a impressionante quantidade de fragmentos de pesos de tear, certamente milhares, quase exclusivamente “crescentes”.”<br><br>Obs. Escavações | http://www.ippar.pt/pt/shop/asset/1484/ ??<br><br>2. MATALOTO, Rui – As ocupações proto-históricas do Castelo do Giraldo. Revista de Guimarães, Volume especial, I. Guimarães 1999, pp. 333-362<br><br>3. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html<br><br>(Paço, 1961)<br><br>(Paço e Ventura 1961)<br><br>(Schubart 1975) |
| 109 | Monumento de Santiago do Escoural | descrito como um THOLOS | Santiago do Escoural | Montemor-o-Novo | Évora | | | 1 | 1 | “placa de barro elíptica com dois furos de suspensão”… depois voltam a referi-la: “placa de barro cozido de forma elíptica com dois furos de suspensão. Foi toda alisada e polida. O barro tem engobe vermelho. Eixo maior 135 mm; eixo menor 90 mm; espessura 20 mm.” (Obs. Grandes | 1. SANTOS, M. Farinha dos; VEIGA FERREIRA, O. da – O monumento eneolítico de Santiago do Escoural IN O Arqueólogo Português Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnografia, 1969. Vol III, 3ª série, p. 37-62. |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | quantidades de placa de xisto encontradas)<br><br>Obs: escavações | |
| 110 | Gruta do Escoural | "povoado de altura" (Susana Fonseca) | Santiago do Escoural | Montemor-o-Novo | Évora | | ? | | ≥2 | Fonseca – "crescentes" (mais comuns no nível mais recente) – actividade: tecelagem<br><br>Calado: fala em pesos de tear<br><br>Jorge – crescentes e teares<br><br>Obs. Escavação (mencionado por Fonseca) | 1. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP<br><br>2. JORGE, Susana O – Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular", Revista da Faculdade de Letras, II. Série, vol. XI, 1994, pp.447-546.<br><br>3. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html<br><br>(Santos, 1967 e 1969)<br><br>(Gomes, M – 1983 e 1994)<br><br>(Gomes, R – 1985) |
| 111 | Castro de Chibanes | "castro"; povoado | Palmela | Palmela | Setúbal | 10 (+?) | | | 10 | Pesos rectangulares ou quadrangulares ?<br><br>Marques da Costa – | 1. DINIZ, Mariana: Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. IN Trabalhos de Antropologia e |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | “Tijolos para suspensão (…) muitos fragmentos de tijolos rectangulares (…) com um furo em cada um dos cantos para a passagem dos fios de suspensão”<br>Um tem numa das faces um desenho triangular<br>  <br>Obs. Prospecções e algumas sondagens | Etnologia: 1º congresso de arqueologia peninsular. Vol. 34 (3-4). Actas IV. Porto: 1994. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. ISSN: 0304-243X<br><br>2.MARQUES DA COSTA, A.I – estações prehistoricas dos arredores de Setubal: O Castro de Chibannes IN O Archeologo Português. – Lisboa : Museu Ethnographico Português. – S. 1, vol. 11, n.º 1-4 (Jan.-Abr. 1906), p. 40-50 + ils. Consultado em: http://biblioteca.mnarqueologia-ipmuseus.pt/oap_lista.htm<br><br>3. JORGE, Susana Oliveira – povoados da pré-história recente da região de chaves – vila pouca de Aguiar (trás os montes ocidental): bases para o conhecimento do IIIº. E princípios do II milénio a.C. no norte de Portugal. Porto, FLUP. 1986. Dissertação de doutoramento. Volume 1. |
| 112 | Pedrão | “povoado” | S. Lourenço | Setúbal | Setúbal | | | 7 | 7 (+?) | sete placas de tear, duas com decoração geométrica incisa<br>intervenção indefinida | 1. CARDITO ROLLÁN, Luz Mª– Las manufacturas textiles en la prehistoria: las placas de telar en el calcolítico peninsular. IN Zephyrus, nº 49. Universidad |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | de Salamanca. 1996. P. 125-145 |
| 113 | Castelo do Azinhalinho (Gonçalves) OU Outeiro das Carapinhas (J. Soares) | "Povoado de altura" | Corval | Reguengos de Monsaraz | Évora | 3? | 7? | ? | ≥10 | Fonseca – Pesos de tear, "crescentes", geralmente de secção sub-rectangular – surgem sobretudo dentro do recinto amuralhado – tecelagem.<br><br>Soares – "… o aparecimento de placas paralelipipédicas com um furo (mais raramente com dois) em cada topo …. E de crescentes geralmente achatados, ou seja, de secção transversal sub-rectangular." Apresenta 3 pesos ilustrados e 7 crescentes ilustrados<br><br>Obs. Observações e recolhas de superfície + prospecção – 1996 | 1. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP<br><br>2. SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares – Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos IN Setúbal Arqueológica. Vol. IX-X. 1992. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. ISSN 0872-3451. PP. 37-88<br><br>3. JORGE, Susana O – Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular", Revista da Faculdade de Letras, II. Série, vol. XI, 1994, pp.447-546.<br><br>4. CALADO, Manuel – Da Serra d'Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional. 2001. Trabalhos de Arqueologia. ISBN: 972-8662-02-5. |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | http://www.ippar.pt/pt/shop/asset/1484/<br><br>5. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html<br><br>( Gonçalves, V., 1992) |
| 114 | Perdigões | "complexo dos Perdigões"; "recinto de fossos"<br><br>"povoado aberto com fossos" (M. calado) | Reguengos de Monsaraz | Reguengos de Monsaraz | Évora | 1? | 29?+ 141? | 9? Ou serão pesos?<br><br>+ 8 placas? serão 11? | 223(+?) | Fragmentos de "placas" + "sete extremidades distais e duas partes mesiais de placas rectangulares, duas extremidades distais e 20 mesiais de crescentes de secção circular ou subcircular, duas extremidades distais e cinco mesiais de crescentes de secção subrectangular" + 8 pesos+ 1<br><br>"apesar da proximidade das sondagens, a Sondagem 3 forneceu um total de 25 fragmentos enquanto a Sondagem 2 registou 151 fragmentos. Por outro lado, no interior da Sondagem 2 registou-se que, ao nível dos | 1.LAGO, Miguel; DUARTE, Cidália; VALERA, António; ALBERGARIA, João; ALMEIDA, Francisco; CARVALHO, António F. – Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. IN Revista Portuguesa de Arqueologia, 1998.Vol. 1. Nº 1. Pp.45-152<br><br>2. EVANGELISTA, Lucy S. – O complexo arqueológico dos Perdigões e a construção da paisagem em Reguengos de Monsaraz. Dissertação para o grau de Mestrado. Porto: FLUP, 2003.<br><br>3. VALERA, António – Recinto Calcolítico dos Perdigões: Fossos e Fossas |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | contextos preservados no preenchimento dos dois fossos, o Fosso 4 apenas forneceu 8 registos, enquanto o Fosso 3, a menos de 3 metros de distância, proporcionou 98. Na relação crescentes placas, estas são claramente menos representativas, sobretudo nos contextos não revolvidos: 141 fragmentos de crescentes contra 11 fragmentos de placas”<br><br>Valera, 1998 – “… Perdigões, onde são apontadas placas com 1 + 2 furos”<br><br>Obs. Escavações | do Sector I. IN ERA-Arqueologia – Apontamentos de Arqueologia e Património. Lisboa: Núcleo de Investigação Arqueológica, 2008. 3 volume. Pp. 19-28<br><br>4. VALERA, António – Intervenção arqueológica de 2007 no interior do recinto pré-histórico dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz). IN ERA-Arqueologia – Apontamentos de Arqueologia e Património. Lisboa: Núcleo de Investigação Arqueológica, 2008. 1 volume. Pp. 15-22.<br><br>5. BOAVENTURA, Rui – O sítio Calcolítico do Pombal (Monforte): uma recuperação possível de velhos e novos dados. 2001. Tese de Mestrado na FLUL<br><br>6. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html<br><br>(LAGO, 1998) |
| 115 | Torre do | “povoado de | Reguengos | Reguengos | Évora | | Pelo | Pelo | >160 | Gonçalves – pesos de tear: um total superior a | 1. GONÇALVES, Victor S. – Sítios, «Horizontes» e |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Esporão 3<br>+<br>imediações de Torre do Esporão | altura” (Fonseca)<br><br>“povoado” | de Monsaraz | de Monsaraz | | | menos 55 | menos 5 | | 160 e dos seguintes tipos:<br>Placas – uma e duas perfurações no topo<br>Crescentes – secção circular («estreita» e «larga»); secção subrectangular; outros (!)<br><br>Fonseca – “Crescentes” de secção circular e sub-rectangular, e pesos de tear abundantes. – actividade artesanal – tecelagem<br><br>Obs. Escavações | artefactos: Leituras críticas de realidades perdidas (Estudos sobre o 3º milénio no Centro e Sul de Portugal). 2ª edição, revista e acrescentada de dois novos textos 2003. 1ª edição 1995. Câmara Municipal de Cascais. ISBN 972-637-116-3.<br><br>2. GONÇALVES, Victor – TESP3: O povoado pré-histórico da Torre do Esporão (Reguengos de Monsaraz). IN Portugália. Nova Série, XI-XII. 1990/1991. P. 53-72<br><br>3. ROCHA, Leonor – O povoamento pré-histórico na área de Pavia. IN Revista Portuguesa de Arqueologia. 2001. Volume 4. Nº 1. ISSN 0874-2782. Pp. 17 – 43<br><br>4. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP |
| 116 | Carrascosa | “povoado «megalítico» aberto” | São Manços | Évora | Évora | ? | ? | | 2? | Fragmento de “crescente”? E parte mesial de “peso”?<br><br>Obs. prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | (Neolítico Antigo/Médio e Calcolítico) | http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html. P. 352 |
| 117 | Murteiras | "povoado "megalítico" aberto" | Torre de Coelheiros | Évora | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecção | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 118 | Monte da Ponte 1 | "povoado fortificado" | Nossa Senhora da Torega | Évora | Évora | | | +de 1 | ≥2 | Achados de superfície: fragmentos de crescente ("nitidamente calcolíticos") | 1. KALB, Philine; HÖCK, Martin – O povoado fortificado, calcolítico do Monte da Ponte, Évora IN Berhmann, R. de Baldín;Ramírez, P. Bueno (eds) – II Congresso de Arqueologia Peninsular. Espanha: Fundación rei Afonso Henriques, 1997. Tomo II – Neolítico, Calcolítico y Bronce. ISBN 84-89981-01-9. Pp. 417-423 |
| 119 | Serra 1 | "povoado de altura" | Nossa Senhora da Torega | Évora | Évora | + de 1 | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| 120 | Mercador | "sítio com ocupação pré-histórica" | Mourão | Mourão | Évora | | 37 | 26 | 63 | Valera – Pesos de tear – um fragmento de crescente + placas de tear com duas perfurações na | 1. VALERA, António Carlos –A ocupação pré-histórica do sítio do Mercador (Mourão): a campanha de 2000. IN Revista ERA, Lisboa, Era- |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | extremidade<br><br>Valera, Filipe – "Aí, em duas áreas distintas do povoado, mas coevas, observou-se que numa apenas apareciam placas, enquanto que na outra apenas se registavam crescentes, uma vez mais sugerindo que, mais do que um simples distanciamento cronológico, estaremos perante especificidades tecnológicas"<br><br>Valera – "O Mercador é um dos sítios em que os designados pesos de tear assumem maior expressão. As diferenças entre as morfologias (placas) do Sector 1, integradas na Fase 1 de ocupação do sítio, estão bem estabelecidas relativamente à exclusividade dos crescentes grosseiros registados na Fase 2, nos contextos das duas cabanas ali identificadas. Assim, independentemente de diferenças tecnológicas, esta diferenciação tem | Arqueologia e edições Colibri, nº 3. P. 42-57<br><br>2. VALERA, António Carlos; FILIPE, Iola – O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): Novos dados e novas problemátocas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular. IN Revista ERA, Lisboa, Era-Arqueologia e edições Colibri, nº 6. P.28-61<br><br>3. VALERA, António Carlos – A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão), dos finais do 4º aos inícios do 2º milénio AC. IN Revista ERA, Lisboa, Era-Arqueologia e edições Colibri, nº 7. P. 136-210<br><br>4. GOMES, Sérgio – Estudo dos artefactos associados às actividades têxteis – Plano de minimização de impactes sobre o património arqueológico na área do regolfo de Alqueva. Pré-História da margem esquerda – bloco 5. |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | também aqui uma tradução diacrónica."<br><br>Gomes fala de um total de 63 fragmentos<br><br>Obs. Escavações (sondagens) | |
| 121 | Moinho de Valadares I | "povoado" (valera) | Mourão | Mourão | Évora | | 75 | 39 | 114 | Valera – "Ainda em cerâmica, registaram-se pesos de tear (39 fragmentos de placas e 75 fragmentos de crescentes, em associação desde a fase inicial) … "<br><br>Pesos são tomados como representantes da tecelagem<br><br>Gomes – fala em Moinho de Valadares e menciona uma estimativa de 43 unidades de crescentes e 36 unidades para as placa … mas devem ser 114<br><br>Vários – não se verificam evidências de anterioridade de uma morfologia em relação à outra<br><br>Obs. | 1. VALERA, António Carlos – Moinho de Valadares I e a transição neolítico Final/Calcolítico na margem esquerda do Guadiana: uma análise preliminar. IN Revista ERA, Lisboa, Era-Arqueologia e edições Colibri, nº 1. P. 26-37<br><br>2. GOMES, Sérgio – Estudo dos artefactos associados às actividades têxteis – Plano de minimização de impactes sobre o património arqueológico na área do regolfo de Alqueva. Pré-História da margem esquerda – bloco 5.<br><br>3. VÁRIOS – Moinho de Valadares (Mourão) relatório dos trabalhos arqueológicos. Plano de Minimização de Impactes sobre o património arqueológico na área do regolfo de Alqueva. Proto-História da Margem Esquerda. Bloco 9. Era |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | Sondagens/escavações | Arqueologia. |
| 122 | Porto das Carretas | "povoado" | Mourão (?) | Mourão | Évora | | ? | ? | ≥2 | Valera - "Porto das Carretas, crescentes e placas convivem nas duas fases, mas as placas dominam na mais antiga."<br><br>Também são descritos pesos de rede de pesca<br><br>Obs. Escavações | 1. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP<br><br>2. VALERA, António Carlos – A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão), dos finais do 4º aos inícios do 2º milénio AC. IN Revista ERA, Lisboa, Era-Arqueologia e edições Colibri, nº 7. P. 136-210<br><br>(J. Soares 1992) |
| 123 | Barrisqueira 2 | "povoado"<br><br>"povoado de altura" (Calado) | Campinho | Reguengos de Monsaraz | Évora | 1? | 1? | | ≥2 | Fonseca - Pesos de tear; "crescentes" de secção circular (indicadores económicos) Actividades Artesanais - tecelagem.<br><br>Soares – "placa paralelepipédica com dois furos em cada topo; crescente de secção transversal circular.<br><br>Obs: observações e recolhas de superfície | 1. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP<br><br>2. SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares – Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos IN Setúbal Arqueológica. Vol. IX-X. 1992. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. ISSN |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | 0872-3451. PP. 37-88<br><br>3. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html) |
| 124 | Albardeiros (Soares) (embora este seja referido como uma anta por M. Calado)<br>OU<br>Marco dos Albardeiros (V. Gonçalves; M. Calado) | "povoado de altura"<br>"Povoado aberto" (Calado) | Campinho | Reguengos de Monsaraz | Évora | (?) | 1 | | 1 (+?) | Soares, Silva - "a cerâmica industrial está representada somente por um pequeno fragmento de crescente, de secção transversal circular"<br><br>Fonseca - Um crescente circular – mesmo assim diz que haveria tecelagem<br><br>Calado – menciona pesos de tear<br><br>Obs. Prospecção | 1. SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares – Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos IN Setúbal Arqueológica. Vol. IX-X. 1992. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. ISSN 0872-3451. PP. 37-88<br><br>2. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP<br><br>3. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html) |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 125 | Monte Novo dos Albardeiros | “povoado aberto com muralhas” | Campinho | Reguengos de Monsaraz | Évora | ? | ? | | ±40 | Fonseca – Pesos de tear abundantes “encontrados dentro da Estrutura 1”<br>Gonçalves – “cerca de 4 dezenas de pesos de tear”<br>Calado – “pesos de tear em forma de linguiça” + “numerosos fragmentos de pesos de tear”<br><br>Obs. Escavações | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html<br><br>2. GONÇALVES, Víctor – A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros. IN Portugália. Nova série. Vol. IX-X. 1988/89. Pp.49-61 – na primeira fase de ocupação só se recolheu um peso (p. 55)<br><br>3. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP |
| 126 | Areias 15 | “povoado” | Campinho | Reguengos de Monsaraz | Évora | | 6 | 2 | 8 | Materiais recolhidos na superfície – cinco extremidades de crescentes, quatro de secções subrectangulares; uma parte de um crescente de secção ovalado; duas partes de placas paralelepipédicas, uma com uma perfuração, e a outra com duas | 1.GONÇALVES, Victor; CALADO, Manuel; ROCHA, Leonor – Reguengos de Monsaraz: O Antigo Povoamento da Herdade do Esporão IN Setúbal Arqueológica. Vol. IX-X. 1992. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. ISSN 0872-3451. Pp. 391-412 |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | perfurações<br><br>Obs. Recolhas de superfície e sondagens | 2.GONÇALVES, Victor; SOUSA, Ana – Uma primeira notícia sobre a ocupação pré-histórica do sítio Areias 15 (Reguengos de Monsaraz, Évora). IN Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz. Boletim Cultural do Monucípio. Nº1. História e Património. 1997. ISSN 0873-9277. Pp. 71-98 |
| 127 | Monte do Tosco 1 | "povoado" | Luz | Mourão | Évora | | 15? | 2? | 22 | Valera – "Igualmente em cerâmica, registaram-se pesos de tear (predominantemente crescentes)" – há o desenho de um crescente fino de secção subtriangular<br>"Entre as actividades artesanais está atestada a tecelagem, através da presença de vários fragmentos de pesos de tear, cujo número, contudo, não é particularmente elevado"<br><br>Gomes: fala num total de 17 fragmentos, com somente duas placas, e um maior numero de crescentes de secção | 1.VALERA, António Carlos – O Monte do Tosco 1: uma análise preliminar no contexto do povoamento calcolítico e do início da Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana. IN Revista ERA, Lisboa, Era-Arqueologia e edições Colibri, nº 2. P.34-51<br><br>2. GOMES, Sérgio – Estudo dos artefactos associados às actividades têxteis – Plano de minimização de impactes sobre o património arqueológico na área do regolfo de Alqueva. Pré-História da margem esquerda – bloco 5.<br><br>3. VÁRIOS – Monte do Tosco 1 (Mourão) relatório dos trabalhos arqueológicos |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | circular.<br><br>Vários – S. Gomes fala de um número de 11 pesos (isto a primeira intervenção). Correspondem a 5 fragmentos mesiais e 3 extremidades de crescentes de secção subcircular ou ovalada e a três extremidades de placas paralelipipédicas de cantos arredondados com uma perfuração.<br><br>Vários: fragmentos de tear – 11 (mesmo numero que 1999). A maioria corresponde a crescentes, existindo algumas extremidades de placas paralelipipédicas de cantos arredondados com uma perfuração<br><br>Obs. Sondagens/escavações | – 1999. Plano de Minimização de Impactes sobre o património arqueológico na área do regolfo de Alqueva. Proto-História da Margem Esquerda. Bloco 9. Era Arqueologia.<br><br>4. VÁRIOS – Monte do Tosco 1 (Mourão) relatório dos trabalhos arqueológicos (2ª camapanha – 2000). Plano de Minimização de Impactes sobre o património arqueológico na área do regolfo de Alqueva. Proto-História da Margem Esquerda. Bloco 9. Era Arqueologia. |
| 128 | Senhora da Giesteira | "povoado" | Amieira | Portel | Évora | | 4 | | >4 | Fonseca – Abundantes "crescentes" geralmente de secção circular, sendo raros os achatados (sub-rectangulares – indicadores económicos; actividades artesanais – | 1. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | tecelagem<br>Soares – abundantes crescentes com um furo em cada extremidade, geralmente de secção transversal circular – são raros, mas ocorrem, os achatados – 4 estão ilustrados<br>Obs: recolhas de superfície | 2. ANTUNES, Ana Sofia; MARTINS, Artur; VILHENA, Jorge; SÁNZ, Lidia Virséda; CORREIA, Susana – Intervenções de salvamento na área a afectar pelo regolfo de Alqueva: antas da Bacia do Degede. IN Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do megalitismo. Actas do II colóquio internacional sobre megalitismo. Pp. 227 – 250<br>3. JORGE, Susana O – Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular", Revista da Faculdade de Letras, II. Série, vol. XI, 1994, pp.447-546.<br>4. SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares – Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos IN Setúbal Arqueológica. Vol. IX-X. 1992. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. ISSN 0872-3451. PP. 37-88 |
| 129 | Moncarxa ou Outeiro | "povoado" | Amieira | Portel | Évora | 1 | 2 | | 3 | Fonseca – um "Peso de tear" paralelipipédico – | 1. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | encontrado num contexto de superfície (?); “crescentes” de secção ovalada e circular – mencionados como indicadores económicos<br><br>Antunes et all - embora refiram pesso e crescentes não mencionam nas actividades a tecelagem – só falam de um crescente de secção ovalada circular!<br><br>Soares: “a cerâmica industrial da superfície está representada por um “peso de tear” paralelepipédico com um furo em cada topo e por crescente de secção transversal ovalada.” “No que se refere ao espólio cerâmico exumado na sondagem há que referir especialmente o aparecimento de um crescente” – fragmento de um crescente, com uma perfuração<br><br>Obs: prospecções (?) e | Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP<br><br>2. SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares – Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos IN Setúbal Arqueológica. Vol. IX-X. 1992. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. ISSN 0872-3451. PP. 37-88<br><br>3. ANTUNES, Ana Sofia; MARTINS, Artur; VILHENA, Jorge; SÁNZ, Lidia Virséda; CORREIA, Susana – Intervenções de salvamento na área a afectar pelo regolfo de Alqueva: antas da Bacia do Degede. IN Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do megalitismo. Actas do II colóquio internacional sobre megalitismo. Pp. 227 – 250<br><br>(P. Lima 1992) |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | uma sondagem onde se encontrou um peso e um crescente acima descritos | |
| 130 | Monte dos Cerros Verdes (4?) | "povoado" | Póvoa de S. Miguel | Moura | Beja | | 1 | 2? | 3 | Descreve-se uma placa, um crescente de secção circular e um indeterminado (placa?)<br>"É também de considerar, como já foi feito para o Monte do Tosco, a possibilidade da tecelagem ter uma expressão material diferente da dos povoados"<br>Obs. Sondagens | 1. GOMES, Sérgio – Estudo dos artefactos associados às actividades têxteis – Plano de minimização de impactes sobre o património arqueológico na área do regolfo de Alqueva. Pré-História da margem esquerda – bloco 5. |
| 131 | Mangancha | "povoado aberto" | Vila de Frades | Vidigueira | Beja | ? | ? | | >20 | Fonseca – Indicadores económicos – "crescentes", pesos de tear – actividades artesanais – tecelagem. + O núcleo de povoamento designado por MAG 1 – revelou zonas de intensa ocupação e actividade, moagem, tecelagem, metalurgia do cobre<br>Obs. Recolhas de superfície + escavações<br>Gonçalves – dezenas de pesos | 1. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP<br>2. DINIZ, Mariana: Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. IN Trabalhos de Antropologia e Etnologia: 1º congresso de arqueologia peninsular. Vol. 34 (3-4). Actas IV. Porto: 1994. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. ISSN: 0304-243X |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | 3. GONÇALVES, Victor S. – Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental: uma aproximação integrada. Vol. 1. Lisboa, Instituto nacional de investigação científica, 1989<br>(Gonçalves, 1994)<br>(L. Vasconcelos – o archeologo português – p. 104-138) |
| 132 | Outeiro do Tijolo | "povoado" | Vila Alba | Cuba | Beja | ? | | | ≥2 | Recolhas de superfície: "pesos de tear" paralelipipédicos – actividade artesanal – tecelagem | 1. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP<br>(V. Gonçalves, 1989) |
| 133 | Cabeço da Azurria | "povoado" | Cuba | Cuba | Beja | 10 | 21 | | ≥31 ? | "… fragmentos de "pesos de tear" paralelipipédicos com uma ou duas perfurações nas extremidades; fragmentos de "crescentes" de secção circular ou sub-rectangular." – 1 peso de tear desenhado + 21 "crescentes" (partes) desenhadas<br>"crescentes" e pesos de tear em proporções | 1. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | semelhantes<br><br>3 pesos de tear e cinco crescentes, um de secção sub-circular e 4 de secção circular - A amostra total não é, também, significativa, pois no conjunto de níveis selados, níveis superficiais, de derrube e recolhas de superfície foram recuperados 10 fragmentos de pesos de tear e 7 de "crescentes".<br><br>Obs: prospecção+escavação | |
| 134 | Cabeço da Mina | "povoado" | Torrão | Entre Alvito e Alcácer do Sal | Beja e Setúbal | 25? | | | 25 | Pesos de tear paralelipipédicos ("21 sup. e c. rev., 4 c. 2") (e 2 fragmentos de possíveis cossoiros) – actividade=tecelagem.<br><br>Cardito Rollán – pesos lisos<br><br>Obs. sondagens | 1. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP<br><br>2. CARDITO ROLLÁN, Luz Mª – Las manufacturas textiles en la prehistoria: las placas de telar en el calcolítico peninsular. IN Zephyrus, nº 49. Universidad de Salamanca. 1996. P. 125-145<br><br>3. SOARES, Joaquina; |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | SILVA, Carlos Tavares – Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos IN Setúbal Arqueológica. Vol. IX-X. 1992. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. ISSN 0872-3451. PP. 37-88<br><br>4. DINIZ, Mariana: Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. IN Trabalhos de Antropologia e Etnologia: 1º congresso de arqueologia peninsular. Vol. 34 (3-4). Actas IV. Porto: 1994. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. ISSN: 0304-243X<br><br>(Silva(; Soares ?) 1976/77)<br><br>(Arnaud 1982) |
| 135 | Monte da Tumba | "povoado" (Cardito Róllan+ Susana f.) | Torrão | Alcácer do Sal | Setúbal | 1 ? | ? | | ≥2 | "crescentes" (todas as fases) – predominam os largos e achatados de secção sub-rectangular, que depois escasseiam nos níveis superiores e são substituídos pelos de secção circular; só um peso de tear paralelipipédico na primeira fase de ocupação – actividades: tecelagem em todas as | 1. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP<br><br>2. CARDITO ROLLÁN, Luz Mª – Las manufacturas textiles en la prehistoria: las placas de telar en el calcolítico peninsular. IN |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | fases. Comentário – há uma coexistência entre"crescentes", se bem que do tipo considerado mais antigo, e pesos de tear.<br><br>(só um peso na I fase de ocupação, mas crescentes em todas as fases)<br><br>Rollán – pesos lisos<br><br>Obs. Escavação de emergência | Zephyrus, nº 49. Universidad de Salamanca. 1996. P. 125-145<br><br>3. JORGE, Susana O – Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular", Revista da Faculdade de Letras, II. Série, vol. XI, 1994, pp.447-546.<br><br>4.DINIZ, Mariana: Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. IN Trabalhos de Antropologia e Etnologia: 1º congresso de arqueologia peninsular. Vol. 34 (3-4). Actas IV. Porto: 1994. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. ISSN: 0304-243X<br><br>(C. Silva – 1982, 1987, 1995)<br><br>(Arnaud, 1982) |
| 136 | Castelo do Torrão | "povoado de altura" | Torrão | Alcácer do Sal | Setúbal | ? | ? | | ≥2 | "crescentes" de secção circular e sub-rectangular, estes mais frequentes no nível mais antigo (onde também ocorrem pesos de tear e taças carenadas)(esta comum na base da | 1. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP<br><br>(Silva 1986) |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | sequência como no Monte da Tumba), pesos de tear na C. 12.– tecelagem. Comentário – desde os níveis mais antigos que se regista a presença de “crescentes” associados a pesos de tear, se bem que naqueles predominem os de secção rectangular, considerados como uma forma de transição.<br><br>Obs: sondagens | |
| 137 | Sala nº 1 | “povoado” | Pedrógão | Vidigueira | Beja | | ? | ? | ≥2 | Placas com 1 ou 2 perfurações, crescentes<br><br>V. Gonçalves (1987) – recolhas de superfície: …”pesos de tear, aparecendo nas recolhas quase todos os tipos conhecidos e ainda alguns outros, muito provavelmente inéditos. Apenas ausentes as formas de faces quadrangulares e rectangulares, espessas, próprias das penínsulas de Lisboa e Setúbal.”<br><br>Obs. Escavações | 1. CALADO, Manuel – Da Serra d’Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional. 2001. Trabalhos de Arqueologia. ISBN: 972-8662-02-5. http://www.ippar.pt/pt/shop/asset/1484/<br><br>2. GONÇALVES, Victor – O Povoado Pré-Histórico da Sala nº 1 (Pedrógão, Vidigueira): Notas sobre a campanha 1. IN Portugália, Nova Séria. Vol. VIII, 1987. Pp.7-16<br><br>3. GONÇALVES, Victor S. – Sítios, «Horizontes» e artefactos: Leituras críticas de realidades perdidas |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | (Estudos sobre o 3º milénio no Centro e Sul de Portugal). 2ª edição, revista e acrescentada de dois novos textos 2003. 1ª edição 1995. Câmara Municipal de Cascais. ISBN 972-637-116-3. |
| 138 | Porto Torrão (ou povoado de Ferreira do Alentejo) | "povoado" | Ferreira do Alentejo | Ferreira do Alentejo | Beja | 1? | 1 decorado | 2 placas? | ≥115 | Fonseca – "pesos de tear" paralelipipédicos; "crescentes" de secções sub-circulares e sub-rectangulares (mais abundantes) – indicadores económicos. Actividades artesanais – tecelagem.<br><br>Valera – "A estratigrafia da Fossa nº1 do povoado de Torre do Esporão, pelo contrário, parece apontar em direcção oposta à da informação colhida no Monte da Tumba e nos Castelos do Torrão, pois, aí, os pesos de tear paralelipipédicos surgem em posição posterior à dos "crescentes" de secção sub-rectangular"<br><br>"As evidências de tecelagem são, efectivamente, | 1. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP<br><br>2. António Carlos VALERA; Iola Filipe – O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): Novos dados e novas problemátocas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular. IN Revista ERA, Lisboa, Era-Arqueologia e edições Colibri, nº 6. P.28-61<br><br>(Arnaud 1982, 1990, 1993) |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | abundantes. Estão presentes placas rectangulares, aparentemente de duas e quatro perfurações, e crescentes (de secção circular ou achatada). Apenas com um exemplar, surge ainda um fragmento de peso paralelepipédico espesso, provavelmente de quatro perfurações. Um peso (crescente achatado) apresenta decoração com traços incisos."<br>Obs. Escavações | |
| 139 | Três Moinhos | "povoado" | Baleizão | Beja | Beja | 1 | Dezenas – pelo menos 3 desenhados – de secções com tamanhos diferentes | | ≥30 | Fonseca - Indicadores económicos – algumas dezenas de "crescentes" de secção circular ou oval, um peso de tear paralelipipédico. Actividades artesanais – tecelagem.<br><br>Soares – "A "cerâmica industrial" encontra-se representada por algumas dezenas de fragmentos de crescentes de secção circular ou oval; por um fragmento de placa paralelepipédica com dois furos na | 1. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP<br><br>2. SOARES, António M. Monge – O Povoado Calcolítico dos Três Moinhos (Baleizão, Conc. De Beja). Notícia preliminar. IN Setúbal Arqueológica, vol. IX-X. Assembleia Distrital de Setúbal, Setúbal. 1992. ISSN 0872-3451. Pp. 291-314. |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | extremidade conservada."<br><br>Obs. Prospecções e recolhas de superfície (isto em 1992) | 3. JORGE, Susana O – Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular", Revista da Faculdade de Letras, II. Série, vol. XI, 1994, pp.447-546. |
| 140 | Canada | indeterminado | Brinches | Serpa | Beja | | | 1 | 1 | "um fragmento distal de peso de tear em placa, conservando ainda uma das duas perfurações"<br><br>Obs. Prospecções | 1. LOPES, M. Conceição; CARVALHO, Pedro C.; GOMES, Sofia M. – Arqueologia do concelho de Serpa. Câmara Municipal de Serpa, 1997. ISSN 972-96 969-3-4 |
| 141 | Vale Pincel 2 | "povoado plano" | Sines | Sines | Setúbal | ? | ? | | ≥2 | Pesos de tear à superfície, na camada 1 e 2; "crescente" na camada 2 (estes numa camada que poderá corresponder a uma fase mais antiga de ocupação, ou simplesmente a infiltrações provenientes da camada superior)<br><br>Obs: prospecção+sondagem | 1. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP<br><br>2. CALADO, Manuel - Da Serra d'Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional. 2001. Trabalhos de Arqueologia. ISBN: 972-8662-02-5. http://www.ippar.pt/pt/shop/asset/1484/<br><br>3. SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares – Para o conhecimento dos |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | povoados do megalitismo de Reguengos IN Setúbal Arqueológica. Vol. IX-X. 1992. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. ISSN 0872-3451. PP. 37-88<br><br>4. DINIZ, Mariana: Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. IN Trabalhos de Antropologia e Etnologia: 1º congresso de arqueologia peninsular. Vol. 34 (3-4). Actas IV. Porto: 1994. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. ISSN: 0304-243X<br><br>(Silva, 1976/77, 1981)<br><br>(Arnaud, 1982) |
| 142 | Atalaia do Peixoto | indeterminado | São Salvador | Serpa | Beja | | | ? | ≥2 | "placas rectangulares com um ou dois furos no topo"<br><br>Obs. Prospecções | 1. LOPES, M. Conceição; CARVALHO, Pedro C.; GOMES, Sofia M. – Arqueologia do concelho de Serpa. Câmara Municipal de Serpa, 1997. ISSN 972-96 969-3-4 |
| 143 | Monte Luís Mendes | indeterminado | (Serpa) Santa Maria | Serpa | Beja | | 1 | | 1 | "um fragmento proximal de peso de tear "tipo salsicha" – ponta de crescente recta<br><br>Obs. Prospecções | 1. LOPES, M. Conceição; CARVALHO, Pedro C.; GOMES, Sofia M. – Arqueologia do concelho de Serpa. Câmara Municipal de Serpa, 1997. ISSN 972-96 969-3-4 |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 144 | Foz do Enxoé | “Povoado” | Santa Maria | Serpa | Beja | | + de 1 | | ≥2 | “pesos de tear em forma de «crescentes»”<br><br>Diniz: recolha à superfície de “fragmentos de espessos crescentes cerâmicos, com uma perfuração na extremidade conservada, e secções circulares da ordem dos 3 cm”<br><br>Obs. Escavações<br><br>(Neolítico Final) | 1.LOPES, M. Conceição; CARVALHO, Pedro C.; GOMES, Sofia M. – Arqueologia do concelho de Serpa. Câmara Municipal de Serpa, 1997. ISSN 972-96 969-3-4?<br><br>2.DINIZ, Mariana – Povoado neolítico da Foz do Enxoé (Serpa): primeiros resultados. IN Revista de Arqueologia Portugesa, 1999. Volume 2, nº 1. Pp. 95-126 |
| 145 | São Brás 3 | “Povoado aberto” | Serpa (Santa Maria) | Serpa | Beja | | ? | ? | ≥2 | “crescentes” de secção circular, fragmento mesial de peso de tear em placa + placas rectangulares de barro<br><br>Obs. Recolha de superfície | 1. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP<br><br>(GADEPC 1970)<br><br>(A. Soares, 1994 b) |
| 146 | Cerro dos Castelos de São Brás | “povoado de altura” (Susana f.) | Serpa (Santa Maria?) | Serpa | Beja | | ? | | >10<br><br>(2 desenhados) | Fonseca – “crescentes” abundantes (várias dezenas no nível pré-campaniforme) – tecelagem<br><br>Jorge – zona de tecelagem<br><br>Obs. Escavações | 1. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP<br><br>2. JORGE, Susana O – Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular", Revista da Faculdade de Letras, II. Série, vol. XI, 1994, pp.447-546.<br><br>3. DINIZ, Mariana: Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. IN Trabalhos de Antropologia e Etnologia: 1º congresso de arqueologia peninsular. Vol. 34 (3-4). Actas IV. Porto: 1994. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. ISSN: 0304-243X<br><br>4. PARREIRA, Rui – O Cerro dos Castelos de São Brás. IN O arqueólogo Português. Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, 1983. Série IV, vol. 1. Pp. 149-168<br><br>(Gonçalves 1989) |
| 147 | Castelo de Aljustrel | "povoado de altura" | Aljustrel | Aljustrel | Beja | 1 | ? | | ≥2 | "crescentes" e um peso de tear<br><br>Obs. Escavação | 1. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP<br><br>(2. Ramos 1993) |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 148 | Monte Novo | “Povoado” | Porto Covo | Sines | Setúbal | | 11 | | 11 | Fonseca – “crescentes” – 8 à superfície e camadas revolvidas, 3 na C. 2, que é onde se detectou uma camada de ocupação – actividades: tecelagem<br><br>Obs. Prospecção e sondagem | 1. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP<br><br>2. DINIZ, Mariana: Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. IN Trabalhos de Antropologia e Etnologia: 1º congresso de arqueologia peninsular. Vol. 34 (3-4). Actas IV. Porto: 1994. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. ISSN: 0304-243X<br><br>(Silva, 1976/77, 1981)<br><br>(Arnaud, 1982) |
| 149 | Cerro do Castelo de Santa Justa | “povoado de altura” (S.F.) | Martim Longo | Alcoutim | Faro | | 1494 ? | | 1494 | Gonçalves – “crescentes” de secção circular, associados a furadores de cobre numa das áreas – tecelagem. Ausência de pesos de tear e de “crescentes” de secção rectangular.<br><br>Obs. Escavações | 1. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP<br><br>2. GONÇALVES, Victor S. – Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental: uma aproximação integrada. Vol. 1. Lisboa, Instituto nacional de investigação |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | científica, 1989<br><br>3. DINIZ, Mariana: Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. IN Trabalhos de Antropologia e Etnologia: 1º congresso de arqueologia peninsular. Vol. 34 (3-4). Actas IV. Porto: 1994. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. ISSN: 0304-243X |
| 150 | Cerro do Castelo das Mestras | "povoado amplo" (S.F) | Martim Longo | Alcoutim | Faro | | 1 | | 1 | Fonseca "crescentes" – tecelagem<br><br>Gonçalves – "…idênticos ao exemplar obtido no Cerro do Castelo das Mestras (à superfície) "<br><br>Obs. Prospecção e recolhas à superfície | 1.GONÇALVES, Victor S. – megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental: uma aproximação integrada. Vol. 1. Lisboa, Instituto nacional de investigação científica, 1989<br><br>2. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP |
| 151 | Cerro do Castelo de (Corte) João Marques | "povoado de altura" (S. F.) | Ameixial | Loulé | Faro | | 3 | | >3 | Fonseca – "crescentes"escassos – tecelagem; pesos de rede – pesca<br><br>Gonçalves – "Recolheram-se (…) escassos exemplares dos pesos de tear em forma de linguiça fina, também | 1.FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP<br><br>2. GONÇALVES, Victor S. – megalitismo e Metalurgia |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | designados por “crescentes”. Apesar de muito fragmentados e rolados, são perfeitamente reconhecíveis e idênticos ao exemplar obtido no Cerro do Castelo das Mestras (à superfície) e às muitas centenas de fragmentos identificados no Cerro do castelo de Santa Justa. Apenas três dos pesos têm registo próprio:<br><br>I.18. – 2: x:0,80; y: 0,80; z: 025 (79.07.25)<br><br>M.6. – 6: x: 180; y: 170; z: 017 (79.07.24) – terminação de crescente<br><br>N.6. – 6: x: 180; y: 160; z: 017 (79.07.24) – terminação de crescente<br><br>Obs. Escavações | no Alto Algarve Oriental: uma aproximação integrada. Vol. 1. Lisboa, Instituto nacional de investigação científica, 1989 |
| 152 | Alcalar | “povoado” | Mexilhoeira Grande | Portimão | Faro | | ? | | ≥2 | “pesos de tear”<br><br>Cardoso, Carreira - recolhidos por Estácio da Veiga na necrópole de *tholoi* de Alcalar, Portimão. | 1. DINIZ, Mariana: Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. IN Trabalhos de Antropologia e Etnologia: 1º congresso de arqueologia peninsular. Vol. 34 (3-4). Actas IV. Porto: 1994. Sociedade Portuguesa |

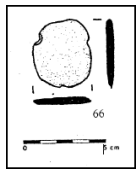
| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | Obs. escavações | de Antropologia e Etnologia. ISSN: 0304-243X<br><br>2. MORÁN, Elena; PARREIRA, Rui – O povoado calcolítico de Alcalar (Portimão) na paisagem cultural do alvor do III milénio antes da nossa Era. IN Recintos Murados da Pré-História Recente. Porto, DCTP – FLUP, 2003. Pp. 307-328<br><br>3. CARDOSO, João Luís; CARREIRA, Júlio Roque – O povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): Estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905). IN Estudos Arqueológicos de Oeiras, 11. Oeiras, Câmara Municipal, 2003. Pp. 97-228 |

| Sítios ( não vêm no mapa) | Tipologia (mencionada pelos autores) | Localização | | | "Elementos de tear" | | | | Descrição e comentários | Referências (e referências feitas pelos autores) |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | Freguesia | Concelho | Distrito | Pesos | Crescentes | Placas | Total | | |
| Castro da Rotura<br>+<br>Gruta "Lapa da Rotura" | "povoado" (Cardito Róllan)<br>+<br>"Gruta" | **?** | Setúbal | Setúbal | 3 | | 2<br>+<br>2 | 5<br>+<br>2 | Pesos rectangulares ou quadrangulares ?<br><br>"três fragmentos de pesos de barro", "duas placas de barro mal cozido (…) que tem forma rectangular e são atravessadas por quatro canaes junto de cada canto."<br><br>"Um tem um desenho triangular"<br><br>Gruta: "Uma placa de forma de prisma recto, de base rectangular, feito de barro mal cozido… é atravessado próximo de cada um dos cantos e parallelamente às arestas menorez das bases por quatro canaes que ahi se acham aberto … a face tem um desenho formado por uma linha quebrada em zig-zag" "… um fragmento de outra placa com a forma geralmente semelhante á anterior e também da mesma | 1.COSTA, António I. Marques da (1903) – *Estações prehistóricas dos arredores de Setúbal: Objectos prehistóricos encontrados no Castro da Rotura*. IN O Arqueólogo Português. Lisboa: Museu Ethnographico Português – S. 1, vol. 8, nº 5-6 (Maio-Junho). Pp. 137-148<br><br>2.COSTA, António I. Marques da (1903) – *Estações prehistóricas dos arredores de Setúbal: Objectos prehistóricos encontrados no Castro da Rotura*. IN O Arqueólogo Português. Lisboa: Museu Ethnographico Português – S. 1, vol. 8, nº 10-12 (Outubro-Dezembro). Pp. 266-274<br><br>3. CARDITO ROLLÁN, Luz Mª– Las manufacturas textiles en la prehistoria: las placas de telar en el calcolítico peninsular. IN Zephyrus, nº 49. Universidad de Salamanca. 1996. P. 125-145 |

| | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | substancia.”<br><br>Cardito Rollán – as placas de tear apareceram em vários níveis<br><br>Obs. Escavações | |
| Lentisca 2 | “povoado “megalítico” aberto” | **?** | Évora | Évora | 1 | | | 1 | Peso de tear<br><br>Obs. Prospecção | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| Lentisca 3 | “povoado “megalítico” aberto” | **?** | Évora | Évora | | | | 1 | Peso de tear espesso<br><br>Obs. Prospecção | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| Quinta do Chantre | “povoado aberto” | **?** | Évora | Évora | 1? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| S. Caetano 1 (Neolítico Final/Calalcolítico) | “povoado «megalítico» aberto | **?** | Évora | Évora | ? | | | ≥2 | Pesos de tear<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| Zambujeira | “povoado “megalítico” aberto” | **?**<br>**(será Reguengo** | Évora | Évora | 1? | | | 1 | Peso de tear espesso<br><br>Obs. Prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: |

| | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | **no concelho de Mora?)** | | | | | | | | http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html<br><br>2. Plano Director Municipal do concelho de Évora. 2005 |
| Anta da Casa dos Mouros | Anta | Ortiga | Mação | Santarém | | | | 1 | **1 peso de tear lítico**<br><br>Neolítico antigo/final | Ver http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_patrim%C3%B3nio_edificado_no_distrito_de_Santar%C3%A9m |
| Anta Grande da Comenda da Igreja ou Anta Grande da Herdade da Comenda | Anta | Nossa Senhora do Bispo | Montemor-o-Novo | Évora | | | | 1 | Mencionam para a Anta 2 da Herdade da Comenda, um **"disco de xisto, com perfuração bicónica no centro."** - Não se consegue confirmar se é a este elemento que S. O. Jorge se refere.<br><br>Obs. Escavações | 1.JORGE, Susana Oliveira – Povoados da pré-história recente da região de chaves – vila pouca de Aguiar (trás os montes ocidental): bases para o conhecimento do IIIº. E princípios do II milénio a.C. no norte de Portugal. Porto, FLUP. 1986. Dissertação de doutoramento. Volume 1.<br><br>2.LEISNER, Georg; LEISNER, Vera – Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz: Materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal. Lisboa: Instituto para a alta cultura, 1951 |
| Barrocal Alto | "Povoado" | Peredo da Bemposta | Mogadouro | Bragança | | | | 3 | No sector V foram identificados **três pesos em talco-xisto**, na camada 2 Os três objectos são polidos, e estão fragmentados, apresentando parte de uma perfuração. | 1. SANCHES, Maria de J. – Pré-história recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes). Porto: GEAP, 1992. "Monografias Arqueológicas" 3. Pp. 86 – 118 |

| | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Barrocalinho 17 | "povoado "megalítico" aberto" | Reguengos de Monsaraz | Reguengos de Monsaraz | Évora | | | | 1 | Peso de tear<br><br>Obs. Prospecção<br><br>**Neolítico antigo/médio** | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html) |
| Buraco da Moura de S. Romão | "povoado" | Seia | Guarda | Guarda | ? | | | ≥2 | Níveis remexidos**.** Pesos com características semelhantes aos do Abrigo do Penedo da Penha, sugerindo-se um prolongamento das técnicas de tecelagem<br>**Idade do Bronze** | 1. VALERA, António Carlos – O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda): Aspectos da Calcolitização da Bacia do Alto Mondego. Lisboa: câmara Municipal de Fornos de Algodres, 1997. |
| Casas Velhas | "povoado" (valera) | Mafra | Mafra | Lisboa | ? | | | 1 | Carreira: "A existência local de actividades de tecelagem aparece documentada pela presença de um tear, mutilado num dos cantos, e possuindo forma subquadrangular. Apresenta pasta com granolumetria muito fina e cor cinzenta."<br>Sousa: **"um provável peso em pedra"**<br><br>Obs. Prospecções | 1. VALERA, António Carlos – O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda): Aspectos da Calcolitização da Bacia do Alto Mondego. Lisboa: câmara Municipal de Fornos de Algodres, 1997.<br>2. CARREIRA, Júlio M. Roque; LOPES, Fernando M. Peixoto – A ocupação pré-histórica de Casas Velhas (Mafra). P. 137-147 In V Jornadas Arqueológicas. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa. 1994. 2º Volume. ISBN 972/9451-39-7<br>3**.** SOUSA, Ana Catarina – O Neolítico Final e o Calcolítico na área da Ribeira de Cheleiros. Trabalhos de Arqueologia 11. |

| | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | 1998. ISBN 972-97903-1-0 |
| Castelo de Algoso | “povoado” | Algoso | Vimioso | Bragança | 3 | | | 3 | **Três pesos em xisto**<br>Obs. escavações | 1.AMARAL, Paulo – O projecto de valorização do Castelo de Algoso (Vimioso); MENÉNDEZ, J. Jorge Argüello – Intervenção Arqueológica no Castelo de Algoso. In VÁRIOS – Património estudos: Outros patrimónios. Nº 7. Portugal: IPPAR, 2004. ISSN 1645-2453. Pp. 175-177, 192-197 |
| Nossa Senhora de Lurdes | “povoado” | Nagoselo do Douro | S. João da Pesqueira | Viseu | 1 | | | 1? | “De referir ainda o achado de um peso de tear, que poderá atestar o "fabrico" de tecidos (Fig. 100, 66) ou de redes de que também se encontrou um peso (Fig. 102, 71), o que reflecte, a utilização de recursos piscícolas (neste caso no Douro).” – **um peso de tear em quartzito!**<br>  <br>Fig. 100, 66<br>Obs. Escavações (?) | 1. HEITOR, António José Fernandes – A pré-história Recente no Douro Sul (Concelhos de S. João da Pesquira e Tabuaço – Um ensaio de Arqueologia Espacial. FLUP 2002.<br>(Carvalho et alii) |
| Piornal 5 | Piornal 5 = designa uma área com uma mancha difusa de | **?** | Reguengos de Monsaraz | Évora | ? | | | ≥2 | Foram descobertos pesos de **tear descontextualizados – sítio destruído** | 1. GONÇALVES, Victor S. – Lugares de povoamento das antigas sociedades camponesas entre o Guadiana e a Ribeira do Álamo (Reguendos de Monsaraz): um ponto da |

| | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | povoamento | | | | | | | | | situação em inícios de 2002. IN Revista Portuguesa de Arqueologia. Vol. 5. Nº 2. 2002. ISSN 0874-2782. Pp. 153 - 189 |
| Quinta da Fidalguia | "povoado aberto" | **?** | Mourão | Évora | 1 | | | 1? | Um peso de tear em desenho, mas não mencionado no texto. Tecelagem?<br>Obs. Sondagens<br>**Neolítico médio** | 1. FONSECA, Susana Helena Bastos Correia – Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de mestrado, 1996. FLUP<br>(J. Soares 1992) |
| Sabugal | **?** | **?** | Sabugal | Guarda | | | | 1 | **Possível peso de tear/rede em seixo polido de grauvaque**<br>Obs: prospecção + sondagens + acompanhamento arqueológico de projectos | 1. PERESTRELO, Manuel Sabino G.; OSÓRIO, Marcos – Pré-História Recente na região da Guarda – Alguns subsídios |
| São Salvador do Mundo ou Ermo ou Castelo Velho | "Povoado" | S. João da Pesqueira | S. João da Pesqueira | Viseu | 1? | | | 1 | Um fragmento de **peso de tear em xisto** | 1. HEITOR, António José Fernandes – A pré-história Recente no Douro Sul (Concelhos de S. João da Pesquira e Tabuaço – Um ensaio de Arqueologia Espacial. FLUP 2002.<br>(Carvalho et alii) |
| Valada 7 – | "povoado "megalítico" aberto" | Nossa Senhora de Guadalupe | Évora | Évora | | | | 1 | Peso de tear<br>Obs. Prospecções<br>**Neolítico antigo/médio** | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| Vale Maria de Baixo 8 | Não classificado | Nossa Senhora de | Évora | Évora | 1 | | | 1 | 1 peso de tear espesso – **prospecções ?** | 1.Plano Director Municipal de Évora, 2005: http://www2.cm-evora.pt/pdme/01_ANEXO_IV/ |

| | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | Guadalupe | | | | | | | **Neolítico antigo/final** | Anexo_IV.pdf |
| Vale Maria de Baixo 4 | "povoado "megalítico" aberto" | Nossa Senhora de Guadalupe | Évora | Évora | | | | 1 | Peso de tear espesso<br><br>Obs. Prospecções<br><br>**Neolítico antigo/médio** | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| Vale Maria do Meio | ? | **?** | Évora | Évora | | | | 1 | Peso de tear (?)<br><br>Obs. prospecções | 1. CALADO, Manuel – Os Menires do Alentejo Central. Dissertação de Doutoramento. FLUL. 2004 (disponível em: http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html |
| Quinta das Rosas | "sítio aberto" | Maceira | Fornos de Algodres | Guarda | 3? | | | 3 | " No Sector 5, foram recolhidos três fragmentos de pesos de tear de morfologia tendencialmente paralelepipédica, um recolhido num dos depósitos preservados do **Bronze Final (UE5205) e dois num dos depósitos revolvidos (UE5202).** Um desses fragmentos apresenta restos de uma das perfurações de suspensão."<br><br>Obs. Sondagens (2 campanhas) | 1. VALERA, António Carlos – Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio A.C. (Fornos de Algodres, Guarda). Portugal: Município de Fornos de Algodres, 2007 |

# ANEXO 3

## OS “CRESCENTES” DO CERRO DO CASTELO DE SANTA JUSTA



**Figura 1:** Fotografias de “crescentes” identificados durante as escavações (retiradas de GONÇALVES, 1989: p. 288 – II volume)

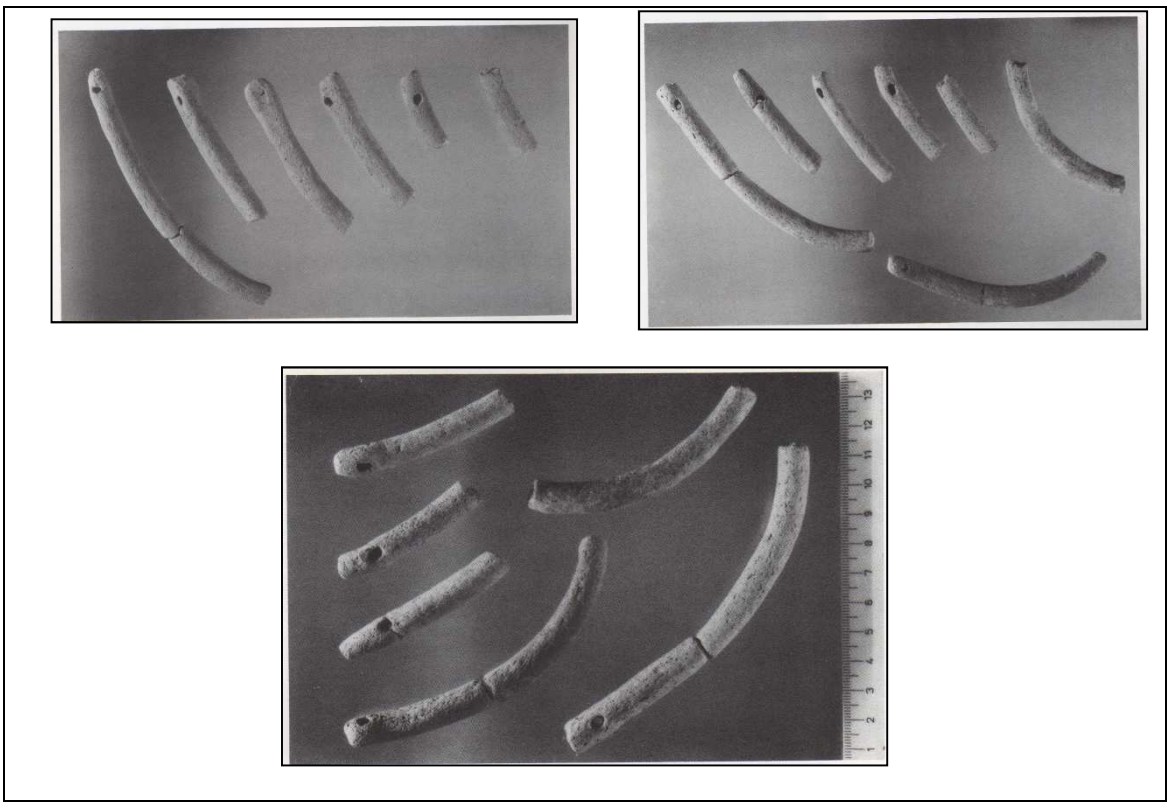


**Figura 2:** Fotografias de alguns dos “crescentes” encontrados (retiradas de GONÇALVES, 1989: pp. 288 e 289 – II volume)

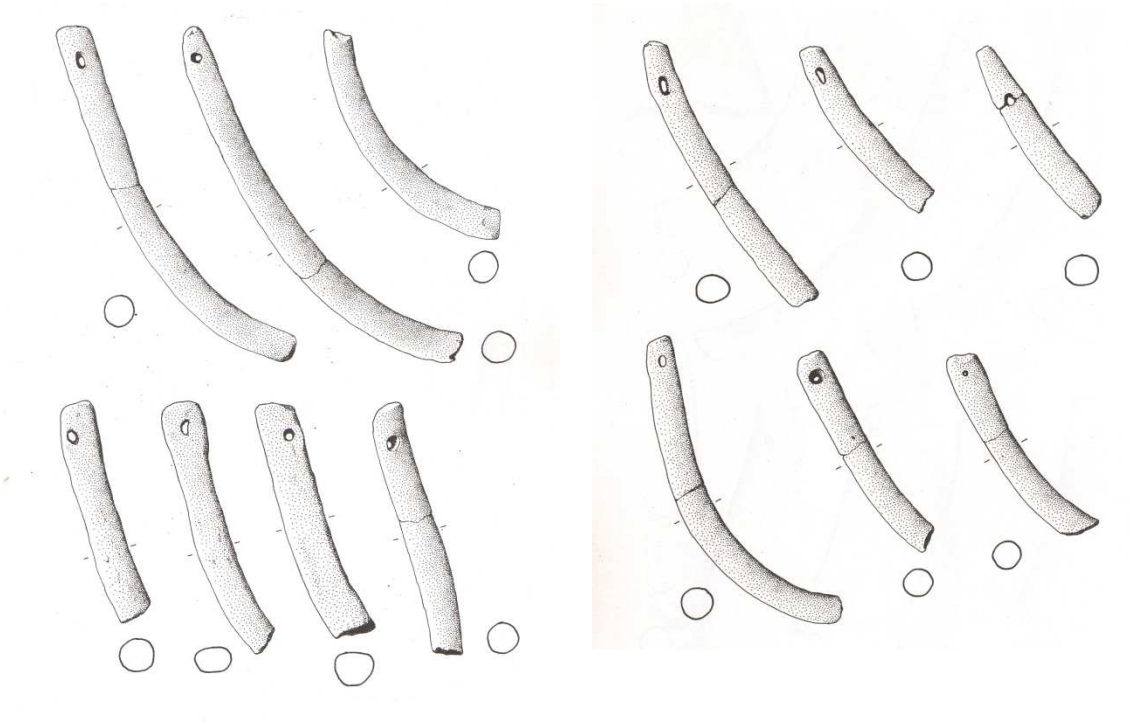


**Figura 3:** Desenho dos “crescentes”. Chama-se a atenção para o formato da peça (mais achatado ou arredondado, por exemplo) evidenciado pelos cortes feitos (retiradas de GONÇALVES, 1989: pp. 73 e 74 – II volume)

# ANEXO 4

## O CASTRO DE SANTIAGO




**Figura 1**: Planta geral do recinto interior correspondente ao que foi interpretado como a Fase II de ocupação (retirada de Valera, 1997: p. 53).

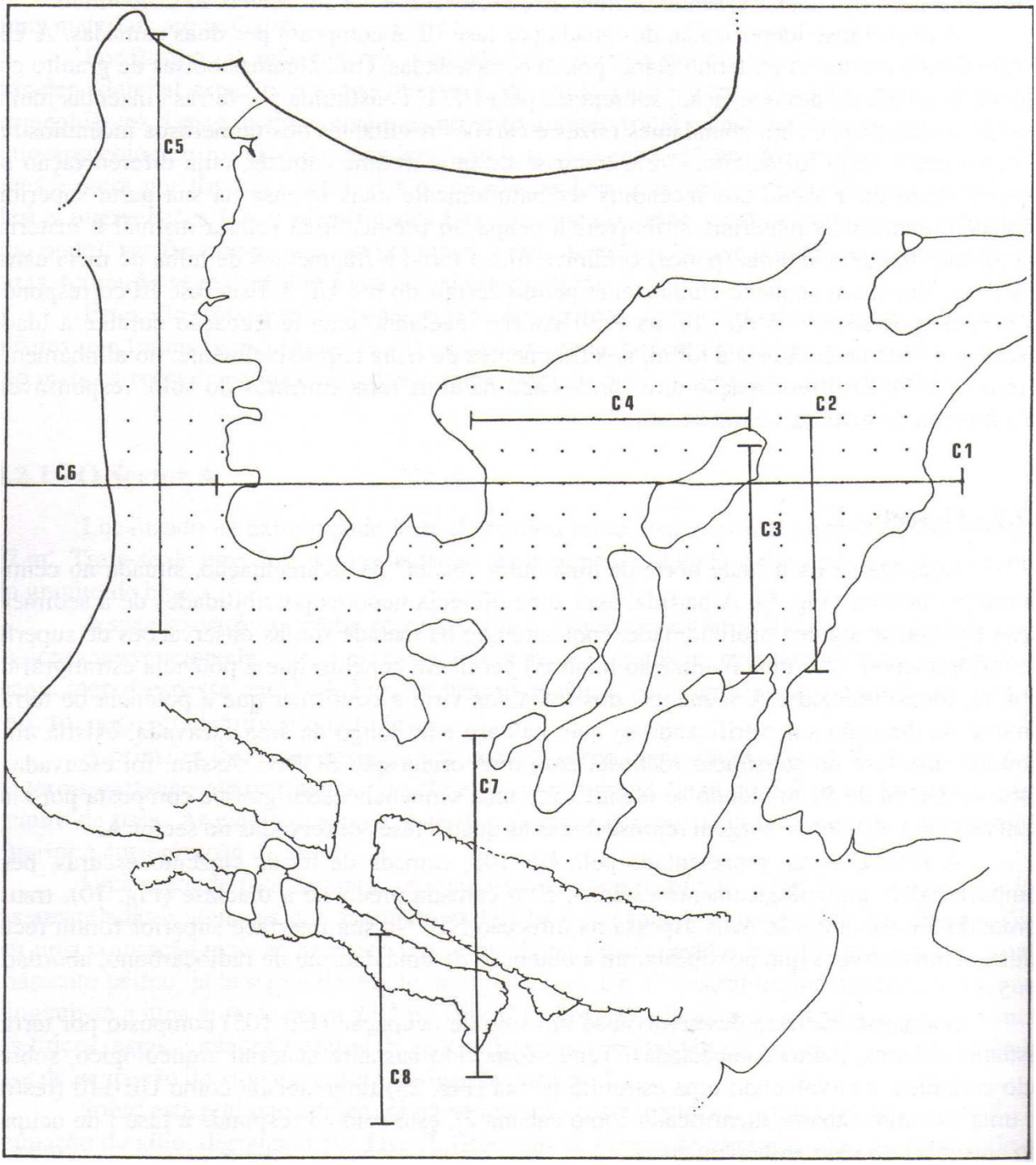



**Figura 2**: Localização dos cortes estratigráficos realizados e apresentados na obra de 1997 (figura retirada de Valera, 1997: p. 36).

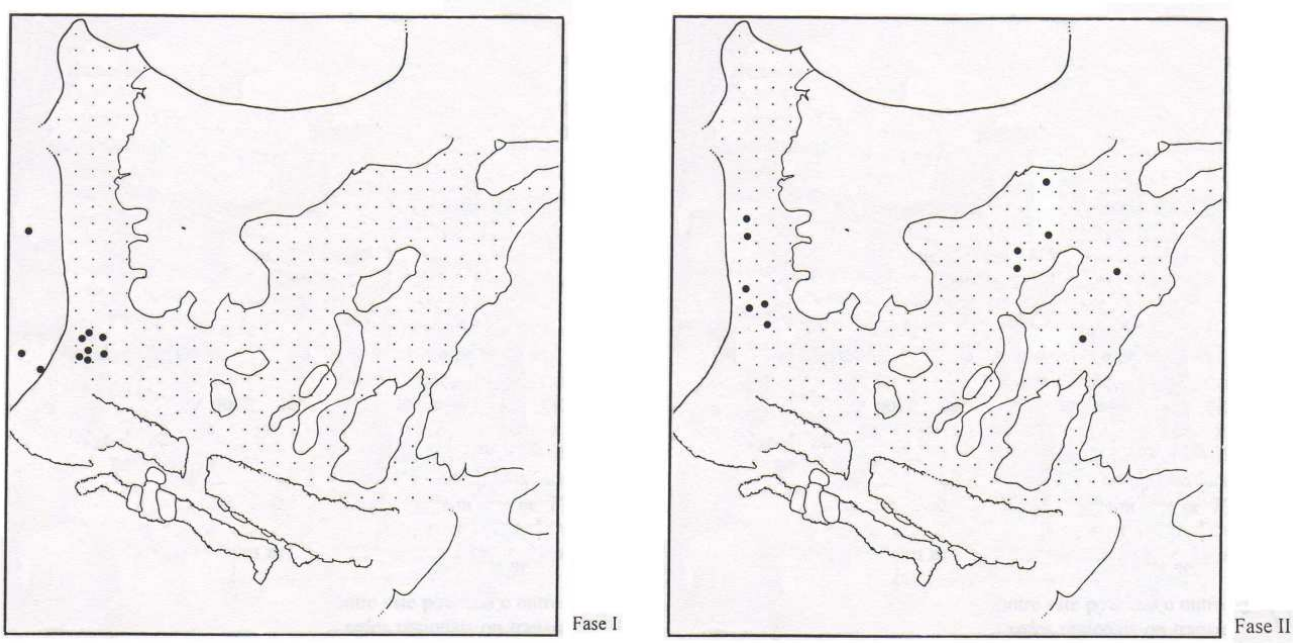



**Figura 3**: Distribuição espacial dos "pesos de tear" nas Fases I e II do recinto interior (retirada de Valera, 1997: p. 136)

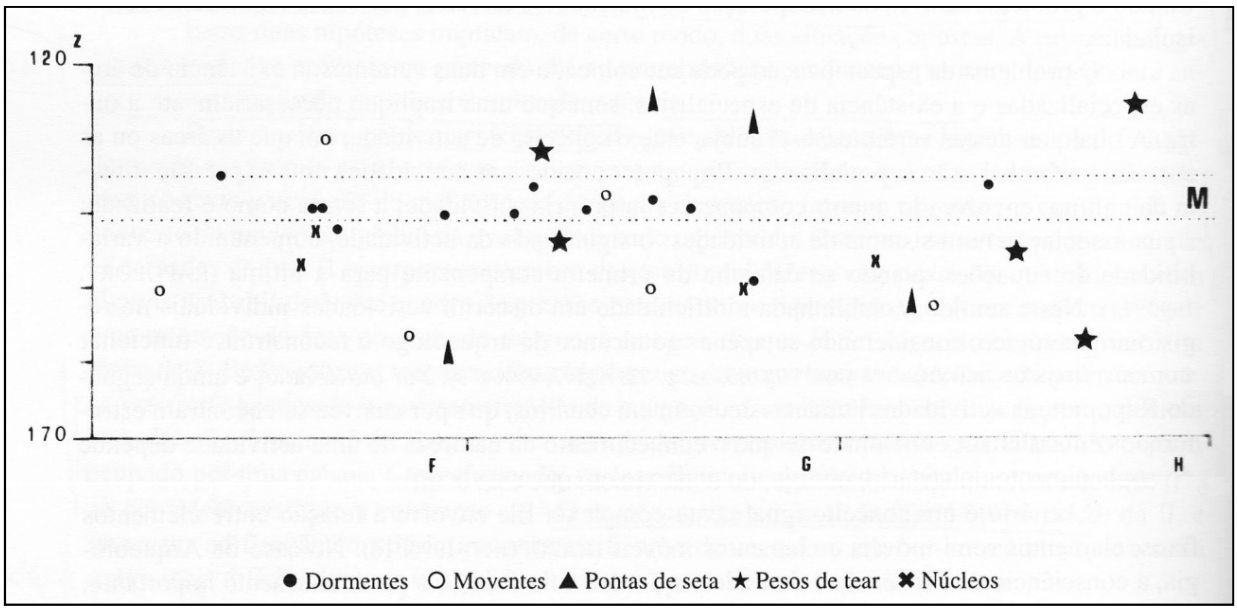



**Figura 4**: Gráfico da relação altimétrica entre alguns materiais encontrados no recanto oeste do recinto, durante a chamada Fase I. Como refere A. Valera, nesta representação faz-se uma sobreposição, num só plano, de dados provenientes das quadrículas 10', 11', 12' e 13' (retirada de Valera, 1997: p. 130). A letra M define um plano de deposição definido pelos moventes e pelos dormentes.

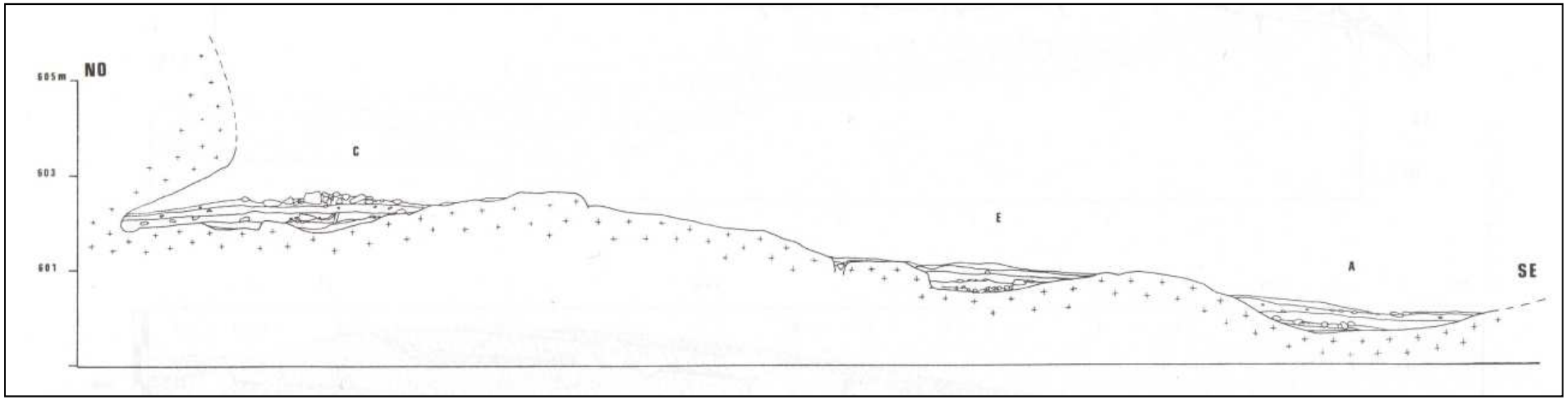



**Figura 5**: Corte transversal - Corte 1 - que abrange os Sectores C, E e A (figura retirada de Valera, 1997: p. 37)

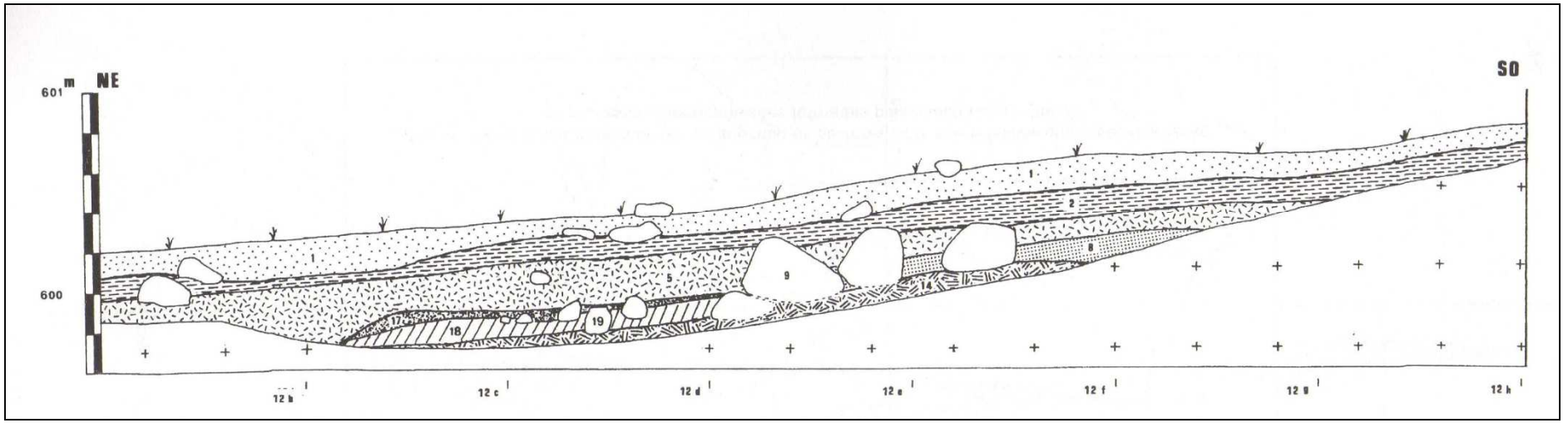



**Figura 6**: Corte 2, que abrange o Sector A (figura retirada de Valera, 1997: p. 38)

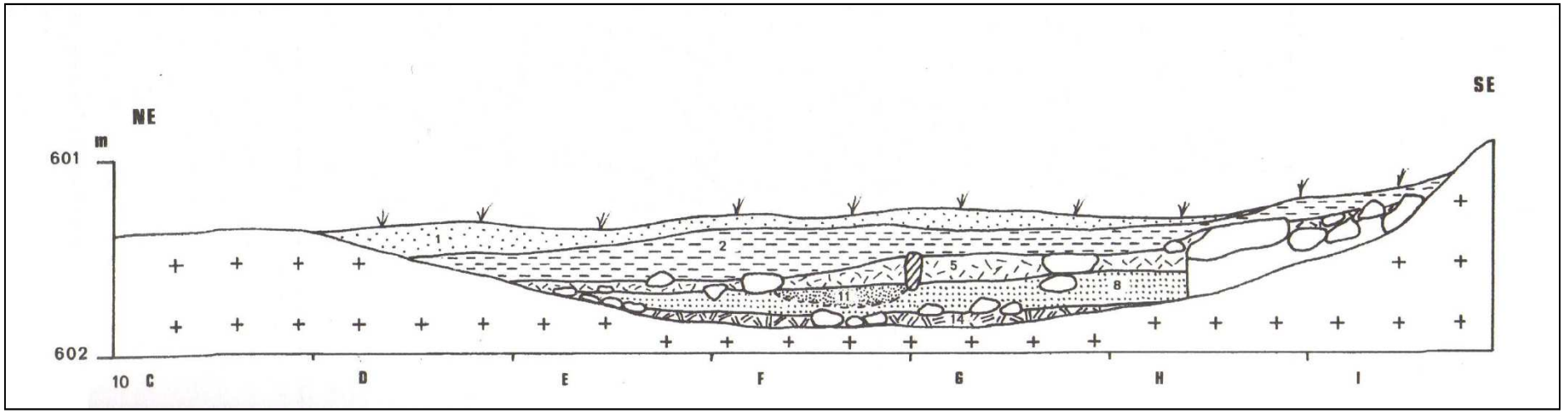



**Figura 7**: Corte 3, que também abrange o Sector A (figura retirada de Valera, 1997: p. 38)

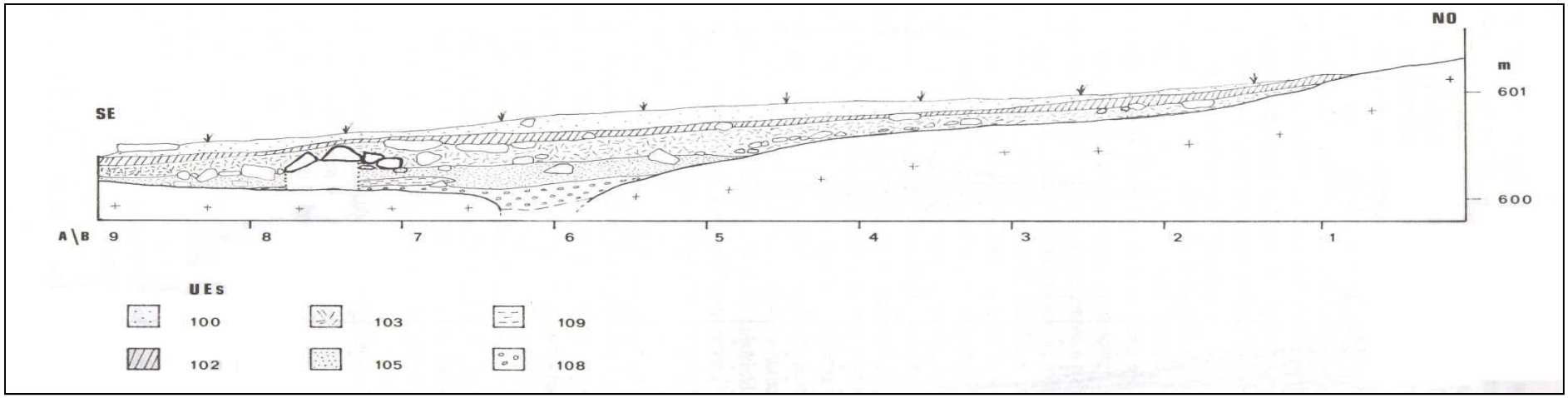



**Figura 8**: Corte 4, que abrange o Sector E (figura retirada de Valera, 1997: p. 39)

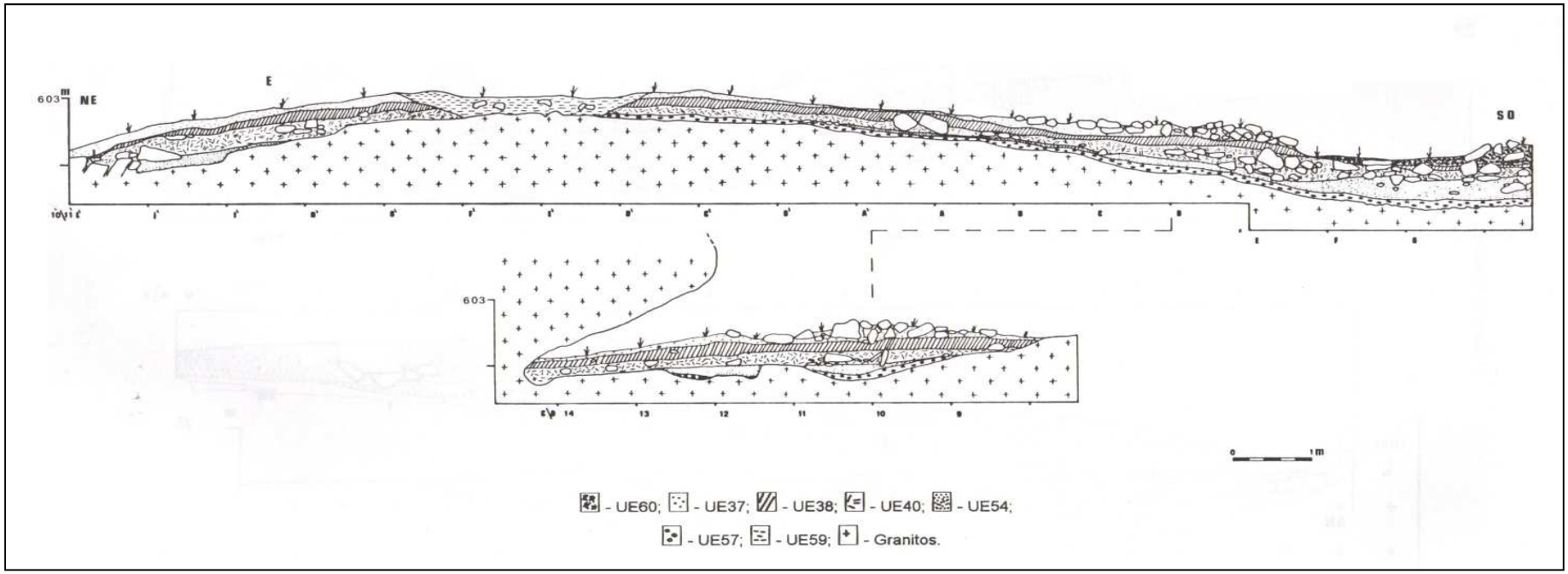



**Figura 9**: Cortes 5 (em cima) e 6 (em baixo), que abrangem o Sector C (figura retirada de Valera, 1997: p.40).

# ANEXO 5

## CASTELO VELHO

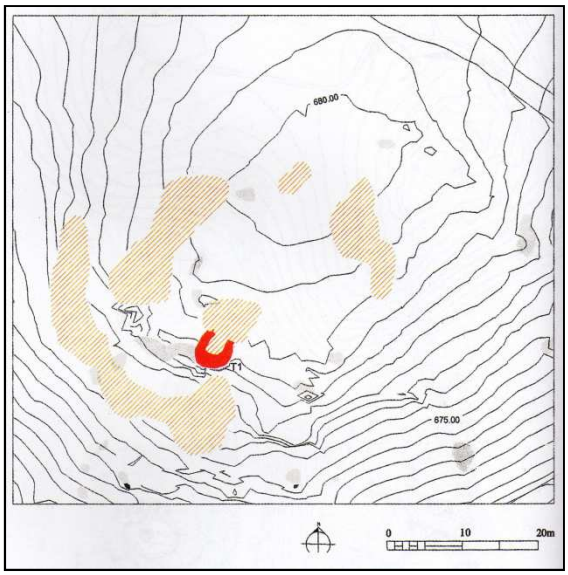



**Figura 1:** Proposta para a primeira fase construtiva de Castelo Velho. Foi incluído também o torreão 1. O tracejado corresponde à mancha de ocupação inicial no topo do morro, cuja extensão e características são hipotéticas (retirada de JORGE, 2005: p. 194).

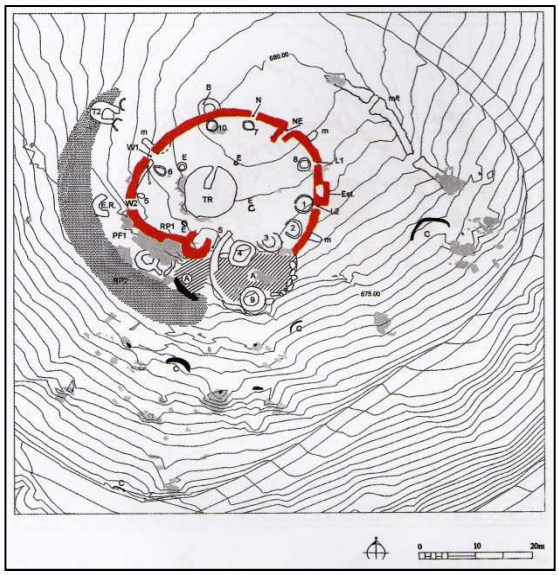



**Figura 2:** Proposta para a segunda fase construtiva – 2A – na qual se terá erigido um recinto, indicado pela cor vermelha (retirada de JORGE, 2005: p. 195).

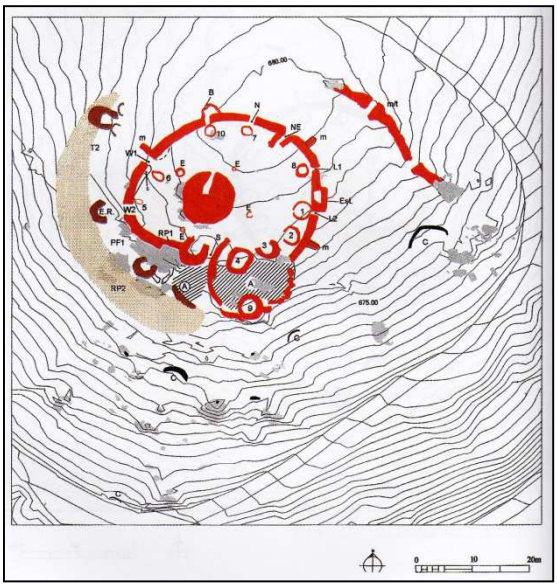



**Figura 3:** Proposta para a segunda fase construtiva – 2B – durante a qual o "monumento" é totalmente construído, abarcando o recinto, a plataforma intermédia, o talude e murete leste (retirada de JORGE, 2005: p. 196).

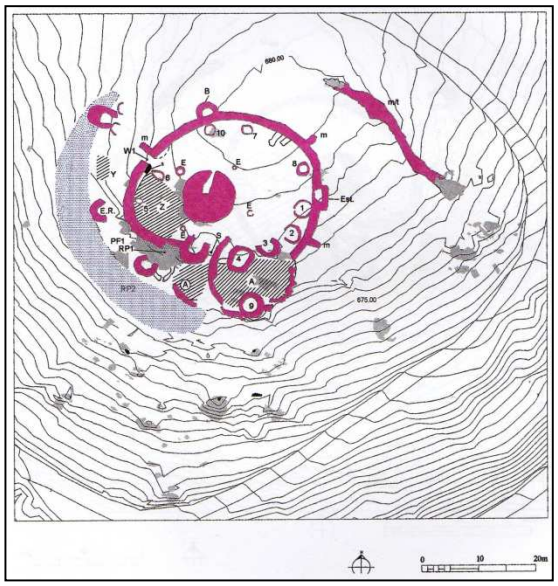



**Figura 4:** Proposta para a segunda fase construtiva – 2B – quando a maioria das passagens no recinto, e duas existentes no murete leste, estão fechadas (retirada de JORGE, 2005: p. 197).

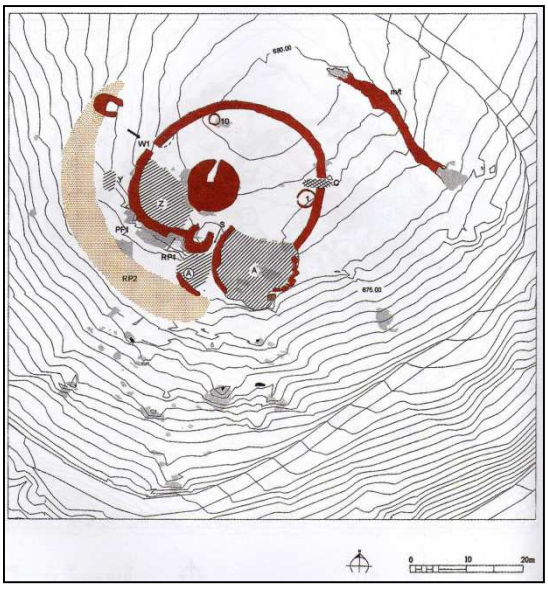


**Figura 5:** Proposta para a segunda fase construtiva – 2C – numa altura em que muitas das estruturas de menor dimensão da fase anterior são condenadas (retirada de JORGE, 2005: p. 198).

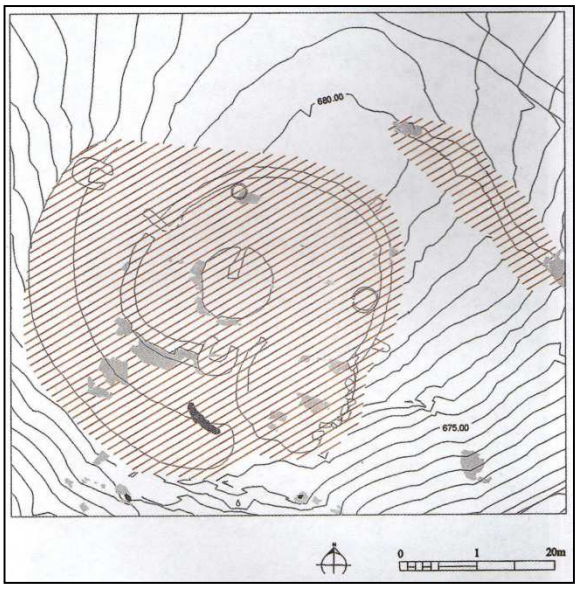


**Figura 6:** Proposta para a terceira fase construtiva, durante a qual o sítio foi globalmente condenado, isto é, coberto de pedras e terra argilosa (retirada de JORGE, 2005: p. 199).

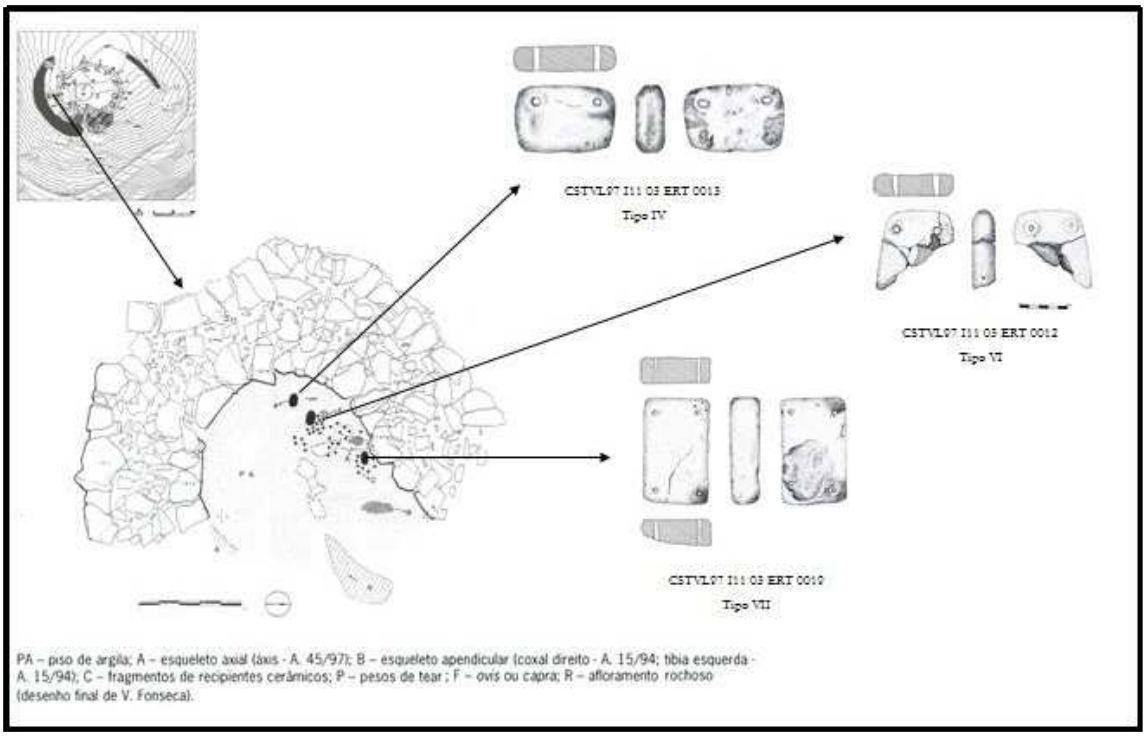



**Figura 7:** «Momento I» da Estrutura com Ossos e identificação dos "elementos de tear" descobertos (imagem apresentada em Gomes, 2003: estampa XXXIII; e em JORGE, 2005: p. 98).

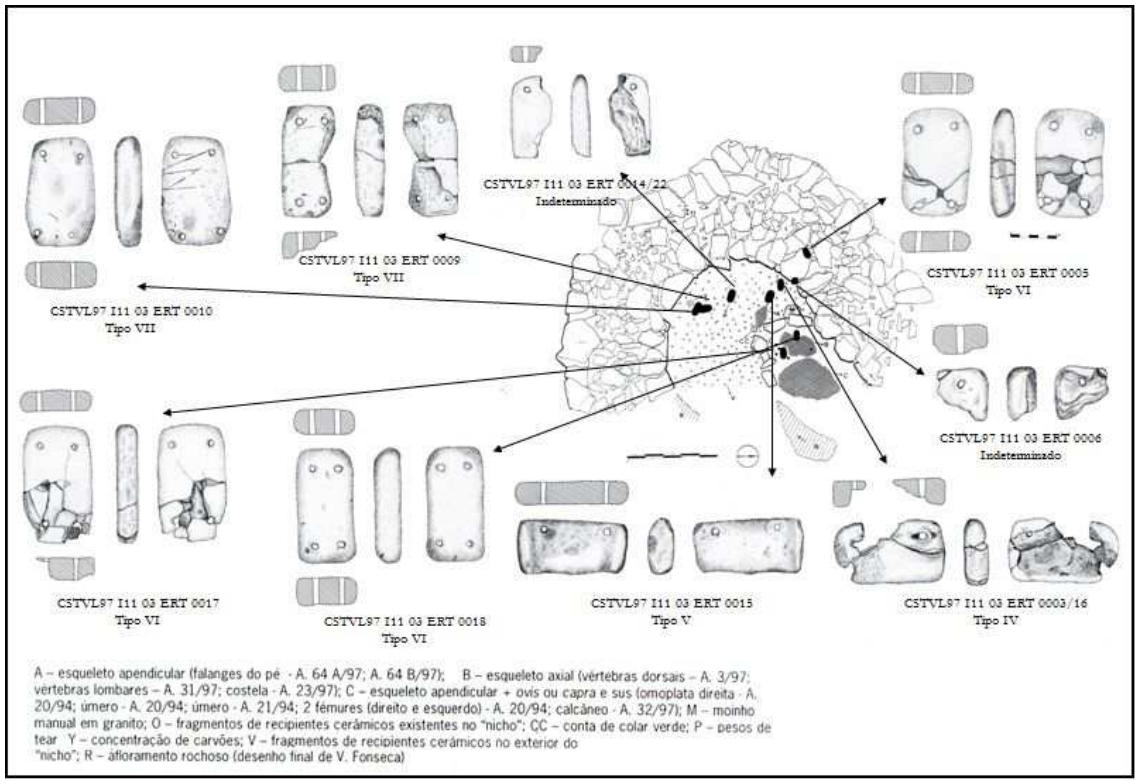



**Figura 8:** «Momento II» (nível 2) da Estrutura com Ossos e identificação dos "elementos de tear" descobertos (imagem apresentada em Gomes, 2003: estampa XXXIV; e em JORGE, 2005: p. 99)

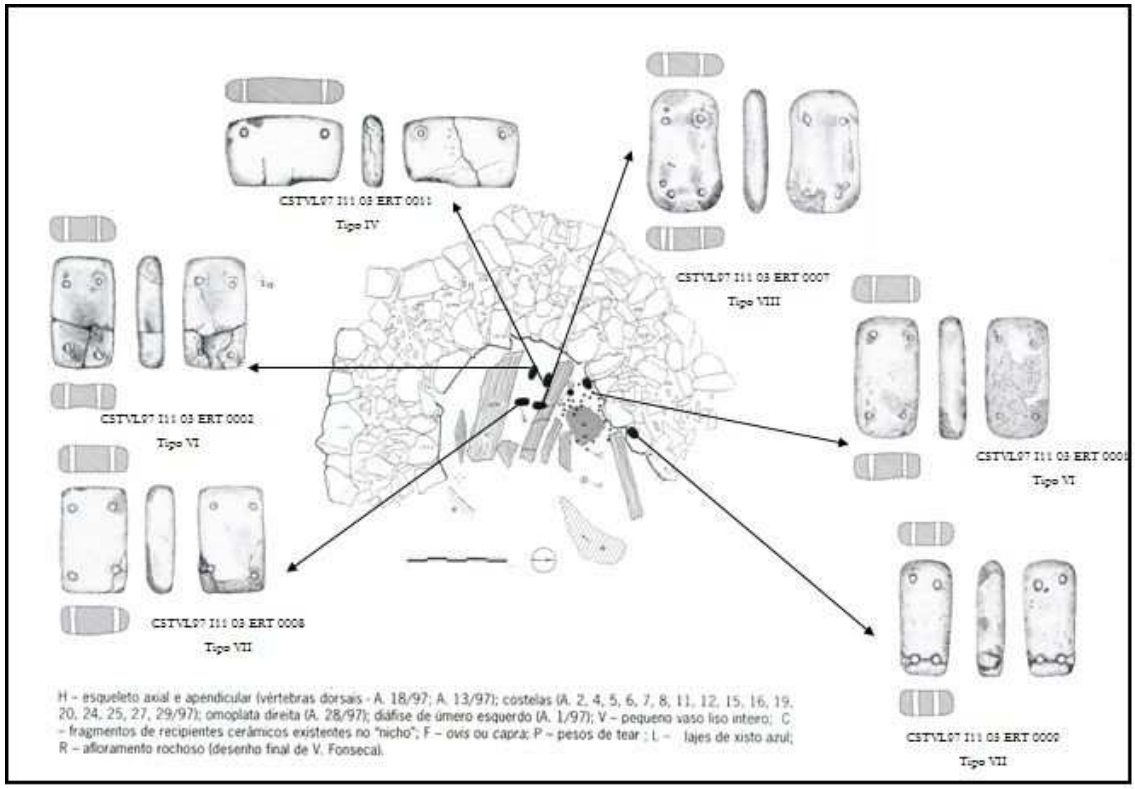



**Figura 9:** «Momento III» (nível 3) da Estrutura com Ossos e identificação dos "elementos de tear" descobertos (imagem apresentada em Gomes, 2003: estampa XXXV; e em JORGE, 2005: p. 100)

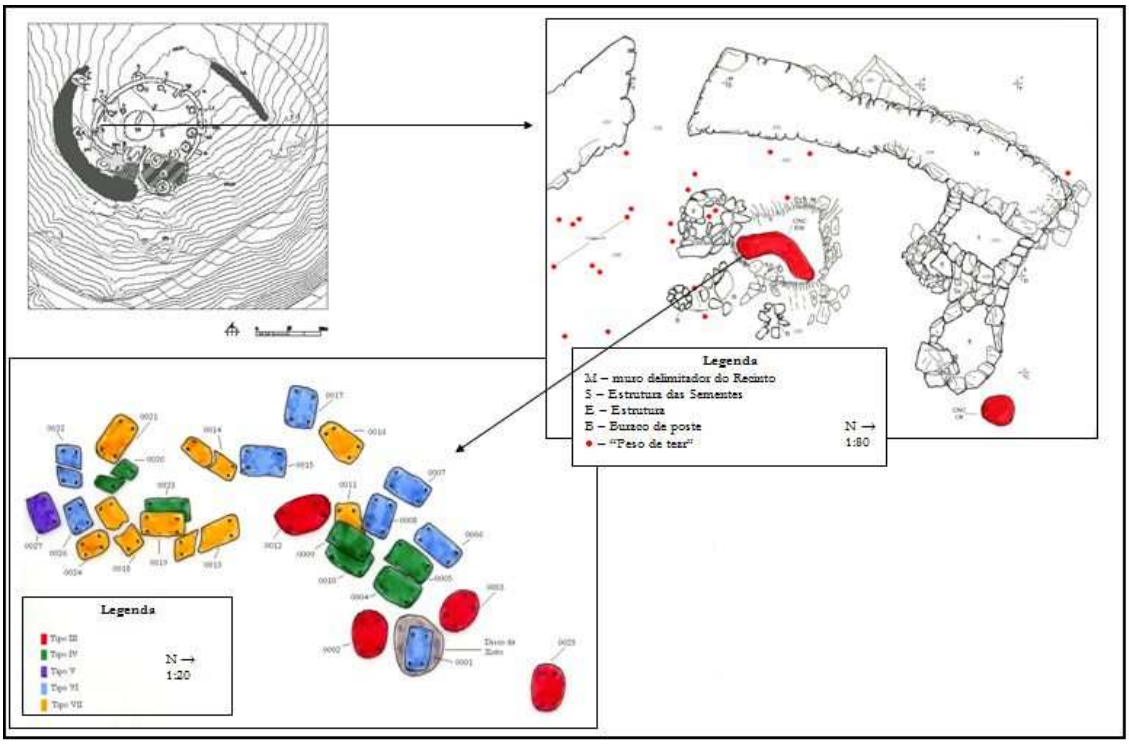



**Figura 10:** Grupo de vinte e sete "elementos de tear" encontrado na Quadrícula E10 e a sua distribuição espacial (imagem apresentada em Gomes, 2003: estampa XXXVIII).

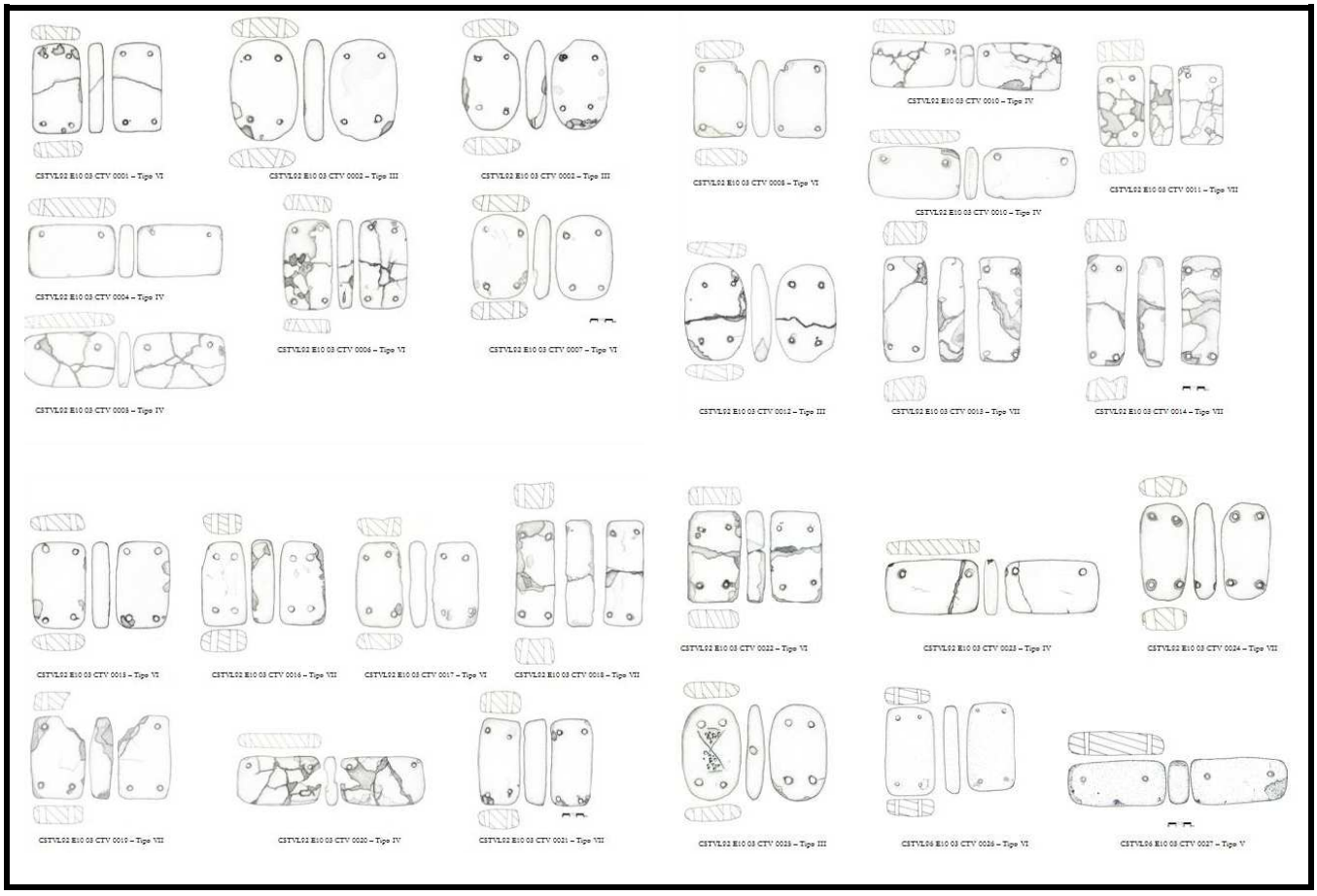


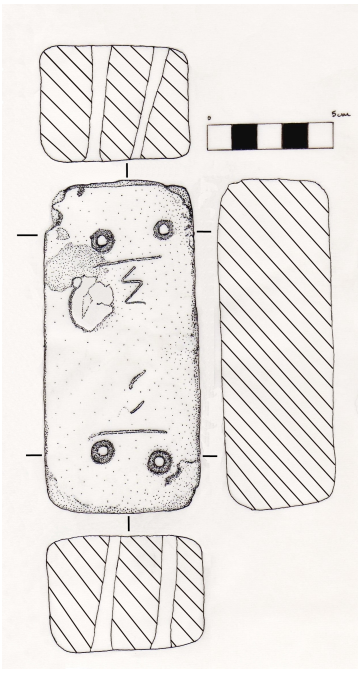
**Figura 11:** Desenho dos vinte e sete "elementos de tear" encontrados (desenhos apresentados em GOMES, 2003: estampas XXXIX, XL, XLI e XLII)

# ANEXO 6 – PARTE I

## INVENTÁRIO GERAL DOS "ELEMENTOS DE TEAR" DE CASTANHEIRO DO VENTO

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 1 | **Qd.** 27.100 | **C.** 3 | **X** | 0,66 | |
| | **Ano** 2007 | | **Y** | 0,08 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 727,89 |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ◉ completa
- ○ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

527

**medidas aprox.**

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 | 12,5 - 13,5 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☒ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☒ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ◉ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ > 0,9 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ desconhecido ☒ 0,71 a 0,8 mm

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

○ Não ◉ Sim

**outras observações**

**localização**

☒ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

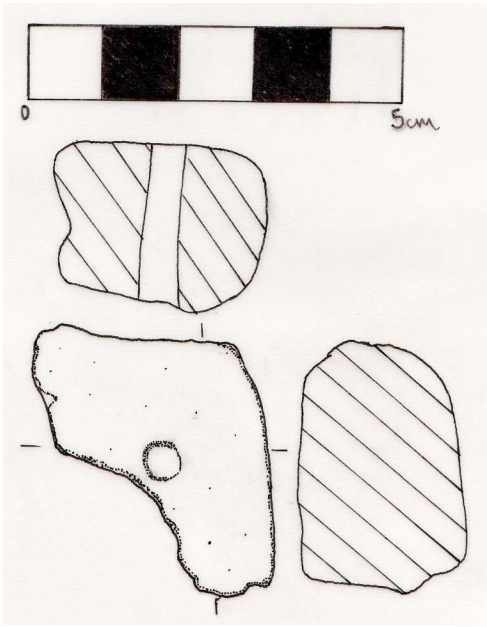
**técnica**

Incisão sob forma de arrastamento



| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 2 | **Qd.** 78.49 | **C.** 3 | **X** | 32 | |
| | **Ano** 2004 | | **Y** | 54 | |
| | | | **coordenadas** **Z** | 724,74 | |






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros** argila queimada

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.** 18

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☒ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ◉ 1 ○ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☐ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

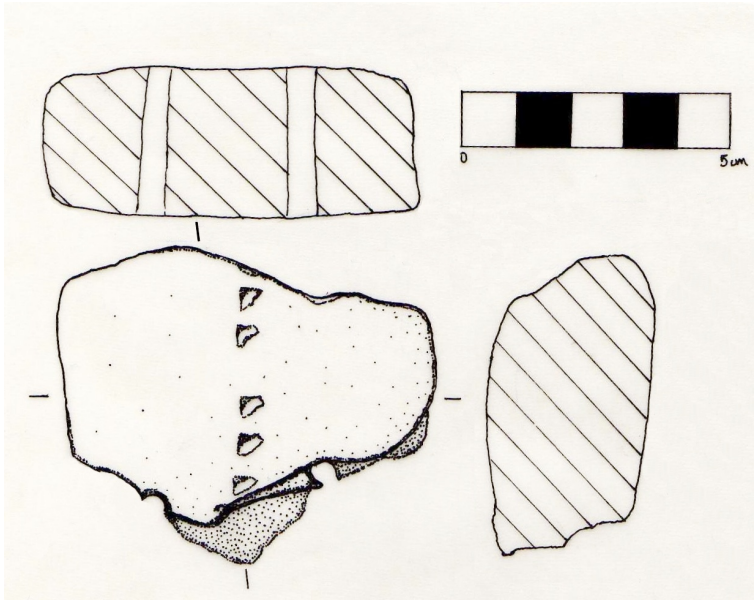
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 3 | Qd. 79.61 | C. 2 | X | 97 | |
| | Ano 2003 | | Y | 38 | |
| | | | coordenadas Z | 724,40 | |






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☐ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☒ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

80

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☒ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente
☒ castanho escuro
☐ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente
☒ castanho escuro
☐ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

○ Não ◉ Sim

**outras observações**

**localização**

☒ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

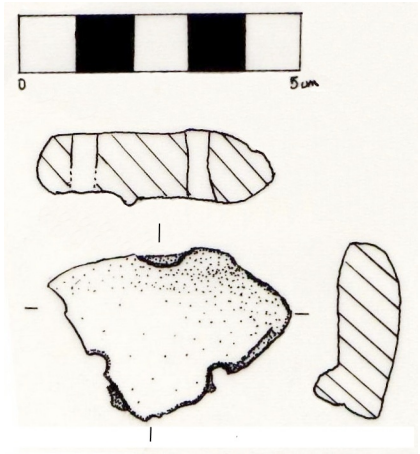
**técnica**

incisão sob forma de punção oblíqua, com algo triangular



| | | | |
|---|---|---|---|
| 4 | **Qd.** 80.40 | **C.** 3 | **X** |
| | **Ano** 2004 | | **Y** |
| | | | **coordenadas** **Z** |






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Bastião G

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

10

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☒ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☐ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

aprox. entre ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

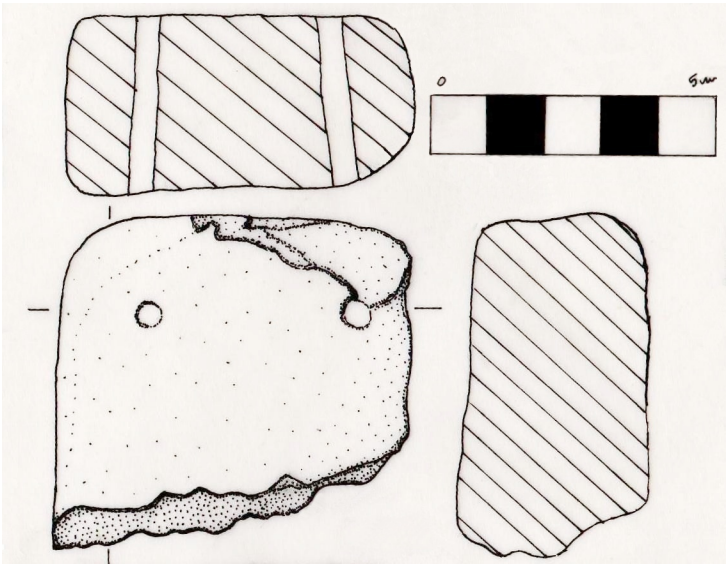
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 5 | **Qd.** 81.32 | **C.** 2 | **X** | 1,69 | |
| | **Ano** 2005 | | **Y** | 1,95 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 726,70 |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Encostado ao murete do Bastião G no exterior, Oeste

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

124

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☒ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis — ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis — ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

aprox. entre
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

aprox. entre
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

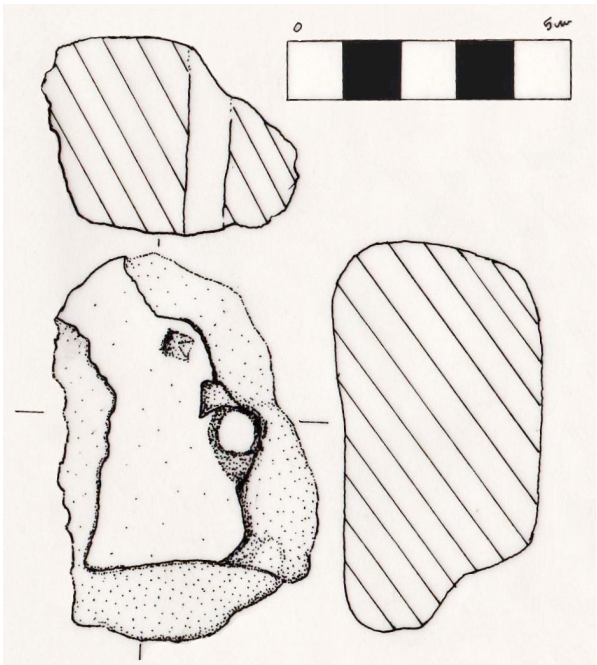
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 6 | **Qd.** 81.35 | **C.** 3 | **X** | 157 | |
| | **Ano** 2005 | | **Y** | 1,05 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 726.47 |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Sobre pedras do murete - estrutura H

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

80

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☒ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ◉ 1 ○ 4 ○ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☒ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☒ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☒ face menor

☒ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

aprox. entre
☒ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

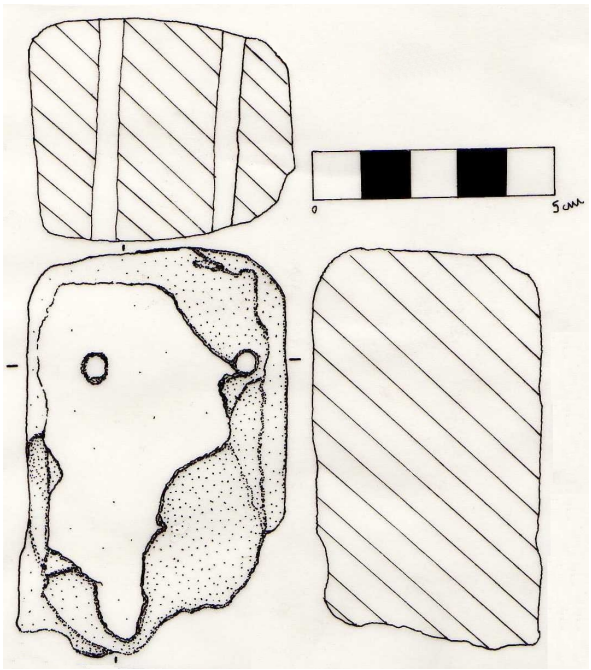
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 7 | **Qd.** 81.35 | **C.** 3 | **X** | 57 | |
| | **Ano** 2005 | | **Y** | 106 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 726,47 |





**materiais encontrados na mesma camada**

☒ cerâmica
☒ líticos
☒ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Sobre as pedras do murete da estrutura H

**peça**

○ completa
◉ incompleta

○ 1/4
◉ 2/4
○ 3/4

**peso aprox. gr.**

245

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☒ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☒ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☒ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☒ face menor

☒ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

aprox. entre
☒ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

aprox. entre
☒ castanho escuro
☐ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 8 | **Qd.** 81.43 | **C.** 2 | **X** | 1,82 | |
| | **Ano** 2005 | | **Y** | 20 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 725,70 |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Fragmento pequeno, e dada a sua morfologia, não foi desenhado (fotografias de frente (esquerda) e de cima (direita) )

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

20

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ◉ 0 ○ 1 ○ 2 ○ 3 ○ 4

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☒ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

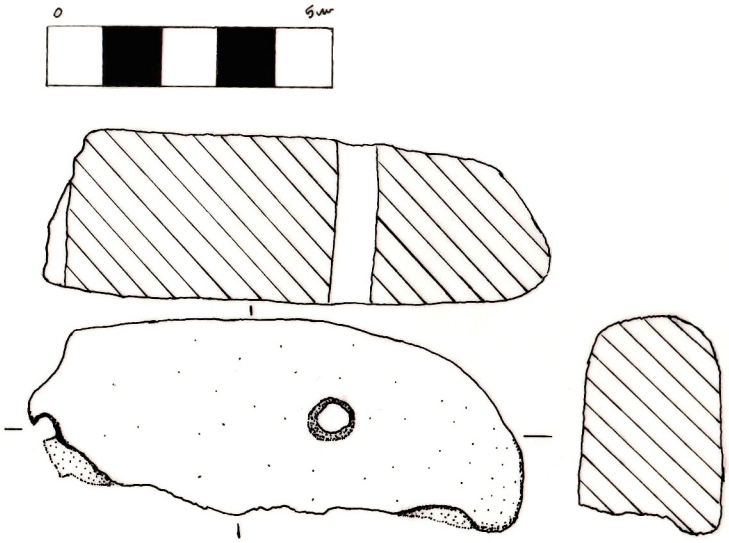
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | |
|---|---|---|---|
| 9 | **Qd.** 82.27 | **C.** 3 | **X** |
| | **Ano** 2005 | | **Y** |
| | | | **coordenadas** **Z** |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Parte interna do murete

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

95

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☒ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☐ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☒ Outros xisto

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente
☒ castanho escuro
☐ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

aprox. entre
☒ castanho escuro
☐ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

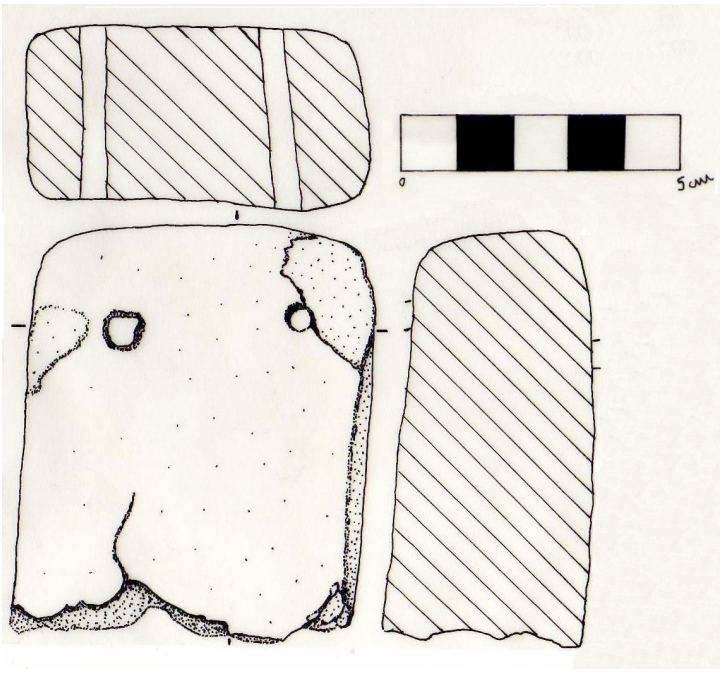
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 10 | Qd. 82.43 | C. 2 | X 11 | | |
| | Ano 2005 | | Y 52 | | |
| | | | coordenadas | Z | 725,87 |






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

240

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☒ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☒ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis — ☐ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis — ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente: ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente: ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

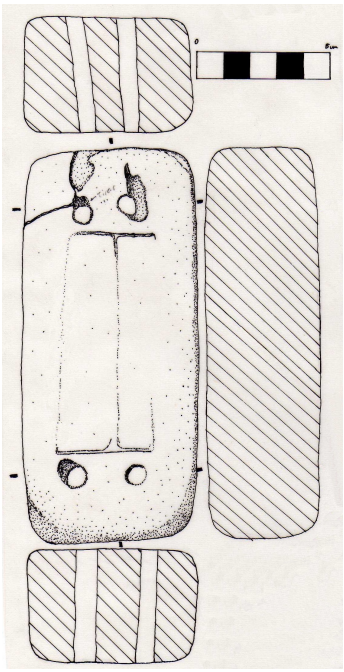
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 11 | **Qd.** 82.44 | **C.** 3 | **X** | 1,25 | |
| | **Ano** 2005 | | **Y** | 1,81 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 725,77 |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros** lascas

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

1,5 metros para sul de distância da periferia do murete

**peça**

- ◉ completa
- ○ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

639

**medidas aprox.**

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 | 14-14,5 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☒ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ◉ 4 ○ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☒ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☒ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

○ Não ◉ Sim

**outras observações**

**localização**

☒ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

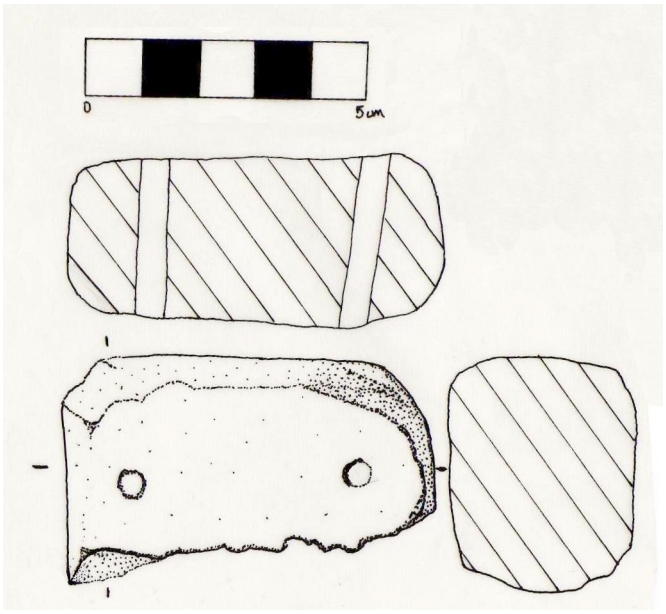
**técnica**

Incisão sob forma de arrastamento



| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 12 | **Qd.** 83.31 | **C.** 2 | **X** | 0,93 |
| | **Ano** 2005 | | **Y** | 0,81 |
| | | | **coordenadas** **Z** | 727, 40 |






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☐ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Está escrito 82.31 no peso, mas 83.31 na etiqueta

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

75

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☒ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

aprox. entre
☒ castanho escuro
☐ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

aprox. entre
☒ castanho escuro
☐ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

13

**Qd.** 83.35

**Ano** 2005

**C.** \

**coordenadas** X Y Z





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☐ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☒ só há referência do elemento de tear

**observações**

Recolha de superfície (fotografia de frente e de cima)

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

51

**medidas aprox.**

**comprimento**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**largura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**espessura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ◉ 1 ○ 4 ○ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ > 0,9 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ desconhecido ☐ 0,71 a 0,8 mm

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☐ Quartzos ☒ Micas ☒ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

aprox. entre ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

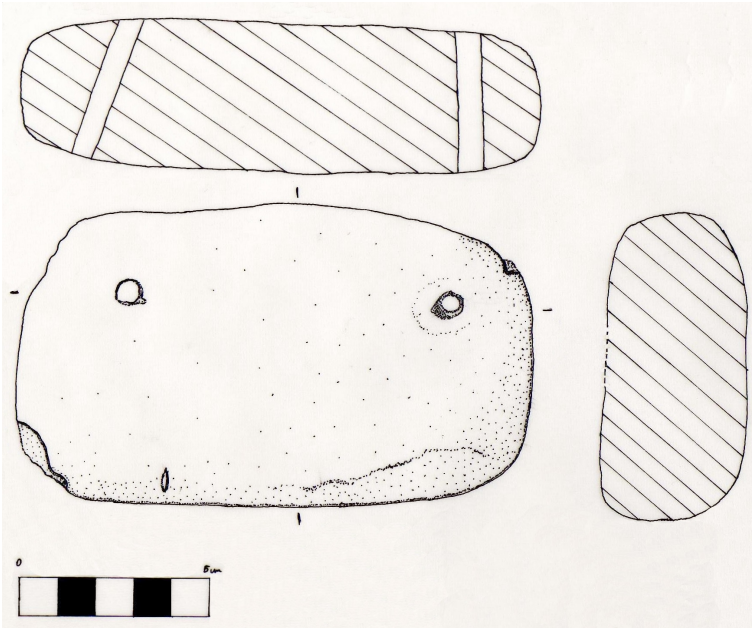
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 14 | Qd. 84.28 | C. 3 | X | 1,83 | |
| | Ano 2008 | | Y | 1,95 | |
| | | coordenadas | Z | 727,45 | |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ◉ completa
- ○ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

525

**medidas aprox.**

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 | 13,5-14 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☒ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☒ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☒ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |
| **espessura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☒ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

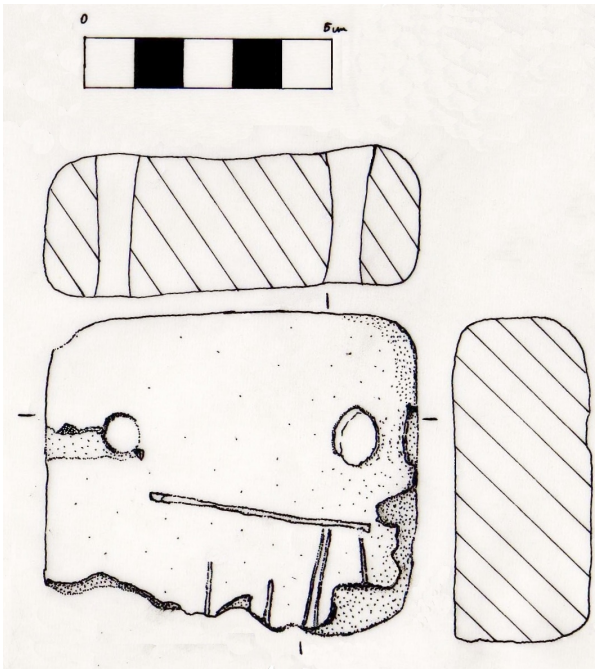
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | |
|---|---|---|---|
| 15 | **Qd.** 84.29 | **C.** \ | **X** |
| | **Ano** 2005 | | **Y** |
| | | | **coordenadas** **Z** |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☐ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☒ só há referência do elemento de tear

**observações**

Recolha de superfície - foi desenhado por apresentar vestígios de decoração

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

165

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☒ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☒ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☒ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

aprox. entre ☒ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

○ Não ◉ Sim

**outras observações**

**localização**

☒ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

Incisão sob forma de arrastamento



16

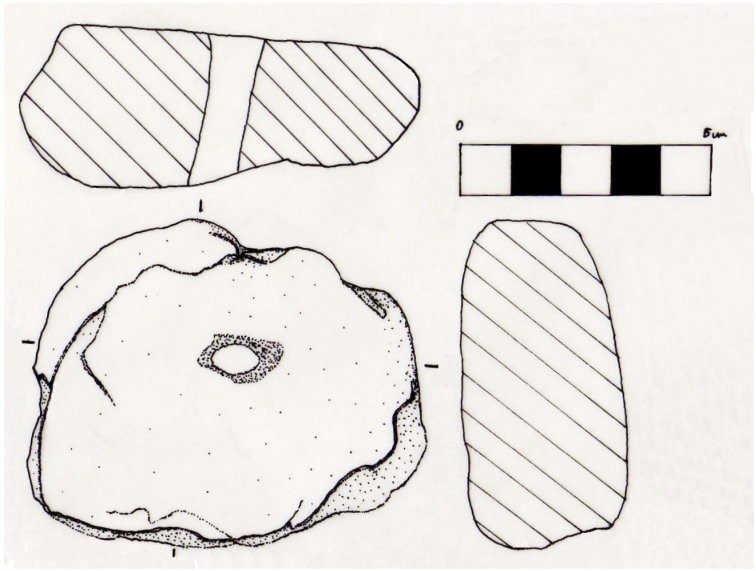
Qd. 84.41

Ano 2006

C. 1

coordenadas X 1,12 Y 1,54 Z 726,68





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☐ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☒ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

130

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☒ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☒ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ◉ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ◉ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ◉ 1 ○ 4 ○ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☒ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☒ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☒ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

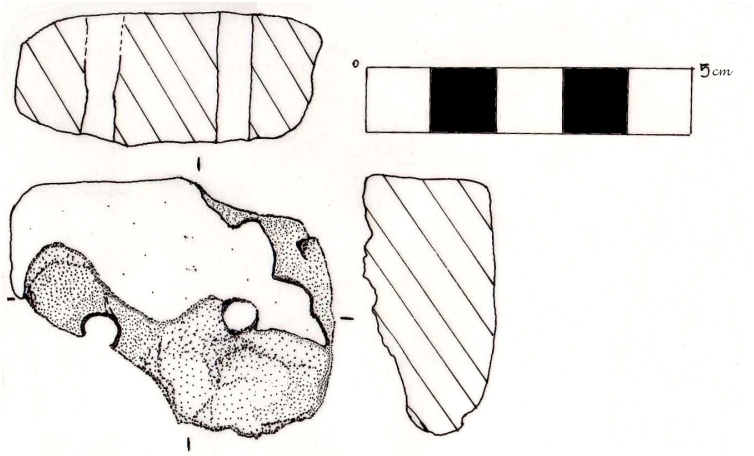
17

Qd. 84.61 C. 2 X

Ano 2003 Y

coordenadas Z






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☐ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☒ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

27

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☒ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☒ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho**
- ☒ < 0,5 mm
- ☒ 0,5 a 0,6 mm
- ☐ 0,61 a 0,7 mm
- ☐ 0,71 a 0,8 mm
- ☐ 0,81 a 0,9 mm
- ☐ > 0,9 mm
- ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora**
- ☐ Não visíveis
- ☒ Vísiveis
- ☒ Quartzos
- ☒ Micas
- ☐ Outros

**dentro**
- ☐ Não visíveis
- ☒ Vísiveis
- ☒ Quartzos
- ☒ Micas
- ☐ Outros

**enegrecido**
- ☒ Não
- ☐ Sim

- ☐ face maior
- ☐ face menor

- ☐ parte interna
- ☐ parte externa

**coloração predominante da superfície** — globalmente
- ☐ castanho escuro
- ☐ castanho claro (+beije)
- ☒ laranja (côr de tijolo)
- ☐ não visível

**coloração predominante da pasta** — aprox. entre
- ☒ castanho escuro
- ☒ castanho claro (+beije)
- ☐ laranja (côr de tijolo)
- ☐ não visível

**tratamento de superfície**
- ☒ alisamento
- ☐ polimento
- ☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**
- ☐ face maior
- ☐ face menor
- ☐ ambas as faces

**técnica**

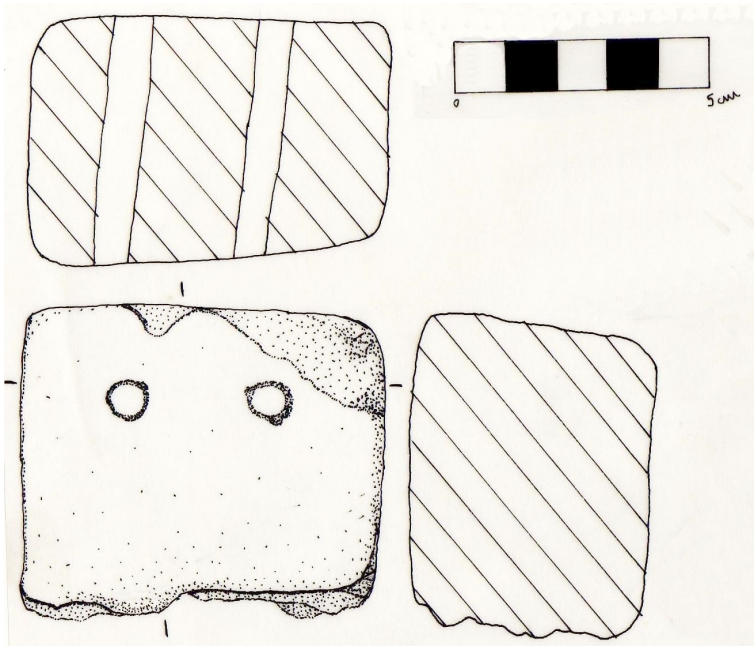
18

**Qd.** 85.40 **C.** 3 **X**

**Ano** 2006 **Y**

**coordenadas** **Z**






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros** OSSO

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

270

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☒ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☒ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☒ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

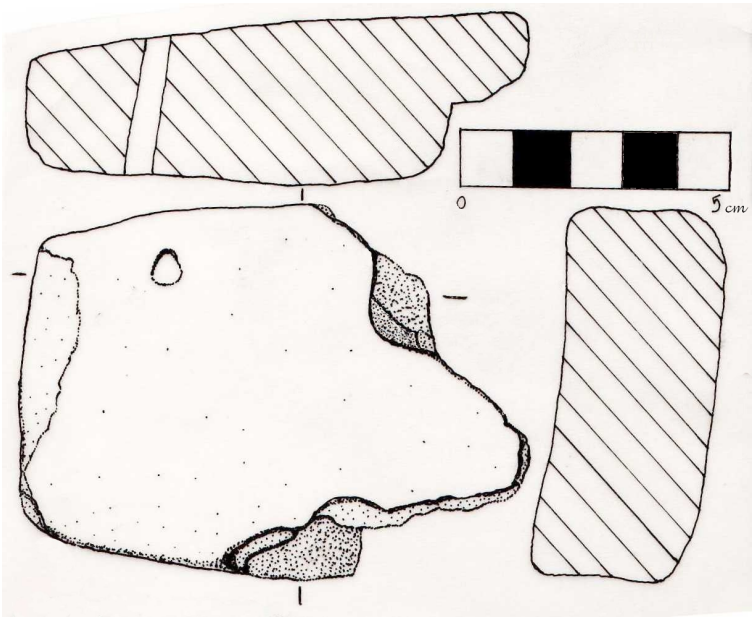
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 19 | **Qd.** 86.39 | **C.** 3 | **X** | 1,18 | |
| | **Ano** 2006 | | **Y** | 0,36 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 726,908 |






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

185

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☒ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☒ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ◉ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ◉ 1 ○ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☐ face maior
☒ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☒ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

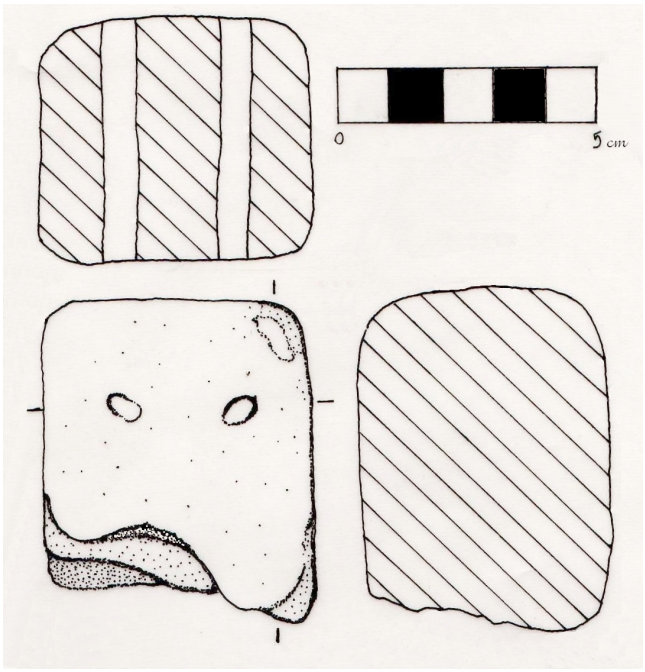
20

**Qd.** 86.58 **C.** 1 **X**

**Ano** 2003 **Y**

**coordenadas** **Z**






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☐ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☒ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

209

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☒ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

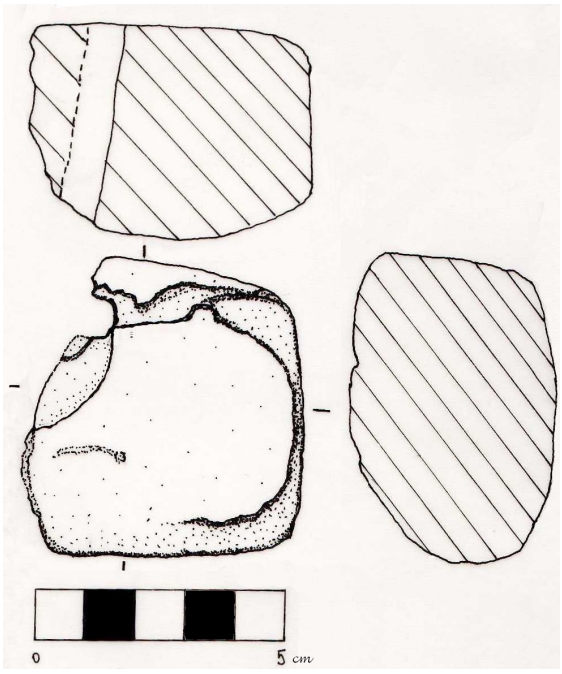
21

**Qd.** 87.27 **C.** 1 **X**

**Ano** 2005 **Y**

**coordenadas** **Z**






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

apresenta uma marca de uma raiz

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

130

**medidas aprox.**

**comprimento**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**largura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**espessura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ◉ 1 ○ 4 ○ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

aprox. entre
☒ castanho escuro
☐ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente
☐ castanho escuro
☐ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

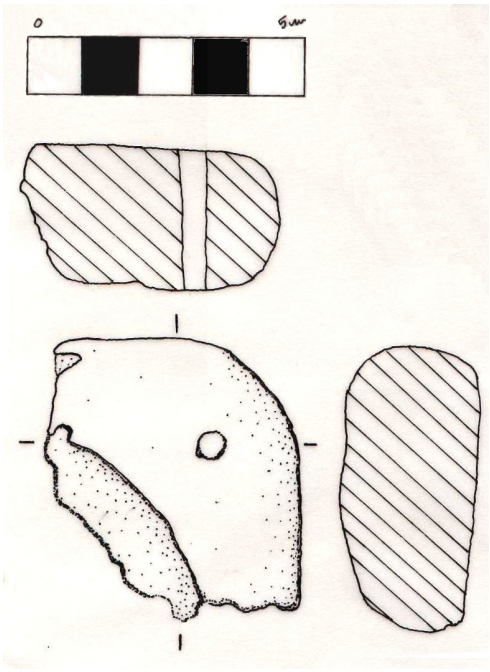
22

**Qd.** 88.37 **C.** 3 **X**

**Ano** 2009 **Y**

**coordenadas** **Z**





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros** carvão, ponta de seta

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

48

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☒ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☒ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ◉ 1 ○ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

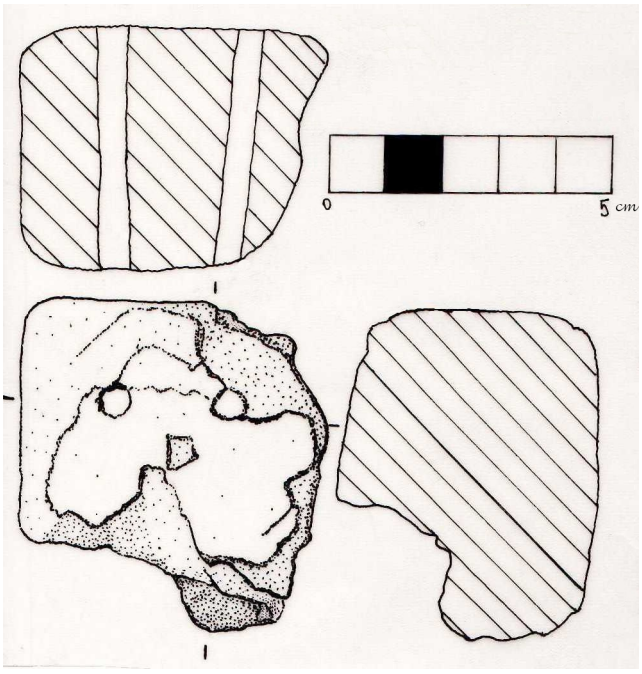
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 23 | **Qd.** 89.23 | **C.** 3 | **X** | 0,25 | |
| | **Ano** 2008 | | **Y** | 0,83 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 727,83 |






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.** 110

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

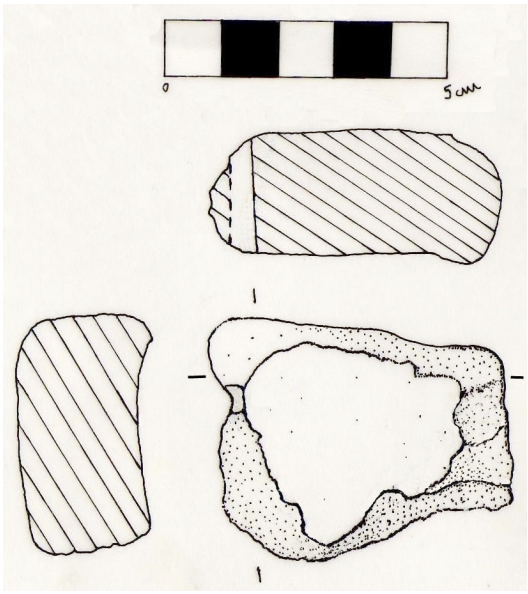
24

**Qd.** 89.35 **C.** 3 **X**

**Ano** 2009 **Y**

**coordenadas** **Z**






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

40

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☒ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ◉ 1 ○ 4 ○ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

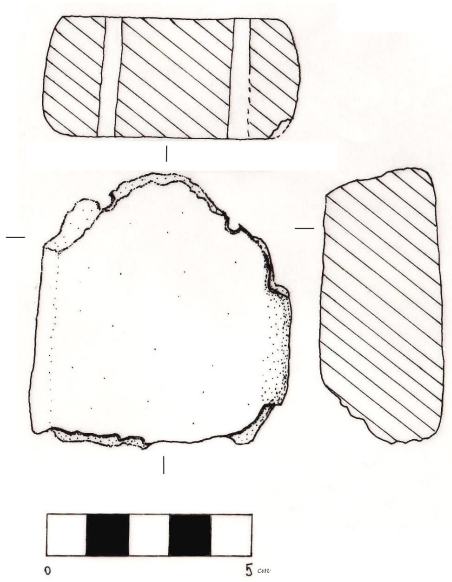
25

**Qd.** 90.41 **C.** 3 **X**

**Ano** 2009 **Y**

**coordenadas** **Z**





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

130

**medidas aprox.**

**comprimento**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☒ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**largura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☒ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**espessura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☒ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis — ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis — ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

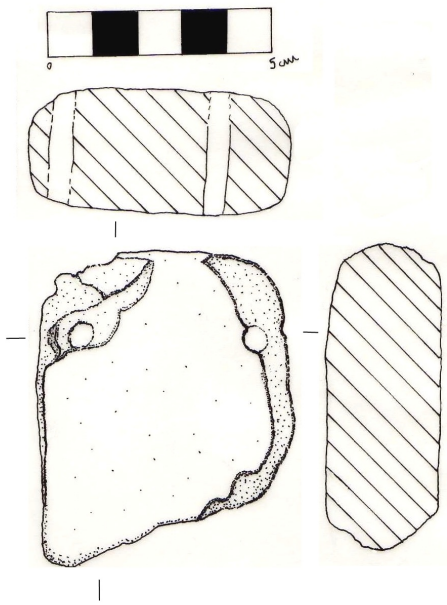
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 26 | **Qd.** 90.58 | **C.** 2 | **X** | 174 | |
| | **Ano** 2002 | | **Y** | 114 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 725,77 |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

121

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☒ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis — ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis — ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☒ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

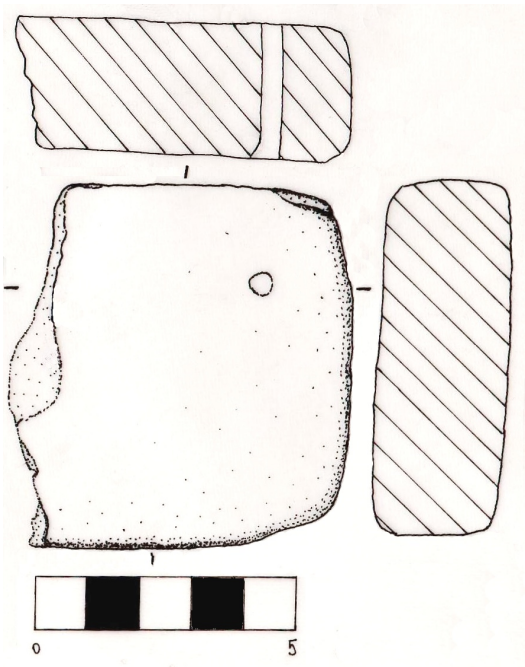
27

**Qd.** 91.31 **C.** 3 **X**

**Ano** 2009 **Y**

**coordenadas** **Z**






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros**

**observações**

☐ só há referência do elemento de tear

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

165

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☒ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☒ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ◉ 1 ○ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

aprox. entre ☒ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☒ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

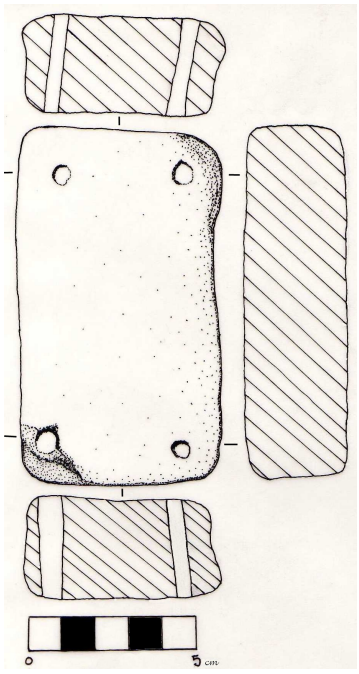
28

**Qd.** 91.33 **C.** 3 **X**

**Ano** 2009 **Y**

**coordenadas** **Z**





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

**observações**

☐ só há referência do elemento de tear

**peça**

- ◉ completa
- ○ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

300

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☒ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ◉ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis — ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☒ Não visíveis ☐ Vísiveis — ☐ Quartzos ☐ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

☐ castanho escuro
☐ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☒ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

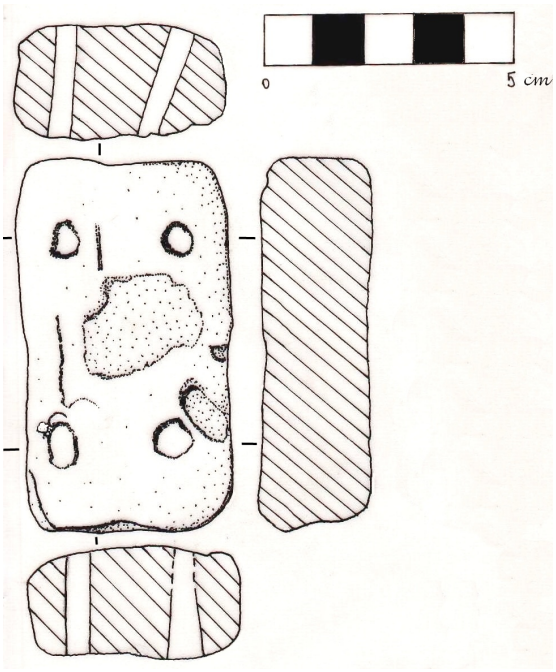
29

**Qd.** 91.36 **C.** 3 **X**

**Ano** 2009 **Y**

**coordenadas** **Z**






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

apresenta uma marca de raiz

**peça**

- ◉ completa
- ○ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

97

**medidas aprox.**

**comprimento**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☒ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**largura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☒ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**espessura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☒ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ◉ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☒ 0,71 a 0,8 mm ☒ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☒ Não visíveis ☐ Vísiveis ☐ Quartzos ☐ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☐ face menor

☒ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

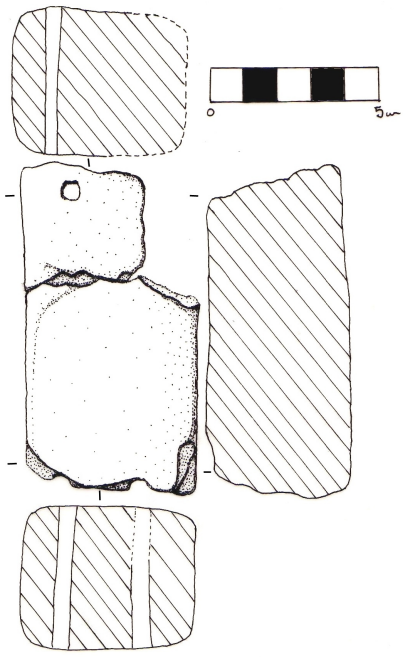
30

**Qd.** 91.39 (/92.41) **C.** 3 **X**

**Ano** 2009 **Y**

**coordenadas** **Z**





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

sedimento pouco compacto, castanho claro

COLA com o peso da qd. 92.41, encontrado na 1ª decapagem após abertura de quadrícula

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

215

**medidas aprox.**

**comprimento**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☒ 9-9,5 | ☐ >11 |

**largura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**espessura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ◉ 3 ○ 1 ○ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ > 0,9 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☒ desconhecido ☐ 0,71 a 0,8 mm

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

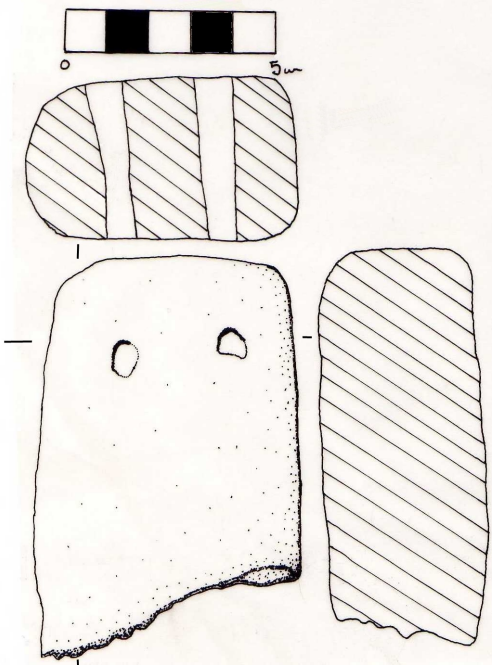
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 31 | **Qd.** 91.46 | **C.** 3 | **X** | | |
| | **Ano** 2005 | | **Y** | | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 726,70 |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Bastião J - interior, topo

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

301

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☒ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☒ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

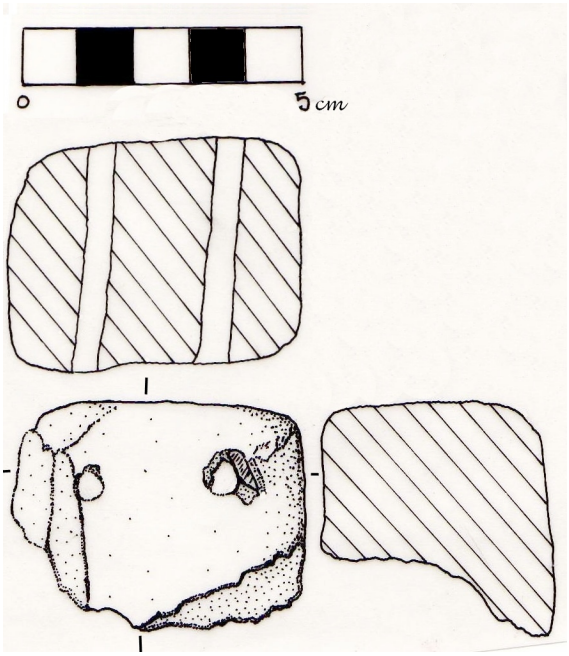
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | |
|---|---|---|---|
| 32 | **Qd.** 92.22 | **c.** 3 | **X** |
| | **Ano** 2008 | | **Y** |
| | | | **coordenadas** **Z** |






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☐ cerâmica
- ☐ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Interior do Bastião U

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

73

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

aprox. entre
☒ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

aprox. entre
☒ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

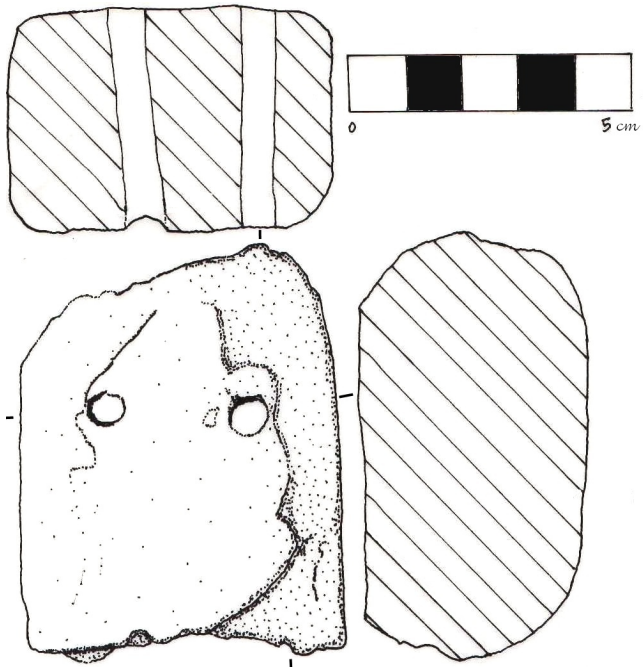
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 33 | **Qd.** | 92.25 | **C.** 3 | **X** | 72 |
| | **Ano** | 2008 | | **Y** | 1,35 |
| | | | | **coordenadas** **Z** | 727,72 |






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Interior da estrutura tipo "caixa", encontrado entre pedras

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

195

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☒ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☐ face menor

☒ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

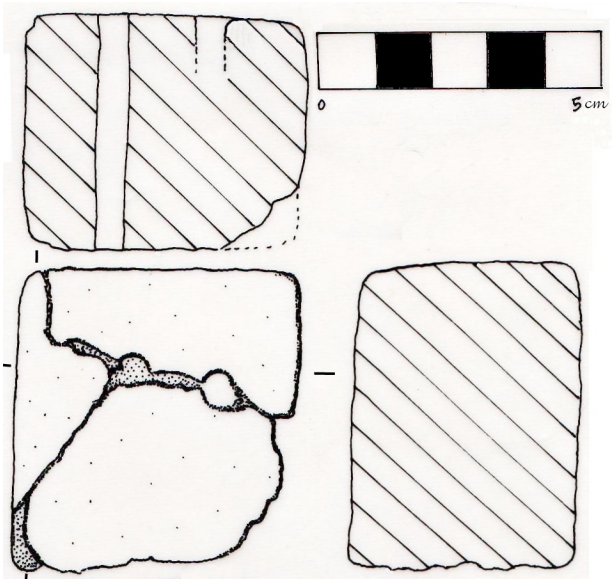
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | |
|---|---|---|---|
| 34 | **Qd.** 92.25 | **C.** 3 | **X** |
| | **Ano** 2008 | | **Y** |
| | | | **coordenadas** **Z** |






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Entre pedras

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

100

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

aprox. entre
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente
☐ castanho escuro
☐ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

○ Não ◉ Sim

**outras observações**

**localização**

☒ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

Incisão sob forma de arrastamento



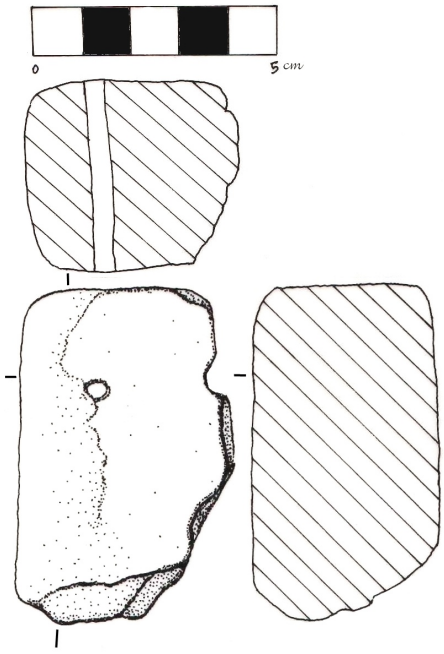
35

**Qd.** 93.34 **C.** 3 **X**

**Ano** 2009 **Y**

**coordenadas** **Z**






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

151

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☒ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

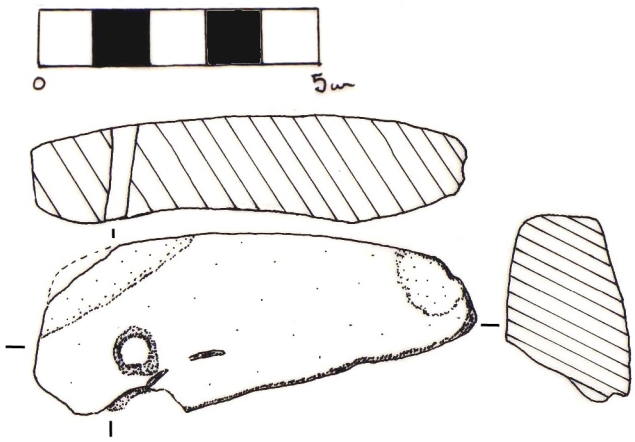
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 36 | **Qd.** 94.41 | **C.** 3 | **X** | 1,43 |
| | **Ano** 2009 | | **Y** | 0,78 |
| | | | **coordenadas** | **Z** |






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

a cota Z diz somente " .42"

Tem uma marca de raiz. Foi descoberto juntamente com um solo compacto

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

30

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☒ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☒ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ◉ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ◉ 1 ○ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☐ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

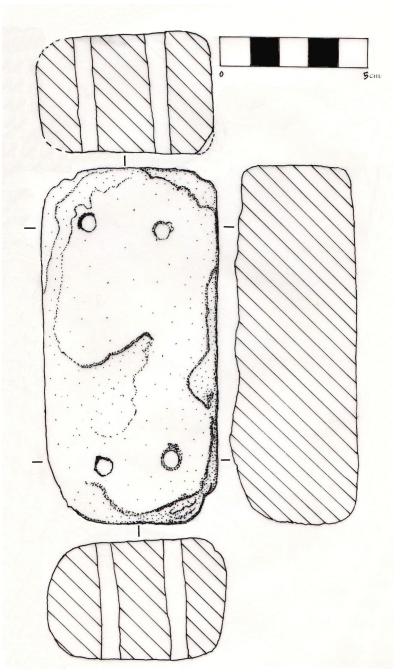
37

**Qd.** 95.38 **C.** 3 **X**

**Ano** 2009 **Y**

**coordenadas** **Z**





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ◉ completa
- ○ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

396

**medidas aprox.**

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 | 12-12,5 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |
| **espessura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ◉ 4 ○ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

☐ castanho escuro
☐ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☒ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

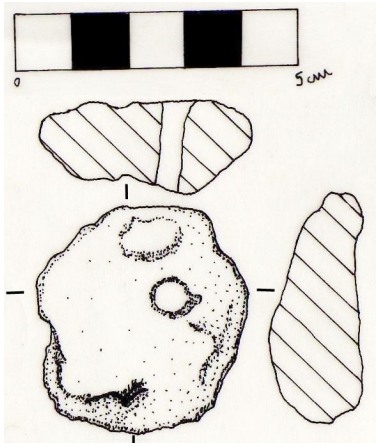
38

**Qd.** 95.40 **c.** 2 (3) **X**

**Ano** 2009 **Y**

**coordenadas** **Z**






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

22

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☒ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ◉ 1 ○ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

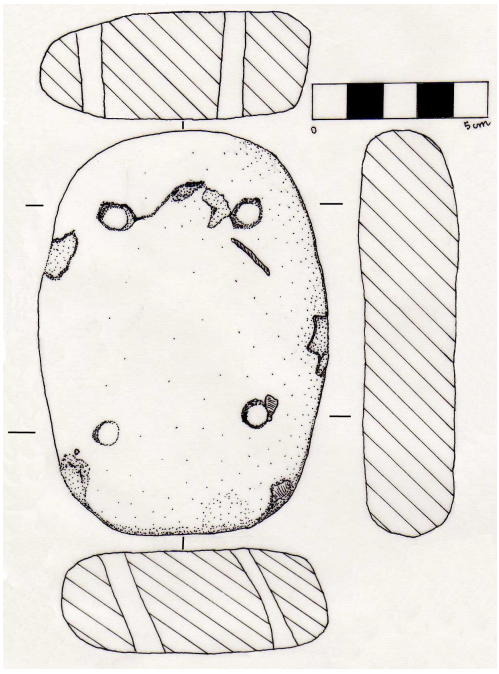
39

**Qd.** 95.50 **C.** 3

**Ano** 2005

**coordenadas** **X** 0,63 **Y** 1,18 **Z** 726,30





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ◉ completa
- ○ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.** 290

**medidas aprox.**

**comprimento**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 |

11-11,5

**largura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☒ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☒ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**espessura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ◉ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ◉ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☒ 0,71 a 0,8 mm ☒ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☒ Não visíveis ☐ Vísiveis ☐ Quartzos ☐ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

aprox. entre
☒ castanho escuro
☐ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

☐ castanho escuro
☐ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☒ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

40

**Qd.** 96.22

**Ano** 2006

**C.** \

**coordenadas** X Y Z





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☐ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☒ só há referência do elemento de tear

**observações**

Abertura de quadrícula - Achado descontextualizado (fotografias de frente e de lado)

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

90

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

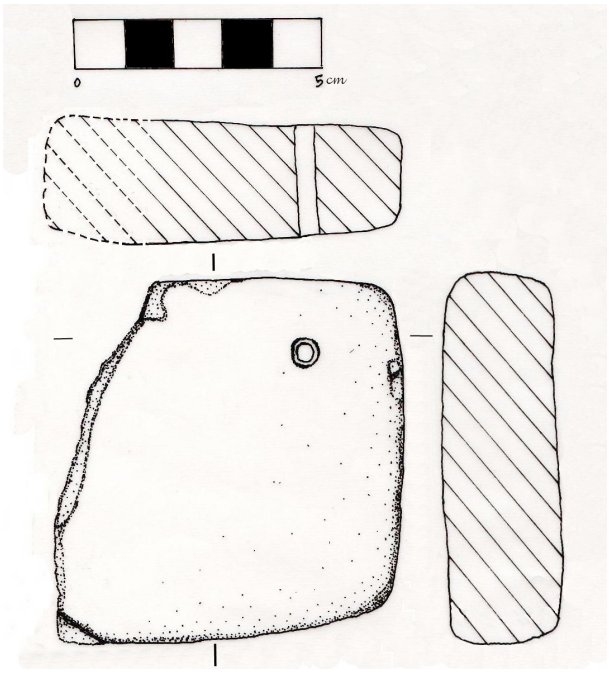
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 41 | **Qd.** 96.23 | **C.** 3 | **X** | 1,30 | |
| | **Ano** 2006 | | **Y** | 48 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 727,64 |






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Limpeza lado interno da passagem

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

165

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☒ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☒ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☒ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☒ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ◉ 1 ○ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☐ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

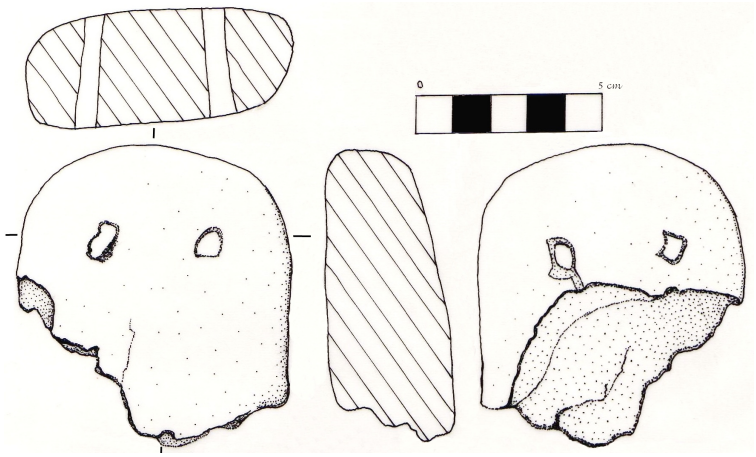
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 42 | **Qd.** 96.24 | **c.** 3 | **X** | 0,97 | |
| | **Ano** 2008 | | **Y** | 1,40 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 727,79 |






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☐ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Definição do nível de pequenas pedras embuídas em argila

Ambos os lados foram desenhados por causa das perfurações

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

130

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☒ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☒ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ◉ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ◉ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ◉ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☒ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

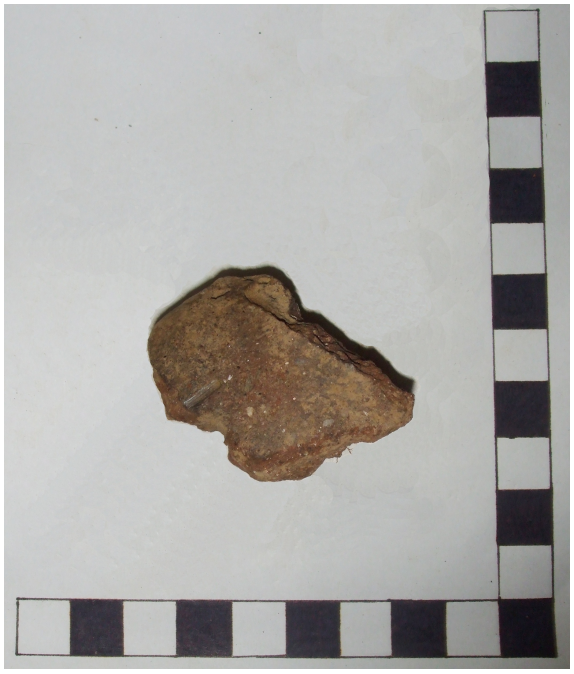
**técnica**

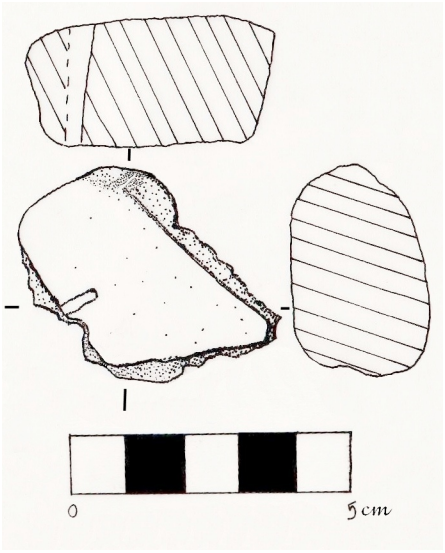
43

**Qd.** 96.28 **C.** 3 **X**

**Ano** 2007 **Y**

**coordenadas** **Z**






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

30

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☒ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☒ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☒ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

aprox. entre ☒ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

○ Não ◉ Sim

**localização**

☒ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

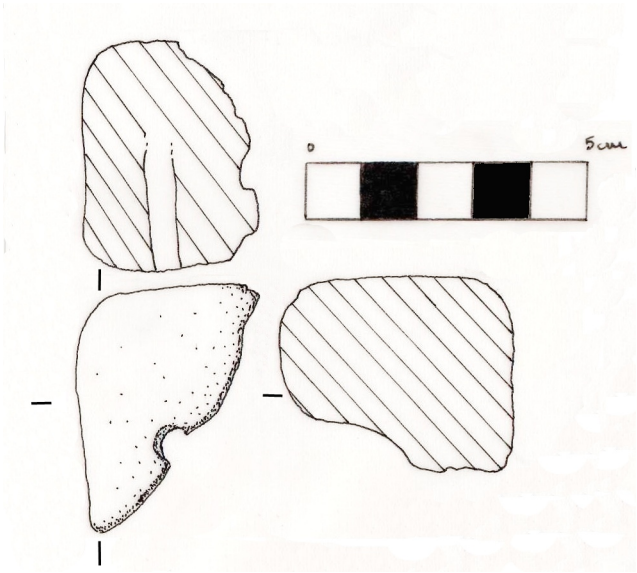
Incisão sob forma de arrastamento

**outras observações**



| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 44 | **Qd.** 96.51 | **C.** 3 | **X** | |
| | **Ano** 2005 | | **Y** | |
| | | | **coordenadas** | **Z** |






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

30

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☒ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☒ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ◉ 1 ○ 4 ○ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ > 0,9 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ desconhecido ☐ 0,71 a 0,8 mm

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

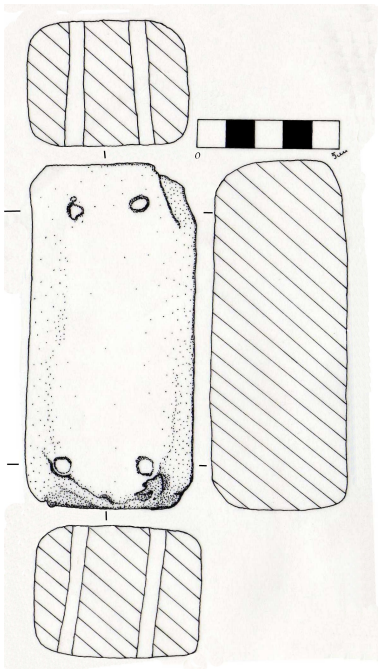
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 45 | **Qd.** 96.51 | **C.** 3 | **X** | 1,23 | |
| | **Ano** 2005 | | **Y** | 1,47 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 726,28 |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Junto à entada e ao Bastião K

(está no exterior do Bastião K)

**peça**

- ◉ completa
- ○ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

470

**medidas aprox.**

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 | 12-12,5 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☒ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ◉ 4 ○ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

aprox. entre
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

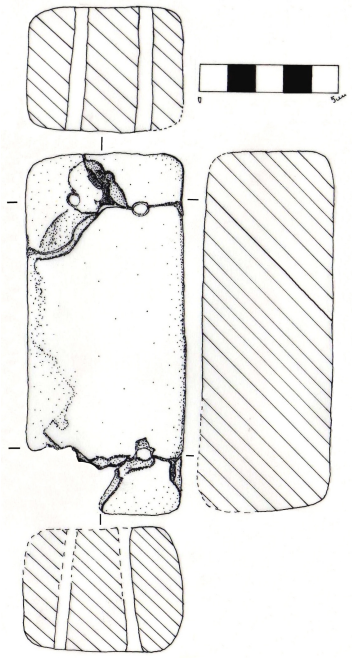
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 46 | **Qd.** 96.51 | **C.** 2 | **X** | 64 | |
| | **Ano** 2005 | | **Y** | 80 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 726,31 |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ◉ 3/4

**peso aprox. gr.** 430

**medidas aprox.**

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 | 13-13,5 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☒ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ◉ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

aprox. entre ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

**outras observações**

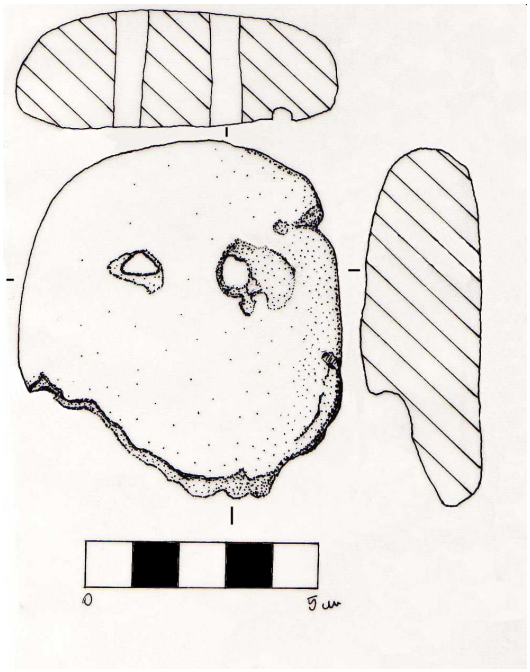
47

**Qd.** 97.57 **C.** 1 **X**

**Ano** 2003 **Y**

**coordenadas** **Z**





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☐ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☒ só há referência do elemento de tear

**observações**

Achado de superfície

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

109

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☒ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☒ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☒ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ◉ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ◉ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ◉ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

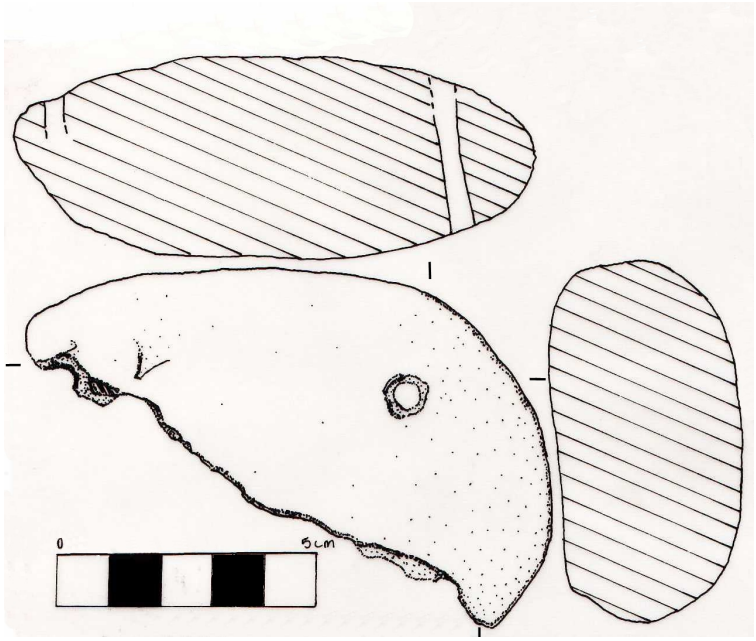
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 48 | **Qd.** 98.23 | **C.** 3 | **X** | 1,06 | |
| | **Ano** 2008 | | **Y** | 0,02 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 727,68 |






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Sedimento compacto argiloso com pequenas lajes de xisto

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

192

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☒ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☒ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☒ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ◉ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ◉ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ◉ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ◉ 3 ○ 1 ○ 4 ○ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,81 a 0,9 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ > 0,9 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ desconhecido ☒ 0,71 a 0,8 mm

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

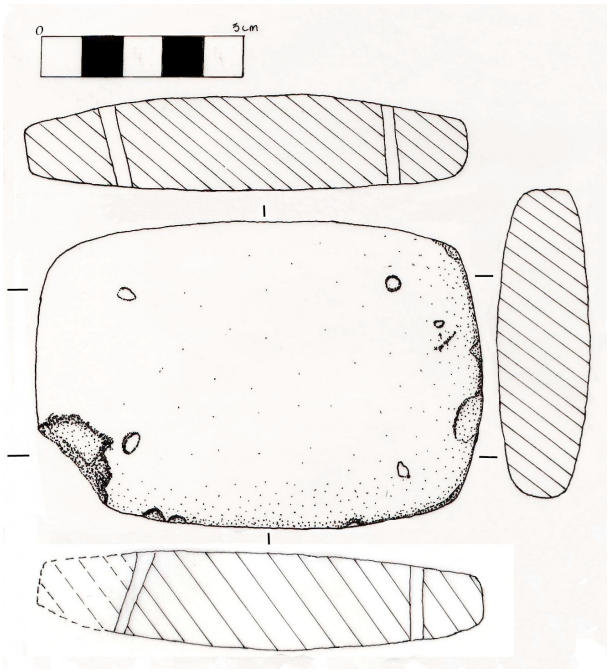
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 49 | **Qd.** 99.24 | **C.** 3 | **X** | 1,71 |
| | **Ano** 2008 | | **Y** | 94 |
| | | | **coordenadas** **Z** | 727,67 |






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Interior estrutura circular 22

**peça**

- ◉ completa
- ○ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

258

**medidas aprox.**

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☒ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☒ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 | 11-11,5 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☒ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☒ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☒ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |
| **espessura** | ☒ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☒ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ◉ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ◉ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ◉ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

aprox. entre
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

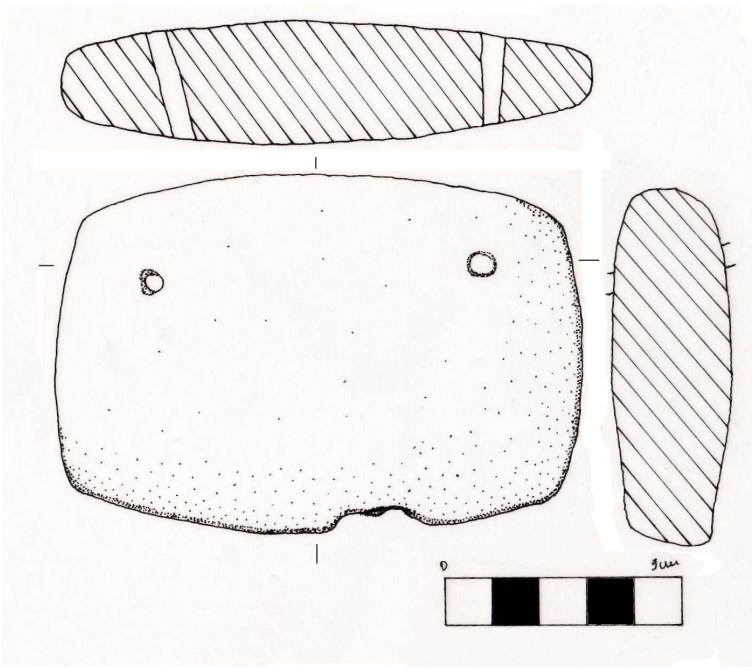
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 50 | **Qd.** 99.25 | **C.** 3 | **X** | 0,12 | |
| | **Ano** 2008 | | **Y** | 1,85 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 727,73 |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

No perímetro da estrutura circular 22

**peça**

- ◉ completa
- ○ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

245

**medidas aprox.**

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☒ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 | 11-11,5 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☒ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☒ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☒ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☒ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |
| **espessura** | ☒ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☒ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ◉ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ◉ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☒ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

aprox. entre ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

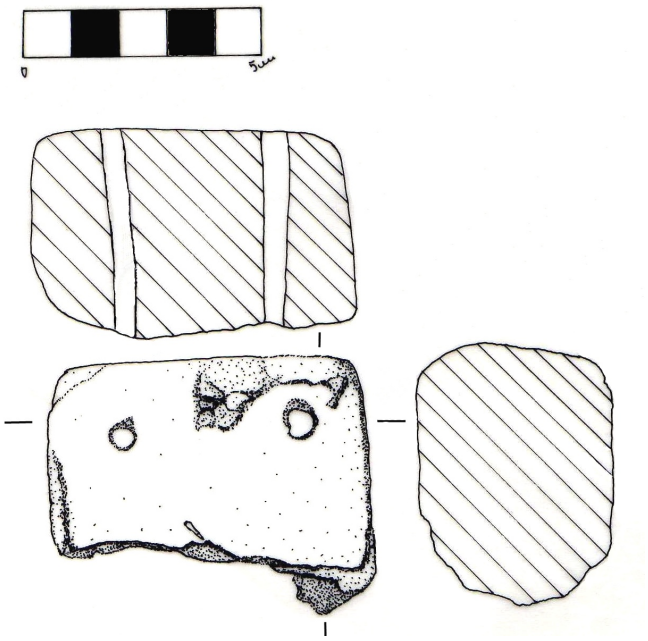
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 51 | **Qd.** 99.58 | **C.** 3 | **X** | 135 | |
| | **Ano** 2003 | | **Y** | 83 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 725,44 |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros** Contas de colar

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Bastião D estrutura da lareira - o resto da etiqueta é incompreensível

Tem marca de raiz

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.** 160

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☒ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

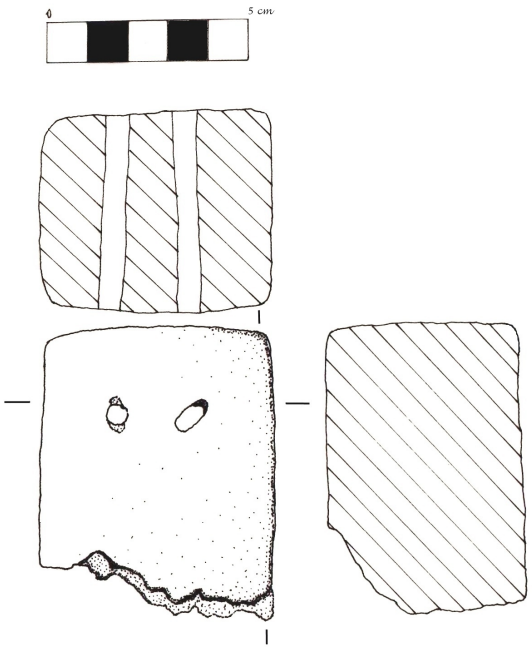
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 52 | **Qd.** 100.23 | **C.** 3 | **X** | 6,12 |
| | **Ano** 2008 | | **Y** | 0,50 |
| | | | **coordenadas** **Z** | 727,42 |






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☐ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Exterior da estrutura 28 (será da estrutura 25)

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

255

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☒ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☒ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☒ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☒ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

aprox. entre
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

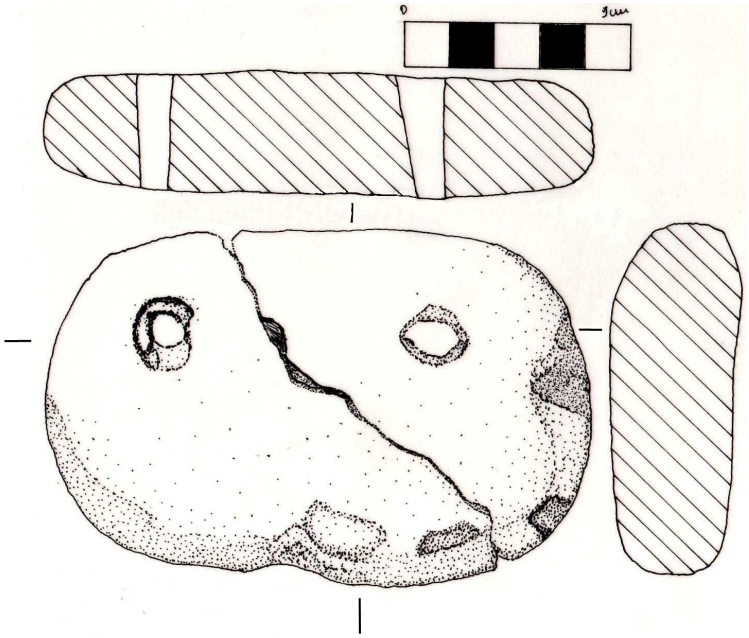
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 53 | **Qd.** 100.23/25 | **C.** 3 | **X** | 0,50 |
| | **Ano** 2008 | | **Y** | 1,04 |
| | | | **coordenadas** **Z** | 727,77 |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros** Machado

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Colagem entre o fragmento do 100.23 (sem camada) e um fragmento maior do 100.25. Coordenadas são do 100.25 - este foi encontrado na área periférica da Torre, junto às estruturas circulares

**peça**

- ◉ completa
- ○ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.** 300

**medidas aprox.**

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 | 11-12,5 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☒ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☒ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ◉ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☒ 0,71 a 0,8 mm ☒ 0,81 a 0,9 mm ☒ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis — ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis — ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☐ face menor

☒ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

aprox. entre
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

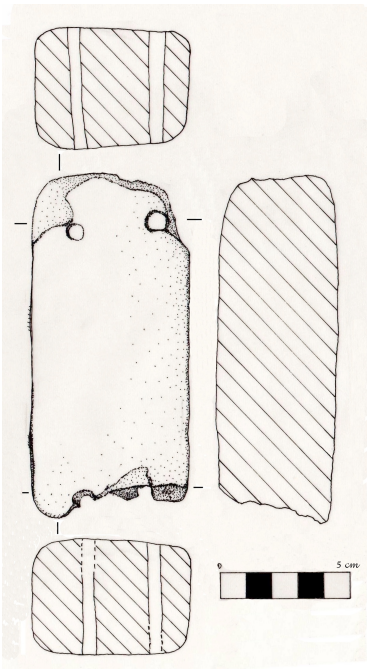
54

**Qd.** 100.58 **C.** 2 **X** 50

**Ano** 2002 **Y** 76

**coordenadas** **Z** 725,90





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☐ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☒ só há referência do elemento de tear

**observações**

face interna do murete - ficou queimado depois de partido

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ◉ 3/4

**peso aprox. gr.**

486

**medidas aprox.**

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 | 13-13,5 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☒ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☒ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ◉ 4 ○ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

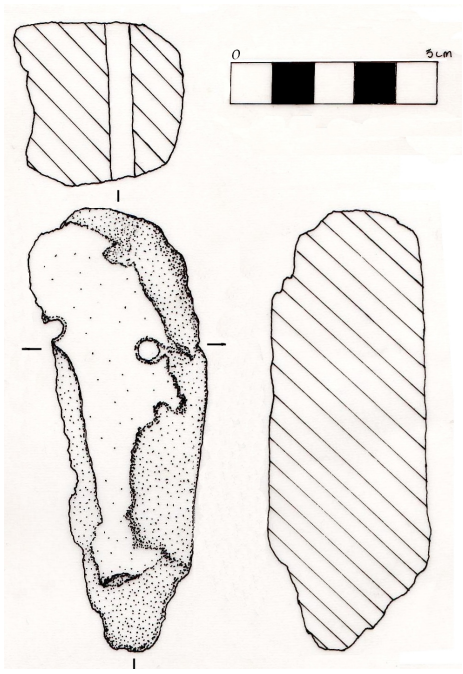
55

**Qd.** 100.58 **C.** 2

**Ano** 2002

**coordenadas** **X** 122 **Y** 110 **Z** 725,95






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☐ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☒ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.** 140

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☒ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☒ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ◉ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ◉ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

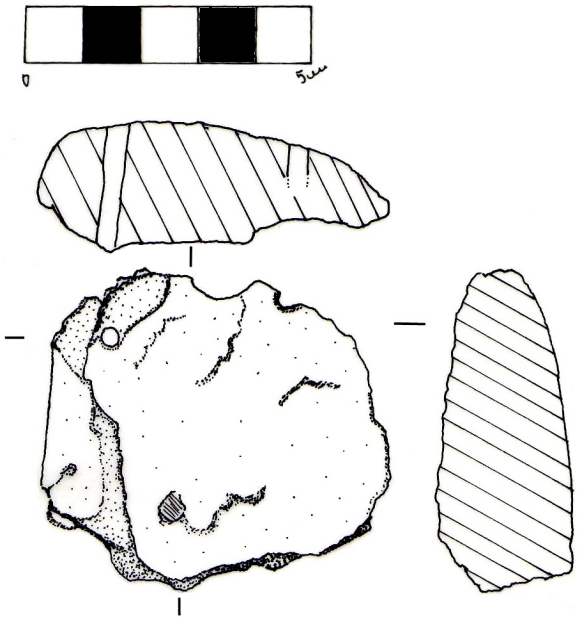
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 56 | **Qd.** 101.43 | **C.** 3 | **X** | 1,93 | |
| | **Ano** 2005 | | **Y** | 0,70 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 727,34 |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☐ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☒ só há referência do elemento de tear

**observações**

Provável peso de tear - Face interna do murete

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

60

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☒ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☒ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ◉ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☐ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

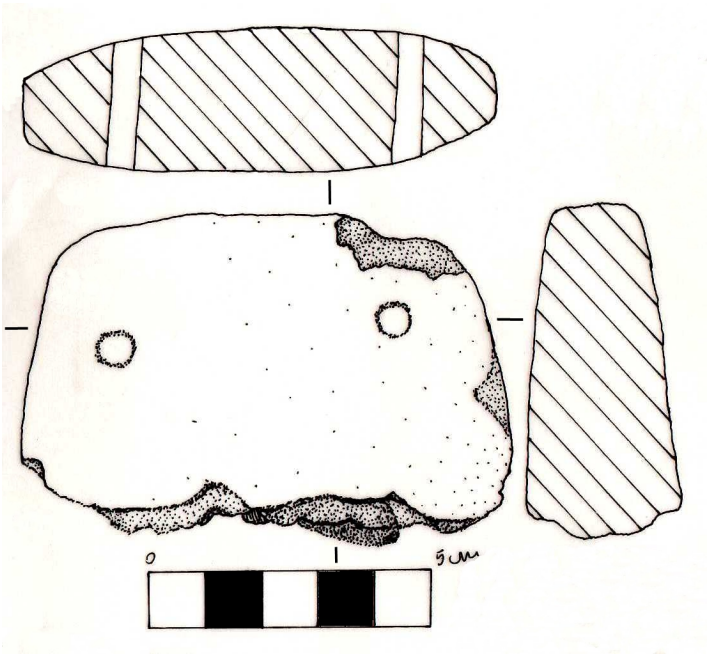
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 57 | Qd. 101.43 | C. 3 | X | 0,08 | |
| | Ano 2005 | | Y | 0,15 | |
| | | | coordenadas | Z | 727,35 |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☐ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☒ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

139

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☒ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☒ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☒ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ◉ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ◉ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☐ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

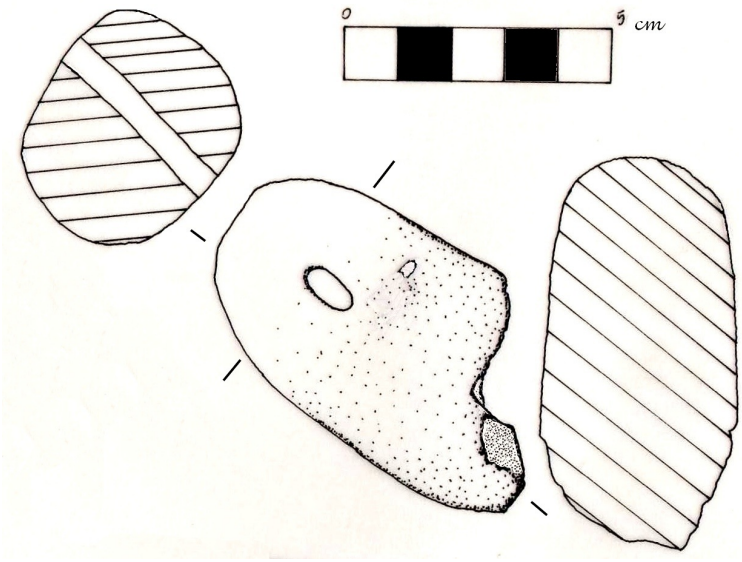
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 58 | **Qd.** 102.26 | **C.** 3 | **X** | 0,97 | |
| | **Ano** 2008 | | **Y** | 1,09 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 727,78 |






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Área periférica da Torre, nível de Argila "Átrio"

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

112

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☒ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☒ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ◉ outra crescente
○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ◉ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ◉ 1 ○ 4 ○ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm
☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ > 0,9 mm
☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ desconhecido
☐ 0,71 a 0,8 mm

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Quartzos
☒ Vísiveis ☒ Micas
☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Quartzos
☒ Vísiveis ☒ Micas
☐ Outros

**enegrecido**
☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**
globalmente ☒ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**
globalmente ☒ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**
☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

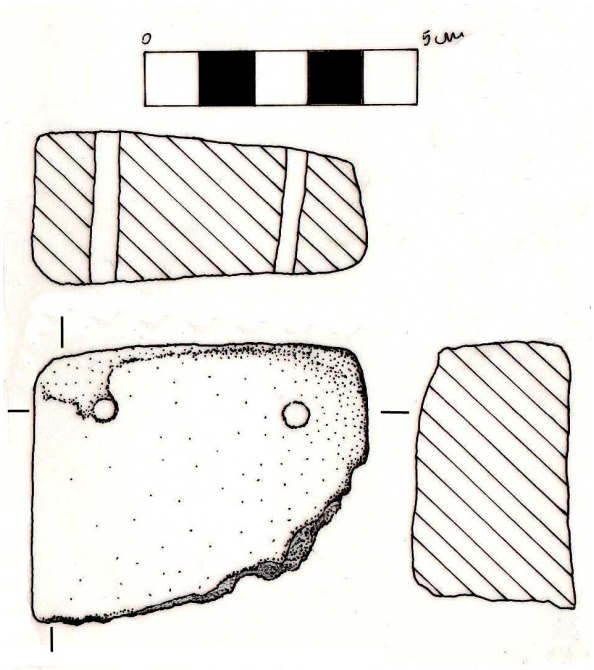
**outras observações**

**localização**
☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 59 | **Qd.** 104.28 | **C.** 3 | **X** | 34 | |
| | **Ano** 2006 | | **Y** | 1,63 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 728,4 |






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros** seixo

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.** 100

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☒ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☒ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☒ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

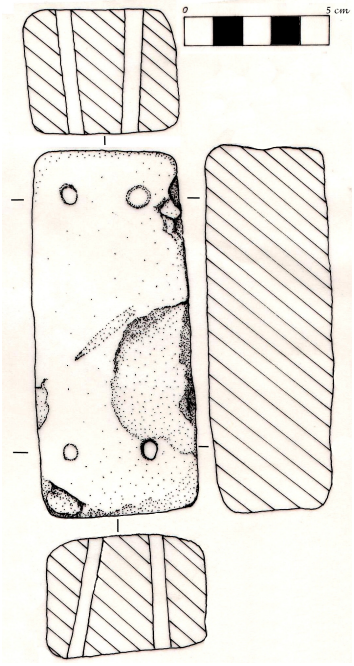
60

**Qd.** 106.26 **C.** 1/2 **X**

**Ano** 2006 **Y**

**coordenadas** **Z**





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Abertura de quadrícula - definição do murete

**peça**

- ◉ completa
- ○ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

445

**medidas aprox.**

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 | 12-12,5 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ◉ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☐ face menor

☒ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

61

**Qd.** 106/107.26 **C.** \ **X**

**Ano** 2008 **Y**

**coordenadas** **Z**





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☐ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☒ só há referência do elemento de tear

**observações**

também poderá abarcar a 107/106.27 - Abertura de quadrícula

Fotografia de frente e de lado

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ◉ 3/4

**peso aprox. gr.**

410

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☒ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☐ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☒ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

62

**Qd.** 106/107.26 **C.** \ **X**

**Ano** 2008 **Y**

**coordenadas** **Z**





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☐ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☒ só há referência do elemento de tear

**observações**

também poderá abarcar a 107/106.27 - Abertura de quadrícula

Fotografia de frente e de cima

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

84

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☒ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ◉ 1 ○ 4 ○ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☒ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☒ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☐ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

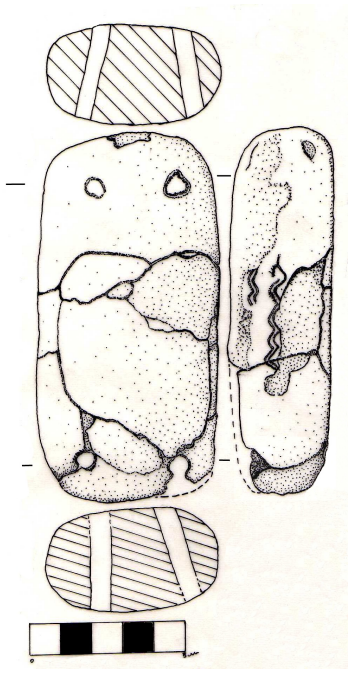
63

**Qd.** 106.56 **C.** 2 **X** 50

**Ano** 2000 **Y** 140

**coordenadas** **Z** 727,26





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros** percurtores, seixos

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Estudado no âmbito da Tese de Mestrado de Ana Vale: "Castanheiro do Vento. Contributo para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalho (1998 -2000)", apresentado no ano de 2003. Valor Z = 727.26 (coordenada absoluta) - 0,99 (valor Z indicado na etiqueta)

**peça**

- ◉ completa
- ○ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

303

**medidas aprox.**

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 | 11,5-12 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ◉ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

○ Não ◉ Sim

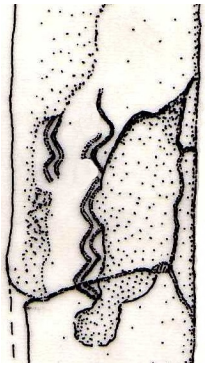
**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☒ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

Incisão sob forma de arrastamento



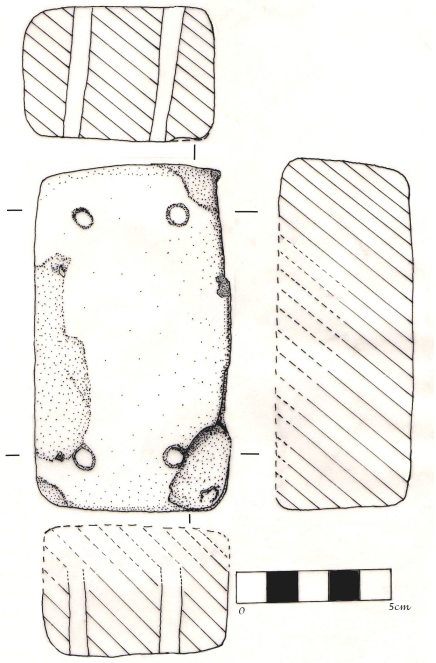
64

**Qd.** 107.47 **C.** 2 **X**

**Ano** 2005 **Y**

**coordenadas** **Z**





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☐ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☒ só há referência do elemento de tear

**observações**

Completo em termos de comprimento, mas falta a parte de trás

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ◉ 3/4

**peso aprox. gr.**

240

**medidas aprox.**

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 | 11-11,5 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☒ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ◉ 4 ○ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☐ face maior
☒ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

65

**Qd.** 107.54 **C.** 3 **X** 187

**Ano** 2001 **Y** 17

**coordenadas** **Z** 726.11





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Fragmento pequeno, e dada a sua morfologia, não foi desenhado

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

65

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ◉ 0 ○ 1 ○ 2 ○ 3 ○ 4

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

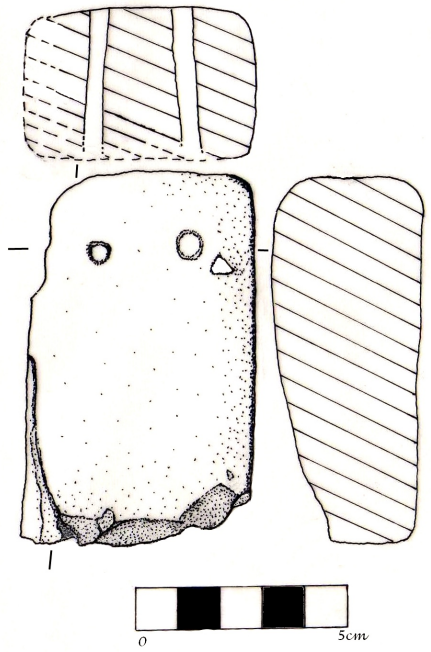
66

**Qd.** 109.51 **C.** 1 **X** 1,07

**Ano** 1999 **Y** 1,95

**coordenadas** **Z** 726,65






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Estudado no âmbito da Tese de Mestrado de Ana Vale: "Castanheiro do Vento. Contributo para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalho (1998 -2000)", apresentado no ano de 2003. Valor Z = 727.26 (coordenada absoluta) - 0,61 (valor Z indicado na etiqueta)

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

184

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☒ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

aprox. entre
☒ castanho escuro
☐ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

aprox. entre
☒ castanho escuro
☐ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

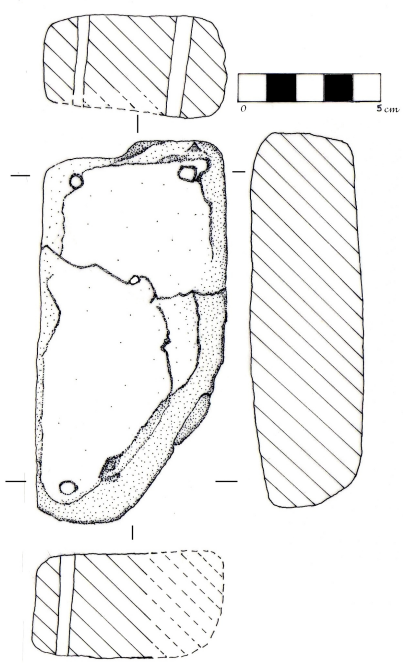
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 67 | **Qd.** 109.51 | **C.** 1 | **X** | 1,76 | |
| | **Ano** 1999 | | **Y** | 0,68 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 726,69 |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Estudado no âmbito da Tese de Mestrado de Ana Vale: "Castanheiro do Vento. Contributo para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalho (1998 -2000)", apresentado no ano de 2003. Valor Z = 727.26 (coordenada absoluta) - 0,57 (valor Z indicado na etiqueta)

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ◉ 3/4

**peso aprox. gr.**

405

**medidas aprox.**

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 | 13-13,5 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☒ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |
| **espessura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ◉ 3 ○ 1 ○ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ > 0,9 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ desconhecido ☐ 0,71 a 0,8 mm

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

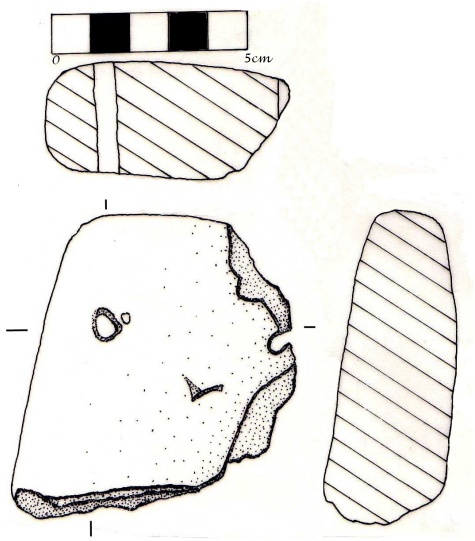
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 68 | **Qd.** 109.54 | **C.** 3 | **X** 192 | |
| | **Ano** 2000 | | **Y** 20 | |
| | | | **coordenadas** **Z** | |






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☐ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☒ só há referência do elemento de tear

**observações**

Marca de raiz

Valor Z indicado - 141

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

170

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☒ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☒ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ◉ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

aprox. entre
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

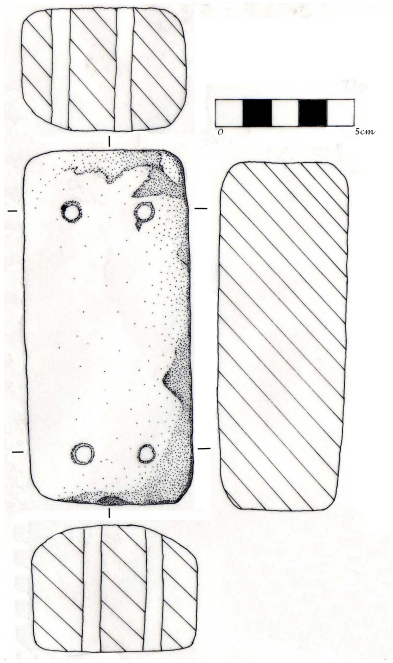
69

**Qd.** 110.32 **C.** 3

**Ano**

**coordenadas** X 0,27 Y 0,65 Z 726,88





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros** placa de xisto, machado, seixo, carvão, ponta de seta

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ◉ completa
- ○ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.** 525

**medidas aprox.**

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 | 12,5-13 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☒ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ◉ 4 ○ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☒ Não visíveis ☐ Vísiveis ☐ Quartzos ☐ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

aprox. entre
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

☐ castanho escuro
☐ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☒ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

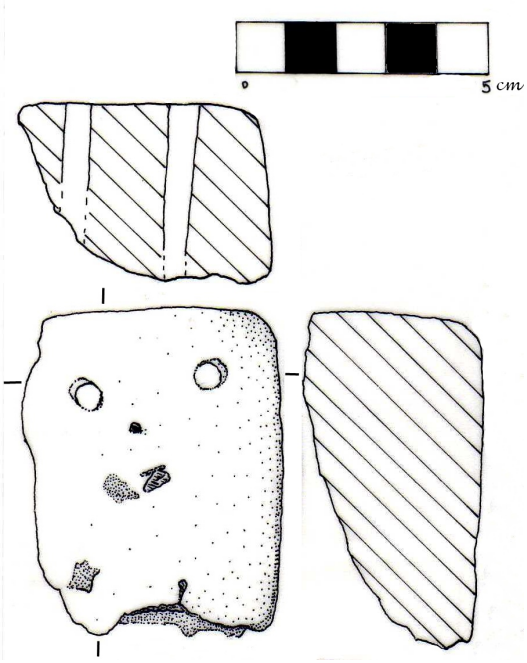
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 70 | **Qd.** 110.32 | **C.** 3 | **X** | 0,52 | |
| | **Ano** 2006 | | **Y** | 1,49 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 726,98 |






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros** placa de xisto, machado, seixo, carvão, ponta de seta

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.** 80

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☒ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☒ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

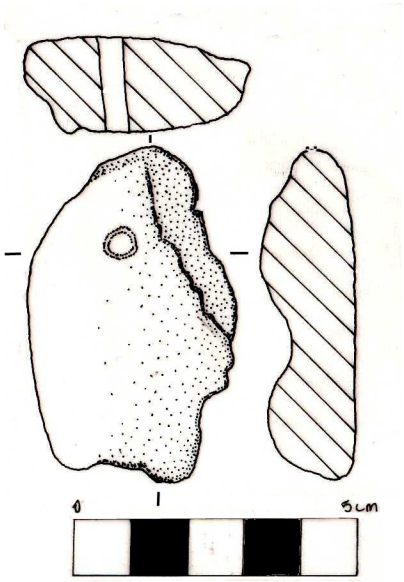
71

**Qd.** 110.32 **C.** 2

**Ano** 2006

**coordenadas** **X** 0,28 **Y** 0,42 **Z** 726,97






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.** 25

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☒ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ◉ 1 ○ 4 ○ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☐ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

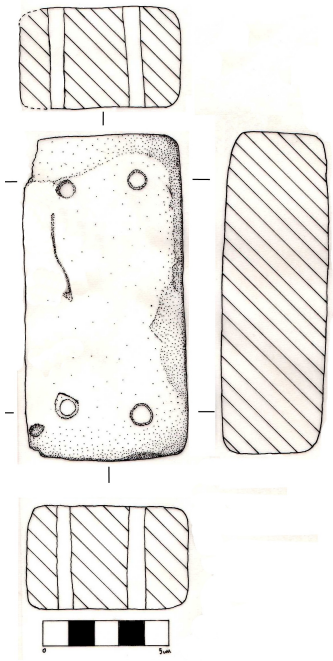
72

**Qd.** 110.49 **C.** 2

**Ano** 2000

**coordenadas** **X** 38 **Y** 40 **Z** 726,54





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Estudado no âmbito da Tese de Mestrado de Ana Vale: "Castanheiro do Vento. Contributo para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalho (1998 -2000)", apresentado no ano de 2003. Valor Z = 727.26 (coordenada absoluta) - 0,72 (valor Z indicado na etiqueta)

**peça**

- ◉ completa
- ○ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

521

**medidas aprox.**

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 | 12,5-13 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☒ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ◉ 4 ○ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☒ Não visíveis ☐ Vísiveis ☐ Quartzos ☐ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

☐ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☒ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações** marca de raiz

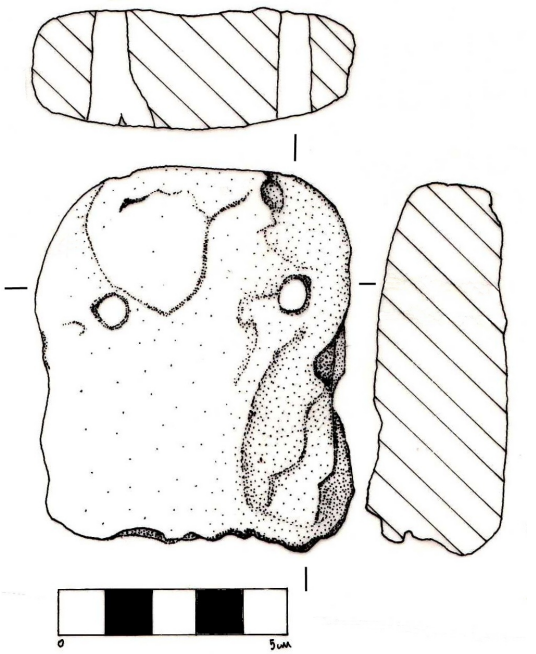
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 73 | **Qd.** 110.49 | **C.** 1 | **X** | 1,96 | |
| | **Ano** 2000 | | **Y** | 1,94 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 726,76 |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Estudado no âmbito da Tese de Mestrado de Ana Vale: "Castanheiro do Vento. Contributo para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalho (1998 -2000)", apresentado no ano de 2003. Valor Z = 727.26 (coordenada absoluta) - 0,5 (valor Z indicado na etiqueta)

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

172

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☒ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☒ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ◉ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ◉ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☒ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

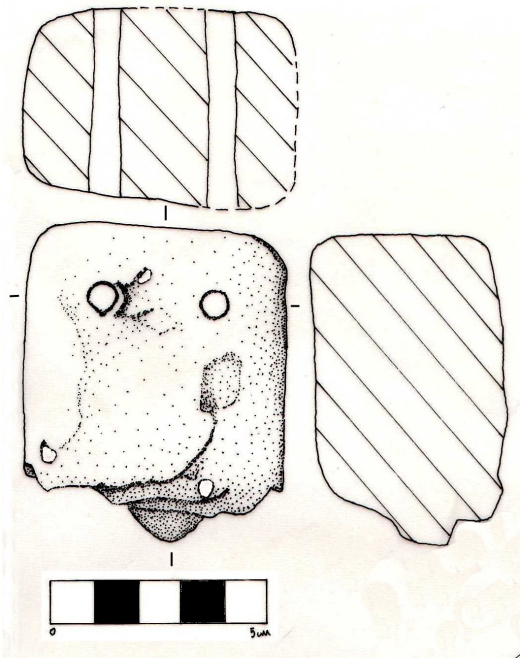
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 74 | **Qd.** 110.49 | **C.** 1 | **X** | 1,23 | |
| | **Ano** 2000 | | **Y** | 1,88 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 726,85 |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Estudado no âmbito da Tese de Mestrado de Ana Vale: "Castanheiro do Vento. Contributo para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalho (1998 -2000)", apresentado no ano de 2003. Valor Z = 727.26 (coordenada absoluta) - 0,41 (valor Z indicado na etiqueta)

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

224

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☒ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☒ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

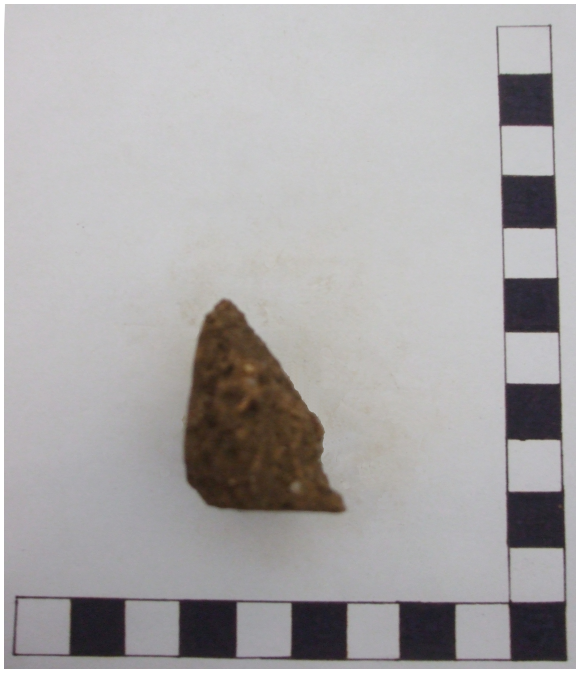
75

**Qd.** 110.50 **C.** 2

**Ano** 2000

**coordenadas** X Y Z



**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros** seixos

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Fragmento pequeno, e dada a sua morfologia, não foi desenhado. Estudado no âmbito da Tese de Mestrado de Ana Vale (já citada)

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

25

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☒ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ◉ 0 ○ 1 ○ 2 ○ 3 ○ 4

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☐ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

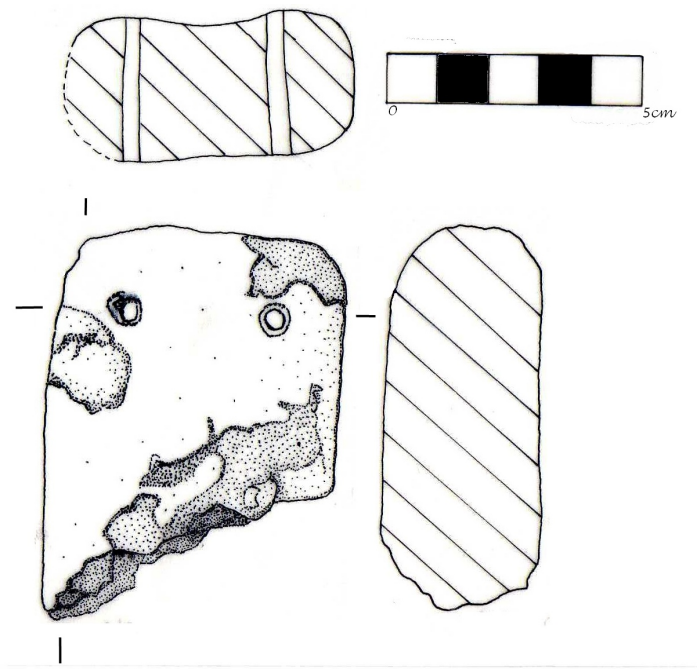
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 76 | **Qd.** | 110.51 | **C.** 2-3 | **X** | 38 |
| | **Ano** | 1999 | | **Y** | 123 |
| | | | | **coordenadas** **Z** | 726,15 |






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros** percurtores

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Estudado no âmbito da Tese de Mestrado de Ana Vale: "Castanheiro do Vento.Contributo para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalho (1998 -2000)", apresentado no ano de 2003. Valor Z = 727.26 (coordenada absoluta) - 1,11 (valor Z indicado na etiqueta)

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

156

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☒ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis — ☐ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis — ☒ Quartzos ☐ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☐ face menor

☒ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente: ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente: ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

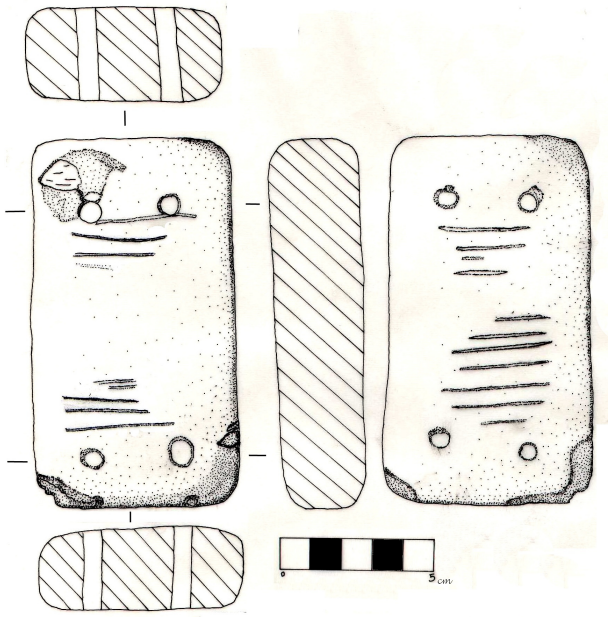
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 77 | **Qd.** 110.51 | **C.** 3 | **X** 37 | | |
| | **Ano** 1999 | | **Y** 31 | | |
| | | | **coordenadas** **Z** 725,97 | | |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros** seixos, percurtores, quartzo

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Dentro da estrutura. Estudado no âmbito da Tese de Mestrado de Ana Vale: "Castanheiro do Vento. Contributo para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalho (1998 -2000)", apresentado no ano de 2003. Valor Z = 727.26 (coordenada absoluta) - 1,29 (valor Z indicado na etiqueta)

**peça**

- ◉ completa
- ○ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.** 344

**medidas aprox.**

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 | 11,5-12 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☒ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☒ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ◉ 4 ○ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☒ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☒ Não visíveis ☐ Vísiveis ☐ Quartzos ☐ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

☐ castanho escuro
☐ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☒ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

○ Não ◉ Sim

**outras observações** decoração em ambas as faces maiores

**localização**

☒ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

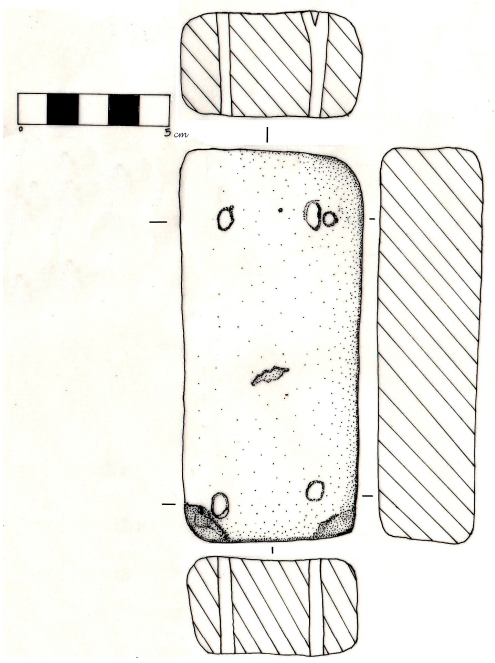
**técnica**

Incisão sob forma de arrastamento



| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 78 | **Qd.** 110.52 | **C.** 3 | **X** | 0,35 | |
| | **Ano** 1999 | | **Y** | 0,70 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 725, 86 |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros** percurtores, martelo

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Estudado no âmbito da Tese de Mestrado de Ana Vale: "Castanheiro do Vento.Contributo para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalho (1998 -2000)", apresentado no ano de 2003. Valor Z = 727.26 (coordenada absoluta) - 1,40 (valor Z indicado na etiqueta)

**peça**

- ◉ completa
- ○ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

401

**medidas aprox.**

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 | 12,5-13,5 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ◉ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☒ Não visíveis ☐ Vísiveis ☐ Quartzos ☐ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

☐ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☒ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

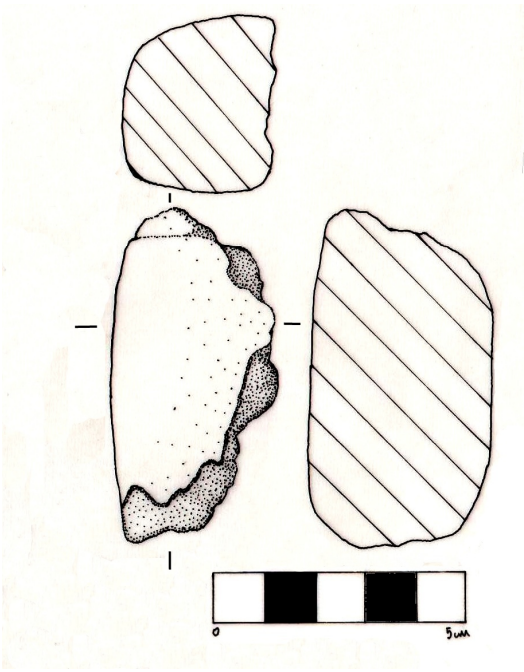
79

**Qd.** 110.54 **C.** 3 **X** 1,30

**Ano** 2000 **Y** 0,85

**coordenadas** **Z** 725,87





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros** percurtores, seixo

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Estudado no âmbito da Tese de Mestrado de Ana Vale: "Castanheiro do Vento.Contributo para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalho (1998 -2000)", apresentado no ano de 2003. Valor Z = 727.26 (coordenada absoluta) - 1,39 (valor Z indicado na etiqueta)

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

70

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☒ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ◉ 0 ○ 1 ○ 2 ○ 3 ○ 4

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

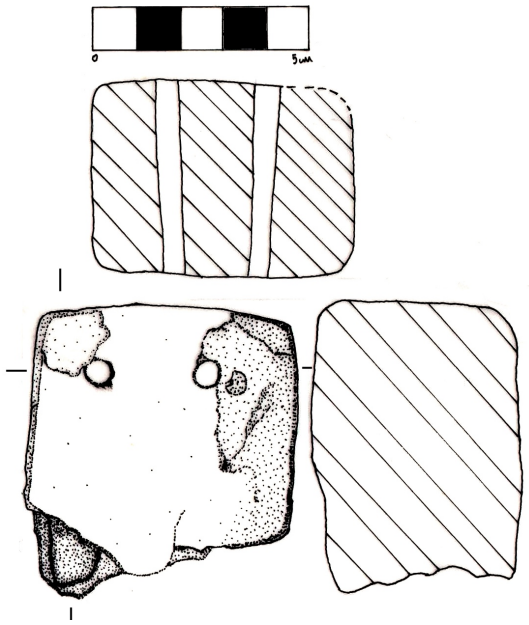
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 80 | **Qd.** 111.49 | **C.** 2 | **X** | 1,48 | |
| | **Ano** 2000 | | **Y** | 0,56 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 726,52 |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros** percurtores

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Estudado no âmbito da Tese de Mestrado de Ana Vale: "Castanheiro do Vento.Contributo para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalho (1998 -2000)", apresentado no ano de 2003. Valor Z = 727.26 (coordenada absoluta) - 0,74 (valor Z indicado na etiqueta)

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

206

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☒ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☒ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☐ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

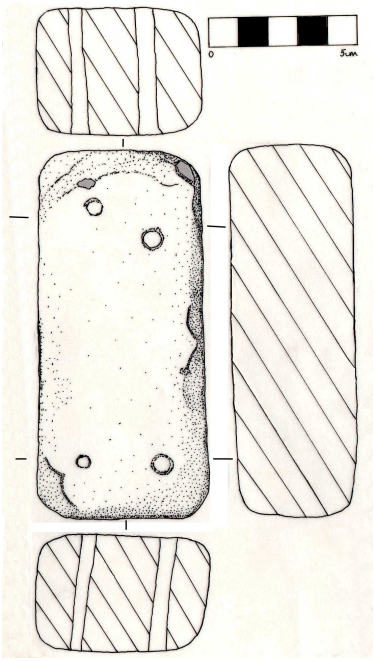
81

**Qd.** 111.52 **C.** 3 (?) **X** 75

**Ano** 1999 **Y** 120

**coordenadas** **Z** 725,83





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros** seixos, laje de xisto circular, percurtores

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Não se menciona a camada mas poderá ser a 3 (?). Estudado no âmbito da Tese de Mestrado de Ana Vale: "Castanheiro do Vento. Contributo para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalho (1998 -2000)", apresentado no ano de 2003. Valor Z = 727.26 - 1,43

**peça**

- ◉ completa
- ○ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

433

**medidas aprox.**

**comprimento**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 |

12-12,5

**largura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**espessura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ◉ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☒ Não visíveis ☐ Vísiveis ☐ Quartzos ☐ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

☐ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☒ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

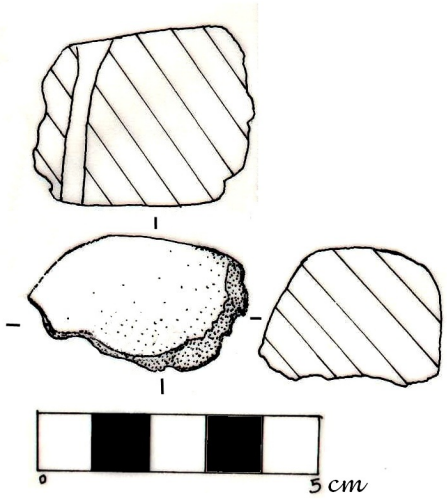
82

**Qd.** 111.52 **C.** 3 **X**

**Ano** 2001 **Y**

**coordenadas** **Z**






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros** seixos, laje de xisto circular, percurtores

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.** 30

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☒ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ◉ 1 ○ 4 ○ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☒ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☐ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

aprox. entre ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

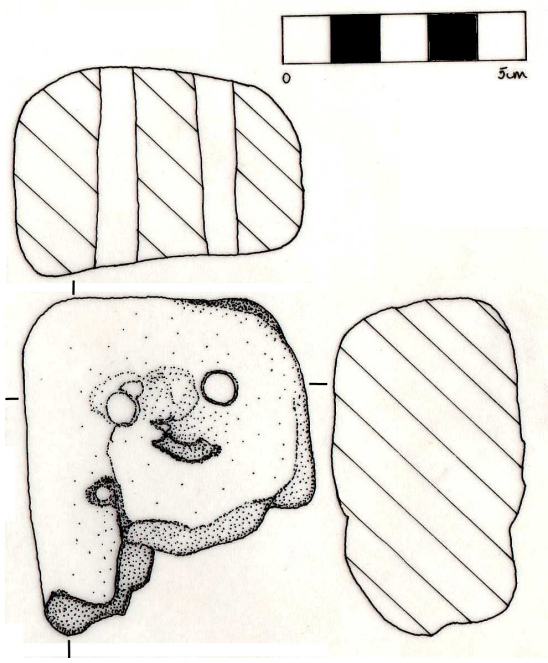
83

**Qd.** 111.52 **C.** 3 **X**

**Ano** 1999 **Y**

**coordenadas** **Z**






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros** seixos, laje de xisto circular, percurtores

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Estudado no âmbito da Tese de Mestrado de Ana Vale: "Castanheiro do Vento. Contributo para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalho (1998 -2000)", apresentado no ano de 2003

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

140

**medidas aprox.**

**comprimento**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☒ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**largura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**espessura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

aprox. entre
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente
☐ castanho escuro
☐ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

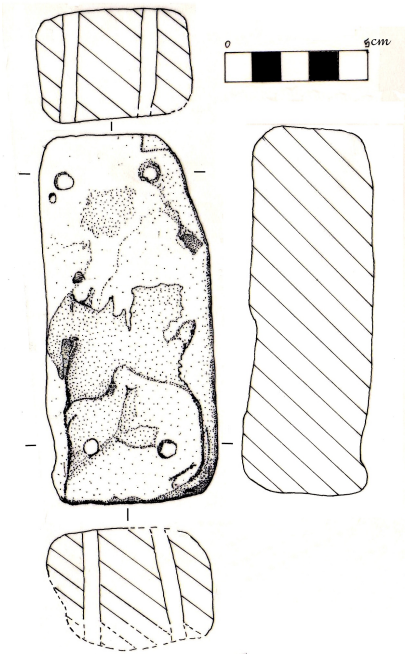
84

**Qd.** 111.52 **C.** 3 **X**

**Ano** 1999 **Y**

**coordenadas** **Z**






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros** seixos, laje de xisto circular, percurtores

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Faltam algumas partes do meio - Cola com o fragmento da qd. 110.52 - C. 3 - encontrado com cerâmica, líticos, barro de revestimento, martelo, percurtores. Estudado no âmbito da Tese de Mestrado de Ana Vale (já citada)

**peça**

- ◉ completa
- ○ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

399

**medidas aprox.**

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 | 12,5-13 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ◉ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

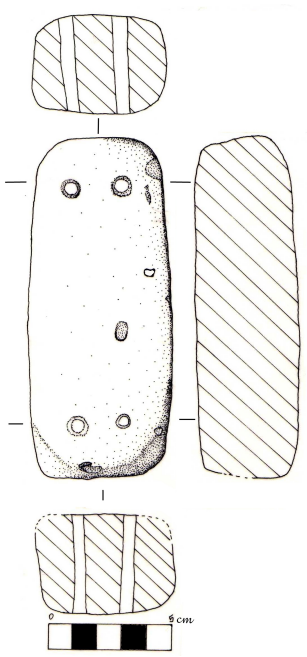
85

**Qd.** 111.52 **C.** 3

**Ano** 1999

**coordenadas** **X** 1,05 **Y** 1,45 **Z** 725,78





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros** seixos, laje de xisto circular, percurtores

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Sob grandes pedras. Estudado no âmbito da Tese de Mestrado de Ana Vale: "Castanheiro do Vento. Contributo para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalho (1998 -2000)", apresentado no ano de 2003. Valor Z = 727.26 - 1,48 (valor Z indicado na etiqueta)

**peça**

- ◉ completa
- ○ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.** 490

**medidas aprox.**

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 | 13,5-14 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |
| **espessura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ◉ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis — ☒ Quartzos ☒ Micas ☒ Outros

**dentro** ☒ Não visíveis ☐ Vísiveis — ☐ Quartzos ☐ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

☐ castanho escuro
☐ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☒ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

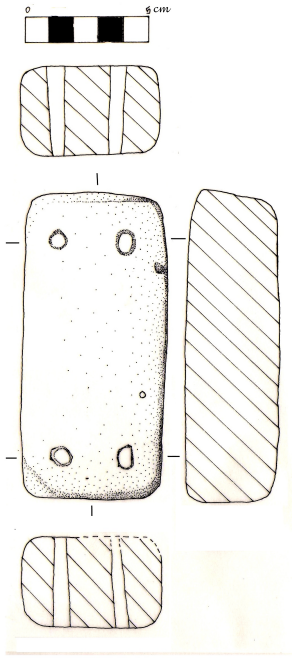
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 86 | **Qd.** 111.52 | **C.** 3 | **X** | 190 |
| | **Ano** 1999 | | **Y** | 40 |
| | | | **coordenadas** **Z** | 725,88 |





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros** seixos, laje de xisto circular, percurtores

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Estudado no âmbito da Tese de Mestrado de Ana Vale: "Castanheiro do Vento. Contributo para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalho (1998 -2000)", apresentado no ano de 2003. Valor Z = 727.26 (coordenada absoluta) - 1,38 (valor Z indicado na etiqueta)

**peça**

- ◉ completa
- ○ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.** 432

**medidas aprox.**

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 | 12-12,5 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |
| **espessura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 | |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 | |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 | |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 | |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ◉ 4 ○ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis — ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☒ Não visíveis ☐ Vísiveis — ☐ Quartzos ☐ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente: ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

aprox. entre: ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☒ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

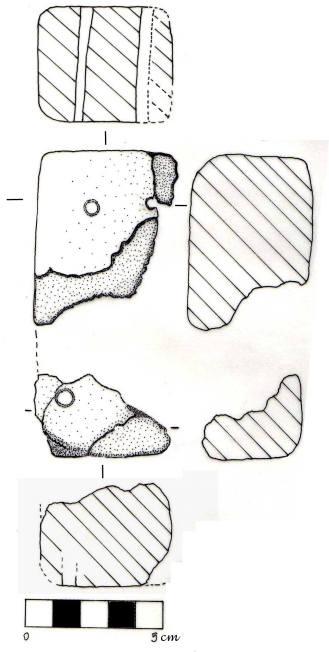
87

**Qd.** 111.52 **C.** 2 **X** 155

**Ano** 1999 **Y** 35

**coordenadas** **Z** 725,81






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros** percurtores

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Composto por vários fragmentos, alguns dos quais não colam. Estudado no âmbito da Tese de Mestrado de Ana Vale: "Castanheiro do Vento. Contributo para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalho (1998 -2000)", apresentado no ano de 2003. Valor Z = 727.26-1,45

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

178

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☒ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☒ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☒ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ◉ 3 ○ 1 ○ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ > 0,9 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☒ desconhecido ☐ 0,71 a 0,8 mm

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

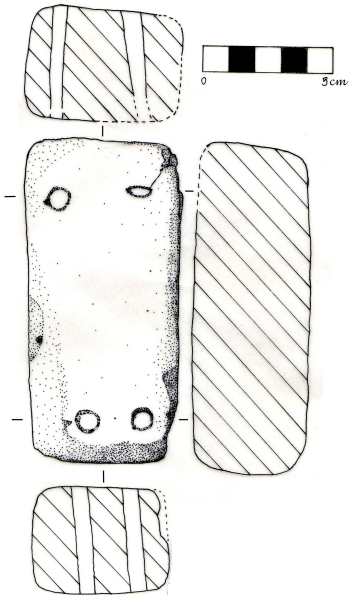
88

**Qd.** 111.52 **C.** 3 **X** 160

**Ano** 1999 **Y** 0,76

**coordenadas** **Z** 725,76






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros** seixos, laje de xisto circular, percurtores

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Sob grandes pedras. Estudado no âmbito da Tese de Mestrado de Ana Vale: "Castanheiro do Vento. Contributo para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalho (1998 -2000)", apresentado no ano de 2003. Valor Z = 727.26 (coordenada absoluta) - 1,50

**peça**

- ◉ completa
- ○ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

457

**medidas aprox.**

**comprimento**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 |

12-12,5

**largura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**espessura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ◉ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☒ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

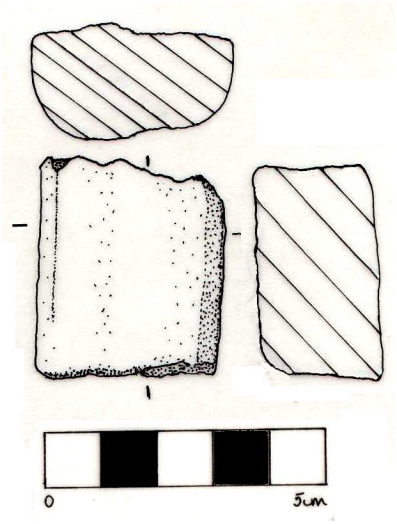
89

**Qd.** 112.51 **C.** 3 **X**

**Ano** 1999 **Y**

**coordenadas** **Z**






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros** percurtores

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

será uma parte mesial de um elemento de tear? Estudado no âmbito da Tese de Mestrado de Ana Vale: "Castanheiro do Vento. Contributo para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalho (1998 -2000)", apresentado no ano de 2003

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

30

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☒ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ◉ 0 ○ 1 ○ 2 ○ 3 ○ 4

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☐ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

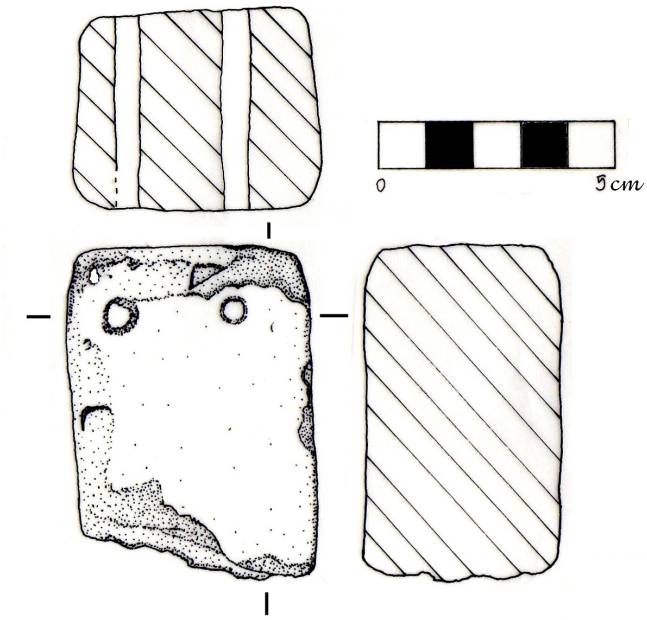
**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 90 | **Qd.** 113.31 | **C.** 3 | **X** | 0,45 | |
| | **Ano** 2006 | | **Y** | 1,18 | |
| | | | **coordenadas** | **Z** | 726,75 |






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

200

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☒ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☒ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente
☐ castanho escuro
☒ castanho claro (+beije)
☐ laranja (côr de tijolo)
☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

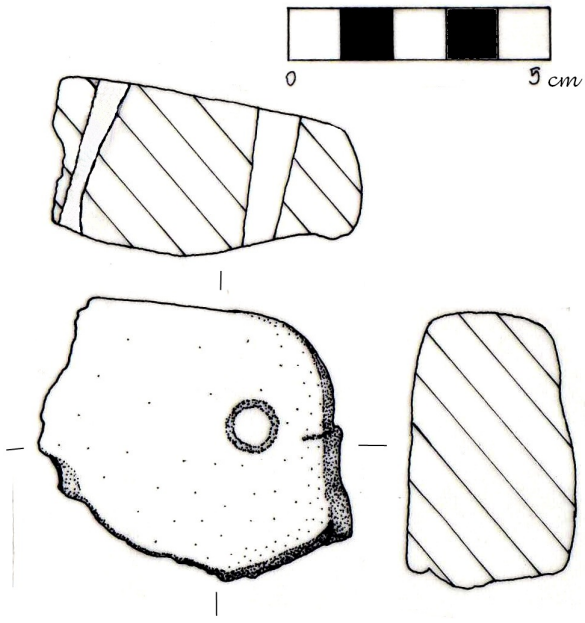
91

**Qd.** 114.30 **C.** 3 **X**

**Ano** 2006 **Y**

**coordenadas** **Z**






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

Interior da estrutura subcircular 22 (mas a estrutura não fica perto do 114.30!)

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

87

**medidas aprox.**

**comprimento**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**largura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**espessura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☒ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☒ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis — ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis — ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

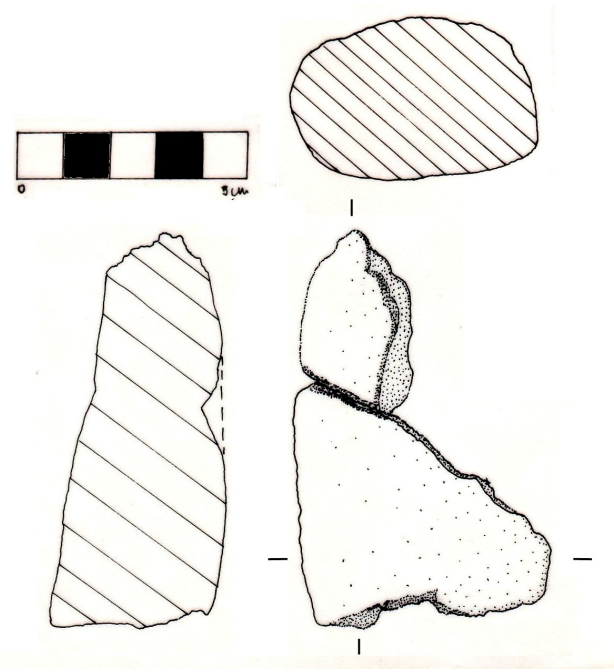
92

**Qd.** 114.36 **C.** 3

**Ano** 2006

**coordenadas** **X** 1,08 **Y** 1,42 **Z** 726,56





**materiais encontrados na mesma camada**

- [x] cerâmica
- [ ] líticos
- [x] barro de revestimento

**outros**

- [ ] só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

120

**medidas aprox.**

**comprimento**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☒ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**largura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**espessura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ◉ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ◉ 0 ○ 1 ○ 2 ○ 3 ○ 4

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☒ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☐ alisamento
☒ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

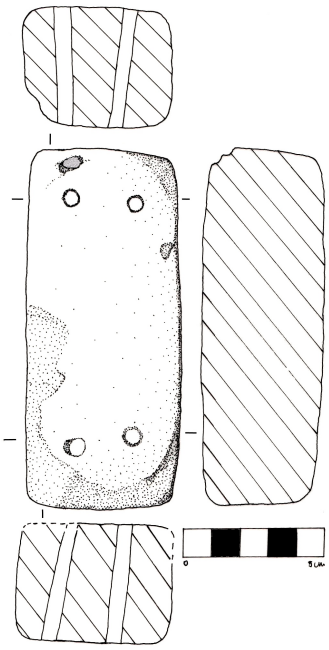
93

**Qd.** 115.29 **C.** 3 **X** 64

**Ano** 2006 **Y** 1,39

**coordenadas** **Z** 726,63





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

**observações**

☐ só há referência do elemento de tear

**peça**

- ◉ completa
- ○ incompleta
  - ○ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

405

**medidas aprox.**

**comprimento**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☒ >11 |

12-12,5

**largura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☒ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**espessura**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| ☐ 2-2,5 | ☒ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ◉ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

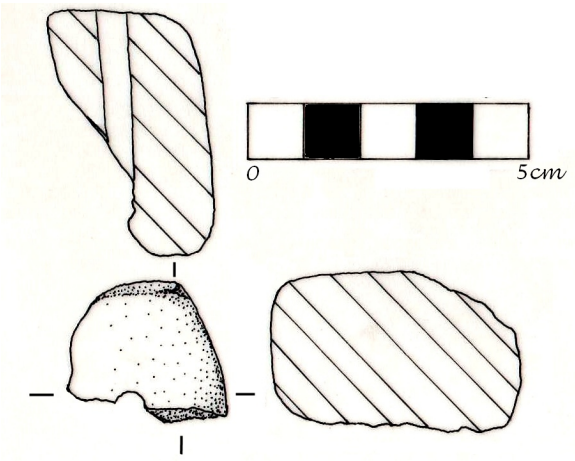
94

**Qd.** 116.31 **C.** 3 **X**

**Ano** 2006 **Y**

**coordenadas** **Z**






**materiais encontrados na mesma camada**

- ☒ cerâmica
- ☒ líticos
- ☒ barro de revestimento

**outros**

☐ só há referência do elemento de tear

**observações**

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ◉ 1/4
  - ○ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

20

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☒ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ○ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ◉ indefinida

**secção transversal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**secção longitudinal** ○ subrectangular ○ suboval ○ outra ◉ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ◉ 1 ○ 4 ○ 2

**tamanho** ☒ < 0,5 mm ☐ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☒ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis — ☐ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis — ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

aprox. entre ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

95

**Qd.** 117.31 **C.** \ **X**

**Ano** 2006 **Y**

**coordenadas** **Z**





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☐ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☒ só há referência do elemento de tear

**observações**

Abertura de quadrícula

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

160

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☒ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☒ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☐ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☐ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☒ Não
☐ Sim

☐ face maior
☐ face menor

☐ parte interna
☐ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente ☒ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☐ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

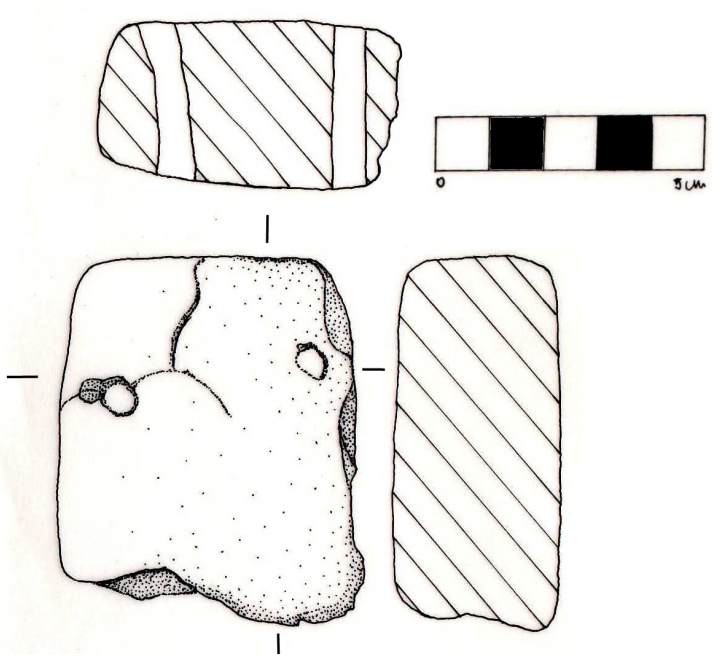
96

**Qd.** 117.39 **C.** 2 **X**

**Ano** 2002 **Y**

**coordenadas** **Z** 726,60





**materiais encontrados na mesma camada**

- ☐ cerâmica
- ☐ líticos
- ☐ barro de revestimento

**outros**

☒ só há referência do elemento de tear

**observações**

enegrecido depois de partido

**peça**

- ○ completa
- ◉ incompleta
  - ○ 1/4
  - ◉ 2/4
  - ○ 3/4

**peso aprox. gr.**

164

**medidas aprox.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **comprimento** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☒ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **largura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☐ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☐ 3-3,5 | ☒ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |
| **espessura** | ☐ <2 | ☐ 3,5-4 | ☐ 5,5-6 | ☐ 7,5-8 | ☐ 9,5-10 |
| | ☐ 2-2,5 | ☐ 4-4,5 | ☐ 6-6,5 | ☐ 8-8,5 | ☐ 10-10,5 |
| | ☒ 2,5-3 | ☐ 4,5-5 | ☐ 6,5-7 | ☐ 8,5-9 | ☐ 10,5-11 |
| | ☒ 3-3,5 | ☐ 5-5,5 | ☐ 7-7,5 | ☐ 9-9,5 | ☐ >11 |

**morfologia**

**forma aprox.** ◉ subparalelipipédica ○ outra ○ suboval ○ indefinida

**secção transversal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**secção longitudinal** ◉ subrectangular ○ suboval ○ outra ○ indefinida

**perfurações**

**perfurações visíveis** ○ 0 ○ 3 ○ 1 ○ 4 ◉ 2

**tamanho** ☐ < 0,5 mm ☒ 0,5 a 0,6 mm ☐ 0,61 a 0,7 mm ☒ 0,71 a 0,8 mm ☐ 0,81 a 0,9 mm ☐ > 0,9 mm ☐ desconhecido

**elementos não plásticos**

**fora** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis — ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**dentro** ☐ Não visíveis ☒ Vísiveis — ☒ Quartzos ☒ Micas ☐ Outros

**enegrecido**

☐ Não
☒ Sim

☒ face maior
☒ face menor

☒ parte interna
☒ parte externa

**coloração predominante da superfície**

globalmente: ☐ castanho escuro ☒ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**coloração predominante da pasta**

globalmente: ☐ castanho escuro ☐ castanho claro (+beije) ☒ laranja (côr de tijolo) ☐ não visível

**tratamento de superfície**

☒ alisamento
☐ polimento
☐ indefinido

**decoração**

◉ Não ○ Sim

**outras observações**

**localização**

☐ face maior
☐ face menor
☐ ambas as faces

**técnica**

# ANEXO 6 – PARTE II

## OS “ELEMENTOS DE TEAR” DE CASTANHEIRO DO VENTO

| Quadrícula | Camada | Ano | Observações |
|---|---|---|---|
| 81.21 | ? | ? | Localização desconhecida |
| 82.45 | 2 | 2005 | Objecto incompleto, de 238 gr, cuja localização é desconhecida |
| 89.28 | 3 | 2008 | Localização desconhecida |
| 91.25 | \ | 2008 | Recolha de superfície, entre pedras – Localização desconhecida |
| 92.25 | 3 | 2008 | Localização desconhecida |
| 92.36 | \ | \ | "elemento de tear"? (não foi assinalado no mapa) |
| 92.41 | \ | 2009 | Abertura de quadrícula – Objecto incompleto cuja localização é desconhecida |
| 93.22 | \ | 2008 | Abertura de quadrícula – Objecto incompleto de 179 gr. cuja localização é desconhecida |
| 109.26 | \ | 2006 | Abertura de quadrícula – objecto cuja localização é desconhecida |
| 115.25 | 3 | 2006 | Localização desconhecida |
| ? | ? | ? | Elemento de tear completo que diz "Área Sul" |

**Quadro 1:** Exemplares excluídos do inventário e razão porque o foram. Quando se menciona que a sua localização é desconhecida significa que eles não foram encontrados no espaço onde os materiais estão guardados.

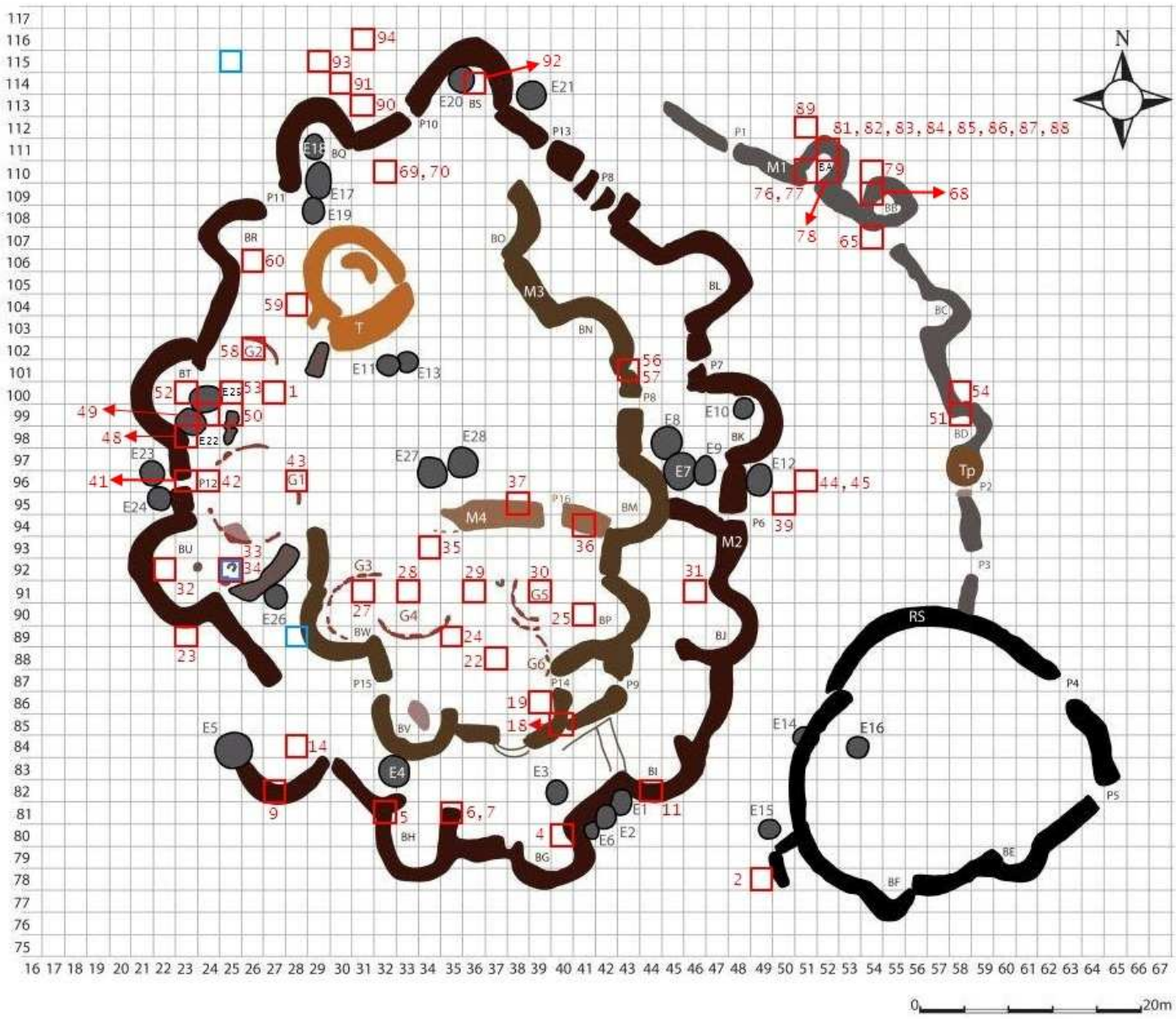



**Figura 1:** Planta de Castanheiro do Vento elaborada em 2009 por Barbara Carvalho, Ana Vale e André Tomás Santos. Assinalam-se as quadrículas (a vermelho) de onde provieram os "elementos de tear", identificados pelo Nº de inventário (a azul assinalam-se as quadrículas de onde provieram os "elementos de tear" que não entram no inventário. Retirado do blog http://trans-ferir.blogspot.com no dia 16.12.2009, às 14:50. Imagem colocada no dia 29 de Outubro de 2009.

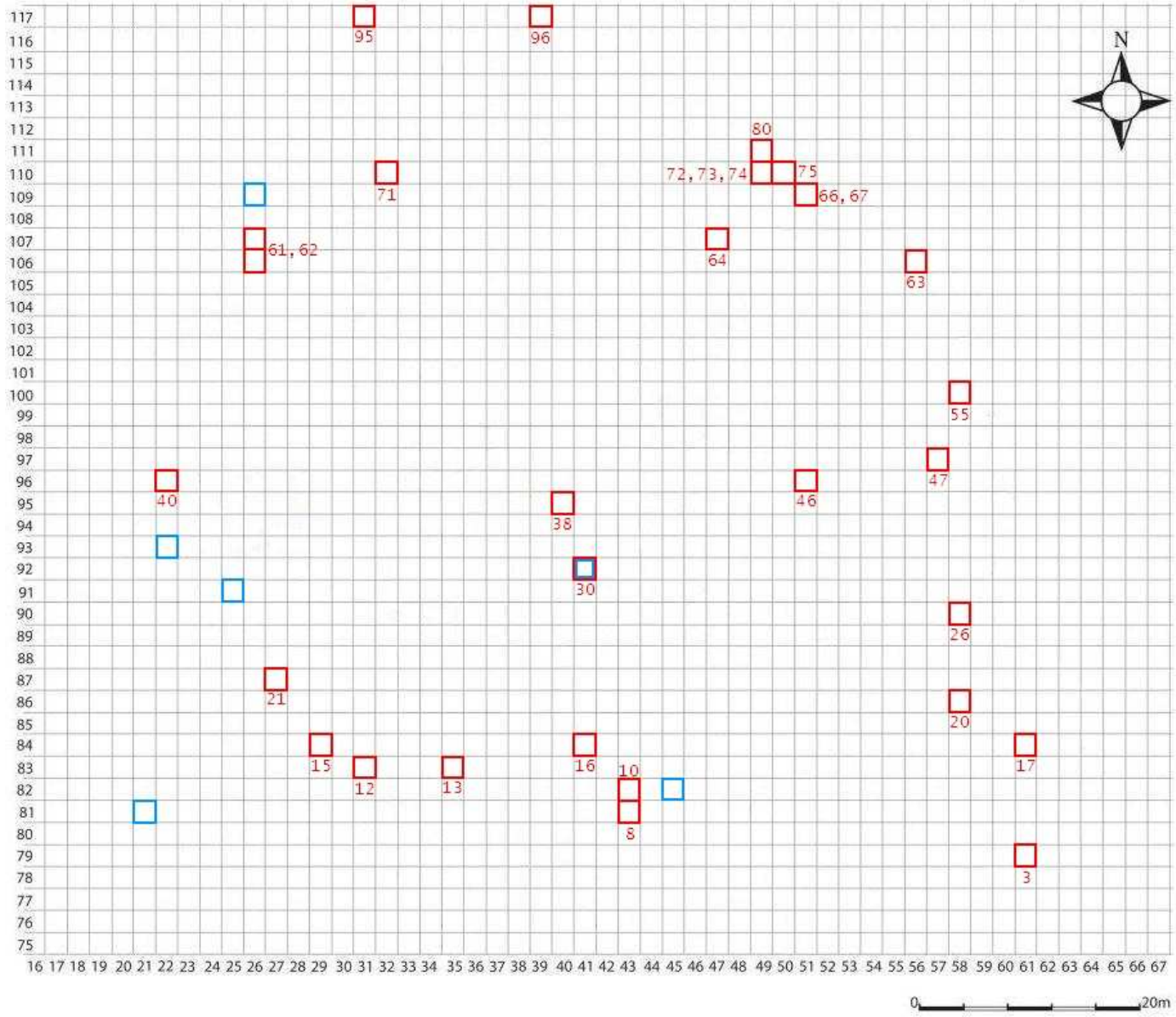



**Figura 2:** Quadrículas de onde provieram os "elementos de tear" que não se encontraram associados a nenhuma estrutura, de acordo com a informação escrita nas etiquetas (a azul assinalam-se as quadrículas de onde provieram os “elementos de tear” que não entram no inventário). Os números correspondem aos do inventário.

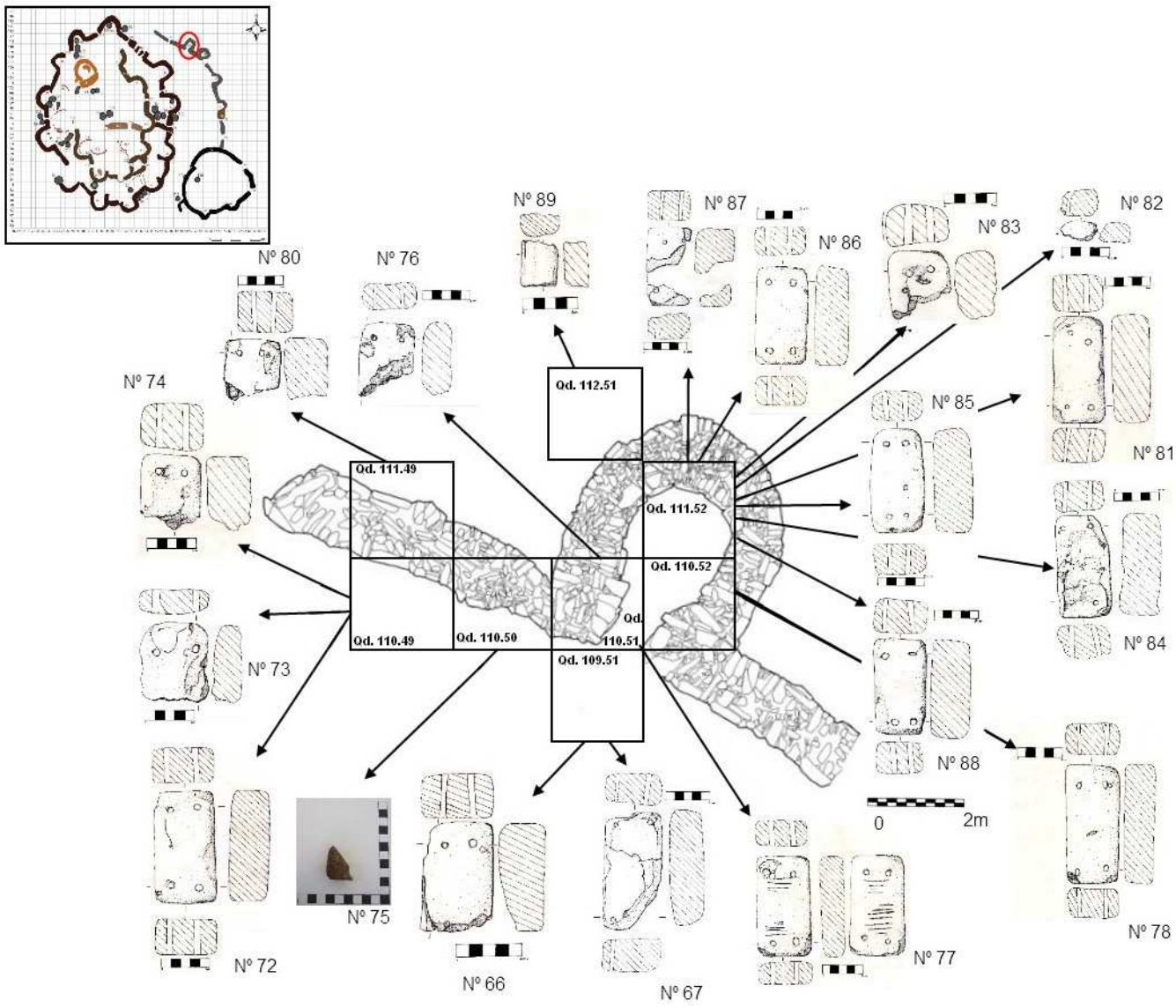



**Figura 3:** Localização aproximada das quadrículas de onde provieram os "elementos de tear" associados à estrutura subcircular A e ao Murete 1, e indicação dos materiais encontrados independentemente da camada/momento a que foram atribuídos. Ilustração da estrutura retirada de CARDOSO, 2007: p. 270 (tintagem de Leonor Pereira sobre desenho de campo de Vítor Fonseca).

| | Os que provêm do interior do “Bastião A” | | | | | | Os que provêm das quadrículas em redor | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Nº | Qd. | C. | Coord. | Estado | Peso | Nº | Qd. | C. | Coord. | Estado | Peso |
| 76 | 110.51 | 2/3 | x-38<br>y-123<br>z-726,15 | 2/4 | 156 | 66 | 109.51 | 1 | x-1,07<br>y-1,95<br>z-726,65 | 2/4 | 184 |
| 77 | 110.51 | 3 | x-37<br>y-31<br>z-725,97 | Completo | 344 | 67 | 109.51 | 1 | x-1,76<br>y-0,68<br>z-726,69 | 3/4 | 405 |
| 78 | 110.52 | 3 | x-0,35<br>y-0,70<br>z-725,86 | Completo | 401 | 72 | 110.49 | 2 | x-38<br>y-40<br>z-726,54 | Completo | 521 |
| 81 | 111.52 | 3 (?) | x-75<br>y-120<br>z-725,83 | Completo | 433 | 73 | 110.49 | 1 | x-1,96<br>y-1,94<br>z-726,76 | 2/4 | 172 |
| 82 | 111.52 | 3 | _ | 1/4 | 30 | 74 | 110.49 | 1 | x-1,23<br>y-1,88<br>z-726,85 | 2/4 | 224 |
| 83 | 111.52 | 3 | _ | 2/4 | 140 | 75 | 110.50 | 2 | _ | 1/4 | 25 |
| 84 | 111.52<br>110.52 | 3 | _ | Completo | 399 | 80 | 111.49 | 2 | x-1,48<br>y-0,56<br>z-726,52 | 2/4 | 206 |
| 85 | 111.52 | 3 | x-1,05<br>y-1,45<br>z-725,78 | Completo | 490 | 89 | 112.51 | 3 | _ | 1/4 | 30 |
| 86 | 111.52 | 3 | x-190<br>y-40<br>z-725,88 | Completo | 432 | | | | | | |
| 87 | 111.52 | 2 | x-155<br>y-35<br>z-725,81 | 2/4 | 178 | | | | | | |
| 88 | 111.52 | 3 | x-160<br>y-0,76<br>z-725,76 | Completo | 457 | | | | | | |

**Quadro 2:** “Elementos de tear” localizados nas quadrículas que abarcam a estrutura subcircular A e parte do Murete 1.




Legenda segundo a que foi apresentada por Ana Vale (VALE; 2003: p. 145).



**Figura 4:** Micro-estrutura pétrea detectada no segundo momento da estrutura, cronologicamente mais antigo (retirada de VALE; 2003: p. 148).

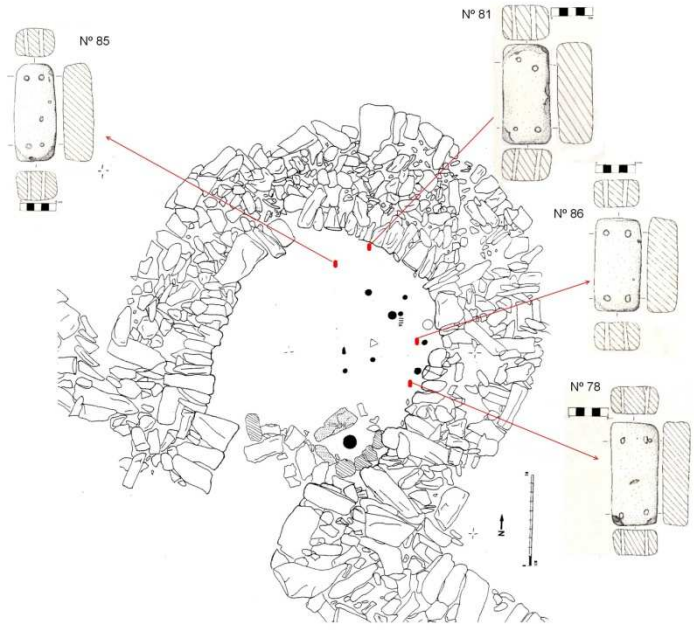



**Figura 5:** Distribuição espacial dos materiais, detectada na altura da escavação, e associada ao desmonte do enchimento do momento posterior – esta figura corresponde ao segundo momento cronologicamente mais antigo (retirada de VALE; 2003: p. 150). Assinalam-se os "elementos de tear" cuja informação fornecida permitiu a sua localização.



**Figura 6:** Enchimento pétreo que corresponde ao terceiro momento da estrutura (retirada de VALE; 2003: p. 147).

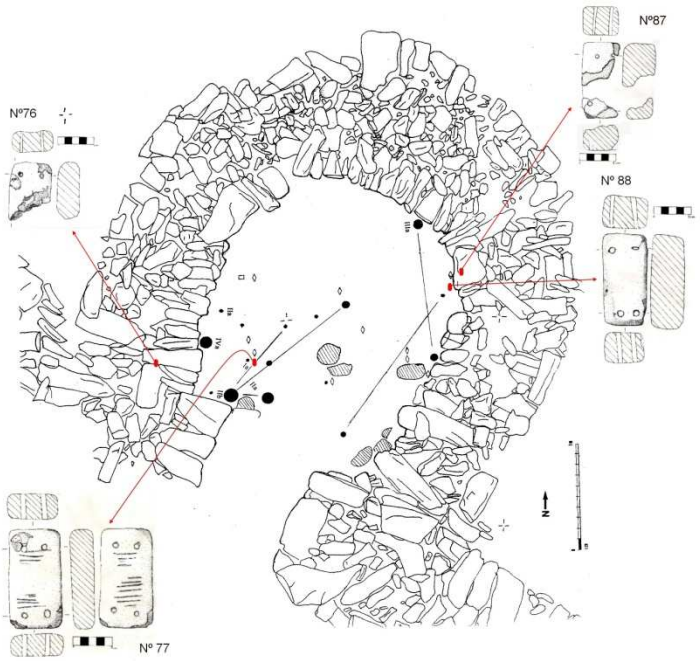


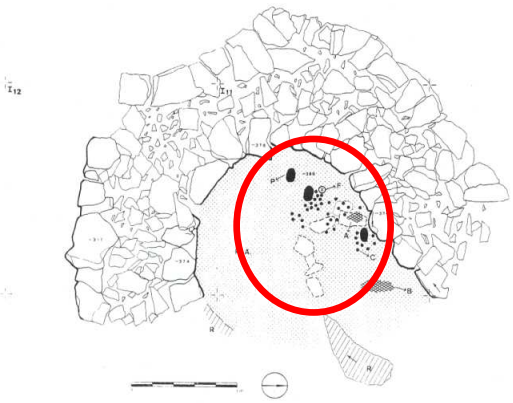
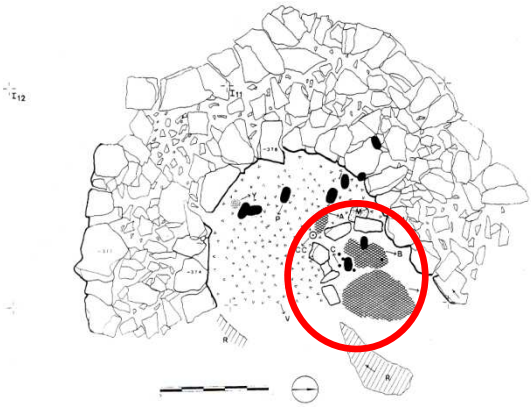
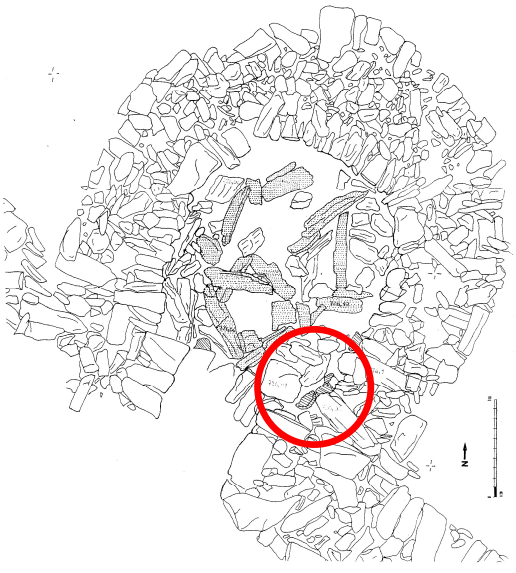
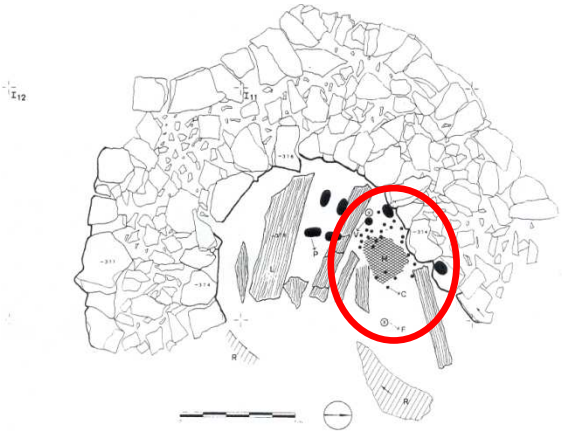

**Figura 7:** Distribuição espacial dos materiais detectada na altura da escavação e associada ao desmonte do que se identificava na altura como o primeiro enchimento pétreo (na realidade é o segundo e último enchimento pétreo) (retirada de VALE; 2003: p. 149). Assinalam-se os "elementos de tear" cuja informação fornecida permitiu a sua localização.



**Figura 8:** Segundo enchimento pétreo da estrutura e último momento. Registo logo após a primeira decapagem (retirada de VALE; 2003: p. 146).

# ANEXO 6 – PARTE III

## COMPARAÇÃO DE SEQUÊNCIAS DEPOSICIONAIS ENTRE A ESTRUTURA SUBCIRCULAR A (CASTANHEIRO DO VENTO) E A "ESTRUTURA RITUAL" (CASTELO VELHO)

| Castanheiro do Vento – estrutura subcircular A | Castelo Velho – “estrutura com ossos humanos” |
|---|---|
|  |  |
| **Figura 1: Microestrutura pétrea detectada no momento que seguiu um nível fundacional (retirada de VALE; 2003: p. 148)** | **Figura 2: Nicho detectado após o momento fundacional (retirada de GOMES, 2003: Est. XXXIII)** |
|  |  |
| **Figura 3: Primeiro enchimento pétreo (retirada de VALE; 2003: p. 147)** | **Figura 4: Momento II, nível 2 (retirada de GOMES, 2003: Est. XXXIV)** |
|  |  |
| **Figura 5: Segundo enchimento pétreo (retirada de VALE; 2003: p. 146)** | **Figura 6: Momento II, nível 3 (retirada de GOMES, 2003: Est. XXXV)** |